BHAGAVAD GITA

Divinos Discursos de Bhagawan Sri Sathya Sai Baba

Tradução: Rubens Matos

NOTA DO EDITOR

O Senhor Krishna, o Divino vaqueiro, ordenhou as vacas das *Upanishads* na era de *Dwapara* (*Dwapara Yuga*) para extrair o leite sustentador da vida para Arjuna (*Partha*), o bezerro, e transmitir a essência ambrosíaca da *Bhagavad Gita* para todos beberem e dela extraírem o seu sustento.

Arjuna, que chegou ao campo de batalha de *Kurukshetra* totalmente preparado para lutar a batalha contra os Kauravas, foi subitamente dominado pela tristeza e pelo desânimo ao ver os seus parentes e amigos e os seus professores no exército oposto. Ao se dar conta do prospecto de "matar" esses "entes queridos", ele ficou tão sufocado de tristeza e emoção pelos efeitos negativos da guerra, que deixou cair o seu arco e as suas flechas e implorou ao Senhor Krishna, o eterno condutor, que o levasse para longe do campo de batalha. Foi naquele momento crucial e tendo como pano de fundo os dois exércitos opostos dos Pandavas e Kauravas prontos para lutar e exterminar um ao outro no campo de batalha, que o Senhor Krishna ensinou a sabedoria das *Upanishads* sobre a natureza do *Atma* imortal vivendo no corpo mortal, a natureza dos sentidos, o dever de um guerreiro (*Kshatriya*), a natureza de um sábio (*Sthithaprajna*), os caminhos da devoção (*Bhakti Yoga*), da sabedoria (*Jnana Yoga*) e da ação (*Karma Yoga*) e, finalmente, o caminho da entrega e da execução do seu próprio dever como uma oferta aos pés de lótus do Senhor.

O mesmo Senhor Krishna reencarnou na era de *Kali* (*Kali Yuga*) como Bhagawan Sri Sathya Sai Baba, conforme Sua promessa feita na *Bhagavad Gita*, para ensinar a sabedoria antiga aos Arjunas modernos.

De certa forma, todos nós somos Arjunas no campo de batalha de nossas vidas, vencidos pela ilusão e pelo desânimo, esquecidos de nossa própria natureza Divina inata e totalmente confusos sobre o nosso dever (*Swadharma*).

É nesse contexto que Bhagawan Sri Sathya Sai Baba, em Seu infinito Amor e compaixão pela humanidade, proferiu uma série de 34 discursos sobre a *Bhagavad Gita* no ano de 1984 em Prasanthi Nilayam para despertar e instilar um senso de dever em nós. (1)

Em Seu estilo inimitável, pontuado com pequenas histórias e poemas, Swami ensina que a *Bhagavad Gita* não é apenas um livro para ser reverenciado e adorado, mas seus ensinamentos devem ser praticados e vividos. Tomando a primeira palavra do primeiro verso e a última palavra do último verso da *Bhagavad Gita*, Ele ensina que a essência da *Bhagavad Gita* é "Cumprir o próprio dever" (*Mama Dharma*).

Esses discursos proferidos em Télugo foram originalmente compilados em forma de livro em três seções, a saber, "O Caminho da Devoção" (*Bhakti Yoga*), "O Caminho da Sabedoria" (*Jnana Yoga*) e "O Caminho da Ação" (*Karma Yoga*), e publicados sob o título de "*Sri Sathya Sai Geethamrtham*" no ano de 1996. Eles agora foram traduzidos e publicados sob o título "*Bhagavad Gita - Divinos Discursos de Bhagawan Sri Sathya Sai Baba*". Esperamos que este livro seja imensamente útil para os aspirantes espirituais (*Sadhakas*) em sua jornada espiritual.

Jai Sai Ram

Sri Sathya Sai Books & Publications Trust
Prasanthi Nilayam

(1) As gravações originais desses 34 discursos estão disponíveis no site do Sri Sathya Sai Media Centre: https://www.sssmediacentre.org/

CONTEÚDO

I O Caminho da Devoção (*Bhakti Yoga*)

1. A Mensagem da *Bhagavad Gita*

2. O Caminho Devocional

3. A Adoração de Deus com Forma ou sem Forma

4. A Rendição a Deus Redime Todos os Sofrimentos

5. A Chama Auto-Refulgente no Próprio Corpo

6. Três Etapas Essenciais para o Aspirante Espiritual

7. Controle dos Sentidos

8. O Devoto é o Mais Querido para Deus

9. Do Dualismo ao Não-Dualismo

10. O Método para Controlar o Desejo e a Raiva

11. A Prática do Desapego

12. Desapego e Disciplina

13. A Contemplação de Deus

14. Deus é a Margem para o Rio do Tempo

II O Caminho da Sabedoria (*Jnana Yoga*)

15. A Coragem Destemida Vence

16. A Felicidade Vem Somente Através da Sabedoria

17. O Controle dos Sentidos é a Verdadeira Vitória

18. As Características de Um Sábio

19. Deus é o Verdadeiro Mestre

20. Remova a Ignorância Através da Sabedoria

21. A Humanidade Adquire Valor por Conta da Divindade

22. É Somente no Espelho de Um Coração Puro que Deus Se Reflete

23. Esforce-se para Alcançar o Amor de Deus

24. Tolerância - Uma Qualidade Nobre

25. A Morte é Melhor que a Escuridão da Ignorância

26. Sete Princípios para o Bem-Estar da Sociedade

27. Compaixão é Divindade

28. Destemor é a Qualidade Suprema

29. O Cultivo do Campo do Coração

30. As Três Qualidades

III O Caminho da Ação (*Karma Yoga*)

31. O Fruto da Ação

32. O Segredo da Ação

33. A Ação Desprovida de Desejos

34. A Ação Sagrada

I O Caminho da Devoção (*Bhakti Yoga*)

1

A Mensagem da *Bhagavad Gita*

Da plenitude do Amor nasce a felicidade,
E brotam a verdade, o sacrifício, a paz e a tolerância.
Não há felicidade sem Amor.
Esse é o verdadeiro caminho, o caminho de Sai Baba.

Encarnações do Amor!

É dito que o conhecimento do Ser é o conhecimento supremo (*Jnanaanaam Jnana Muththamam*). Existem vários ramos de conhecimento neste mundo. Música, Literatura, Dança, Pintura e Escultura são alguns deles. Além desses, existem várias disciplinas mundanas e científicas também. Mas, acima de todos eles, o conhecimento do Ser (*Atma Jnana*) é o conhecimento supremo. O homem não pode adquirir paz e felicidade pela busca do mero conhecimento mundano. É somente pelo conhecimento do Ser (*Atma Jnana*) que o homem pode adquirir paz e felicidade. É por isso que Adi Sankara disse, “Esses princípios de gramática não podem proteger você” (*Nahi Nahi Rakshati Dukrun Karane*). O conhecimento mundano pode dar a você apenas felicidade momentânea. Somente o conhecimento do Ser (*Atma Jnana*) pode dar a você a paz e a felicidade permanentes.

Os conceitos de conhecimento do Ser (*Atma Jnana*), conhecimento de *Brahman* (*Brahma Jnana*) e conhecimento espiritual (*Aadhyatmika Jnana*) significam a mesma coisa. Somente o conhecimento do Ser (*Atma Jnana*) estabelece os princípios de unidade na diversidade e imortalidade na mortalidade. O conhecimento espiritual trata da sagrada criação e da sagrada sustentação do universo e do caminho Divino para alcançar os pés de lótus do Senhor. Qual é a base para esse conhecimento? Um coração puro (*Nirmala Chiththa*) e pureza de

consciência (*Chiththa Suddhi*). É necessário executar ações sagradas para desenvolver pureza de consciência. Essas ações fluem da vida pura, do bom comportamento, das boas qualidades e da boa companhia. Não apenas isso. O estudo de textos sagrados como o *Mahabharatha*, o *Bhagavatha Purana*, o *Ramayana*, a *Bhagavad Gita*, as *Upanishads*, os *Brahma Suthras*, etc., também é uma ação sagrada. Ações de caridade, oferendas, etc., também podem ser consideradas sagradas.

Uma pessoa que dominou vários ramos do conhecimento mundano pode ser considerada um erudito, um gênio, uma pessoa instruída, etc., mas não pode ser chamada de onisciente (*Sarvajna*). É somente o conhecimento do Ser (*Atma Jnana* ou *Atma Vidya*) que nos ensina o método pelo qual podemos remover o sofrimento. "*Tharathi Sokamatma Vith*", assim diz o ditado. Isso significa que é somente pelo conhecimento do Ser (*Atma Jnana*) que se pode atravessar o oceano da existência mundana (*Samsara*), que está cheio de sofrimentos. Não é possível remover o sofimento por qualquer outro método. Aquilo que remove o sofrimento e nos dá a felicidade é *Atma Vidya*, isto é, educação espiritual. Portanto, devemos perguntar quem é competente para receber essa educação espiritual (*Atma Vidya*). São as crianças? Os idosos? As mulheres? Os homens? Se continuarmos indagando, obteremos a resposta de que todo indivíduo é competente para acender a lamparina do conhecimento do Ser (*Atma Jnana*).

Você pode ganhar nome e fama, honra e prestígio ao buscar a educação mundana. Mas, somente ao buscar a educação espiritual (*Atma Vidya*), você poderá obter a graça de Deus e alcançar o princípio Divino do *Atma* (*Atma Thathwa*). A educação mundana ou a riqueza ou o ouro ou as posses materiais não podem nos ajudar a assegurar esse conhecimento supremo (*Atma Vidya*).

"*A qual clã Valmiki pertencia? Em que vilarejo Narada nasceu?*
Quanta riqueza Kuchela adquiriu? Que educação Gajaraja recebeu?
Que idade tinha Dhruva nesta Terra? Quão bem instruída era Tinna?"

Se você continuar indagando assim, ficará provado que nacionalidade, religião, casta, riqueza, posses materiais, etc., não têm absolutamente nenhuma relação com a Divindade.

Rukmini, a consorte do Senhor Krishna, em uma ocasião, enquanto pesava o Senhor na balança, colocou uma folha de manjericão e disse, “Se é verdade que Você Se entrega a um verdadeiro devoto, que Seu peso se torne igual ao desta folha de manjericão”. E, vejam! O Senhor Krishna de um lado e a folha de manjericão do outro, e a balança estava em perfeito equilíbrio! Assim, a devoção (*Bhakti*) adquiriu um lugar especial na humanidade (*Manavathva*). O Senhor Krishna disse, “Somente aquele que Me adora com total devoção é querido para Mim” (*Yo Madbhaktah Sa May Priyah*).

Isso não significa que devemos negligenciar a educação mundana. Somente quando você tem confiança e fé em si mesmo e em Deus, é que a natureza humana adquire grandeza. É por isso que Vivekananda disse, “Fé em si mesmo e fé em Deus. Esse é o segredo da grandeza”. Em primeiro lugar, o homem deve desenvolver fé total na Divindade.

A educação hoje em dia é mundana. No entanto, é dito, “*Ihamuna Sukhiyimpa Hematharaka Vidya Paramuna Sukhiyimpa Brahma Vidya*”, que significa, “Educação mundana para este mundo e educação espiritual para o outro mundo”. A educação espiritual é a meta suprema da vida, a educação mundana é para ganhar a subsistência. Se o homem não puder obter uma vida confortável adquirindo a educação mundana, ele não será capaz de cultivar o gosto pela meta da vida e o método para alcançá-la. Portanto, você não deve negligenciar a educação mundana. Mas, o que é mais importante, é que educação e cultura devem andar de mãos dadas. Os grandes sábios (*Rishis*) de outrora, como Valmiki e Vyasa, adquiriram educação com cultura. É por esse motivo que eles foram capazes de contribuir com grande literatura como o *Ramayana* e o *Mahabharata* para o mundo

e assim se tornaram verdadeiros amigos do mundo (*Loka Mithra*). Se Vyasa Maharishi pôde compor os dezoito *Puranas* e compilar o conhecimento *Védico* em quatro divisões, isso é somente porque ele também tinha respeito pela educação mundana. Todo o universo e todas as coisas nele contidas estão fundadas na Divindade.

Não há nada que possamos oferecer a Deus, exceto Amor puro. Deus também não espera nada de nós. É por isso que um grande poeta cantou uma vez,

Quem pode construir um templo,
Para Aquele que permeia todo o universo?
Quem pode segurar uma lamparina de barro,
Para Aquele que resplandece com a luz de mil sóis?
Quem pode dar um nome,
Para Aquele que se move em todos os seres vivos?
Quem pode oferecer pratos deliciosos,
Para Aquele que contém todo este universo em Sua barriga?

Deus não tem nomes e formas. É apenas o ser humano que atribui nomes e formas a Deus, por conta da ilusão, para expressar a Ele o seu Amor e a sua felicidade. Deus vive em cada ser vivo (*Easwara Sarvabhutanam*). Todo o universo é permeado por Deus (*Esavasya Midam Sarvam*). Tudo o que vemos ao nosso redor é Deus (*Vasudeva Sarvamidam*). É somente por conta do nosso Amor por Deus que atribuímos vários nomes e formas a Ele, que, de fato, é onipresente. Quando nós assim adoramos ao Deus que a tudo permeia com um coração cheio de Amor, temos a certeza de obter tudo aquilo que desejamos.

Ramakrishna Paramahamsa não buscou nenhuma educação mundana. Dia após dia, ele estava absorto na adoração de Durga Devi. Durante esses momentos de êxtase, ele costumava até mesmo perder a consciência corporal. Ele não estava interessado em nenhum tipo de educação. Enquanto ele assim dedicava sua vida

ao culto de Devi e deixava todas as responsabilidades familiares, ele recebia uma soma insignificante de cinco rúpias como sua pensão mensal. Mas ele levava uma vida feliz com essa quantidade escassa. Na verdade, ele nem conseguia pronunciar a palavra pensão corretamente. Ele costumava dizer, “Vou receber uma ‘pensal’ de cinco rúpias”. Quão iletrado ele era! Sri Ramakrishna veio de uma família muito pobre. Embora ele não tivesse nenhuma educação mundana, Sri Ramakrishna foi capaz de espalhar seu poder espiritual pelo mundo todo.

Similarmente, um assaltante de estradas, Ratnakara, ter se transformado em um grande sábio (*Rishi*), Valkimi, também é devido à adoração do nome e da forma de Deus. Prahlada, filho do rei demônio Hiranyakasipu, tornou-se mundialmente famoso devido ao seu Amor por Deus, e ganhou nome e fama eternos. Hanuman, embora pertencesse à espécie dos macacos, levava uma vida significativa e digna cantando constantemente o nome de Rama. Na verdade, ele estabeleceu um exemplo de adoração a Deus. Jatayu, pertencente à espécie dos pássaros, através da constante contemplação do nome de Rama, e adorando o Senhor Rama com puro Amor, pôde obter a boa fortuna de ter os seus últimos ritos executados pelo próprio Senhor Rama.

Não há distinção entre um ser humano, um demônio, um animal ou um pássaro no que diz respeito à devoção. Todos os seres vivos têm o direito de alcançar a Divindade em virtude de seu Amor por Deus. O caminho da devoção (*Bhakti Marga*) foi aclamado como o mais importante no décimo segundo capítulo da *Bhagavad Gita*. Devoção não significa simplesmente cantar canções devocionais (*Bhajans*), praticar meditação, repetir orações (*Japa*), etc., ou fazer peregrinações a lugares sagrados, ou ver (*Darshan*), tocar (*Sparshan*) e conversar (*Sambhashan*) com uma encarnação Divina. Amor puro e imaculado por Deus é devoção. Esse Amor é altruísta, impecável e inabalável. Devemos cultivar esse Amor Divino em nossos relacionamentos mundanos.

No mundo objetivo, devemos primeiro tentar analisar a natureza do “Eu”. Quem é esse “Eu”? Eu sou o corpo? Se eu sou o corpo, por que devo dizer, “meu corpo”? Quando dizemos, “meu corpo”, o “meu” é diferente e o “corpo” é diferente. Suponha que consideremos nosso coração como Deus. Então, dizemos, “meu coração”. Aqui também, “meu” está separado e “coração” está separado. Em nosso estágio inicial de prática espiritual (*Sadhana*), todos nós começamos com as proposições, “minha mente”, “meu intelecto” (*Buddhi*), “minha memória” (*Chiththa*), “meus sentidos” (*Indriyas*), “meu instrumento interno” (*Anthakarana*), etc. Portanto, cada um de nós deve começar sua investigação com a pergunta, “Quem sou Eu?” Esse “Eu” é uma entidade separada que reside em todas as coisas como uma testemunha (*Sakshi*). Ela também é chamada de consciência (*Chaitanya*). Essa consciência (*Chaitanya*) está presente em todos os lugares. Outro nome para essa consciência (*Chaitanya*) é *Chith*. Esse princípio *Chith* se manifestando como consciência (*Chaitanya*) está em todos os lugares, em você, com você, acima de você, abaixo de você. Mas, se você começar a buscar essa consciência no mundo externo, isso não será possível. Você poderá reconhecê-la somente direcionando sua visão para o interior. Somente então essa consciência pura estará disponível. É por isso que, na Filosofia *Vedanta*, para reconhecer essa consciência pura, os grandes sábios (*Rishis*) começaram a investigação com o princípio da negação, “isto não”, “isto não”, “isto não” (*Neti Neti Neti*). Partindo do pressuposto de que, “A mente não é o Eu”, “O intelecto (*Buddhi*) não é o Eu”, “A memória (*Chiththa*) não é o Eu”, o estágio final de “Eu sou Eu” será alcançado.

Para se obter a boa fortuna de descobrir a natureza do seu próprio Ser (*Swaswarupa Sandarsana*) ou “Eu sou Eu”, deve-se praticar uma disciplina espiritual (*Sadhana*). O caminho devocional (*Bhakti Marga*) é esse caminho de disciplina espiritual (*Sadhana Marga*). Nenhum caminho separado é necessário para buscar a Deus. O Deus onipresente pode ser encontrado em qualquer lugar e em todos os lugares. No entanto, para reconhecer a Divindade sem forma e sem atributos, é necessário começar com o nome e a forma até certo ponto. No início, é absolutamente necessário adorar a forma Divina. Gradualmente, podemos desenvolver uma visão

interior e tentar contemplar a Divindade sem forma e sem atributos. É dito que Deus está em toda parte, firmemente instalado, dentro, fora e em todo o universo (*Antar Bahischa Thath Sarvam Vyapya Narayana Sthithah*). Quando Deus é assim onipresente, não há necessidade de limitarmos nossa contemplação a um lugar apenas. Mas, até que desenvolvamos essa sólida convicção ou fé, e a capacidade de reconhecer o onipresente sem forma e sem atributos, temos que depender de um nome e de uma forma para nossa adoração. Entrando assim no caminho devocional (*Bhakti Marga*), podemos mais tarde desenvolver um sentimento de unidade com a Divindade e, finalmente, estabelecermo-nos no conhecimento do Ser (*Atma Jnana*).

Sem uma flor, não pode haver um fruto verde. Sem um fruto verde, não pode haver um fruto maduro. Portanto, a unidade de todos eles, a flor, o fruto verde e o fruto maduro, é a verdadeira natureza do *Atma*, ou seja, a Divindade. A flor é o caminho da ação (*Karma Marga*). Ela gradualmente se transforma no fruto verde do caminho da devoção (*Bhakti Marga*). Quando esse fruto verde é nutrido e cuidado, ele amadurece em um fruto de sabedoria (*Jnana*). Uma vez que o fruto está pronto, a doçura penetra, conduzindo finalmente ao desapego (*Vairagya*). A ação (*Karma*), a adoração (*Upasana*) e a sabedoria (*Jnana*) frutificam finalmente em desapego (*Vairagya*). Portanto, devemos primeiro entrar no caminho da ação (*Karma Marga*). Quaisquer ações que executemos devem ser executadas em um espírito de oferta a Deus.

Enquanto nós estamos neste mundo, é necessário que busquemos a educação mundana. Qualquer educação que tenhamos adquirido deve ser colocada em prática. O poder de pensar e o poder de ação, ambos são importantes para o homem. Eles são como o positivo e o negativo. É por isso que se diz que pensamento, palavra e ação são idênticos para as grandes almas (*Manasyekam Vachasyekam Karmanyekam Mahatmanam*). Tudo o que fizermos deve ser feito de todo o coração. Deve haver total concordância entre nosso pensamento, palavra

e ação. Esse tipo de disciplina espiritual (*Sadhana*) nos levará a entregar para Deus o fruto de nossas ações.

É claro que é natural desejar os frutos de nossas ações no início. Mas, gradualmente, devemos nos elevar ao estágio de executar ações sem desejo pelos resultados (*Nishkama Karma*). Não é possível no início executar ações sem desejos. Consequentemente, esses desejos devem ser gradualmente transformados em trabalho como adoração. Ou seja, tudo o que fizermos deve ser feito para agradar a Deus e como uma oferta a Ele. A Divindade é Uma, mas vários nomes e formas são atribuídos à Divindade. Deus é Um, mas os sábios O chamam por diferentes nomes (*Ekam Sath Vipraah Bahudhaa Vadanthi*).

Aqui está um pequeno exemplo com o qual todos vocês estão familiarizados. Assim que uma criança nasce, ela é referida como um bebê. Após 10 anos, nós o chamamos de menino. O mesmo menino depois de 30 anos é referido como um homem. O mesmo homem aos 75 anos de idade é chamado de avô, bisavô, etc. Mas, esse bebê, menino, homem e avô são um e o mesmo indivíduo. Da mesma forma, no início, o homem começa como um *Artha* (Aquele que se dirige a Deus em busca de alívio para os seus sofrimentos). Então ele se torna um *Artharthi* (Aquele que se dirige a Deus em busca de riquezas). Depois ele se torna um *Jijnasu* (Aquele que se dirige a Deus em busca de conhecimento espiritual). E, finalmente, ele se torna um *Jnani* (Aquele que é Um com Deus, ou seja, aquele que alcançou a realização espiritual). Os estágios em que esses quatro tipos de pessoas estão atuando podem ser diferentes, mas sua meta, a saber, a Divindade, é a mesma. Esse é um processo de evolução gradual de um estágio para o estágio seguinte. Para essa evolução, a disciplina espiritual (*Sadhana*) é necessária. É dito que, pela prática constante, as coisas podem ser alcançadas neste mundo (*Sadhana Muna Panulu Samakooru Dharalona*).

A partir de amanhã, todos os dias às 16:30 Eu ensinarei um verso (*Sloka*) da *Bhagavad Gita* em detalhes. Sendo hoje o primeiro dia, Eu darei a você alguns

contornos, alguns ideais. Somente então você será capaz de compreender toda a importância da *Bhagavad Gita*.

Em primeiro lugar, você deve tentar imprimir a essência da *Bhagavad Gita* em seu coração. Qual é a essência da *Bhagavad Gita*? Algumas pessoas dirão que é sabedoria (*Jnana*), algumas dizem que é devoção (*Bhakti*), algumas dizem que é ação (*Karma*), e outras dizem que é o controle da mente e dos sentidos (*Yoga*). Tudo isso pode ser verdade em seus respectivos estágios. Se você quiser estabelecer a verdadeira identidade de um determinado indivíduo, isso somente será possível quando você o observar da cabeça aos pés. Você não pode identificá-lo olhando apenas para seus pés. Você precisa ver o rosto dele também.

O primeiro verso (*Sloka*) da *Bhagavad Gita* é o seguinte,

Dharmakshetre Kurukshetre Samavetha Yuyutsavah
Mamakaah Pandavaschiva Kimakurvatha Sanjaya

A primeira palavra nesse verso (*Sloka*) é *Dharma*.

O último verso (*Sloka*) da *Bhagavad Gita* é o seguinte,

Yatra Yogeswarah Krishno Yatra Partho Dhanurdharah
Thatra Sree Vijayo Bhoothir Dhruva Neethir Mathir Mama

A última palavra nesse verso (*Sloka*) é *Mama*.

Ali está *Dharma* e aqui está *Mama*. Quando você combina essas duas palavras, isso se torna “*Mama Dharma*” (o meu dever). Isso é o que é ensinado na *Bhagavad Gita*.

Assim, a essência da *Bhagavad Gita* é "*Mama Dharma*", exortando-nos a cumprir o nosso próprio dever. Os estudantes (*Brahmacharis*) devem cumprir o dever dos estudantes. Os chefes de família (*Grihasthas*) devem cumprir o dever dos chefes de família. Os eremitas (*Vanaprasthas*) devem cumprir o dever dos eremitas. Os renunciantes (*Sanyasis*) devem cumprir o dever dos renunciantes, etc.

A *Bhagavad Gita* nos exorta a cumprir adequadamente nossos respectivos deveres de acordo com nossas posições. Não conhecendo esse ensinamento simples, o homem de hoje em dia está confuso sobre seu papel na sociedade. Finalmente, ele fica desanimado e desesperado. Arjuna era um guerreiro (*Kshatriya*) e um chefe de família (*Grihastha*). Seu dever era lutar no campo de batalha. Mas, bem no momento do início da guerra entre Kauravas e Pandavas, Arjuna largou seu arco e suas flechas por conta do desânimo e da ilusão e sentou-se na carruagem. Nessa situação, Sri Krishna ensinou a *Bhagavad Gita* e o iniciou em seu dever como guerreiro (*Kshatriya*) no campo de batalha. Ao final, Sri Krishna perguntou a Arjuna, "Você agora está livre da ilusão e do ego?"

"Aquele que está livre da ilusão e do ego alcançará a paz" (*Nirmamo Nirahankarah Prasanthi Madhigachati*). Arjuna respondeu, "Eu estou totalmente livre da ilusão agora" (*Nasto Mohah*). Enquanto houver ilusão (*Moha*), haverá apego (*Bandhana*). É dito que tornar-se livre da ilusão (*Moha*) é liberação (*Moksha*) (*Moha Kshayam Moksham*). Ou seja, liberação (*Moksha*) não significa ter o privilégio de sentar-se em uma sala com ar-condicionado. Todo homem deve cumprir o seu dever e levar uma vida ideal.

Não é suficiente se você simplesmente decorar os versos (*Slokas*) da *Bhagavad Gita* e cantá-los mecanicamente. Mesmo se um único verso (*Sloka*) for colocado em prática, você se tornará uma alma bem-aventurada. Vários devotos estão desperdiçando seu tempo. Tempo é tudo, não desperdice o seu tempo. Desperdiçar tempo é desperdiçar vida. O tempo é a coisa mais importante e preciosa. Deus é a encarnação do tempo (*Kaala Swarupa*). Utilize esse tempo sagrado para

memorizar pelo menos um verso (*Sloka*) da *Bhagavad Gita* todos os dias e refletir sobre ele. A simples memorização não é suficiente. Além de memorizar os versos, você deve ser capaz de explicar o seu significado quando solicitado. A qualquer momento, Eu posso subitamente fazer uma pergunta a você. Então você deverá ser capaz de responder. O significado essencial dos versos (*Slokas*) da *Bhagavad Gita* deve ser compreendido e guardado no coração. Somente então nossa tristeza (*Soka*) será removida. Compreenda o seu significado e coloque-o em prática. Essa disciplina espiritual (*Sadhana*) tornará a vida humana frutuosa.

Portanto, a partir de amanhã, anote Meus discursos sobre a *Bhagavad Gita* cuidadosamente em um caderno e tente incorporar os ensinamentos da *Bhagavad Gita* em sua vida diária.

Prasanthi Nilayam, 2 de Agosto de 1984.

2

O Caminho Devocional

“Quem quer que se entregue a Mim e se refugie em Mim, Eu o redimirei de todos os pecados e lhe concederei a liberação” (*Aham Thwaa Sarvapapebhyo Mokshayishyami Maa Suchah*).

Essa é a declaração do Senhor Krishna. Os aspirantes espirituais devem manter essas palavras em suas mentes e se esforçar para desenvolver devoção e entrega a Deus. O poder de Deus é infinito. O poder do homem é limitado e trivial. No espaço infinito do universo, há um número incontável de planetas girando. Esse universo físico é chamado de *Bhuthakasa*. Uma vez que a Terra, o Sol, a Lua e as estrelas estão todos incluídos nesse universo, ele é chamado de macrocosmo (*Brahmanda*). Esse universo físico (*Bhuthakasa*) é apenas uma partícula do infinito poder de Deus. O *Avatar* Vamana perpassou todo o universo físico com uma única pegada. Não é possível compreender o grande poder e a forma cósmica da Divindade. Os *Vedas* fizeram um esforço para descrever a forma cósmica de Deus, dizendo que Deus permeia todo o universo e ainda se eleva a uma extensão de dez polegadas a mais (*Atya Thistath Dasangulam*). Essas descrições são feitas pelos devotos para compreender a forma cósmica de Deus até certo ponto, mas, estritamente falando, não há nenhum lugar em que Deus não esteja presente. Ele é onipresente. Do microcosmo ao macrocosmo, Deus está presente como o mais minúsculo no minúsculo e o mais grandioso no grandioso, diz a *Bhagavad Gita*. Portanto, é necessário que compreendamos a natureza desse universo.

O sistema lunar (*Chandramandala*) que está a várias centenas de milhas de distância, o sistema solar (*Suryamandala*) que está a milhões de milhas de distância e as constelações de estrelas (*Nakshatramandala*) que estão a bilhões de milhas de distância, todos esses juntos são chamados de espaço (*Nabhomandala*),

também conhecido como o universo físico (*Bhuthakasa*). Essa é a forma densa, que é infinita e incompreensível.

Esta linda Terra em que vivemos aparece como um pequeno ponto no universo físico (*Bhutakasa*).

Esse universo físico (*Bhuthakasa*) aparece como um pequeno ponto no universo mental sutil (*Chiththakasa*).

E esse vasto universo mental sutil (*Chiththakasa*) aparece como um pequeno ponto no universo causal (*Chidakasa*).

A natureza e a dimensão do universo físico (*Bhuthakasa*), do universo mental sutil (*Chiththakasa*), e do universo causal (*Chidakasa*) são indescritíveis. É por isso que os *Vedas* proclamam que as palavras fracassam ao tentar descrever e a mente não é capaz de compreender (*Yatho Vacho Nivarthanthe Apraapya Manasaa Sah*). Como então você pode reconhecer essa Divindade? O universo físico (*Bhuthakasa*) é denso (*Sthula*), o universo mental sutil (*Chiththakasa*) é sutil (*Sookshma*), e o universo causal (*Chidakasa*) é causal (*Kaarana*). A Divindade está além de todos esses três. Você deve ser capaz de reconhecer essa Divindade.

É impossível para o homem comum reconhecer essa Divindade. Os seres humanos com seu conhecimento limitado não podem reconhecer Deus, que é o Senhor dos três mundos, das três qualidades (*Gunas*), e dos três aspectos do tempo. No entanto, a *Bhagavad Gita* ensinou um método fácil para esse propósito.

O Senhor Krishna disse na *Bhagavad Gita*, "*Math Karmakrith Math Paramo Madbhaktah*".

Qual é o significado de "*Math Karmakrith*"? Isso significa, "Execute todas as ações como pertencendo a Mim. Quaisquer que sejam as ações que você execute

nesse universo físico (*Bhuthakasa*), todas elas pertencem a Mim. Neste mundo não existem ações (*Karmas*) além das Minhas". Portanto, em primeiro lugar, a *Bhagavad Gita* ensina, "Quaisquer ações que você executar, execute-as como pertencendo a Mim".

O próximo requisito é "*Math Paramo*". Isso significa, "Execute as ações por Minha causa". Você não está executando as ações por você mesmo. Você diz, "Eu estou fazendo", "Eu estou fazendo", "Eu estou fazendo". Quem é esse "Eu"? Sou somente Eu que resido em você como o resplandecente *Atma* na forma mais ínfima. É do nível do *Atma* que essa palavra, "Eu", "Eu", "Eu", emana. Portanto, a palavra "Eu" não pertence ao corpo. Ela pertence ao *Atma*. Ela é a reação, o reflexo e a ressonância do *Atma*. A palavra "Eu" não pertence ao corpo, à mente, ao intelecto ou aos sentidos. Quaisquer ações que você execute, você as está executando para a satisfação do "Eu". Não realizando isso, as pessoas se identificam com o corpo e se iludem com os sentimentos de "eu" e "meu", e se perdem na lama da ilusão. Portanto, "O que quer que você faça, você o está fazendo para Minha satisfação, em Meu nome e como Meu agente". Mantenha essa verdade em sua mente.

Em seguida vem "*Madbhaktah*", que significa, "Meu devoto" (*Bhakta*). Quem é um devoto (*Bhakta*)? Você deve compreender o significado interno da palavra devoto (*Bhakta*). Devoção (*Bhakti*) é um reflexo do Amor Divino. Esse Amor Divino emerge somente do nível do *Atma*. Ele é um reflexo do *Atma*. Ele nunca, nunca está conectado com assuntos e relacionamentos mundanos. Esse Amor é considerado devoção (*Bhakti*). Tudo o que você pensar, tudo o que você falar, tudo o que você fizer devem ser considerados como ações do Divino. Ou seja, "Todas as ações são executadas para a satisfação do Divino" (*Sarvakarma Bhagavat Preethyartham*).

No estado normal de vigília, você pode se iludir ao pensar que está executando as ações por causa do seu corpo. Mas, no estado de sono, por causa de quem você

está dormindo? Ao dormir, seu corpo pode descansar um pouco, e sua mente pode obter alguma paz. Mas, por causa de quem são esses descanso e paz? Você executa todas essas ações por causa do "Eu". Enquanto ensinava a Maithreyee, seu marido explicou de muitas maneiras as implicações dessa proposição. "Por causa de quem o marido ama a esposa? O marido ama a esposa por causa do marido. Achamos que a mãe ama o filho por causa do filho. Não, não. A mãe ama o filho por causa da mãe. O professor ama o discípulo. Ele não ama o discípulo por causa do discípulo. Na verdade, o professor ama o discípulo por causa do professor".

A natureza do ser humano absorto no caminho da disciplina espiritual (*Sadhana Marga*) também será assim. Os devotos estão amando a Deus, mas não por causa de Deus. Os devotos estão amando a Deus por causa dos devotos. Há um ponto sutil a ser observado aqui. Deus ama um devoto. Existe uma diferença aqui. Deus não ama o devoto por causa de Deus. Ele ama o devoto por causa do devoto. A simples razão é que Deus não tem forma. Deus não tem sentimentos de "meu" e "seu". Onde existe interesse próprio, existe uma diferença entre "eu" e "você". Mas, para Deus não existe essa diferença. As palavras *Mathkarmakrith*, *Mathparamo* e *Madbhaktah* se referem aos devotos. Elas são úteis para os devotos adorarem a Deus. Com o conhecimento e o poder limitados de que dispõe, como pode um ser humano compreender o verdadeiro significado dessas palavras?

Considere os seguintes exemplos. Um indivíduo está lutando para produzir uma brisa agitando um leque, mas não consegue. Mas, quando há um tufão varrendo o oceano, as ondas aumentam a uma grande altura e ondas gigantes se formam. Quando há um tufão soprando com grande velocidade, as árvores são arrancadas. De quem é esse poder? O vento que um ser humano obtém ao agitar o seu leque é muito insignificante. Mas, o poder de Deus sopra como um tufão. Quando um ser humano tira água de um poço com a ajuda de um balde ou de uma bomba, a quantidade de água retirada é limitada. Mas, quando há uma chuva torrencial no céu, os rios transbordam e vários vilarejos ficam submersos. Este é o poder de Deus e aquele é o poder humano. Quando queremos luz em casa, acendemos uma

lamparina ou acendemos uma lâmpada elétrica. Essa luz pode iluminar apenas a nossa casa. Mas, quando o Sol nasce no céu, há luz em todos os lugares. O Sol brilha sobre a floresta, a colina, a árvore e a casa também. A luz do Sol é o poder de Deus e a luz da pequena lamparina é o poder humano. O método pelo qual um ser humano com seu poder limitado pode alcançar a Deus que tem poder infinito é chamado de entrega ou rendição completa (*Saranagathi*).

O Senhor Krishna disse na *Bhagavad Gita*, "Eu redimirei você de todos os pecados e sofrimentos e o levarei à Minha morada" (*Ahamtwa Sarvapapebhyo Mokhayishyami Maa Suchah*).

Aqui está um belo exemplo para essa declaração. O universo físico (*Bhuthakasa*) aparece como um pequeno ponto no universo mental sutil (*Chiththakasa*). O universo mental sutil (*Chiththakasa*) aparece como um pequeno ponto no universo causal (*Chidakasa*). Nesse universo causal, Deus reside na forma do *Atma* (*Atma Swarupa*), sendo o mais minúsculo dos minúsculos e o mais poderoso dos poderosos (*Anoraneeyan Mahatho Maheeyan*). Esse Deus poderoso com poder infinito está firmemente instalado no coração de um verdadeiro devoto.

Uma vez, o sábio Narada foi ter com o Senhor Narayana. Então Narayana perguntou, "Narada! Você descobriu o segredo do Meu universo físico (*Bhuthakasa*)? Em que forma os cinco elementos (*Pancha Bhutas*), os cinco sentidos (*Panchendriyas*), os cinco hinos (*Pancha Suktas*) e os cinco alentos vitais (*Pancha Pranas*) existem? Qual é o maior entre eles?" Ele também perguntou, "Os cinco elementos estão associados com o som, o tato, a forma, o gosto e o cheiro. Entre os cinco elementos de terra, água, fogo, ar e espaço (*Akasa*), qual deles é o mais grandioso?" Narada pensou um pouco e disse, "Swami! A terra é imensa". Narayana questionou, "Como? Três partes da terra estão cheias de água e apenas uma parte é visível. Uma enorme área de terra é engolida pela água. Então, o que engoliu é grandioso ou o que é engolido é grandioso?" Narada respondeu que, como a água engoliu a terra, a água era grandiosa. Narayana perguntou novamente,

“O sábio Agastya engoliu em um gole esse grande elemento, a água. A água é grandiosa ou Agastya é grandioso?” Narada respondeu, “Sim, sim. Somente Agastya é grandioso”. Narayana ainda questionou o seguinte, “Esse grande sábio, Agastya, é apenas uma estrela no céu. Nesse caso, o céu é grandioso ou Agastya?” Narada respondeu, “O céu, que é infinito, é grandioso”. Narayana então disse, “Deus perpassou a Terra e o céu com uma única pegada. Se o próprio pé de Deus é tão grandioso, então pense por um momento quão grandiosa é Sua forma Divina total? O devoto instalou esse Deus tão grandioso em seu coração e firmemente o prendeu ali. Então, Deus é grandioso ou o devoto é grandioso?”

O cordão do Amor (*Premapasa*), que pode prender Deus, está disponível somente para o devoto. Até mesmo Deus se permite ser preso pelo cordão do Amor (*Premapasa*). Portanto, o caminho da devoção (*Bhakti Marga*) descreve de forma belíssima que o Amor de Deus é o maior.

Quando você segura uma gota d’água do oceano infinito na palma da sua mão e olha para ela, ela parece muito pequena. Mas, mesmo essa pequena gota d’água, quando adicionada ao oceano, assume uma forma infinita. Mesmo a minúscula natureza humana, quando imerge na Divindade infinita, torna-se uma com a Divindade, de acordo com o ditado, “O conhecedor de *Brahman* torna-se o próprio *Brahman*” (*Brahmavid Brahmaiva Bhavathi*). Portanto, o caminho da devoção (*Bhakti Marga*) é o caminho supremo para a união com Deus.

Hoje em dia, o homem não é capaz de compreender adequadamente a natureza Divina do Deus infinito e universal. Deus é o Senhor do universo. Como está o comportamento do homem de hoje em dia? Quando um chefe de vilarejo ou um ministro ou oficial do governo visita sua casa, eles se colocam diante dele com toda a humildade de mãos postas e pedem favores. Mas, eles não demonstram humildade diante do Senhor do universo. Eles estão considerando a Divindade de forma muito insensata. Eles não fazem nenhum esforço para compreender a verdade suprema sobre a Divindade. Mentes pequenas vão atrás de coisas

pequenas apenas. Se eles simplesmente pudessem realizar a verdade de que Deus é onipresente, onipotente e onisciente, eles não iriam atrás dessas coisas.

Quando a árvore dos desejos está bem diante de você,
Para realizar todos os seus desejos,
Por que ir buscar uma flor no quintal?
Quando a vaca celestial está bem diante de você,
Para lhe dar leite em abundância,
Por que ir atrás de uma vaca no mercado?

Se você realmente a reconhecer como uma vaca celestial (*Kamadhenu*), você não comprará essas vacas comuns no mercado e as colocará em seu quintal. Mentes pequenas desenvolvem gosto por coisas pequenas apenas. Você se sente atraído por coisas nas quais você é capaz de pensar. Na verdade, seu poder de contemplação também é pequeno. Porque você continua pensando, "Eu sou o corpo", "Eu sou o corpo" (*Aham Dehosmi*, *Aham Dehosmi*), você tem uma queda por coisas insignificantes de acordo com o seu pensamento.

Você deve elevar-se desse sentimento de dualidade (*Dwaitha Bhava*), isto é, "Eu sou o corpo" (*Aham Dehosmi*), para o sentimento de não-dualismo qualificado (*Visishtadwaitha Bhava*), isto é, "Eu sou a alma individual" (*Aham Jivosmi*). A partir desse estágio, você deve finalmente alcançar o estágio de não-dualismo (*Adwaitha*), isto é, "Eu sou *Brahman*" (*Aham Brahmasmi*) e constantemente se lembrar de sua verdadeira natureza.

O sentimento de dualidade (*Dwaitha Bhava*) é o local de nascimento de todos os sofrimentos. Devemos desenvolver a consciência do *Atma*, não a consciência do corpo insignificante. A consciência do *Atma* nos concede felicidade, enquanto que a consciência do corpo nos concede apenas sofrimento.

Balaraju disse que devoção (*Upavasa*) significa estar próximo de Deus. O simples estar próximo não é devoção (*Upavasa*). Os sapos estão próximos do lótus. Isso é devoção (*Upavasa*)? Não, não. Juntamente com a proximidade, eles também devem buscar o Amor, isto é, o doce mel no lótus. Simplesmente por estarmos próximos de Deus, não devemos presumir que nos tornamos queridos para Ele. Veja o caso de nossos vizinhos. Eles estão fisicamente próximos de nós. Mas, se eles estão em dificuldades e tristes, nós não somos movidos por sua tristeza. Nós consideramos isso com naturalidade e pensamos que isso faz parte da vida. Por outro lado, no caso de nossos amigos e parentes, mesmo que eles estejam fisicamente distantes de nós, na América, nós não teremos paz mental se não recebermos uma carta pelo menos uma vez por semana. A razão é que, embora eles estejam fisicamente distantes, seu Amor está mais próximo de nós. No caso dos nossos vizinhos, o corpo está próximo, mas o nosso Amor está longe. Outro exemplo. Em nossa casa, há ratos e formigas se movendo aqui e ali. Mas, eles se tornarão nossos amigos? Nunca. Portanto, juntamente com a proximidade, devemos cultivar o Amor.

Devoção (*Upavasa*) literalmente significa estar próximo. Qual é a vantagem de estar próximo de Deus? Quando você está próximo de uma lâmpada, ela lhe concede luz e, com essa luz, você pode continuar sua rotina diária. Se você estiver próximo de um ar-condicionado, você terá um ar fresco e confortável. Se você ligar um aquecedor de ambiente, o clima frio será removido e você receberá um ar quente e confortável. O que está acontecendo em todos esses casos? Uma coisa é removida e outra coisa é adicionada. Nosso desconforto é removido e o conforto é adicionado. Do mesmo modo, quando você está próximo de Deus, suas más qualidades são removidas e as boas qualidades as substituem. Quando você está próximo de Deus, é possível para Deus projetar Sua influência sobre você, derramar Sua luz sobre você e verter Seu Amor sobre você. Esse é o benefício de estar próximo de Deus (*Upavasa*). Portanto, nós devemos nos esforçar para estarmos sempre próximos e sermos queridos por Deus. Como? Tudo o que

virmos, tudo o que fizermos, tudo o que dissermos, tudo o que pensarmos, deve ser feito como uma oferta para Deus. Essa é a maneira de se aproximar de Deus.

Na devoção, você não deve apenas cultivar o Amor, mas também executar alguns atos de Amor. Existem algumas características importantes na devoção. Elogio ou censura, frio ou calor, lucro ou perda, felicidade ou tristeza, honra ou insulto, tudo isso deve ser suportado com um sentimento de equanimidade. Não devemos ficar exultantes com o elogio, nem deprimidos com a censura. Não devemos nos sentir exultantes quando os lucros se acumulam, nem devemos ficar deprimidos em tempos de perdas. Da mesma forma, o frio e o calor devem ser suportados com a mesma equanimidade. Na estação fria, os casacos de lã nos protegem bastante. No verão, camisas leves de algodão são confortáveis. Ambos são úteis para nós. Em uma estação, o frio nos dá felicidade, enquanto em outra, o calor nos dá felicidade. Tudo depende da maneira como os utilizamos. Todos são criações de Deus. No entanto, devemos utilizá-los dependendo das circunstâncias e do nível em que somos colocados. Se dermos uma taça de ouro a uma criança ou uma faca a um louco, isso será perigoso. A taça de ouro é um bem valioso. Portanto, ela deve ser dada a alguém que possa mantê-la em um lugar seguro. Da mesma forma, uma faca deve ser dada a quem tenha conhecimento sobre sua utilização adequada. Somente uma pessoa que conhece o poder da devoção (*Bhakti*) pode utilizá-la adequadamente. O Amor nunca faz mal a ninguém, nunca comete violência contra ninguém e nunca odeia ninguém.

A *Bhagavad Gita* nos exorta, “Não odeie ninguém. Desenvolva Amor e compaixão para com todos os seres” (*Adveshta Sarva Bhuthanam Maithrah Karuna Evacha*). Nós dizemos, “Amor, Amor, Amor” e, na prática, agimos de forma contrária ao Amor. Como pode isso então ser um sinal de Amor? Quando falamos de Amor (*Prema*), tudo o que pensarmos, tudo o que dissermos, tudo o que fizermos deve refletir o Amor. Devemos desenvolver um Amor incondicional. É por isso que o Senhor Krishna exortou Arjuna a obedecer às Suas ordens.

Na guerra de *Kurukshetra*, Arjuna era egoísta no início e segurava o seu arco Gandiva com orgulho para destruir os Kauravas, seus inimigos. Justamente no momento do começo da guerra, ele largou o seu arco Gandiva e sentou-se na carruagem com um sentimento de tristeza e desânimo nascidos de seu ego, pensando que ele seria o assassino daqueles guerreiros. Quando o Senhor Krishna ensinou a ele a *Bhagavad Gita* e explicou a ele sua situação correta, isto é, que ele era apenas um instrumento (*Nimiththa Mathra*) nessa guerra, Arjuna realizou sua loucura e se prostrou diante do Senhor Krishna, dizendo, “Agirei de acordo com as Suas instruções” (*Karishye Vachanam Thava*). Até então, Krishna e Arjuna eram cunhados. Mas, quando Arjuna disse, “Agirei de acordo com as Suas instruções” (*Karishye Vachanam Thava*), eles se tornaram *Guru* e discípulo. O relacionamento deles agora se transformou no relacionamento entre Deus e Seu devoto. A transformação mental é necessária para cada devoto. Sem isso, qualquer quantidade de devoção e proximidade será inútil. Você deve tentar executar suas ações de acordo com os tempos. Quando, onde e como maximizar o seu tempo, falaremos amanhã.

Prasanthi Nilayam, 3 de Agosto de 1984.

3

A Adoração de Deus com Forma ou sem Forma

"Aquele que tem devoção é querido por Mim" (*Bhaktiman Mey Priyo Narah*).

Essas são as palavras do próprio Deus. O homem hoje em dia aspira por várias coisas. Ele está adquirindo riquezas, ouro e várias outras coisas materiais. Ele é capaz de obter honras, prestígio, posição e poder. No entanto, esses são apenas momentâneos, conforme declarado no décimo segundo capítulo da *Bhagavad Gita*. O que deve ser alcançado é a graça de Deus, que é resplandecente, cheia de essência, preciosa como um diamante, e que concede alegria perpétua. Como então você pode alcançar esse Amor puro e essa graça Divina? Qual caminho você deve trilhar para alcançar essa dádiva? Isso precisa ser examinado. A menos que o campo seja limpo de arbustos selvagens, pedras e seixos, e bem arado, as sementes plantadas não germinarão. Similarmente, no campo do coração (*Hridaya Kshetra*), somente depois que o ego e as más qualidades são removidos, é que a colheita da bem-aventurança do *Atma* (*Atmananda*) se torna disponível. O mesmo princípio é explicado no décimo segundo capítulo da *Bhagavad Gita*, onde é dito que o apego ao corpo (*Dehabhimana*) precisa ser removido.

O homem se ilude pensando que está amando a Deus. Mas, qual é a utilidade? O importante é saber se Deus o ama ou não. Mesmo que você ame a Deus, se Deus não o ama, o resultado é nulo. Então, como alcançar o Amor de Deus? No décimo segundo capítulo da *Bhagavad Gita* é dito que o devoto é aquele que está sempre contente (*Santustah Sathatham*) e que possui uma mente equânime (*Dridha Nischayah*). Você deve estar sempre contente, contente de coração. O simples contentamento (*Tripthi*) é diferente do contentamento que flui de uma mente equânime (*Samtripthi*), da mesma forma que existe uma diferença entre o canto (*Kirtana*) e o canto devocional (*Sankirtana*). É dito que o canto devocional é o canto supremo (*Samyak Kirtanam Sankirtanam*). No canto (*Kirtana*), a canção

pode sair dos lábios de forma mecânica. Mas no canto devocional (*Sankirtana*), o coração se derrete e se move em uma canção que flui livremente, dançando em êxtase. Da mesma forma, o contentamento (*Tripthi*) é momentâneo, temporário. Ele está relacionado ao mundo material. Ele é de natureza mundana (*Pravriththi*). Por outro lado, o contentamento que flui de uma mente equânime (*Samtripthi*) é como o canto devocional (*Sankirtana*). Ele flui do coração. Ele é permanente, relacionado à verdade eterna e sobrenatural. Ele está relacionado ao caminho interno (*Nivriththi Marga*). Ele é imutável e nada pode ser adicionado a ele. Ele é um estado mental imutável e contente em si mesmo.

Um verdadeiro devoto nunca deve pensar sobre a perda ou o ganho material, e deve cultivar o equilíbrio mental. O contentamento que flui de uma mente equânime (*Samtripthi*) pode ser definido como o estado mental equânime no qual não se exulta com o sucesso nem se deprime com o fracasso. O contentamento que flui de uma mente equânime (*Samtripthi*) pode ser entendido como Amor puro, imaculado e inabalável. Tudo o que Deus concede, tudo o que Deus dá, deve ser considerado como Sua dádiva (*Prasada*) e nós devemos estar contentes com isso. Esse estado mental equânime e esse comportamento equilibrado podem ser considerados como o contentamento que flui de uma mente equânime (*Samtripthi*). Essa é a natureza de uma pessoa que possui uma mente firme, estável e inabalável.

O homem, por natureza, é dotado de coragem e firmeza. Ele coloca em uso essas qualidades de muitas maneiras. Algumas pessoas usam sua coragem e espírito de aventura escalando montanhas. Elas são extremamente corajosas. Algumas outras empregam essas qualidades para atravessar o imenso oceano. Ainda outras mostram sua coragem ao viajar por densas florestas infestadas de animais selvagens. Algumas pessoas dão adeus à Divindade, esquecem sua humanidade e empregam sua coragem e ousadia em atos cruéis, impiedosos e demoníacos. Assim, a coragem e a firmeza podem ser empregadas tanto em boas como em más ações.

Ratnakara empregava sua coragem, ousadia e firmeza para cometer atos malignos como assaltos em estradas. Mas, depois de entrar em contato com os sete grandes sábios (*Saptharishis*), ele direcionou suas capacidades para o canto do sagrado nome de Rama. Finalmente, ele se transformou no grande poeta e sábio Valmiki, que compôs o épico imortal *Ramayana*. Assim, se esses poderes de coragem, fortaleza, ousadia e constância concedidos por Deus forem devidamente canalizados no controle dos sentidos, no anseio por Deus e no caminho Divino da devoção, o nascimento humano se tornará significativo. A natureza humana adquirirá sua plena realização.

A *Bhagavad Gita* explicou em detalhes sobre a adoração a Deus com forma (*Sakara*) e sem forma (*Nirakara*), com atributos (*Saguna*) e sem atributos (*Nirguna*). Sobre essas formas e métodos de adoração, o que é melhor, mais viável e mais útil para os devotos, a *Bhagavad Gita* tratou longamente dessa questão. Sem praticar inicialmente os métodos de adoração a Deus com forma e atributos (*Sakara* e *Saguna*), não podemos adorar a Deus sem forma e sem atributos (*Nirakara* e *Nirguna*). Enquanto houver consciência do corpo e apego ao corpo, o homem não poderá contemplar o aspecto de Deus sem forma e sem atributos (*Nirakara* e *Nirguna*).

Enquanto o homem pensar, “Eu sou o corpo”, “Eu tenho um corpo”, “Eu sou um ser humano”, não será possível para ninguém alcançar a Divindade absoluta (*Nirakara Nirguna Parabrahma*). Portanto, um devoto (*Bhakta*) ou um aspirante espiritual (*Sadhaka*) deve necessariamente começar a adorar a Deus com forma e atributos, no início. Quando isso continuar por algum tempo, ele poderá gradualmente mudar para a adoração de Deus sem forma (*Nirakara*), ainda assim mantendo uma base firme no aspecto de Deus com forma (*Sakara*).

Algumas pessoas propõem que Deus pode ser adorado na Sua forma cósmica. Mas essa adoração da forma cósmica também é uma adoração de Deus com forma (*Sakara*). Deus como o Senhor do universo é o universo físico (*Bhuthakasa*). Deus

em Sua forma cósmica é o universo mental sutil (*Chiththakasa*). O universo causal (*Chidakasa*), que está além desses dois e também além da mente e dos sentidos, é a Divindade absoluta (*Nirakara Nirguna Parabrahma*).

O que quer que tenhamos experimentado em nosso estado de vigília, estará visível, pelo menos em parte, em nosso estado de sonho. Durante o estado de vigília, a influência da mente e dos sentidos é grande. Mas, durante o estado de sonho, mesmo que a influência dos sentidos esteja ausente, haverá a influência da mente. Entretanto, no estado de sono profundo (*Sushupthi*), que é causal por natureza, até a mente desaparece. O universo físico (*Bhuthakasa*) é o resultado da influência do mundo objetivo e dos sentidos. O universo mental sutil (*Chiththakasa*) é o resultado da influência da mente. O universo causal (*Chidakasa*) é o resultado da mente e dos sentidos se fundindo em um. Aqui não há mente nem sentidos. Portanto, talvez somente no estado de sono profundo (*Sushupthi*) seja possível contemplar o princípio Divino sem forma e sem atributos (*Nirakara Nirguna Thathwa*). Isso não significa que devemos sempre depender do princípio Divino com forma (*Sakara*). Ambos os princípios, com forma (*Sakara*) e sem forma (*Nirakara*), são necessários para o aspirante espiritual (*Sadhaka*). Assim como as duas asas para o pássaro, as duas rodas para a carroça, as duas pernas para o ser humano, da mesma forma, os métodos de adoração de Deus com forma (*Sakara*) e sem forma (*Nirakara*) são importantes para o aspirante espiritual (*Sadhaka*) trilhar o caminho espiritual pela influência da devoção (*Bhakti*). Quando ele viaja com a ajuda de ambos, ele é capaz de alcançar a meta da presença Divina (*Sannidhya*).

O aspecto com forma (*Sakara*) é momentâneo, enquanto o aspecto sem forma (*Nirakara*) é permanente. Um pequeno exemplo para isso. Vocês estão sentados aos milhares neste salão de Prasanthi Nilayam. Vocês estão sentados aqui por uma hora ou uma hora e meia. Eu também estou neste salão, juntamente com vocês. Estamos todos sentados entre as quatro paredes deste salão. Estamos sentados aqui por um tempo específico e com um propósito específico. No entanto, quando você

voltar para sua casa e recordar essa experiência em seu universo mental sutil (*Chiththakasa*), você realizará que este salão de Prasanthi Nilayam, as milhares de pessoas sentadas nele, e Swami, estão todos gravados em seu coração. Externamente e no estado de vigília, vocês estão todos em Prasanthi Nilayam neste momento. Mas, quando você volta para sua casa e contempla a cena, Prasanthi Nilayam vive em você. Mesmo que você permaneça em Prasanthi Nilayam por apenas uma hora, essa experiência fica impressa em sua memória (*Chiththa*) por toda a sua vida. Sempre que você recorda essa experiência, a cena surge em sua tela mental. Não é porque você experimentou esse princípio com forma (*Sakara Thathwa*) no estado de vigília, que ele ficou permanentemente gravado em seu universo mental sutil (*Chiththakasa*) como princípio sem forma (*Nirakara Thathwa*)? Sem o princípio com forma (*Sakara Thathwa*), não haveria possibilidade para o princípio sem forma (*Nirakara Thathwa*) ficar firmemente impresso em sua memória (*Chiththa*). Portanto, para que o princípio sem forma e sem atributos (*Nirakara Nirguna Thathwa*) se estabeleça firmemente em seu coração, é necessário que você adore o princípio com forma e atributos (*Sakara Saguna Thathwa*) no início.

Queremos ensinar a palavra "cadeira" a uma criança. Simplesmente repetindo a palavra "cadeira" ou soletrando-a, ela não será capaz de compreender a forma da cadeira. Mas, uma vez que você mostre a ela uma cadeira, ela compreenderá facilmente. Uma vez que ela tenha reconhecido a forma, mesmo que a cadeira não esteja fisicamente presente, ela poderá facilmente compreender o significado da palavra "cadeira". Logo, a forma é necessária até que sejamos capazes de reconhecer o sem forma. A forma é impermanente (*Kshara*) enquanto o sem forma é permanente (*Akshara*). O permanente (*Akshara*) pode ser reconhecido somente por meio do impermanente (*Kshara*). Para realizarmos a Divindade, que é permanente, a abordagem é somente através da forma, que é impermanente.

Sobre a questão de saber se Deus existe ou não, nem todos estão firmemente estabelecidos em sua convicção. Muitas pessoas oscilarão entre várias dúvidas

sobre se Deus realmente existe. “Se Ele existe, onde Ele está?” “Por que Ele não é visível para mim?” “Isso é verdadeiro ou é falso?” “Isso é simplesmente uma ilusão?” “Isso é uma fantasia?”, etc., etc. Para não cair presa dessa confusão e dúvida, e desenvolver uma fé firme, é necessário que tomemos a ajuda de uma forma para a nossa adoração a Deus.

Mais um exemplo. Há uma questão de saber se Deus existe ou não. A resposta para essa pergunta é a própria palavra “Deus”. Se não existe uma forma ou um objeto tal como Deus, então de onde vem a palavra “Deus”? Se não houver um objeto, também não haverá um nome para ele. Se existe um nome, existe o objeto. Portanto, a própria palavra “Deus” é a prova da existência de Deus. Aqui está um copo. “Copo” é uma palavra. O significado para essa palavra, em si mesma, é a sua forma. O significado (*Arthamu*) juntamente com a palavra (*Padamu*) constituem o material ou objeto (*Padartha*). Cada material ou objeto que existe neste mundo é o significado de uma palavra. O significado da palavra “cadeira” é denotado por sua forma. Aquilo que transmite o significado de uma palavra é o som. Palavra e som, juntos, constituem um objeto. Se não existisse Deus, não poderia existir a palavra “Deus”.

No entanto, você pode questionar sobre certas palavras como, por exemplo, “uma flor no céu” (*Gagana Kusumamu*). Aqui, há uma palavra, mas o objeto como tal não existe, porque não pode haver uma flor no céu. Essa é apenas uma metáfora. É apenas uma combinação de duas palavras existentes, “céu” (*Gagana*) e “flor” (*Kusumamu*). Similarmente, para cada palavra neste mundo objetivo, existe uma forma. É impossível não haver uma forma. Consideremos um dicionário. Existem várias palavras no dicionário. Não existem formas definidas para todas essas palavras? Existe a palavra “Deus” no dicionário. Se Deus não existisse, por que essa palavra deveria ser incluída no dicionário? Portanto, quer você O tenha visto ou não, quer você O tenha experimentado ou não, a própria palavra “Deus” denota Sua forma. Isso é realização (*Sakshathkara*). Primeiro vem a forma, depois a palavra. Isso é uma cadeira. Se não houver cadeira, não haverá forma ou palavra.

Portanto, primeiro vem Deus com forma (*Sakara*), depois Deus sem forma (*Nirakara*). É impossível deixar a forma e ir diretamente para o sem forma.

Outro pequeno exemplo. Isso é uma almofada. Qual é o objeto que cobre a almofada? Ele é chamado uma capa de tecido. O que tem dentro? Algodão. Você pode dizer que o material interno é algodão e o externo é tecido. Mas Eu direi que ambos são algodão. Isso significa que o algodão sem forma assumiu a forma de um fio e, por fim, foi tecido para formar um tecido. O tecido é a forma (*Sakara*) e o algodão é o sem forma (*Nirakara*). A forma (*Sakara*) e o sem forma (*Nirakara*) fundindo-se em Um é chamado Divindade. No entanto, nós não podemos pegar um pedaço de algodão e nos recostar sobre ele. O algodão (*Nirakara*) precisa ser convertido em um tecido (*Sakara*), para ser de utilidade para nós. Enquanto houver apego ao corpo, essas conversões são necessárias. Enquanto você tiver identificação com o corpo, ou seja, enquanto você pensar, “Eu sou o corpo”, será impossível para você abandonar a adoração a Deus com forma (*Sakara*).

Mesmo na adoração a Deus com forma (*Sakara*), nós executamos vários tipos de adorações. Por exemplo, as “dezesseis formas de adoração” (*Shodasopachara*). Nós executamos muitos tipos de adorações (*Archanas*). Nós acendemos uma lamparina e um incenso (*Agarbati*) e queimamos cânfora diante da deidade. Tudo isso é a satisfação que obtemos ao adorar a Deus com um nome e uma forma (*Sakara Tripthi*). Quando isso gradualmente fica impresso no coração (*Hridaya*) como o princípio Divino sem forma (*Nirakara Thathwa*), e depois de termos abandonado nossa identificação como o corpo, nós adoramos a Divindade com as flores mentais (*Bhava Pushpa*).

Enquanto você está adorando a Deus com forma (*Sakara*), você oferece diferentes tipos de flores como jasmim, calêndula, crisântemo, etc. Aqui, o corpo que pratica a adoração, bem como as flores que são usadas para a adoração, são ambos transitórios. No entanto, as flores que devem ser oferecidas na adoração da Divindade sem forma (*Nirakara Thathwa*) são totalmente diferentes. Aqui, as

flores a serem oferecidas são as flores da não-violência (*Ahimsa*), do controle dos sentidos (*Indriya Nigraha*), da tolerância (*Kshama*), da paz (*Shanti*), da compaixão (*Daya*), da verdade (*Sathya*), da austeridade (*Thapas*), etc. Todas essas pertencem ao princípio Divino sem forma (*Nirakara Thathwa*).

A menos que subamos a um estágio superior em nossa disciplina espiritual (*Sadhana*) e entremos no caminho interno (*Nivriththi Marga*), não devemos abandonar as atividades externas (*Pravriththi*). Baseando-se nesse princípio, o Senhor Krishna, no décimo segundo capítulo da *Bhagavad Gita*, ensinou as qualidades que um devoto deve desenvolver.

Um devoto deve estar sempre feliz, contente e em paz. Ele não deve dar espaço para qualquer dor ou tristeza em seu coração. É por isso que o *Bhagavatha Purana* exemplificou Prahlada como uma encarnação da devoção e da entrega. Prahlada estava constantemente cantando e contemplando o nome e a forma de Deus em todos os momentos. Apesar da grande dor física e das dificuldades que passou nas mãos de seus algozes, ele nunca derramou lágrimas ou se importou com a dor. É por isso que Prahlada foi glorificado como "um *Yogi* sempre feliz e contente" (*Santhushtah Sathatham Yogi*).

Um devoto nunca deve permitir que as más qualidades como raiva, inveja, ciúme, ódio e maledicência entrem em sua mente. Esses são literalmente seus inimigos e impedem seu progresso no caminho devocional. Ele deve ser igual com todos. Se você odeia alguém, isso é o mesmo que odiar o Deus a quem você adora. Se você agir contra alguém a partir do ego, isso equivale a agir contra o mesmo Deus a quem você adora. É por isso que a *Bhagavad Gita* exortou, "Jamais desenvolva ódio em relação a alguém" (*Adweshta Sarva Bhuthanam*). Essa é a advertência mais importante para nós. Assim como as sementes plantadas em um campo não brotam sem primeiro limparmos o campo, da mesma forma, a bem-aventurança do *Atma* (*Atmananda*) e a graça de Deus não podem ser obtidas sem que abandonemos

as más qualidades em nós. Isso é assim, a despeito de qualquer quantidade de disciplinas espirituais (*Sadhanas*) que possamos empreender.

A *Bhagavad Gita* nos ensina a tratar a todos como personificações do Divino. Não é suficiente adorar a Deus apenas. Você também deve amar e respeitar todos os indivíduos (*Jivas*). Adorar a Deus e atormentar os outros indivíduos (*Jivas*), isso equivale à devoção? Isso é simples ignorância. Essas pessoas nunca podem entrar no caminho devocional.

Nos próximos dias, Eu ensinarei a vocês que outras coisas devem ser aprendidas no caminho devocional (*Bhakti Yoga*), o que precisa ser seguido pelos devotos, e como utilizar o seu tempo e energia em atividades sagradas e, assim, santificar o seu corpo e o seu tempo.

Prasanthi Nilayam, 4 de Agosto de 1984.

4

A Rendição a Deus Redime Todos os Sofrimentos

"O conhecimento é melhor do que a prática. A meditação é melhor do que o conhecimento. A renúncia aos frutos das ações é melhor do que a meditação. A renúncia conduz imediatamente à paz" (*Sreyohi Jnanam Abhyasath Jnanath Dhyanam Visishyathe Dhyanath Karmaphala Thyagah Thyagath Santhi Ranantharam*).

As várias atividades espirituais executadas por um aspirante espiritual (*Sadhaka*) em sua vida diária para alcançar a Divindade, e o treinamento ao qual ele se submete para esse propósito são chamados de prática (*Abhyasa*) ou disciplina espiritual (*Sadhana*). Mais importante do que essa prática é instalar Deus em seu próprio coração, constantemente contemplá-Lo, desenvolver um sentimento de unidade com Ele, e realizar a Divindade na unidade. Esse estado Divino é chamado de meditação (*Dhyana*). A palavra meditação (*Dhyana*) tem sua raiz em "*Dhyai Chinthayam*", que significa contemplação constante de Deus. Uma contemplação ocasional não pode ser chamada de meditação (*Dhyana*). Contemplação de Deus em todos os momentos, em todos os estados e em todos os lugares é meditação (*Dhyana*). A prática (*Abhyasa*) tem limitações de tempo, ação e motivo. Aquilo que está além dessas limitações é meditação (*Dhyana*). A meditação (*Dhyana*) é superior à prática (*Abhyasa*). A sabedoria (*Jnana*) é ainda mais superior. Ela se baseia no poder de inquérito e observação. Quando uma pessoa atravessa os estágios de prática (*Abhyasa*), meditação (*Dhyana*) e sabedoria (*Jnana*), e alcança um estágio de completa renúncia, esse estado é chamado de paz. Tendo isso em vista, no *Purusha Suktam* é dito que não é pelas ações, nem pelos filhos, nem pela riqueza, mas somente pela renúncia, que alguém pode alcançar a imortalidade (*Na Karmana Na Prajaya Dhanena Thyagenaike Amrthathwa Maanasuh*). Para alcançar esse estado de imortalidade, é necessário ser um completo renunciante (*Sarvasanga Parithyagi*). Esse é o estado de paz, diz a *Bhagavad Gita*.

Existem três etapas para alcançar esse estado. Para alcançar um estágio supremo na humanidade, é preciso definir uma meta diante de si. A jornada do homem começa no campo espiritual com a investigação (*Jijnasa*). Do estágio de investigação (*Jijnasa*) ele alcança o estágio de disciplina espiritual (*Sadhana*). A partir daí, ele prossegue para alcançar sua meta de realização (*Aaroodha*).

Para compreender esse princípio, podemos classificar o primeiro estágio, o estágio de investigação (*Jijnasa*) como um estágio de estudante (*Vidyarthi*). No processo de aprendizagem, essa é uma etapa primária onde se tem uma visão geral do assunto. Um estudante (*Jijnasu*) gostaria de investigar e reunir fatos concernentes à natureza, aos mistérios, e às qualidades latentes da Divindade, e tentar se lembrar desses fatos até certo ponto. O objetivo desse processo é compreender a declaração, "Aquilo Tu És" (*Tath Thwam Asi*). Nessa declaração existem três palavras, "Aquilo" (*Thath*), "Tu" (*Thwam*) e "És" (*Asi*). O processo aqui consiste em reconhecer esses dois, a saber, "Aquilo" (*Thath*) e "Tu" (*Thwam*), e então realizar a unidade entre eles, "Aquilo Tu És" (*Tath Thwam Asi*).

Depois de compreendermos essa declaração, ela deve ser colocada em prática. Esse estágio de prática espiritual (*Sadhana*) pode ser comparado ao emprego. Sem instrução não pode haver emprego. Uma pessoa adquire instrução no estágio de investigação (*Jijnasa*), trabalha no estágio de prática espiritual (*Sadhana*) e finalmente alcança o estágio de realização (*Aaroodha*). Esse estágio é como a aposentadoria. É somente depois de cumprir o serviço por um determinado período, que se obtém a aposentadoria. Assim, o primeiro estágio é adquirir instrução como estudante. Depois, o segundo estágio é trabalhar como empregado. E o terceiro e último estágio é aposentar-se e receber a aposentadoria como um aposentado. É somente no estágio de realização (*Aaroodha*) que uma pessoa contempla em paz a sua unidade com a Divindade. A instrução sobre o caminho devocional (*Bhakti Yoga*) na *Bhagavad Gita* começa com a explicação desses estágios.

Os aspirantes espirituais (*Sadhakas*) de hoje em dia estão mais interessados na busca de prazeres mundanos do que na investigação espiritual. Eles estão se tornando buscadores dos prazeres mundanos (*Vishayagrasthas*) mais do que investigadores das verdades espirituais (*Vicharagrasthas*). Você deve ter observado pessoas se dirigindo ao público aqui muitas vezes como "irmãos e irmãs da família Sai". Mas, esse tratamento é geralmente hesitante e eles não acreditam totalmente no que dizem. Essas pessoas podem ser chamadas de "devotos em tempo parcial". A *Bhagavad Gita* não espera que as pessoas sejam devotos em tempo parcial. Ela as exortou a desenvolverem rendição completa e incondicional (*Sampoorna Saranagathi*). Para desenvolver esse espírito de rendição, o tempo é importante. É dito que Deus não está limitado pelo tempo (*Kaalena Anavachchedaath*). Não apenas isso. Ele tem controle total sobre o tempo. Um indivíduo (*Jiva*) está limitado pelo tempo. Deus está além do tempo. O homem é mortal. Deus é imortal. É por esse motivo que, somente quando você busca refúgio em Deus, a vida limitada de um indivíduo (*Jiva*) torna-se significativa.

O tempo engole o indivíduo (*Jiva*), mas Deus é aquele que engole o próprio tempo (*Kaala Kaaludu*). Portanto, com base no tempo, o homem deve reverenciar as ações (*Karmas*) (*Thasmai Namah Karmane*). Em primeiro lugar, o homem deve adorar e oferecer suas saudações às ações (*Karmas*) e, então, ele deve começar a executar as ações (*Karmas*). Pois, para qualquer bem ou mal, pecado ou mérito, ascensão ou queda de um ser humano, o tempo é o fator mais importante. É por isso que devemos orar, "Oh! Deus! Encarnação do tempo! Por favor, coloque-me no caminho sagrado e torne minhas ações significativas. Leve-me à Sua presença Divina. Conceda-me a bênção da Sua presença Divina".

O mundo objetivo inteiro se funde no tempo e é limitado por sua influência. Nenhum ser vivo pode desafiar o tempo. O tempo não espera por ninguém. É o indivíduo (*Jiva*) que deve seguir o tempo e não o contrário. O tempo é como um rio perene que flui. Todos os seres e todos os objetos são varridos por esse rio do

tempo. Uma pessoa que está sendo arrastada pela correnteza não pode resgatar outra pessoa. No final, ambas serão arrastadas pela correnteza e se perderão. É como um cego tentando obter a ajuda de outro cego. Somente quando ele faz um esforço para nadar até a margem é que ele pode ser protegido. E essa margem é Deus. Aquele que busca refúgio em Deus será protegido dessa torrente de dores e sofrimentos. No final, ele estará feliz passando o seu tempo em Sua Divina presença.

"Meu filho! Você é um simples indivíduo (*Jiva*) nesse fluxo eterno do tempo. Eu sou a margem, seu único refúgio. Somente quando você buscar refúgio em Mim, você será redimido de todas as suas dores e sofrimentos. Portanto, busque refúgio em Mim". Esse é o ensinamento do Senhor Krishna sobre o espírito de rendição (*Saranagathi Thathwa*). Seguindo somente esse ensinamento, o aspirante espiritual (*Sadhaka*) se rende a Deus dizendo, "Além de Seu refúgio, não há nenhum, somente Você é meu refúgio" (*Anyatha Saranam Naasthi Thwameva Saranam Mama*).

No entanto, o maior obstáculo para esse espírito de rendição (*Saranagathi Thathwa*) é o véu da ilusão (*Maya*). Por causa desse véu, um devoto é incapaz de se render total e incondicionalmente a Deus. Ele fica confuso. Isso é ilusão (*Maya*). O que é a ilusão (*Maya*)? "Aquilo que não existe, mas ilude como existente, é ilusão (*Maya*)" (*Yaa Maa Saa Maya*).

O que você pensa que existe não está ali,
O que você pensa que não existe está ali.
A verdade é a única que existe para sempre,
Veja, o mundo não existe.

Uma pessoa confunde uma corda com uma cobra. Mas, em realidade, não existe cobra. Imaginando a existência de uma cobra que não existe, ela fica exposta ao medo e à ilusão. Qual é a razão para esse medo? Imaginar como existente aquilo

que não existe. Isso é ilusão. Essa é a causa raiz de todas as dores e sofrimentos. Quando essa ilusão é eliminada pela luz da consciência (*Prajnana*), a corda aparece em sua forma original. Então, não há medo de nada. Não haverá medo de tocá-la, segurá-la e levá-la. Similarmente, devido à nossa incapacidade de reconhecer a verdade de que todo este mundo objetivo é, na verdade, uma encarnação de *Brahman*, e porque nós o consideramos como um mundo transitório, nós estamos expostos a várias dores e sofrimentos.

Nós estamos olhando para este mundo com uma perspectiva materialista, não com um espírito de investigação. Quando você olha para o mundo com um espírito de investigação, ele será revelado a você como uma verdade transitória (*Pravahika Sathya*). Isso significa uma verdade que sofre mudanças constantemente. A água do rio flui continuamente. Mas, mesmo quando a água flui, não existem vazios, pois esse é um fluxo contínuo. É por isso que esse fluxo é chamado de rio. Outro ponto importante a ser destacado é que, havendo água ou não, o rio é sempre chamado de rio. Similarmente, você pode viver neste mundo ou não. Isso é o mundo. A mudança constante é o fluxo (*Pravaha*). Este mundo é uma verdade transitória (*Pravahika Sathya*). Isso significa que este mundo é ao mesmo tempo real e irreal. Na Filosofia *Vedanta*, isso é chamado de "*Sadasath*", que significa uma mistura de verdade e falsidade. Assim como a grama sagrada (*Darbha*) é separada da erva selvagem, similarmente, o esforço para separar a verdade da falsidade e absorver somente a verdade é a disciplina espiritual (*Sadhana*). Esse esforço é denominado na *Bhagavad Gita* como "*Nithya Anithya Vibhaga Yoga*", "*Kshetra Kshetrajna Vibhaga Yoga*" e "*Gunathraya Vibhaga Yoga*".

A ilusão (*Maya*) está associada às três qualidades (*Gunas*), pureza (*Sathwa*), atividade (*Rajas*) e inércia (*Thamas*). Ilusão (*Maya*), ignorância (*Ajnana*), natureza (*Prakrithi*), escuridão (*Thamas*), todas essas palavras são sinônimos. Todas elas significam a mesma coisa. Iludir a si mesmo pensando como verdadeiro e real aquilo que é não existente, é ilusão (*Maya*).

Várias pessoas acreditam no ditado, "*Brahman* somente é a verdade e o universo é ilusório" (*Brahma Sathyam Jagath Mithya*). Na verdade, é a ideia que fazemos do universo (*Jagath Bhava*) que é irreal, mas o universo (*Jagath*) em si mesmo não é irreal. Na verdade, *Brahman* existe e serve de base para esse universo ilusório (*Mithya Jagath*). É por isso que o Senhor Krishna na *Bhagavad Gita* disse a Arjuna, "Oh! Arjuna! Preso pela ilusão (*Maya*), você é levado pelo fluxo do tempo. Você está se afastando para longe de Mim. Tome refúgio em Mim. Todos os seus sofrimentos serão redimidos".

Quando você está associado com Deus e vive em Sua Divina presença, a ilusão (*Maya*) não incomodará você nem um pouco. Um pequeno exemplo. Pessoas ricas mantêm cães da Alsácia na frente de suas casas. Esse cão não é como os cães de rua. Ele pertence a uma raça especial. Ele é um cão muito fiel e poderoso, que protegerá a propriedade de seu dono. Ele não irá latir para cada transeunte. Ele irá latir somente para as pessoas que tentarem entrar na casa. Vendo sua estatura feroz e sua reação ao ver um estranho, algumas pessoas fugirão na mesma hora. Mas, aquelas que vêm para encontrar o dono, permanecerão onde estão e o chamarão em voz alta. Então o dono olha pela janela. Reconhecendo que o visitante é seu amigo, ele desce e conduz o visitante para dentro da casa, junto a ele. Quando o estranho entra na casa junto ao seu dono, o cão se acalma e permanece em silêncio.

Similarmente, na mansão da liberação (*Moksha Soudha*), na mansão da devoção (*Bhakti Soudha*), na mansão da bem-aventurança (*Ananda Soudha*), o cão da ilusão (*Maya*) permanece na entrada principal. Quando o visitante não é um amigo ou é apenas alguém que está simplesmente se movendo aqui e ali sem qualquer compromisso com seu dono, nomeadamente, Deus, então a ilusão (*Maya*) o agarra, lançando-se sobre ele. Aterrorizadas com a reação, algumas pessoas abandonam o local imediatamente. Mas, aquele que tem uma firme determinação e uma forte vontade de encontrar o dono, permanece ali, imperturbável, e chama pelo dono. Ele entra na casa caminhando lado a lado com o dono. Uma pessoa que se rendeu

(*Saranagatha*) e que tem uma firme resolução de encontrar seu amigo, isto é, Deus, caminha com Ele e entra na mansão da paz (*Santhi Soudha*).

É por isso que Sri Krishna exortou Arjuna assim, “Meu querido! Você está apegado aos objetos dos sentidos. Você está absorvido em muitas atividades neste mundo objetivo. Desse modo, você está confuso e incapaz de se concentrar. Recorra ao *Yoga* da prática (*Abhyasa Yoga*). Somente então você obterá concentração. Você tomará refúgio em Mim. Contemple a Mim com Amor e fé. Em qualquer atividade que esteja empreendendo, pense em Mim. ‘Estou engajado no campo de batalha, não é esse um objetivo material e mundano?’ Não pense dessa forma. Mesmo enquanto estiver engajado na guerra, pense em Mim (*Mamanusmara Yudhyacha*). Essa não é uma batalha contra um inimigo externo. Pense que você está lutando contra seus próprios inimigos internos que são seus maus pensamentos e más intenções. Pense em Mim sempre e em todos os momentos. Essa não é uma guerra contra inimigos externos. Essa é uma luta contra seus próprios sentidos internos. Você deve conquistá-los”.

Prahlada também exortou o poderoso Hiranyakasipu da mesma forma, de muitas maneiras. Ele disse, “Oh! Pai! Você conquistou o mundo inteiro, mas você é incapaz de conquistar seus sentidos. Você pode ser um rei ao conquistar o mundo. Mas, quando você conquistar os seus sentidos, você se tornará o rei dos reis. Você será o Senhor do universo”. Como pode alguém que é subjugado pelos inimigos internos conquistar os inimigos externos? Portanto, primeiro tente controlar e conquistar seus sentidos. Quando isso é possível? Somente quando você busca refúgio em Deus. Enquanto você tiver o sentimento de “eu” e “meu”, a rendição não será possível. Essa é a influência do universo físico (*Bhuthakasa*). Você deve conquistar esse universo físico (*Bhuthakasa*) e entrar no universo mental sutil (*Chiththakasa*) e, finalmente, no universo causal (*Chidakasa*). Uma vez que você esteja no universo causal (*Chidakasa*), Deus cuidará de todas as outras coisas.

Até chegarmos à estação ferroviária, temos que contratar um carregador ou uma carroça a cavalo ou um ciclo-riquixá ou um táxi para carregar nossa bagagem. Se nenhum desses meios de transporte estiver disponível, nós teremos que carregar a bagagem na nossa cabeça. Contudo, assim que chegamos à estação e sentamos no trem, o trem nos carrega, juntamente com nossa bagagem. É apenas um tolo quem continua carregando a bagagem em sua cabeça mesmo depois de ter embarcado no trem. Seguindo essa analogia, quando você se entregar a Deus, ofereça a Ele tudo que é seu, sem reservas e incondicionalmente. Então, Deus cuidará de todas as coisas. Quando fazer, o que fazer, e como fazer, Ele decidirá. Você não deve ter nenhum sentimento egoísta de "eu" e "meu" nesse estágio.

No *Ramayana*, existe um belo exemplo para isso. Sri Rama alcançou a montanha *Chitrakoota*, junto com sua esposa, Sita, e seu irmão mais novo, Lakshmana. Para Deus, assumir a forma humana é como um jogo (*Lila*). Ele é o condutor do jogo cósmico (*Suthradhari*). Ele finge e age como se estivesse entristecido e em dificuldades, embora na realidade Ele não tenha nenhum desses sentimentos. "Deus se manifesta na forma humana" (*Daivam Manusha Rupena*), assim diz o ditado. Ele assume a forma humana para estar disponível aos devotos e manter proximidade com eles. Assim, Ele se torna próximo e querido por eles. Um dia, Rama estava sentado em uma pedra, como se estivesse cansado. Ele estava enxugando seu suor e dizendo, "Lakshmana! Eu não posso caminhar mais. Construa uma pequena cabana de palha (*Parnasaala*) nas proximidades. Vamos descansar nela". Lakshmana perguntou onde a cabana deveria ser construída. Rama respondeu, "Onde você quiser. Tome sua própria decisão". Então Lakshmana, em grande aflição, disse, "Rama! Rama! Que palavra dolorosa eu ouvi! Que erro cometi? Que pecado cometi? Onde exatamente eu errei? Hoje tive que ouvir palavras tão dolorosas de Você". Embora Rama conhecesse a sincera agonia que Lakshmana estava passando, a fim de mostrar sua grandeza a Sita, que estava ao Seu lado, Ele disse, "Lakshmana! Eu não disse nada desagradável contra você! Eu não disse nenhuma palavra áspera! Por que você sente tanta dor?" Então Lakshmana respondeu em grande agonia, "Meu querido irmão mais velho! Eu

deixei minha mãe, meu pai, minha esposa e meu reino e tudo mais. Não há nada meu. Eu sou um completo renunciante agora. Obedecer ao Seu comando é a razão de ser e a finalidade da minha vida. Na verdade, essa é a única meta da minha vida. Você é meu pai e Sita é minha mãe. Essa floresta é Ayodhya para mim. Quando eu vim assim acompanhar Você deixando tudo, haverá novamente uma decisão minha? Haverá alguma escolha minha? Quando Você diz que eu devo construir uma cabana (*Parnasaala*) em um local de minha escolha, isso significa que eu tenho uma escolha. Nesse caso, isso não significa entrega total (*Sampoorna Saranagathi*) de minha parte. Que indivíduo miserável eu sou!" Ele continuou, "Eu não tenho outro desejo, exceto o de obedecer ao Seu comando. Seu prazer é o meu prazer. Meu dever é obedecer a tudo o que Você diz. Minha única meta na vida é estar constantemente aos Seus pés de lótus e obedecer aos Seus comandos, nada mais". Enquanto Lakshmana se rendia diante de Rama, Sita entrou em cena e implorou, "Rama! Por favor, não fale com Lakshmana tais palavras novamente".

Um indivíduo (*Jiva*) não deve ter uma escolha própria. Todas as coisas pertencem a Deus. Obedecer ao Seu comando é a característica de uma pessoa que se entrega totalmente a Deus. "Venha e sente-se no Meu trem. Eu levarei você e sua bagagem até o seu destino. Aqui você não precisa carregar sua bagagem na cabeça e sofrer por isso". Assim, Sri Krishna explicou o significado do espírito de entrega total (*Saranagathi Thathwa*) no caminho da devoção. Quando um devoto se entrega completamente a Deus, ele receberá a pensão da graça de Deus, onde quer que ele esteja. "Esteja você na floresta ou no céu, no vilarejo ou na cidade, no outeiro ou no meio do rio, onde quer que você esteja, Eu sou o único refúgio para você. Entregue-se a Mim desse modo", declarou o Senhor. Portanto, é necessário que todos empreendam ações que santifiquem seu tempo e também seu corpo e, finalmente, se rendam totalmente a Deus.

Prasanthi Nilayam, 5 de Agosto de 1984.

5

A Chama Auto-Refulgente no Próprio Corpo

"Aquele que é desprovido do sentimento de 'eu' e 'meu', aquele que tem por iguais a dor e o prazer, aquele que tem tolerância, é o mais querido para Mim" (*Adweshta Sarva Bhuthanam Maitrah Karuna Eva Cha Nirmamo Nirahamkaarah Sama Dukha Sukha Kshamee*).

Realizar a própria natureza Divina e a unidade de Deus está além do alcance de um aspirante espiritual (*Sadhaka*) comum. Pessoas que adoram a Deus diariamente com as dezesseis formas de adoração (*Shodasopachara*) e participam de atividades como cantos devocionais (*Bhajans*), etc., e também os chefes de família (*Grihasthas*) envolvidos em tantas atividades na esfera mundana, acham difícil se engajar na disciplina espiritual (*Sadhana*). Mas, até que ponto a disciplina espiritual (*Sadhana*) é difícil? A disciplina espiritual (*Sadhana*) será difícil enquanto nós considerarmos nossa própria natureza como sendo inconsistente com os mandamentos Divinos. Mas, uma vez que um aspirante espiritual (*Sadhaka*) seja capaz de reconhecer a unidade da Divindade e também a natureza Divina de um ser humano, a disciplina espiritual (*Sadhana*) não será mais difícil. "Deus é imanente como o protetor de todos os seres e como a chama auto-refulgente e resplandecente no corpo de cada ser" (*Swa Sareeram Swayam Jyothihi Swarupam Sarva Rakshanam*). Quando nós realizarmos essa verdade, será mais fácil para nós controlarmos nosso ego e os sentimentos de "meu" e "seu".

"A chama auto-refulgente está em nosso próprio corpo. O protetor de todos os seres reside em nosso próprio corpo" (*Swarupam Sarva Rakshanam Swa Sareeram Swayam Jyothihi*). A investigação sobre a existência de Deus e o método pelo qual podemos alcançá-Lo está acontecendo desde os tempos antigos. Isso se tornou um problema complexo com o passar do tempo. Vários sábios e eruditos fizeram esforços para encontrar uma solução para esse problema difícil usando sua

coragem e erudição. Incapazes de encontrar uma solução, eles fizeram intensa austeridade por milhares de anos. Finalmente, eles conseguiram. Essas grandes almas revelaram ao mundo que elas haviam encontrado um grande Ser (*Maha Purusha*) resplandecente, auto-refulgente, que está além da escuridão da ignorância. Elas revelaram onde e como elas haviam encontrado esse grande Ser (*Maha Purusha*). Elas não O haviam encontrado no mundo exterior por meio de uma visão exterior. Elas declararam que O haviam encontrado dentro de si mesmas, em seus próprios sentimentos Divinos e em seus próprios corpos, por meio de uma visão interior (*Vedaham Etham Purusham Mahaantham Aaditya Varnam Thamasah Parasthaath*).

Como Deus reside no "*Sareera*" (corpo), Ele é chamado de "*Sareeri*". Como Ele reside no "*Deha*" (corpo), Ele é chamado de "*Dehi*". Como ele reside no "*Kshetra*" (corpo), Ele é chamado de "*Kshetrajna*". Você deve reconhecer a verdade de que existe no corpo humano uma chama Divina resplandecente e auto-refulgente que está além da escuridão da ignorância. Você deve fazer esforços para ter a visão da encarnação da consciência Divina (*Chinmayamoorthy*) dentro do corpo humano, que é feito de terra (*Mrinmaya*). Dentro desse corpo, que é composto dos cinco elementos (terra, água, fogo, ar e espaço) você deve ser capaz de reconhecer o Divino *Atma*.

Esse corpo não é uma coisa ordinária. Ele é um templo que abriga Deus. Ele é uma carruagem em que Deus se move. Deus é levado em uma procissão cerimonial instalado nessa carruagem. Portanto, é impróprio para nós negligenciarmos esse corpo ou enchê-lo de impurezas. Esse corpo deve estar engajado em atividades sagradas e altruístas, desprovidas de ego. Ele nunca deve ser engajado em ações más e incorretas. A razão é que o corpo é um templo e o princípio vital (*Jiva*) que reside no corpo é verdadeiramente a Divindade eterna (*Deho Devalaya Proktho Jivo Devah Sanathanah*). Nós protegemos o templo de Deus com honra e respeito, de muitas maneiras. Nós o consideramos um lugar muito sagrado. No entanto, esse corpo sagrado, o templo de Deus, está sendo negligenciado hoje em dia e engajado

em caminhos e ações malignas. De fato, ele está sendo profanado. O corpo é como um barco que o conduz através do oceano de nascimentos e mortes (*Bhava Sagara*). Esse corpo não pode ser obtido facilmente. Ele veio a você como uma recompensa pelas ações meritórias que você executou em vários de seus nascimentos anteriores. Portanto, utilizar esse corpo de forma errada é desperdiçar o grande mérito acumulado em vários nascimentos anteriores. "É muito difícil obter um nascimento humano" (*Janthunam Nara Janma Durlabham*). Na verdade, é nossa maior fortuna ter obtido essa vida humana.

O oceano de nascimentos e mortes (*Bhava Sagara*) está cheio de dificuldades, dores e sofrimentos de variada natureza. No oceano, haverá crocodilos, baleias e vários outros animais selvagens e ferozes vivendo. Similarmente, no oceano da vida, vivem os crocodilos e baleias do desejo (*Kama*), da raiva (*Krodha*), da cobiça (*Lobha*), da ilusão (*Moha*), do orgulho (*Mada*) e da inveja (*Maatsarya*). Esses são animais ferozes. Esse oceano da vida é insondável. Ele pode ser denominado como uma "verdade impermanente" (*Pravahika Sathya*). Você deve ter em mente o fato de que esse oceano está cheio de maremotos que consistem nas forças conflitantes de prazer e dor (*Sukha* e *Dukha*). É difícil de prever quando alguém obterá prazer ou será exposto ao sofrimento. Reconhecer a unidade na diversidade é o único método pelo qual alguém pode remover suas dificuldades, dores e sofrimentos.

A chama auto-refulgente do Divino *Atma* resplandece em cada corpo (*Swa Sareere Swayam Jyothih*). Você deve ter firme fé nessa verdade. Quando você reconhecer essa verdade da unidade na diversidade, você nunca mais odiará alguém (*Adweshta Sarva Bhuthanam*). Quando você reconhece a unidade do Divino *Atma* antes mesmo de executar ações sagradas (*Karmas*) como adoração, votos (*Vrathas)*, cantos devocionais (*Bhajans*) e *Yoga*, todas essas disciplinas espirituais (*Sadhanas*) e ações sagradas (*Karmas*) parecem triviais. Enquanto você é ignorante desse princípio da unidade, as nove formas de adoração, a saber, *Sravanam* (Ouvir a glória de Deus), *Keerthanam* (Cantar a glória de Deus), *Smaranam* (Lembrar o nome da Deus), *Pada Sevanam* (Servir aos pés de lótus de

Deus), *Archanam* (Oferecer adoração a Deus), *Vandanam* (Prostrar-se diante de Deus), *Dasyam* (Prestar serviço como servo de Deus), *Sneham* (Adorar a Deus como um amigo) e *Atma Nivedanam* (Render-se a Deus) parecem ser úteis apenas até certo ponto. Ao aprender a nadar, certos acessórios como pneus, balões de ar, etc., serão de alguma ajuda. Mas, depois de dominar essa arte, você não precisará de nenhuma dessas coisas. Similarmente, até que você seja capaz de compreender a essência da *Bhagavad Gita*, disciplinas espirituais (*Sadhanas*) desse tipo serão, é claro, necessárias até certo ponto. Mas, uma vez que você tenha reconhecido a essência sagrada da *Bhagavad Gita*, todos esses métodos parecerão não ter nenhuma utilidade.

A *Bhagavad Gita* descreve as qualidades de um devoto de muitas maneiras. Ela nos exorta a conquistar os seis inimigos internos do homem (*Arishadvarga*). É fácil dizer isso, mas difícil de colocar em prática. Nesse caso, quando é que isso se tornará fácil de praticar também? A resposta é, somente quando alguém reconhecer o fato de que Deus reside na forma da essência (*Rasa Swarupa*) em todos os cinco sentidos do corpo. Até que se reconheça esse fato, qualquer disciplina espiritual (*Sadhana*) que uma pessoa possa fazer, não dará a ela nenhuma satisfação. Mantendo uma pitada de sal na boca, mesmo que você tome uma bebida doce, ela terá um sabor salgado apenas. Ela não dará a você um sabor doce. Primeiro, você precisa cuspir o sal da sua boca e lavar a boca com água fresca. Em seguida, tome a bebida doce. Agora ela dará a você um sabor doce. Similarmente, somente quando você se livrar de suas más qualidades como raiva, ódio, inveja, egoísmo e ego, é que você será capaz de desfrutar da doçura e da santidade das boas qualidades como verdade, Amor, compaixão, tolerância, etc.

Devoção! Devoção! Devoção! (*Bhakti*! *Bhakti*! *Bhakti*!) O que é essa devoção (*Bhakti*)? Quais são as formas e a natureza da devoção (*Bhakti*)? Essas questões devem ser analisadas e compreendidas em primeiro lugar. O Amor (*Anurakti*) que alguém tem por Deus, é devoção (*Bhakti*). Isso parece um grande provérbio. Colocando de uma forma mais simples, a força vital de "*Bha*" existente em Deus

(*Bhagawan*), quando adicionada à força vital de "*Kti*" existente no Amor (*Anurakti*), torna-se "*Bhakti*" (devoção). Quando você continua a promover essa *Bhakti* (devoção), você obtém todas as outras coisas, tais como *Sakti* (energia), *Rakti* (desejo por Deus), *Virakti* (cessação dos desejos mundanos), *Anurakti* (Amor por Deus) e *Mukti* (liberação). O Amor (*Anurakti*) é a força que dá vida ao homem. Quando você assim cultivar o Amor (*Anurakti*) por Deus, você realizará a verdade de que, a quem quer que você ame, você está amando por causa de você mesmo. Isso é o que o sábio Yagnavalkya disse sobre devoção (*Bhakti*).

O homem é afligido pela doença do mundo (*Bhava Roga*). Suponhamos que estejamos afligidos pela doença da fome (*Aaakali Roga*). O remédio para essa doença é o alimento (*Anna*). Quando você ingere o alimento (*Anna*), a doença da fome (*Aaakali Roga*) é curada. Nós consideramos a comida como um prazer. Nós consideramos um jantar suntuoso com uma variedade de pratos como um grande prazer. Não, não. O alimento deve ser ingerido apenas como um remédio para a doença da fome. O homem acredita, por sua arrogância, que ele está desfrutando dos prazeres. Na verdade, isso não é um prazer, isso é apenas um sofrimento decorrente da doença. Realizando essa verdade, o homem deve proteger o seu corpo (*Deha*) até que ele reconheça o residente interno (*Dehi*). Nós estamos fazendo todas as nossas disciplinas espirituais (*Sadhanas*) somente através do corpo. Nós estamos aprendendo todo o conhecimento somente através do corpo. Nós estamos reconhecendo a unidade da Divindade somente através do corpo. Portanto, nós devemos sempre tentar realizar a Divindade (*Dehi*) através do corpo (*Deha*).

"*Deus não está em um país distante separado,*
Deus está verdadeiramente em seu próprio corpo.
O pecado não está em um lugar distante,
O pecado está verdadeiramente em suas próprias ações."

Pecado (*Papa*) ou mérito (*Punya*) surgem das ações executadas pelo corpo humano. É por isso que se deve buscar e buscar o residente interno (*Dehi*) no campo do corpo humano (*Deha*) e se apossar Dele. "Busque, busque, e isso será encontrado", assim diz o ditado. Somente quando fizermos uma busca intensiva, seremos capazes de encontrar a Divindade. Existe um depósito, onde são guardados vários artigos. Somente quando você entrar no depósito e fizer uma busca intensiva, é que você será capaz de localizar o artigo de que precisa. Você não pode obter o artigo antes de procurar por ele. Somente quando você bater na porta, é que o dono da casa, pelo lado de dentro, a abrirá. Somente quando você pedir para a mãe, é que ela lhe dará comida. Portanto, nós devemos pedir e pedir, bater e bater na porta, buscar e buscar do lado de dentro. Nós estamos, é claro, batendo em portas agora. Mas, nas portas de quem? Isso deve ser investigado. Nós estamos batendo na porta da liberação (*Moksha*) ou na porta da escravidão (*Bandhana*)? Nós estamos batendo na porta do Deus que habita em nós? Ou nós estamos batendo na porta da residência do demônio? Em quem nós estamos buscando refúgio? Nós estamos buscando refúgio na Mãe Divina que cuida de todas as nossas necessidades e nos alimenta com Amor? Ou nós estamos orando aos demônios e às pessoas más? Isso deve ser mantido em mente. Nós estamos vendo o Senhor, mas não estamos buscando a Divindade Dele. Nós estamos orando a Deus pela realização dos nossos desejos mundanos. Nós vamos à árvore dos desejos (*Kalpa Vriksha*) e pedimos por café em pó. Não, não. Nós devemos buscar a verdade transcendente, absoluta, dessa árvore celestial que realiza os desejos. Nós devemos, primeiro, acreditar na verdade de que Deus reside em nosso próprio corpo como o residente interno. Para reconhecer essa verdade, nós devemos direcionar nossa visão para o interior. De que espécie deve ser o nosso anseio por Deus?

"*Assim como um bezerro chora por sua mãe em um rebanho de vacas,*
Assim como uma esposa sofrendo as dores da separação chora por seu marido,
Assim como uma pessoa faminta implora por um bocado de comida."

Esse anseio intenso deve ser desenvolvido por um devoto para tornar-se um com Deus e fundir-se com Ele. Mas, as orações de hoje em dia se tornaram uma mera exibição. Eles têm uma coisa em sua mente e falam outra. Quando os pensamentos e palavras se tornam um, isso se torna uma oração. Quando pensamentos e palavras tomam a forma de ação, isso se torna adoração. Quando existe unidade em pensamentos, palavras e ações, a pessoa se torna uma grande alma (*Mahatma*). Sendo essa a situação, estamos nós seguindo esse princípio? Estamos nós experimentando essa unidade em nossa vida diária? Nós pensamos uma coisa, falamos outra coisa e agimos de modo totalmente diferente. Deus não aceitará esse desvio em nossos pensamentos, palavras e ações.

O resultado final que obteremos será de acordo com a nossa natureza. Conforme seja a farinha, assim será o bolo, conforme seja a comida, assim será o arroto e conforme seja o pensamento, assim será a expressão. Portanto, você deve fazer um esforço sincero para purificar seus pensamentos. Você deve cultivar o Amor puro. Você deve desenvolver tolerância. Não há nada mais grandioso que a tolerância neste mundo. "Tolerância (*Kshama*) é verdade (*Sathyam*). Tolerância (*Kshama*) é justiça (*Dharma*). Tolerância (*Kshama*) é *Veda*. Tolerância (*Kshama*) é não-violência (*Ahimsa*). Tolerância (*Kshama*) é felicidade (*Santosham*). Tolerância (*Kshama*) é compaixão (*Daya*). Tolerância (*Kshama*) é tudo neste mundo (*Sarvasvam*)", assim diz o ditado. *Kshama* significa paciência e tolerância. Quando você tem paciência, você será capaz de alcançar a Divindade. Hoje em dia, estamos desenvolvendo uma espécie de ansiedade e tensão em todas as questões triviais. Essa ansiedade e tensão são muito perigosas. Isso reduzirá a expectativa de vida de um indivíduo.

"*Um homem raivoso,*
Nunca terá sucesso em qualquer empreendimento,
Ele cometerá erros e atos pecaminosos,
Ele será detestado pela sociedade."

Não apenas isso,

“*A raiva destruirá sua riqueza,*
A raiva arruinará sua honra e prestígio,
A raiva o afastará de seus amigos e parentes.
As pessoas perderão tudo por conta da raiva.”

O Senhor Krishna exortou repetidamente na *Bhagavad Gita* a cultivar uma disposição amorosa (*Prema Thathwa*) a fim de deter as más qualidades como tensão, inveja, ciúme, orgulho, etc. O Amor (*Prema*) não conhece ódio (*Dwesha*). O Amor não permite espaço para o egoísmo. O Amor não busca o favor de ninguém. O Amor sempre dá e perdoa. É por isso que o Amor é Divino. Para alcançar essa Divindade, devemos cultivar qualidades Divinas em nós. Para olhar para a Lua, não é necessário o auxílio de uma lanterna ou de uma lamparina. A Lua pode ser vista com a própria luz da Lua. Similarmente, o Deus amoroso pode ser alcançado pelo próprio Amor. Não é necessário executar nenhuma prática espiritual (*Sadhana*), tal como a repetição de *Mantras* (*Japa*), austeridades (*Thapas*) ou meditação (*Dhyana*). No entanto, até que o nosso Amor alcance o estágio de frutificação, essas práticas espirituais (*Sadhanas*) são necessárias. Embora a Lua esteja brilhando intensamente, se nós fecharmos os nossos olhos, como poderemos ver a Lua? As ações sagradas (*Karmas*) tais como a repetição de *Mantras* (*Japa*), austeridades (*Thapas*), meditação (*Dhyana*), canto devocional (*Bhajana*), etc., irão ampliar nossa visão. Mas, ao mesmo tempo, devemos reconhecer a verdade de que essas práticas espirituais (*Sadhanas*) adquirirão propósito e significado somente quando colocarmos em prática seu significado interno. Portanto, se empregarmos pelo menos uma hora por dia nessas atividades sagradas, nosso corpo será santificado. Nós também acumularemos algum mérito (*Punya*). Eu desejo e os exorto a desenvolverem esses sentimentos Divinos, e a santificarem cada minuto do seu tempo, e a se tornarem almas bem-aventuradas.

Prasanthi Nilayam, 6 de Agosto de 1984.

6

Três Etapas Essenciais para o Aspirante Espiritual

"Oh! Arjuna! Através de uma devoção unidirecionada, Eu posso, nesta forma, ser conhecido, e ser visto verdadeiramente, e também ser realizado" (*Bhakthyaa Thwananyayaa Sakya Ahameva Vidhorjuna Jnatum Drashtumcha Tathwena Praveshtum Cha Parantapa*).

Essa declaração descreve com beleza a evolução espiritual progressiva do aspirante espiritual (*Sadhaka*). Para um aspirante espiritual, existem três etapas mais importantes, a saber, o conhecimento (*Jnatum*), a visão (*Drashtum*) e a realização (*Praveshtum*).

A palavra "*Jnatum*" significa a firme convicção de que Deus existe. Essa convicção pode ser adquirida de um mestre, de uma grande alma ou pela leitura das escrituras. Ao ouvir e ler, o aspirante espiritual (*Sadhaka*) é capaz de desenvolver uma firme convicção sobre a existência de Deus.

Mas ele não ficará satisfeito com o simples conhecimento da existência de Deus. Essa é apenas uma etapa preliminar. Esse é o estágio dualista (*Dwaitha*). Ele não ficará satisfeito apenas com esse conhecimento. Ele agora deseja ver e experimentar Deus, em cuja existência ele acredita. Esse tipo de anseio se desenvolve internamente no aspirante espiritual (*Sadhaka*). Mesmo esse simples anseio não é suficiente. O desejo intenso de ver Deus deve permear constantemente a mente do devoto. Ele precisa desenvolver um desejo de ver aquela forma do Senhor sobre a qual ele ouviu e leu antes.

Um pequeno exemplo para isso. Uma vez, havia um vaqueiro. Embora ele fosse extremamente pobre, ele tinha intensa devoção em relação aos assuntos espirituais e a Deus. Nesse mesmo vilarejo havia um erudito (*Pandit*) que costumava reunir

alguns moradores do vilarejo à noite todos os dias e contar histórias para ensinar a eles a glória de Deus e conduzi-los ao caminho da devoção. Portanto, durante o dia o vaqueiro costumava cuidar do seu trabalho e à noite, após devolver o gado aos seus respectivos lugares, ele costumava assistir às sessões do erudito (*Pandit*) sobre as escrituras (*Puranas*).

Em um determinado dia, o erudito (*Pandit*) estava descrevendo com muita beleza a forma e os atributos do Senhor Vishnu. Ele dizia repetidamente, "O Senhor Vishnu tem a pele escura. Ele monta em uma ave branca. Ele usa linhas de cinza sagrada (*Vibhuti*) em Sua testa. Ele realiza os desejos dos devotos que O adoram. Ele também partilha do alimento que é oferecido a Ele (*Naivedyam*). Isso é absolutamente verdadeiro". O erudito (*Pandit*) também garantiu que aqueles que eram devotados ao Senhor Vishnu certamente poderiam experimentar esse milagre. Essa descrição do Senhor Vishnu produziu uma impressão no coração do vaqueiro. Não apenas isso, o erudito (*Pandit*) também descreveu que o Senhor Vishnu gostava de música devocional e era possível obter Sua graça por meio de orações e canções. O vaqueiro costumava levar mingau de *Ragi* (*Ambali*) diariamente para o seu almoço. Conforme instruído pelo erudito (*Pandit*), diariamente ao meio-dia ele costumava oferecer o mingau como oferenda (*Naivedyam*) ao Senhor Vishnu, e cantava assim,

"*Oh! Senhor, cuja pele é escura,*
Que monta em uma ave branca,
Venha suave e docemente,
Partilhar desta agradável oferta."

O vaqueiro repetiu essa oferta diariamente por uma semana. Porém, o Senhor Vishnu não aparecia diante dele nem partilhava de sua oferta. Desde que Vishnu não partilhava do mingau oferecido por ele, ele também decidiu abrir mão da sua refeição e trazia o mingau de volta para sua casa diariamente. Quando esse processo se repetiu por uma semana, ele ficou muito fraco. Ele fez uma

introspecção, pensando, “Talvez eu não tenha conseguido cantar adequadamente. Talvez eu não tenha conseguido agradar ao Senhor com o meu canto”. Então ele praticou a canção por algum tempo e a afinou para derreter o coração do Senhor. Depois disso, como de costume, ele foi para a floresta levando o gado junto com ele. Ele estava com muita fome. Mas ele não queria comer sua comida sem oferecê-la ao Senhor Vishnu. Portanto, ele começou a cantar sua canção novamente na melodia que ele havia praticado.

“*Oh! Senhor, cuja pele é escura,*
Que monta em uma ave branca,
Venha suave e docemente,
Partilhar desta agradável oferta.”

Quando a afinação (*Raga*), o ritmo (*Thala*), o sentimento (*Bhava*), e a melodia (*Sruthi*) assim se uniram e fluíram em uma canção melodiosa, o Senhor Narayana (Vishnu) apareceu. Em que forma? Ele apareceu diante do vaqueiro como um sacerdote (*Brahmana*). O vaqueiro O questionou, “Quem é Você, Senhor? De onde Você veio? Você é um viajante?” O Senhor Narayana disfarçado de sacerdote (*Brahmana*) respondeu, “Eu sou Narayana. Desde que você orou por Mim, Eu vim para conceder a você a Minha visão (*Darshan*)”. Lembrando-se de que o Senhor Narayana gostava de canto devocional, o vaqueiro cantou,

“*Essa forma não guarda semelhança,*
Com a descrição feita pelo erudito (Pandit).
Suas características não são aquelas do Senhor.”

O menino começou a se sentir pesaroso de que ele não fosse capaz de ver o que o erudito (*Pandit*) havia dito a ele, ou seja, que na face de compleição escura de Narayana haveria linhas de cinza sagrada (*Vibhuti*) e que Ele estaria montado em uma ave branca, etc. Esse aspirante espiritual (*Sadhaka*) desejava ver “*Jnatum*” como “*Drashtum*”, ou seja, ele queria ver o Senhor Narayana na mesma forma em

que ele havia aprendido sobre Ele com o erudito (*Pandit*). Mas Deus não tem uma forma particular. Ele é descrito como aquele que tem milhares de cabeças, milhares de olhos e milhares de pés (*Sahasraseershah Purushah Sahsraaksha Sahasrapaad*). Como é possível confiná-Lo a uma forma particular quando, de fato, Ele possui milhares de cabeças, olhos e pés? Mas, para agradar a Seus devotos, Deus aparece na forma contemplada, desejada e ouvida por eles. Essa forma é a forma contemplada pelos Devotos, mas não a Sua forma real. Deus é "*Bhava Priya*", ou seja, Ele ama os sentimentos internos dos devotos. Ele concede a Sua visão (*Darshan*) aos devotos nas formas contempladas pelos devotos. Deus, portanto, finalmente apareceu na forma do Senhor Narayana conforme contemplado pelo vaqueiro.

"Eu ouvi sobre Deus e também vi Sua forma, mas, como faço para me fundir Nele?" Assim prosseguiram os pensamentos do vaqueiro. O aspirante espiritual (*Sadhaka*) não estará satisfeito simplesmente por ouvir sobre Deus e ver a Sua Divina forma. Ele precisa se fundir Nele. Somente então ele estará satisfeito. Aqui, o Senhor Narayana concedeu a Sua visão (*Darshan*) ao vaqueiro e desapareceu imediatamente. Mantendo a forma do Senhor impressa em seu coração, ele foi para casa e começou a examinar seriamente o método pelo qual ele poderia alcançar o Senhor Narayana.

O aspirante espiritual (*Sadhaka*) reúne conhecimento sobre a forma e os atributos de Deus pelo estudo das escrituras, dos ensinamentos dos *Gurus*, e por ouvir dos devotos que tiveram experiências Divinas. Esse é o estágio do conhecimento (*Jnatum*). Um verdadeiro aspirante espiritual (*Sadhaka*) não estará satisfeito com essa experiência limitada. Esse é um estágio de dualismo (*Dwaitha*). A partir desse estágio, ele tentará alcançar o estágio de não-dualismo qualificado (*Visishtadwaitha*). O que é isso? Agora ele quer ter a visão (*Darshan*) do Senhor. Como? O que precisa ser feito para ter a visão (*Darshan*) do Senhor? Constante contemplação sobre a forma e os atributos do Senhor, sobre os quais ele ouviu antes (*Sathatam Manaha*). O que quer que seja visto, o que quer que seja ouvido,

qualquer ato que seja executado, quaisquer pensamentos que sejam cultivados, o aspirante espiritual (*Sadhaka*) deve se tornar um com a forma do Senhor de sua escolha. No início, ele deve desenvolver uma imagem mental do Senhor. Essa imagem mental então se torna a imagem de contemplação e finalmente se transforma na imagem da visão desejada (*Sakshatkara Chitra*). Com o tempo, um belo dia, ele será abençoado com a visão Divina do Senhor diretamente. Não somente isso, ele será capaz de ter um diálogo (*Sambhashan*) com o Senhor. Tendo assim uma visão (*Darshan*) direta e um diálogo (*Sambhashan*) com Deus, o aspirante espiritual (*Sadhaka*) alcançará alguma satisfação.

Mas, um verdadeiro aspirante espiritual (*Sadhaka*) não estará satisfeito nem mesmo com essa experiência de visão (*Darshan*) e diálogo (*Sambhashan*). Ele quer alcançar a Divindade. "Eu ouvi sobre Ele, eu obtive Sua visão (*Darshan*), mas eu devo me fundir Nele", assim continuam seus pensamentos. A visão (*Darshan*) do Senhor é o estágio da visão (*Drashtum*). Agora, é hora de fundir-se Nele (*Praveshtum*). Mas, como? No estágio do conhecimento (*Jnatum*), a posição do aspirante espiritual (*Sadhaka*) é que ele é diferente de Deus. Isso é dualismo (*Dwaitha*). Isso se desenvolve em um sentimento de que ele é parte do Divino, no estágio da visão (*Drashtum*). Isso é não-dualismo qualificado (*Visishtadwaitha*). Agora, surge a questão de como alcançar o estágio em que ele e Deus se tornam uma mesma essência. Isso é não-dualismo (*Adwaitha*). O aspirante espiritual (*Sadhaka*) contempla constantemente esse aspecto. "Eu devo me fundir Nele ou Ele deve se fundir em mim. Somente então eu e Ele nos tornaremos um". Assim, seu desejo continua, dia após dia, todo o tempo.

Enquanto o rio flui, seu nome e forma permanecem diferentes. Uma vez que ele se funde com o oceano, o rio perde sua identidade separada e adquire o nome, a forma e a identidade do oceano. Similarmente, se uma pessoa deseja se fundir na Divindade, ela deve ter somente sentimentos Divinos, pensamentos Divinos e ações Divinas. Cada aspecto de sua vida deve se tornar Divino. Nesse estágio, ela se esforça por cultivar qualidades Divinas como abnegação e tolerância. Ela se

esforça para alcançar a unidade com Deus, em pensamento, palavra e ação. Um dia, ela finalmente consegue realizar seu desejo. Essa é a meta suprema da sua vida. “É natural para os seres regressarem ao seu local de origem”. Somente então ela terá alcançado a realização. Esse é o segredo da vida humana.

Existem muitas variedades de manga no mundo. Entre elas, cada um de nós desenvolve um gosto especial por uma variedade particular, como *Banginapalle* ou *Bunder Rasam*. Quando nós ouvimos de nossos amigos que essa variedade está agora disponível no mercado, nós ficamos muito felizes. Mas, apenas isso não nos concede felicidade completa. A verdadeira alegria vem somente depois que compramos a fruta e a ingerimos. Isso significa que a verdadeira alegria vem somente de nossa experiência direta. Nesse ínterim, nós estaremos apreensivos sobre se o estoque vai durar até nós irmos ao mercado. Nós vamos ao mercado e vemos as frutas. Nós agora estamos felizes em ver que nossa fruta favorita está disponível. Mas, nosso desejo pela fruta ainda não foi satisfeito. Nós compramos a fruta e ficamos muito felizes em ver a fruta de nossa predileção realmente disponível em nossas mãos. Qual é o motivo dessa felicidade? É porque nós desenvolvemos um gosto especial por essa variedade de fruta. Essa felicidade é a reação e o reflexo do nosso gosto pela fruta. Nossos sentimentos internos buscam satisfação externa também. Os objetos que vemos no mundo externo são todos reflexos do nosso ser interno. Alguns de nossos sentimentos estão firmemente estabelecidos em nosso ser interior. Para buscar a sua realização no mundo externo, nós precisamos fazer algum esforço especial. Consequentemente, nós trazemos a fruta para casa, limpamo-la, retiramos a casca e tomamos o suco. De fato, nós tomamos o suco com alegria. Depois disso, não há fruta em separado. O suco da fruta se fundiu em nosso sistema e se tornou parte integrante de nosso sistema. Agora nós estamos totalmente felizes. Nesse processo, saber que a fruta de nossa preferência chegou ao mercado é o estágio do conhecimento (*Jnatum*). Depois desse conhecimento, de alguma forma nós conseguimos dinheiro e vamos ao mercado para ver a fruta. Esse é o estágio da visão (*Drashtum*). Comprar essa fruta e apreciá-la é o estágio da realização (*Praveshtum*).

Mas, estão os aspirantes espirituais (*Sadhakas*) da atualidade seguindo esse procedimento? Nós podemos estudar vários livros, ouvir vários discursos de grandes homens, mas nós não estamos fazendo nenhum esforço sério para desenvolver um intenso desejo de ver Deus. Nós estamos contentes com o mero conhecimento de que Deus existe.

Existem várias pessoas instruídas e estudantes nessa assembleia. Um estudante não se satisfaz em entrar para a primeira série. Todo ano ele quer ser promovido para a série seguinte. Se ele permanecer na mesma série por dois anos, ele ficará desanimado. Não apenas isso. Ele sente uma sensação de vergonha entre seus colegas. Similarmente, se nós continuarmos apenas no estágio de dualismo (*Dwaitha*), nós seremos olhados com desprezo por nossos companheiros aspirantes espirituais (*Sadhakas*). Eles irão nos interpelar, dizendo, “Essa pessoa é um aspirante espiritual (*Sadhaka*)! Ela tem estudado as escrituras, assistido a discursos e entoado hinos *Védicos* por muitos anos. Qual é a utilidade? Ela está no mesmo estágio em que estava”. Portanto, deve-se subir do estágio de dualismo (*Dwaitha*) para o estágio de não-dualismo qualificado (*Visishtadwaitha*). O que isso significa? O conhecimento sobre a existência de Deus, adquirido através da leitura e da escuta deve ser convertido em uma visão do Divino em nossa meditação (*Dhyana*) ou através da repetição do nome do Senhor (*Japa*) ou por qualquer outro método de contemplação constante. Esse é o segundo estágio. Mas, mesmo nesse estágio, nós não podemos permanecer satisfeitos com a visão (*Darshan*), o toque (*Sparshan*) e o diálogo (*Sambhashan*) do Senhor. Nós devemos nos tornar um com o Senhor. Nós devemos nos fundir Nele. Nós devemos obter uma experiência de “Eu sou Deus”, “Eu e Deus somos somente um”. Essa experiência não dualista (*Adwaitha*) deve ser cuidadosamente preservada em nosso coração. Nós não teremos nenhum descanso ou paz até alcançarmos esse estágio supremo.

Hoje em dia, o homem deseja descanso para o corpo e paz para a mente. Apenas nessa medida. O próximo estágio é alcançar a paz do *Atma*. Quando surge a paz do *Atma*? Quando o ser individual (*Jivatma*) se funde no Ser supremo (*Paramatma*). O *Atma* é sempre uma encarnação da paz.

O rio nasce do oceano. Ele tinha tomado a forma de nuvens. Quando tomou a forma de nuvens, ele se tornou uma entidade dualista (*Dwaitha*). O oceano é diferente e as nuvens são diferentes. Nessa forma dualista (*Dwaitha*), existe a forma não dualista qualificada (*Visishtadwaitha*) na forma de sabor. A água do mar é salgada. Quando ela evapora pelo calor do Sol e toma a forma de nuvens, existe doçura nela. Isso é não-dualismo qualificado (*Visishtadwaitha*). Quando essas nuvens de doces gotas de Amor por Deus irrompem em chuva, o rio é formado. Esse rio, por sua vez, dança e corre em êxtase para chegar ao seu local de origem, ou seja, o oceano. Esse é o intenso anseio do estágio da visão (*Drashtum*). "Eu devo alcançar a minha morada original. Durante essa jornada, eu devo sofrer quaisquer mudanças que sejam requeridas. Finalmente, eu devo alcançar minha meta e experimentar essa suprema bem-aventurança". Com essa meta, o rio flui continuamente e finalmente se funde com o oceano. Esse é o estágio final de não-dualismo (*Adwaitha*).

Nós nascemos como seres humanos e estamos vivendo como seres humanos. Nós começamos a jornada de nossa vida como aspirantes espirituais (*Sadhakas*). Nós nos juntamos à companhia de aspirantes espirituais (*Satsang*). Nós estamos ouvindo as histórias de Deus. Isso não é suficiente. Nós devemos executar uma disciplina espiritual (*Sadhana*) para ter a visão do Senhor. Mesmo isso não é suficiente. Nós não devemos nos contentar com a visão (*Darshan*), o toque (*Sparshan*) e o diálogo (*Sambhashan*) do Senhor. Nós devemos nos tornar um com Ele. Somente então haverá realização em nossa vida. Foi isso que o Senhor Krishna ensinou a *Dhanunjaya* (Arjuna).

Arjuna tem vários nomes como Arjuna, *Phalguna*, *Partha*, *Swethavahana*, *Bheebhatsa*, *Kireeti*, *Savyasaachi*, *Dhanunjaya*, etc. Esses títulos foram conquistados por ele por executar vários atos heróicos. Várias pessoas têm vários títulos neste mundo. Por exemplo, *Padma Sri*, *Padma Vibhushan*, etc. Quem está conferindo esses títulos? Eles são conferidos pelo governo. Mas quem conferiu os títulos a Arjuna? Em verdade, foi o próprio Senhor Krishna. Qual é o último título conferido pelo Senhor Krishna a Arjuna? Krishna disse, "Meu filho! Você não é filho da falsidade! Você é, verdadeiramente, filho da imortalidade!" (*Srunvanthu Viswe Amrthasya Puthra*). Ele também aconselhou Arjuna a não dar crédito algum à falsidade. Arjuna fez austeridades por vários anos para obter o arco Gandiva, com coragem destemida e firme resolução e, finalmente, superando todas as dificuldades e adversidades, ele conseguiu obtê-lo. Desde que ele assim conseguiu obter o arco (*Dhanus*), ele recebeu o título de "conquistador do arco" (*Dhanunjaya*). O título "*Dhananjaya*" também é pronunciado como "*Dhanunjaya*" no uso normal. Mas a palavra "*Dhananjaya*" também tem um significado. Dharmaraja queria executar o ritual de sacrifício de *Rajasooya* (*Rajasooya Yagna*). Naquela época, Duryodhana, Dussasana e os outros filhos perversos de Dhritharashtra estavam governando o reino. Os Pandavas não tinham nem um centavo (*Paisa*) em seu tesouro. Então Dharmaraja disse a Arjuna, "Oh! Meu irmão mais novo! Não é uma tarefa simples executar o *Rajasooya Yagna*. Por um lado, Krishna deseja que nós executemos esse *Yagna*. Por outro lado, nós não temos nenhum dinheiro para executar essa gigantesca tarefa. Como reunir o dinheiro requerido para isso?" A isso, Arjuna respondeu, "Oh! Meu irmão mais velho! Por que você se preocupa? Nós temos a árvore dos desejos (*Kalpavriksha*) conosco! Quando o Senhor Krishna, o protetor de todo o universo, está conosco, onde está a questão da falta de dinheiro? Se Ele uma vez me abençoar e me enviar para buscar o dinheiro, eu posso trazer qualquer quantia". Assim dizendo, ele embarcou em uma missão de coleta de doações. Quando as pessoas ouviram as notícias sobre o *Rajasooya Yagna* sendo executado por Dharmaraja, nem uma única pessoa se recusou a doar dinheiro. Na verdade, Arjuna não encontrou necessidade de bater à porta de ninguém. Os próprios reis se ofereceram para

fornecer o dinheiro requerido para esse propósito. Arjuna trouxe essa enorme quantidade de dinheiro carregando-a sobre elefantes. O dinheiro vertia em montes e montes. O Senhor Krishna viu essa caravana de elefantes carregando enormes quantidades de dinheiro e perguntou, “Dharmaraja! De onde você tirou essa quantidade enorme de dinheiro?”, como se Ele não estivesse ciente disso. Então Dharmaraja apontou para Arjuna e disse que isso era tudo por causa dele. Naquele momento, Krishna chamou Arjuna pelo nome de “*Dhananjaya*”, o conquistador de riquezas. Existe um outro nome, “*Partha*”, para Arjuna. Porque ele é o filho de *Prithvi* (*Pritha*), ele é chamado de “*Partha*”. No decorrer do tempo, tentaremos compreender mais sobre os significados desses nomes de Arjuna.

Prasanthi Nilayam, 7 de Agosto de 1984.

7

Controle dos Sentidos

“O controle da língua é a principal entrada para o *Yoga*”, diz a *Bhagavad Gita*. A *Bhagavad Gita* declarou que é impossível entrar no *Yoga* e alcançar a Divindade sem controlar a própria língua, que é um órgão dos sentidos muito importante.

Um ser humano possui cinco órgãos dos sentidos. Esses órgãos dos sentidos devem ser utilizados com cuidado e completo conhecimento. Se o fogo for manuseado com cuidado, ele será útil. Mas, o mesmo fogo, se for manuseado com negligência, ele será perigoso. Similarmente, tanto a faca quanto a eletricidade são úteis ao homem quando utilizadas com pleno conhecimento sobre seus aspectos positivos e negativos. Mas, quando elas são utilizadas sem conhecimento, elas são prejudiciais. Assim, é nosso cuidado ou negligência que é responsável pela utilidade ou pelo prejuízo, pelo bem ou pelo mal. É por isso que a Filosofia *Vedanta*, ao explicar sobre o poder dos sentidos, nos exortou a nos conduzirmos com pleno conhecimento e consciência.

Entre os cinco órgãos dos sentidos que um ser humano possui, cada um é dotado de uma faculdade específica. Mas, somente a língua é dotada de dois tipos de poderes, o poder da fala e o poder do paladar. É por isso que o Senhor Krishna nos aconselhou a fazer uso da língua com muito cuidado. “Um aspirante espiritual (*Sadhaka*) que mantenha sua língua sob controle terá um coração puro, inabalável e altruísta, e ele certamente alcançará a Divindade”, diz o Senhor Krishna.

É por essa razão que os aspirantes espirituais (*Sadhakas*), desde os tempos antigos, estão observando várias práticas como *Chaturmaasya Vratha*, *Ekadasi Vratha*, etc. *Chaturmaasya Vratha* significa, por quatro meses, na estação chuvosa, restringir a quantidade de alimento (*Mithahara*) e observar voto de silêncio (*Mouna Vratha*), mantendo assim a língua sob completo controle com relação à comida e à fala. O

Ekadasi Vratha também é observado para o mesmo propósito. Isso manterá o corpo saudável e a mente em um estado de bem-aventurança. A ingestão excessiva de alimentos é muito perigosa para a saúde. Alimentos com uma variedade de sabores conduzem o aspirante espiritual (*Sadhaka*) a um estado de sonolência (*Thamas*). Por um lado, você ingere uma quantidade excessiva de alimentos com uma grande variedade de sabores e, por outro lado, você diz que é capaz de alcançar a Divindade e sentir Sua presença. Não, não. Isso não é possível.

Em primeiro lugar, você deve controlar a sua língua. Uma vez que isso tenha sido feito, todos os outros sentidos cairão sob o seu controle por conta própria. Os aspirantes espirituais (*Sadhakas*) de hoje em dia estão observando várias práticas, mas eles são incapazes de compreender a natureza do órgão dos sentidos mais importante, ou seja, a língua, e colocá-la sob seu controle. Um aspirante espiritual (*Sadhaka*) não precisa controlar todos os dez órgãos dos sentidos (*Indriyas*). Se apenas um órgão dos sentidos, isto é, a língua, for controlado, todos os outros órgãos dos sentidos cairão sob seu controle. Porque o homem hoje é incapaz de controlar sua língua, várias explosões emocionais, agitações, dúvidas e instabilidades estão se desenvolvendo em sua mente. Não existe nada mais valioso neste mundo do que a palavra. Portanto, manter nossas palavras e nossa língua sob controle é a prática espiritual (*Sadhana*) mais importante.

O homem hoje em dia está fazendo vários sacrifícios para alcançar coisas insignificantes. Ele está preparado para sacrificar até mesmo a sua vida, para alcançar coisas triviais. Na verdade, a realização do Ser é a conquista mais grandiosa. Esse é o estado mais bem-aventurado. Ele sustenta todas as coisas. Para alcançar esse estado supremo, o homem deveria fazer um sacrifício. Estritamente falando, alguma coisa precisa ser sacrificada para se alcançar qualquer coisa neste mundo. Quando você quer comprar legumes no mercado, você precisa pagar. Sem pagar dinheiro, nada pode ser comprado na loja. Isso significa que alguma coisa é sacrificada para se obter alguma outra coisa.

Similarmente, se você quiser desenvolver boas qualidades em você, você terá que sacrificar as más qualidades. Quando você sacrifica a desigualdade, você obtém a igualdade. Quando você sacrificar os maus pensamentos, você obterá bons pensamentos. Sem sacrificar as más intenções, os maus pensamentos e as más qualidades, como você poderá obter boas intenções, bons pensamentos e boas qualidades?

Mantendo a língua sob controle, se você cuidar para que ela esteja satisfeita com uma quantidade limitada de alimento e uma quantidade limitada de conversa, você facilmente obterá a felicidade. Esse estado de serenidade é chamado de "*Mouna*". *Mouna* não significa simplesmente se abster de falar. As agitações mentais também devem ser silenciadas. Para esse propósito, você também deve manter controle sobre os alimentos que você ingere. Você não deve dar à língua qualquer tipo de alimento que ela demande. Você deve desenvolver um senso de discernimento quanto ao que é o Ser (*Atma*) e o que é não-Ser (*Anatma*), o que é permanente (*Nithya*) e o que é impermanente (*Anithya*). Esse poder de discernimento é chamado de *Yoga* do intelecto (*Buddhi Yoga*). Você deve utilizar esse poder de discernimento para avaliar qual é a qualidade (*Guna*) do alimento que você ingere, ou seja, pureza (*Sathwa*), atividade (*Rajas*) ou inércia (*Thamas*). Você também deve cuidar para que o alimento que você ingere seja adequado para você (*Hitha*) e em quantidade limitada (*Mitha*). Quando você assim inquirir e ingerir um alimento adequado (*Hitha*) e em quantidade limitada (*Mitha*) com pleno conhecimento, você não será perturbado por quaisquer forças externas. Se você, por outro lado, sem fazer qualquer inquérito desse tipo, ingerir o alimento simplesmente para satisfazer o seu paladar, você estará sujeito a apego (*Raga*) e aversão (*Dwesha*).

Por causa do alimento que ingerimos, nós estamos facilmente caindo presas de elogio e desprezo e nos tornando perturbados e deprimidos. Essas perturbações e depressões mentais reduzem um homem completo a um quarto de homem. O mundo inteiro parece ser um vazio para tal pessoa. Ela se afunda em profunda

tristeza. Ela sente que a vida não vale a pena ser vivida. A razão para essa fraqueza é seu alimento. Por outro lado, se alguém lança um pequeno elogio sobre ela, ela se torna exaltada. Sua alegria não conhece limites. Sentir-se exaltado quando elogiado e deprimido quando desprezado não é apropriado. Não sentir-se exaltado nem deprimido é um sentimento de equanimidade (*Sama Thathwa*). Para desenvolver esse estado de equanimidade mental, a *Bhagavad Gita* recomendou a pureza dos alimentos (*Ahara Suddhi*).

Nós não devemos ingerir nenhum alimento sem submetê-lo a três tipos de purificação (*Suddhi*), quais sejam, a pureza dos recipientes utilizados (*Paathra Suddhi*), a pureza dos ingredientes utilizados (*Padaartha Suddhi*) e a pureza da pessoa que prepara os alimentos (*Paaka Suddhi*). Com relação à pureza dos ingredientes utilizados, deve ser inquirido se esses ingredientes foram comprados com dinheiro obtido ilicitamente ou se foram comprados com dinheiro obtido através do trabalho honesto. Deve ser inquirido se esses ingredientes foram obtidos através de roubo. Se foram obtidos penalizando os outros ou através de sua sincera contribuição, etc. O alimento que é obtido por meios ilegais não apenas causa problemas de saúde, mas também desenvolverá más qualidades. Para garantir a pureza da pessoa que prepara os alimentos, deve-se questionar com que intenção e sentimentos ela está preparando o alimento e se ela está fazendo isso com um coração puro.

Dentre esses três tipos de pureza (*Suddhi*), nós podemos apenas garantir a pureza do recipiente utilizado para preparar o alimento (*Paathra Suddhi*). Mas, a pureza dos ingredientes utilizados (*Padaartha Suddhi*) e a pureza da pessoa que prepara os alimentos (*Paaka Suddhi*) não estão em nossas mãos. Não sabemos se os produtos da loja ou os vegetais do mercado foram roubados de algum lugar ou se foram trazidos de sua horta ou se foram obtidos por meio de trapaças. Qualquer coisa é possível. Similarmente, nós não sabemos se as pessoas que preparam o alimento o fazem com um coração puro.

É por isso que, antes de partilhar do alimento, ele deve ser oferecido a Deus com uma oração, "*Brahmarpanam Brahma Havihi Brahmagnow Brahmanahutham Brahmaiva Thena Ganthavyam Brahma Karma Samadhinaa*". Quando nós fazemos isso, todos os três tipos de pureza (*Suddhi*) acima mencionados irão se acumular no alimento.

É somente para esse propósito que a *Bhagavad Gita* nos exortou a oferecer essa oração antes de partilharmos do alimento. Isso não é nem uma imposição nem uma regra prescrita pela *Bhagavad Gita*. Antes de você oferecer o alimento a Deus com uma oração, ele é apenas alimento, mas, depois de oferecer o alimento a Deus, ele se torna um alimento sagrado (*Prasada*). Nesse alimento sagrado (*Prasada*) não haverá mácula ou contaminação de qualquer espécie. Nossa oração removerá todos os três tipos de impurezas, nomeadamente, a impureza dos recipientes utilizados (*Paathra Dosha*), a impureza dos ingredientes utilizados (*Padaartha Dosha*) e a impureza da pessoa que preparou o alimento (*Paaka Dosha*). É por essa razão que a *Bhagavad Gita* nos exortou a ingerir alimentos puros (*Sathwa*), em quantidade limitada, controlando nossa língua.

O segundo poder que a língua exerce é a palavra que é falada por ela. Uma simples palavra pode mudar a mente de uma pessoa ou partir seu coração. Ela pode sustentar a vida e conduzi-la à sua meta ou arruiná-la completamente. É possível obter uma mudança de coração através das palavras. Todo o processo de transformação mental depende das palavras. Mas, vários cientistas não acreditam nessa afirmação. "Como é possível mudar a mente de uma pessoa com simples palavras? Que experimentos devem ser realizados para esse propósito? Não é impossível estabelecer o poder de um material sem conduzir experimentos? A transformação mental não é visível a olho nu. Ela é apenas a percepção de uma pessoa", assim argumentam os cientistas materialistas. Certa vez, havia um professor que estava proferindo um discurso espiritual para um grupo de estudantes. Um oficial do serviço público (I.A.S.), que trabalhava como secretário de educação, chegou até lá para uma inspeção. Esse professor estava ensinando

elevados conceitos espirituais aos estudantes por longas horas. O oficial estava aborrecido com o método de ensino desse professor. Por esse motivo, ele o questionou, “Senhor! Qual é a utilidade de ensinar um assunto tão intrincado a esses jovens estudantes de tantas maneiras e por um período tão longo? Não é melhor ensinar a eles um ou dois tópicos importantes e pedir a eles que memorizem e mais tarde os coloquem em prática? Não é bom de sua parte perturbá-los assim. Eles podem não ser capazes de suportar tamanha tensão física e mental. Esses jovens não conseguem compreender verdades filosóficas tão intrincadas”. A essa pergunta, o professor respondeu, “Senhor! É somente nessa idade jovem que a mente desses estudantes será pura e receptiva. Portanto, é deveras imperioso promover uma transformação mental neles por meio desses ensinamentos, somente nessa idade”. O oficial, entretanto, tinha suas próprias dúvidas a respeito. Portanto, ele disse, “Eu não acredito no que você diz. Como pode a mente mudar com meras palavras? Impossível”. O professor tentou explicar e convencer o oficial, citando vários exemplos. Mas ele não conseguia compreender. Excesso de educação prejudica o intelecto de uma pessoa numa certa medida. Ele cria mais dúvidas. Ele aumenta a inteligência, mas diminui a humildade de uma pessoa. Esse professor tentou por muito tempo convencer o oficial, mas sem sucesso. Portanto, ele decidiu dar uma resposta adequada por meio da ação. Ele chamou um estudante e pediu a ele para colocar o oficial para fora da sala de aula. Ao ouvir essas palavras, o oficial não conseguiu controlar sua raiva. Ele replicou, “Ei! Quem você pensa que eu sou? Eu sou um alto oficial. Você está tentando me colocar para fora desta sala, com a ajuda de um garotinho? Quão arrogante é você? Quão egoísta?” Assim, ele continuou gritando com o professor. O professor respondeu a essa explosão de raiva com muita calma e disse, “Senhor! Eu não o repreendi ou bati em você. Foi apenas uma palavra que feriu sua mente em tal medida. Por uma simples palavra você está ficando tão irritado. Você é capaz de realizar agora que uma palavra falada pode causar qualquer quantidade de mudança em outras pessoas? Você concorda que a palavra é tão poderosa?” Agora que o oficial teve uma experiência direta da potência da palavra, ele saiu em silêncio. Assim, uma palavra é muito poderosa. Ela pode até queimar o mundo inteiro.

Mesmo uma árvore derrubada com uma lâmina afiada brotará novamente. Mas, uma mente quebrada por palavras duras não pode ser restaurada novamente. Mesmo uma barra de ferro pode ser soldada pelo ferreiro, uma, duas ou três vezes. Mas, se a mente é quebrada por palavras duras, alguma coisa pode restaurá-la novamente? É a palavra que é responsável por partir um coração ou restaurá-lo. Portanto, nós devemos nos assegurar de que as palavras que falamos não firam ninguém. Se sua perna escorregar, não há mal algum. Mas, se sua língua escorregar, isso é um verdadeiro inferno. A lesão sofrida por conta de um escorregão da perna é visível e pode ser curada por um médico. Mas, a lesão sofrida pela mente devido a palavras ásperas e dolorosas não é visível. Nenhum médico na Terra pode reparar essa lesão. Portanto, nós não devemos nunca usar palavras que firam outras pessoas. Mais cedo ou mais tarde, as palavras duras que usamos repercutem sobre nós mesmos. Portanto, fale sempre palavras suaves e doces, com Amor. É dito, "Oh! Língua! Oh! Língua, que conhece o sabor! Oh! Sagrada língua! Oh! Língua, que protege a honra e o prestígio! Cante sempre os nomes do Senhor!" (*Jihve Rasajne Madhura Priye Twam Satyam Hitam Twaam Paramam Vadaami Aavarnayedha Madhuraaksharani Govinda Damodara Madhavethi*).

Se você observar um fato em nossa vida diária, você será capaz de compreender a natureza da língua, muito claramente. Quando você coloca um doce na língua, ela não desfruta sozinha, mas envia o doce para o estômago. Por outro lado, se o que você colocou na língua não for doce ou se o seu sabor for diferente ou se o seu sabor for desagradável, então ela o cospe para fora. Bom ou ruim, saboroso ou não, a língua não desfruta do item, seja qual for. A língua sempre mantém sua honorável posição. Ela se move dentro da boca e nunca ultrapassa seus limites. Quaisquer que sejam as ações que ela executa, sejam quais forem as palavras que ela diga, ela está sempre restrita ao seu lugar. Ela tem uma paciência enorme. Existem 32 dentes afiados ao redor da língua. Eles são capazes de cortar a língua em uma fração de segundo. Apesar de sua posição precária, a língua se mantém segura e não se envolve em nenhum perigo. É por isso que ela nos ensina, "Oh! Filho! Você

pode estar no meio de várias pessoas más e perigosas, mas não se exponha a suas maquinações. Conduza-se com muita prudência e de forma digna”. Mas, e quanto à nossa situação hoje em dia? Quando estamos no meio de pessoas más, nós também nos tornamos malfeitores. Nós estamos perdendo nossas boas qualidades, bons pensamentos e bom comportamento em um instante. Para não nos expormos a essa situação, a *Bhagavad Gita* nos ensinou a controlar a nossa língua.

Eu tento convencer nossos estudantes muitas vezes sobre a necessidade de limitar as conversas, dizendo a eles, “Meus queridos filhos! Não falem em excesso. Pois, o poder do *Atma* e o poder Divino em nós será desperdiçado sempre de muitas formas por essa conversa excessiva. Seu poder de memorização ficará reduzido. Você sofrerá de fraqueza nervosa. Você envelhecerá cedo. Não apenas isso, você obterá uma má fama”. Um pequeno exemplo. Existe um aparelho receptor de rádio. Nós o sintonizamos em uma estação específica que está transmitindo algumas canções devocionais. Nós permitimos que ele funcione assim por muitas horas. Então ele irá consumir várias unidades de corrente nesse processo, o que é um total desperdício. Similarmente, nosso corpo é como um rádio. Nosso intelecto é o interruptor. Nossa mente é como uma boa música. Essas músicas tocadas excessivamente drenarão nossa energia do *Atma*.

O homem hoje em dia se entrega a conversas ilimitadas desde a hora em que ele se levanta da cama até ele ir dormir. Se não há ninguém com quem conversar, ele fala consigo mesmo. Como resultado, sua energia vital é desperdiçada. Na verdade, essa é a razão da velhice prematura. O homem deve desenvolver a Divindade nele, observando o silêncio, e nunca desperdiçar sua energia com conversa excessiva. Por conta da conversa excessiva, sua fome aumentará. Por sentir mais fome, ele irá ingerir maior quantidade de alimento. Quanto mais alimento ele ingerir, maior o número de pensamentos que ele terá. Como resultado, ele não será capaz de controlar seus sentidos.

Não é suficiente ingerir maior quantidade de alimento e regalar seu ego. Ele também deve recorrer a mais exercícios. Somente então o corpo será saudável e o ego será humilde. Se os jovens comem e passam o tempo ociosos, seu ego e orgulho aumentam. É por isso que eles foram solicitados a se engajar no serviço social e na disciplina espiritual (*Sadhana*), para fornecer uma direção e um significado para suas vidas. Os jovens devem cultivar a qualidade da constância. Eles não devem ser como uma lamparina, balançando para um lado e para outro, com o vento que sopra. Eles devem desenvolver confiança.

Um pequeno exemplo. Existe um pequeno pássaro pousado em um ramo tenro de uma árvore. O ramo tenro balança para um lado e para o outro, conforme o vento sopra. O pássaro empoleirado naquele galho, entretanto, não terá medo desse balanço. Ele se senta no galho despreocupadamente, indiferente ao que está acontecendo ao redor. A razão é que ele depende de sua própria força, que está em suas asas. Ele não depende da força ou da estabilidade do galho para sua sobrevivência. Mas, o homem hoje em dia está empoleirado em um pequeno galho da árvore da existência mundana (*Samsara*). Uma pequena dificuldade, dor ou sofrimento vem, e o galho se dobra, e ele se afoga em sofrimento. O homem não tem o tanto de confiança que até mesmo um pássaro tem. Qual é a razão dessa situação miserável? Excesso de ingestão de alimentos, ingestão de alimentos associados à qualidade da inércia (*Thamas*), e pensamentos demoníacos. Em nenhum lugar você encontrará qualidades humanas.

Alguns jovens de hoje em dia questionam assim, “Os pássaros se movem livremente. Os animais se movem livremente. Então, por que não o homem?” Certamente! Você também pode se mover livremente e fazer o que você quiser. Mas, que tipo de liberdade? Os pássaros estão desfrutando da liberdade associada aos pássaros. Os animais estão desfrutando da liberdade animal. Similarmente, você também pode desfrutar da liberdade, mas da liberdade humana, e não da liberdade demoníaca. Você professa ser um homem, mas deseja desfrutar da liberdade demoníaca. Isso não é adequado. Na verdade, isso nega a própria

natureza do homem. Sendo um homem, você deve se comportar como um homem. Cultive qualidades humanas como sacrifício, moralidade, sinceridade, misericórdia, compaixão, Amor, não-violência, etc. Porque você está cultivando qualidades desumanas como raiva, inveja, ciúme, etc., você está se tornando animalesco.

O homem hoje em dia sofre de três qualidades malignas, a saber, ego, egoísmo e inveja. Para manter essas qualidades más sob controle, é preciso controlar o alimento e a fala. A entrada principal da mansão do *Yoga* é a língua. Portanto, a *Bhagavad Gita* ensina que empregar a língua para executar atividades sagradas por meio de alimentação e fala adequadas é a maior disciplina espiritual (*Sadhana*).

Nessa era de *Kali* (*Kali Yuga*), a pureza da língua será aumentada pelo canto dos nomes de Deus (*Namasmarana*). Para santificar a língua, deve-se continuamente cantar os nomes e as glórias de Deus (*Harinama Sankirtana*). É dito, "Não há melhor caminho ou disciplina espiritual (*Sadhana*) do que o cantar dos nomes de Deus (*Namasmarana*)" (*Harernama Harernama Harernamaiva Kevalam Kalow Nasthyeva Nasthyeva Nasthyeva Gathi Ranyadha*).

Portanto, a *Bhagavad Gita* exorta a santificar sua vida cantando a glória de Deus, em vez de desperdiçá-la em conversas desnecessárias e inúteis.

Prasanthi Nilayam, 8 de Agosto de 1984.

8

O Devoto é o Mais Querido para Deus

“Quem quer que Me adore constantemente com Amor e afeição, a tal pessoa Eu concederei o *Yoga* do intelecto (*Buddhi Yoga*), e o trarei para Mim” (*Thesham Sathatha Yukthanaam Bhajathaam Preethipoorvakam Daadaami Buddhiyogam Tham Eva Maamupayaanthi The*).

O *Yoga* do intelecto (*Buddhi Yoga*) significa o discernimento entre o Ser (*Atma*) e o não-Ser (*Anatma*). Isso é possível somente para os devotos puros. A *Bhagavad Gita* estabeleceu o fato de que o conhecimento eterno que conduz à liberação (*Mukthi*) pode ser adquirido somente através da devoção pura e imaculada. Ela declarou que é necessário passar pelo estágio de servo de Deus (*Dasoham Thathwa*) para alcançar a realização da unidade com Deus (*Soham Thathwa*). Ela declarou inequivocamente, “Um devoto sincero é muito querido por Mim” (*Bhaktimaan Mey Priyo Narah*).

O que é devoção (*Bhakti*)? Quando o Amor se fixa em coisas momentâneas e perecíveis, ele se torna luxúria e ilusão. Por outro lado, quando o Amor é direcionado para um objeto permanente e eterno, ele se torna devoção (*Bhakti*). A devoção é de dois tipos. Adorar a Deus com flores, oferecer incensos, acender uma lamparina e queimar cânfora diante da deidade, fazer peregrinações a lugares sagrados e executar rituais diários em altares nas casas e nos templos, isso é chamado de devoção (*Bhakti*) no sentido comum. A *Bhagavad Gita* não deu muito crédito a esses atos. Ela estabeleceu o fato de que o bom caráter e o bom comportamento são os indicadores da verdadeira devoção (*Bhakti*), que também é chamada de devoção suprema (*Parabhakti*).

Nós devemos reconhecer a distinção entre devoção (*Bhakti*) e devoção suprema (*Parabhakti*). Devoção (*Bhakti*) é adorar a Deus com os materiais disponíveis no

mundo objetivo, como flores, incensos, cânfora, etc. De onde vieram essas flores? Você as criou? Não, não. Elas são criação de Deus. O que há de tão especial em você adorar a Deus com as flores criadas por Ele? Isso pode, na melhor das hipóteses, ser chamado de devoção simples e comum (*Bhakti*). Cultive as flores do bom caráter, do bom comportamento e das boas qualidades na terra sagrada (*Brindavana*) do seu coração pelo seu esforço consciente e adore a Deus com essas flores. Esse processo é chamado de devoção suprema (*Parabhakti*).

Um pouco mais cedo, Balaraju disse, “Melhor que o conhecimento é a meditação” (*Jnanaath Dhyanam Visishyathe*). Nós devemos tentar estabelecer a diferença entre o conhecimento (*Jnana*) e a meditação (*Dhyana*), numa certa medida. Sem meditação, o conhecimento não é possível. Sem conhecimento, a meditação não pode ser realizada. Nessas circunstâncias, o que vem primeiro? No sentido mundano, meditação (*Dhyana*) significa visualizar e contemplar um objeto particular com intensa concentração. Mas, estritamente falando, isso não é meditação (*Dhyana*). O significado interno da palavra meditação (*Dhyana*) é a contemplação da Divindade. E a contemplação da Divindade é devoção (*Bhakti*). Sem devoção (*Bhakti*), o conhecimento infinito (*Akhanda Jnana*) não é possível. Qual é a base para um fruto? A flor é a base para o fruto, sem a qual o fruto não pode ser formado. Portanto, primeiro a flor e depois o fruto. Similarmente, devoção (*Bhakti*) é como uma flor. Sem passar pelo processo de devoção (*Bhakti*), que é a flor, o conhecimento infinito (*Akhanda Jnana*), que é o fruto, não pode ser obtido. No estágio de flor, um aspirante espiritual (*Sadhaka*) deve começar sua prática espiritual (*Sadhana*) com o sentimento “Eu sou um servo de Deus” (*Dasoham*). Começando desse estágio de servo de Deus (*Dasoham*), ele deve finalmente alcançar o estágio de “Eu sou *Brahman*” (*Brahmoham*) ou “Eu sou Aquilo” (*Soham*).

Sri Vidyaranya Swami, um grande sábio, começou sua prática espiritual (*Sadhana*) com a constante contemplação do *Mantra* “*Dasoham*”, que significa, “Eu sou um servo de Deus”. Essa prática espiritual (*Sadhana*) finalmente culminou na

realização do *Mantra* "*Soham*", que significa, "Eu sou *Brahman*" ou "Eu sou Aquilo". Um dia, Sri Vidyaranya Swami estava ensinando grandes verdades filosóficas a seus discípulos. Os discípulos o questionaram, "*Swami*! Todo esse tempo você tem alcançado esse estado exaltado através da sua prática espiritual (*Sadhana*). Mas, hoje você está cantando, '*Soham*', '*Soham*'. Qual é o motivo para essa mudança?" Vidyaranya respondeu, "Meus queridos filhos! Todo esse tempo, é verdade que tenho adorado a Deus com o sentimento de ser um servo de Deus (*Dasa*), constantemente cantando, '*Dasoham*', '*Dasoham*', '*Dasoham*'. Uma noite, o Senhor Krishna, aquele que rouba a mente dos devotos (*Chiththa Chora*), aquele que passeia na terra sagrada de Brindavana (*Brindavana Vihari*), aquele que caminha nas mentes dos devotos (*Gopi Manasa Sanchari*), veio furtivamente e roubou do *Mantra* '*Dasoham*' a sílaba '*Da*'. Desde que o Senhor Krishna roubou a sílaba '*Da*' do *Mantra* '*Dasoham*', agora eu fui deixado somente com o *Mantra* '*Soham*' ('Eu sou *Brahman*' ou 'Eu sou Aquilo'). Krishna também disse, 'No início, você começou a sua jornada espiritual como Meu servo (*Dasa*). Agora você Me alcançou e se fundiu em Mim. Portanto, siga o caminho de '*Soham*', '*Soham*''".

Havia dois discípulos de Sri Ramakrishna Paramahamsa, um deles era um chefe de família e o outro, um renunciante. Ambos eram dedicados a ele. Naga Mahasaya era um devoto chefe de família e Vivekananda era um devoto renunciante. Naga Mahasaya começou sua prática espiritual (*Sadhana*) com a constante contemplação do *Mantra* "*Dasoham*", que significa, "Eu sou um servo de Deus". Ele considerava a si mesmo um servo do servo de Deus (*Dasaanudasa*). Quando alguém começa sua prática espiritual (*Sadhana*) com o sentimento, "Eu sou um servo de Deus" (*Dasoham*), seu ego desaparece. Enquanto houver ego (*Ahamkara*), o conhecimento do Ser (*Atma Jnana*) não será possível. Desde que Arjuna lançou ao chão o seu arco Gandiva, que representa o seu ego, e se rendeu diante do Senhor Krishna, dizendo, "Eu agirei de acordo com Seus comandos" (*Karishye Vachanam Thava*), Krishna constantemente o proveu de coragem e encorajamento. Enquanto houver ego, a visualização da forma Divina no nível do *Atma* não será possível. Reciprocamente, se a graça de Deus descer sobre uma

pessoa, não haverá espaço algum para o ego perturbá-la. Não é um fato que a escuridão e a luz não podem coexistir em um lugar ao mesmo tempo? É por isso que Naga Mahasaya começou sua busca espiritual com o sentimento, “Eu sou um servo de Deus” (*Dasoham*), trazendo-se ao nível mais baixo. Vivekananda, por outro lado, começou sua jornada espiritual a partir do nível exaltado de, “Eu sou *Brahman*” (*Soham*), ou “Eu sou Shiva” (*Sivoham*). Sua busca espiritual estava em uma perspectiva mais ampla. Ambos estavam vinculados pela ilusão (*Maya*). Naga Mahasaya assumiu a forma de uma minúscula criatura, cantando, “Eu sou um servo de Deus” (*Dasoham*), e finalmente se libertou da escravidão. Vivekananda, por outro lado, assumiu uma forma ampla, desenvolveu uma perspectiva ampla e saiu da escravidão da ilusão (*Maya*), cortando os laços que o prendiam.

Nenhum vínculo pode prender aquele que desenvolveu em si mesmo um sentimento exaltado de “Eu sou Deus”. Mas, não há utilidade em apenas cantar essas palavras. A verdade subjacente deve ser experimentada. A ilusão da identificação com o corpo (*Deha Bhranthi*) deve ser abandonada. Deve-se praticar o controle dos sentidos. Deve-se cultivar um sentimento de unidade com Deus (*Ekatma Bhava*) permanecendo-se constantemente como um *Yogi* (*Sathatham Yoginah*). Somente essas pessoas podem experimentar essa grande verdade. Assim, um devoto que se livra de seu ego alcança a bem-aventurança do *Atma* (*Atmananda*) e permanece nesse estado todos os dias. Para esse propósito, três caminhos foram prescritos, a saber, dualismo (*Dwaitha*), não-dualismo qualificado (*Visishtadwaitha*) e não-dualismo (*Adwaitha*).

Um devoto, no início, dirá, “Eu sou o devoto de Deus” (*Thathvaivaham*). Aqui, ele indica que ele é diferente de Deus. Nesse conceito, o devoto pensará, “Eu sou uma entidade separada. Deus está em algum lugar distante. Para ver Deus, eu estou me tornando Seu devoto”. Gradualmente, ele desenvolverá sua devoção ao estágio em que ele fica frente a frente com Deus e ora, “Oh! Deus! Eu sou Seu devoto” (*Thavaivaham*). Finalmente, ele alcança o estágio em que ele diz, “Eu e Você somos Um” (*Thwamevaham*).

Pensar, “Eu sou um devoto de Deus” é dualismo (*Dwaitha*). Pensar, “Eu sou Seu devoto” é não-dualismo qualificado (*Visishtadwaitha*). E pensar, “Eu e Você somos Um” é não-dualismo (*Adwaitha*). Mas somente quando começamos no dualismo (*Dwaitha*), é que podemos alcançar o estágio de não-dualismo (*Adwaitha*). Devemos começar nossa adoração a Deus como um devoto comum. Sem a forma (*Sakara*) e os atributos (*Saguna*), a adoração do sem forma (*Nirakara*) e sem atributos (*Nirguna*) não será possível. Portanto, devemos começar nossa jornada para Deus como um servo de Deus (*Dasa*).

Um pequeno exemplo para ilustrar esse ponto. Existe um grande círculo. Em seguida, existe um pequeno círculo. O grande círculo é Deus e o pequeno círculo é o indivíduo (*Jiva*). Esse indivíduo (*Jiva*) está separado de Deus. Isso é dualismo (*Dwaitha*). Agora, o pequeno círculo é colocado no interior do grande círculo. Isso significa que o indivíduo (*Jiva*) está em Deus. Isso é não-dualismo qualificado (*Visishtadwaitha*). Mas, qual é o método pelo qual esse indivíduo (*Jiva*) pode alcançar Deus? O pequeno círculo se expande gradualmente e finalmente se funde no grande círculo. Isso é não-dualismo (*Adwaitha*). Fazer um esforço coordenado para fundir o ser individual (*Jiva Thathwa*) na Divindade (*Daiva Thathwa*) é o caminho da devoção.

Somente quando você reconhece a Divindade no homem e se estabelece firmemente na crença de que a Divindade no homem não é diferente do próprio Deus, é que o ser individual (*Jiva Thathwa*) em você gradualmente se desvanece. A *Bhagavad Gita* diz, “*Sreyohi Jnanam Abhyasath*”. Isso significa que você alcançará a sabedoria (*Jnana*) somente através da prática (*Abhyasa*). Nada pode ser alcançado neste mundo sem prática (*Abhyasa*). Quer seja ler, escrever, caminhar ou comer, todas as coisas vêm somente com a prática.

Existem dois tipos de conhecimento. O conhecimento mundano (*Bhoutika Jnana*) é uma coisa e o conhecimento espiritual (*Adhyathmika Jnana*) é outra coisa. Para

ser mais apropriado e preciso, conhecimento mundano (*Bhoutika Jnana*) é chamado de conhecimento, enquanto que o conhecimento espiritual (*Adhyathmika Jnana*) é chamado de sabedoria. Observar e investigar a natureza física dos objetos materiais é o conhecimento comum. Mas, reconhecer e compreender o princípio básico que subjaz ao objeto como um residente interno é o conhecimento espiritual. Sem a base de um conhecimento espiritual, é impossível aprender ou adquirir conhecimento mundano. Todas as boas ações executadas pelo corpo são os meios de adquirir tal conhecimento espiritual. Sem a ajuda do corpo, não podemos executar ações. Não podemos alcançar nenhum resultado. "O corpo é essencial para executar quaisquer ações corretas" (*Sareeramaadyam Khalu Dharma Sadhanam*), assim diz o ditado. Também é dito, "O corpo é essencial para executar ações sagradas e para ajudar os outros" (*Paropakaraarthamidam Sareeram*).

Esse conceito pode ser compreendido com um pequeno exemplo. Nós fomos a um local situado na floresta, para um piquenique. Nós levamos conosco recipientes, provisões e vegetais para cozinhar. Nós fizemos os preparativos para cozinhar. Mas, não havia um fogareiro. Portanto, nós escolhemos três pedras e as arrumamos em uma forma triangular para servir de fogareiro. Em seguida, o fogo foi aceso sob o fogareiro com lenha e um recipiente com água foi colocado sobre as três pedras. Em seguida, o arroz foi colocado no recipiente. Qual é o significado de todo esse processo? Para cozinhar o arroz, nós não o aquecemos diretamente no fogo. O calor do fogo vai para o recipiente, depois para a água contida no recipiente e finalmente para o arroz. O arroz é cozido no processo e se torna alimento para compartilharmos. Da mesma forma, na floresta da vida, estamos tentando preparar o alimento da felicidade. Aqui, as três qualidades de pureza (*Sathwa*), atividade (*Rajas*) e inércia (*Thamas*) são as três pedras que compõem o fogareiro. Nosso corpo é o recipiente, nossas aspirações são a água, e nossos desejos são o arroz. O fogo queimando no fogareiro constituído das três pedras é a sabedoria (*Jnana*). O calor que emana do fogo da sabedoria (*Jnana*) vai para o recipiente do corpo, depois para a água das aspirações e, finalmente, para o arroz dos desejos que é

cozido. Então, o alimento da paz estará pronto para compartilharmos. O calor do fogo da sabedoria (*Jnana*) não pode e não deve ir diretamente para o arroz dos desejos. Nossos desejos devem ser queimados através do corpo e dos sentimentos. Os desejos devem ser colocados sob nosso controle, gradualmente, passo a passo. Ao controlar nossos sentidos e desejos, certas mudanças ocorrem em nossa atitude, resultando na renúncia ao fruto de nossas ações (*Karmaphala Thyaaga*). Não é possível a ninguém renunciar ao fruto de suas ações. O fruto está sempre ali. A *Bhagavad Gita* disse, "Não aspire pelo fruto" (*Maa Phaleshu*). Ela não disse, "Não haverá fruto" (*Naa Phaleshu*). Portanto, haverá fruto para cada ação nossa. Mas o importante é, "Não execute nenhuma ação (*Karma*) esperando pelo resultado (fruto) da ação. Execute todas as ações como seu dever sagrado".

Quando você está cumprindo um dever, os resultados surgem a partir disso. Não há nada de errado em aceitá-los. A *Bhagavad Gita* nunca disse que não haverá fruto (resultado) para nossas ações. Além disso, ela nunca nos aconselhou a renunciarmos ao fruto de nossas ações. Incapazes de compreender adequadamente esse conceito de renúncia aos frutos das ações (*Karmaphala Thyaga*), várias pessoas recorrem à renúncia às próprias ações (*Karmas*). Em que extensão as ações (*Karmas*) devem ser executadas? Enquanto o processo de cozimento continuar, a lenha será necessária. Depois que o processo de cozimento está concluído, não há necessidade de lenha. Similarmente, enquanto estivermos em processo de reconhecimento do segredo da ação ou do segredo do resultado de nossa ação, o cumprimento dos nossos deveres é essencial. Outro ponto importante a ser notado é, para renunciar ao fruto de nossa ação ou à própria ação, para desenvolver sabedoria (*Jnana*) ou meditação (*Dhyana*), de fato, para todas as coisas, o Amor (*Prema*) é importante.

Nesse contexto, o caráter (*Seela*) e a boa conduta (*Sadachara*) foram mencionados. Esses são os indicadores da verdade (*Sathya*). Verdade (*Sathya*), justiça (*Dharma*) ou paz (*Santhi*) não são características distintas. Todas elas se baseiam no Amor (*Prema*). O Amor (*Prema*), quando resulta em ação, torna-se justiça (*Dharma*). O

Amor (*Prema*), quando associado à compreensão, torna-se paz (*Santhi*). É por isso que se diz que, para alcançar os valores de verdade (*Sathya*), justiça (*Dharma*) e paz (*Santhi*), o cultivo do Amor é muito necessário.

O Senhor Krishna, portanto, nos exortou a cultivar o Amor para alcançá-Lo. Ele também disse, "Meu querido devoto (*Bhakta*)! Suas mãos são pequenas. Empreenda Meu serviço com essas pequenas mãos. Seus olhos são tão pequenos e Minha criação é tão vasta. Você está tentando olhar para um universo tão vasto através desses olhos. Você está tentando Me alcançar, andando com seus dois pequenos pés. Não adianta fazer todos esses esforços por meio de seus órgãos de ação (*Karmendriyas*). Você também tem um coração dado a você por Deus. Instale-Me firmemente em seu coração. Se você for capaz de fazer isso, não haverá necessidade dessas ações. Não é necessário fazer práticas espirituais (*Sadhanas*) separadas para renunciar ao fruto de suas ações (*Karmaphala Thyaga*). Quando você se tornar Meu devoto, cantar Meu nome, Me contemplar, meditar em Mim e se engajar em Meus pensamentos em todos os momentos e em todos os lugares, então, Eu cuidarei de tudo para você".

Para empreender esse esforço dedicado (*Dridha Deeksha*), você deve ter uma resolução firme (*Dridha Nischaya*) e uma fé inabalável e total. Sem isso, não é possível alcançar a bem-aventurança Divina. Deus é a encarnação da plenitude (*Paripoorna*). Para alcançar esse princípio da plenitude (*Paripoorna Thathwa*), você deve desenvolver uma mente plena com plena fé. Quando Ele é pleno e você não é pleno, não pode haver nenhuma empatia entre vocês. Para alcançar o Deus pleno (*Paripoorna*), se nós não cultivarmos sentimentos de plenitude (*Paripoorna Bhava*), nós nos tornaremos *Bhagavad Drohis* (traidores da Divindade). Assim, nós estaremos manchando a imagem de Deus, que é onisciente, onipresente e onipotente. Portanto, que seus pensamentos sejam puros e profundos, fluindo de um coração puro. Aproxime-se Dele com Amor pleno e incondicional (*Paripoorna Prema*). Deus afirmou que Ele é mais querido para aquele que O adora e O serve (*Bhajathaam Priyo*).

A *Bhagavad Gita* nos exortou, “Não odeie ninguém” (*Adweshta Sarva Bhuthanam*). Um aspirante espiritual (*Sadhaka*) com esses pensamentos puros é o mais querido para Deus, diz a *Bhagavad Gita*. O homem possui todas essas qualidades em plenitude, em si mesmo. Mas, ele não está fazendo nenhum esforço para reconhecê-las e manifestá-las em seu comportamento. Ele está perdendo seu tempo em atividades mundanas mesquinhas. Portanto, o homem deve se engajar na busca de verdades profundas. Todas as nossas ações e pensamentos no mundo externo também devem ser direcionados para o caminho interno. Somente então nós seremos capazes de compreender a unidade entre os caminhos externo e interno. Quando nós compreendermos esse princípio, nossa vida será cheia de sentido.

Nós devemos acreditar na verdade de que o Amor é o fator mais importante no caminho da devoção (*Bhakti Yoga*). A verdade hoje está confinada apenas a conversas vazias. Não, não. Ela deve se fundir e se tornar parte integrante dos seus pensamentos. Você deve sempre cultivar pensamentos bons e verdadeiros. Quando você começar a pensar com Amor puro, a verdade que é inerente a você emergirá. A fonte para a verdade (*Sathya*), a justiça (*Dharma*), a paz (*Santhi*) e a não-violência (*Ahimsa*) é o Amor (*Prema*). Esse é o local de nascimento de todos os outros valores humanos. Amor é tudo. Deus é Amor e Amor é Deus. Portanto, cultive o Amor e expanda seu pequeno ser ao infinito e tente fundir-se nesse supremo Ser. Essa é a essência do caminho da devoção (*Bhakti Yoga*).

Prasanthi Nilayam, 10 de Agosto de 1984.

9

Do Dualismo ao Não-Dualismo

“Somente um homem desprovido de pensamentos (*Sankalpas*) pode conquistar o desejo (*Kama*) e a raiva (*Krodha*)” (*Asankalpa Jayeth Kamam Krodham Kamam Vivarjanam*).

Esse princípio se aplica não apenas aos aspirantes espirituais (*Sadhakas*), mas também às pessoas comuns. Na *Bhagavad Gita*, entretanto, essa declaração é destinada somente aos aspirantes espirituais (*Sadhakas*). Os pensamentos (*Sankalpas*) possuem vida. Eles são mais fortes do que pedras de granito. Mesmo se um homem morrer, seus pensamentos (*Sankalpas*) vivem para sempre. Eles são sutis e nascem dos alimentos que são ingeridos. Os pensamentos puros se desenvolvem a partir do alimento puro. Todas as palavras faladas e todas as ações executadas por uma pessoa com pensamentos puros, serão puras.

O pensamento (*Sankalpa*) de uma pessoa de pensamentos puros é como uma espada afiada. Sempre que más qualidades, maus pensamentos e maus sentimentos surgem, ele os percebe e tenta destruí-los imediatamente. Por outro lado, no caso de uma pessoa de pensamentos impuros, por causa da influência dos seus pensamentos (*Sankalpas*), o desejo (*Kama*) e a raiva (*Krodha*) se desenvolverão e essa pessoa perderá o apetite por causa de gases (*Vaatha*), secreção biliar (*Pitha*) e catarro (*Sleshma*). O Senhor Krishna enfatizou o fato de que o corpo (*Deha*) também deve ser forte, puro e sagrado para capacitar uma pessoa a promover a Divindade na humanidade.

A mente é um monte de pensamentos (*Sankalpas*). Essa mente permeia constantemente o universo físico (*Bhuthakasa*), o mundo objetivo. O mundo objetivo é sustentado por dinheiro, propriedades e riquezas. O homem hoje em dia considera os filhos, o gado, etc., como uma propriedade. Por dinheiro ele se refere

a terras, casas, notas monetárias, ouro e outras propriedades móveis e imóveis. Riqueza é entendida como honras e prestígio, posição e poder, fama, etc. Mas, a *Bhagavad Gita* não concorda com esse ponto de vista. Ela considera o caráter como a única propriedade verdadeira, a boa conduta como o dinheiro e o conhecimento do Ser (*Atma Jnana*) como a verdadeira riqueza.

Bom caráter, boa conduta e o conhecimento do Ser (*Atma Jnana*), esses três são os mais essenciais para um aspirante espiritual (*Sadhaka*). Dinheiro, propriedades e riquezas mundanas podem ser perdidos no decorrer da vida. O homem não terá qualquer conexão com esses três após a sua morte. Mesmo enquanto vive, ele pode perder suas propriedades, riquezas e dinheiro e sofrer por causa da pobreza. Mas, bom caráter, boa conduta e o conhecimento do Ser (*Atma Jnana*) acompanharão o homem não apenas até o fim desta vida, mas também na vida subsequente. Eles o ajudarão a alcançar a unidade com Deus (*Sayujya*). A boa fama do homem não está associada à sua estatura física e beleza. Ela não vem por conta de dinheiro, ouro e objetos materiais. Ela vem somente pelo caráter. Portanto, a *Bhagavad Gita* nos exortou a começar nossa busca pelo conhecimento do Ser (*Atma Jnana*) com a ajuda do bom caráter e da boa conduta.

O rei Viswamitra tentou atacar o sábio (*Brahma Jnani*) Vasishta, confiando em sua própria força física e poder. O sábio (*Brahma Jnani*) Vasishta, por outro lado, confiava somente no seu conhecimento de *Brahman* (*Brahma Jnana*) para lutar contra o rei Viswamitra, visto que esse era o único poder que ele possuía. Quando a luta começou, todas as flechas disparadas pelo rei Viswamitra tornaram-se impotentes como se tivessem sido disparadas contra uma montanha. Todas as armas se quebraram em pedaços. Vendo isso, o rei Viswamitra realizou a verdade de que o poder monárquico e o poder físico desmoronam diante do poder de *Brahman* (*Brahma Bala*). Depois de realizar essa verdade, o rei Viswamitra fez grande penitência para se tornar um sábio (*Brahma Jnani*) como Vasishta e, por fim, ele foi bem-sucedido.

Duryodhana e seus irmãos, que confiavam em seu poder financeiro, em sua destreza física e na força de seu grande exército em sua luta contra os virtuosos Pandavas, acabaram todos morrendo. Nenhum dos irmãos de Duryodhana estava disponível para executar os últimos ritos de seu pai, Dritharashtra. Quando Duryodhana e Arjuna foram buscar a ajuda de Krishna para a guerra, Duryodhana buscou o poder físico de Krishna, tais como Seu exército e Suas armas. Arjuna, entretanto, caiu aos pés de Krishna e pediu com toda humildade pelo próprio Senhor Krishna. Então, erguendo Arjuna e batendo em suas costas, Krishna disse,

“*Levante-se! Oh! Dhanunjaya! O destino é invencível.*
A verdade triunfará. A justiça terá sucesso. O egoísmo irá perecer.
Essas são as características dessa era (Yuga Dharma).
Veja! O pai de uma centena de filhos,
Não será deixado com nem mesmo um filho,
Para executar seus últimos ritos, quando o destino é outro.”

O Senhor Krishna explicou isso a Arjuna, já naquele momento. A essência desse ensino é, aquele que confia em sua força física e poder não será capaz de obter as bênçãos Divinas, a graça Divina e o conhecimento Divino. É por isso que um aspirante espiritual (*Sadhaka*) que aspira pela graça de Deus deve, desde o início, tentar controlar seus desejos mundanos e sensuais.

Tudo o que você vê no universo físico (*Bhuthakasa*) é como uma visão em um sonho. Não é verdade que todas aquelas mansões e prédios altos não estão mais ali quando você abre os olhos? Quaisquer experiências que você tenha no estado de sonho desaparecem no estado de vigília. Da mesma forma, todas as suas experiências no estado de vigília também desaparecem no estado de sonho. A *Bhagavad Gita* estabeleceu o fato de que a forma sutil do universo físico (*Bhuthakasa*) é o universo mental sutil (C*hiththakasa*). A forma mais sutil do universo mental sutil (*Chiththakasa*) é o universo causal (*Chidakasa*) e esse universo causal (*Chidakasa*) é a forma causal eterna. Esse universo causal

(*Chidakasa*) permeia todo o universo como o mais minúsculo dos minúsculos e o mais poderoso dos poderosos (*Anoraneeyaan Mahathomaheeyaan*).

“*Como o mais minúsculo dos minúsculos,*
E o mais poderoso dos poderosos,
Ele existe em toda parte como uma testemunha de todas as coisas.
Esse Atma é Brahman e Brahman é o Atma.”

No entanto, o aspirante espiritual (*Sadhaka*) que deseja alcançar esse estado de realização do *Atma* ou *Brahman* deve iniciar sua jornada espiritual com o sentimento, “Eu sou um servo de Deus” (*Dasoham*). Esse é o estágio primário, dualismo (*Dwaitha*). Então, gradualmente, abandonando a sílaba “*Da*” do *Mantra* “*Dasoham*”, ele deve se elevar ao estágio de “Eu sou *Brahman*” (*Soham*), que é não-dualismo qualificado (*Visishtadwaitha*). Quando o aspirante espiritual (*Sadhaka*) faz sua prática espiritual (*Sadhana*) nesse estágio de “Eu sou *Brahman*” (*Soham*) com devoção total e inabalável, até mesmo a sílaba “*So*” desaparece e somente “*Ham*” permanece. Esse é o estágio de não-dualismo (*Adwaitha*). O aspirante espiritual (*Sadhaka*) nesse estágio realiza a verdade, “Eu sou Eu”, “Eu sou *Brahman* verdadeiramente”.

O não-dualismo (*Adwaitha*) está incorporado no não-dualismo qualificado (*Visishtawaitha*), que não é o não-dualismo (*Adwaitha*) total. Quando você diz, “Eu sou *Brahman*”, existem duas entidades, “Eu” e “*Brahman*”. Isso não pode ser chamado de não-dualismo (*Adwaitha*). Quando você diz, “Eu sou um servo (*Dasa*) do Senhor”, o Senhor e o servo (*Dasa*) são diferentes. Isso é dualismo (*Dwaitha*). Quando você diz, “Eu sou *Brahman*”, o “Eu” é um reflexo de *Brahman*. Mesmo que o reflexo apareça separadamente, existe uma ligação entre o objeto e seu reflexo. Quando os objetos são diferentes, os reflexos também serão diferentes. Quando existe somente um objeto, embora o reflexo esteja separado do objeto, existe uma ligação entre os dois. Isso é não-dualismo qualificado (*Visishtadwaitha*). Quando o próprio objeto é onipresente, não há lugar para

imagem ou reflexo. Onde está o escopo para um local separado, quando a Divindade é onipresente? Quando o próprio universo se tornou um templo do Senhor, onde está a entrada principal? Quando a Divindade está permeando todo o universo, onde está o lugar para um reflexo? É por isso que essa Divindade onipresente é chamada de não-dualismo total (*Poorna Adwaitha*).

Enquanto executam a sua adoração diária a Deus (*Puja*), as pessoas dizem "*Papoham*", "*Papatma*", "*Papa Karmaham*", etc. Isso significa, "Eu sou um pecador", "Eu sou uma alma pecadora", "Eu estou praticando ações pecaminosas", etc. Que grande fraqueza! Que sacrilégio! Essas palavras e sentimentos não contribuem, o mínimo que seja, para o entusiasmo e o encorajamento dos aspirantes espirituais (*Sadhakas*). É por isso que elas devem ser substituídas pelas palavras, "*Atchutoham*", "*Ananthoham*", "*Govindoham*", "*Sadasivoham*", que significam, "Eu sou *Atchutha*, o imaculado", "Eu sou *Anantha*, o infinito", "Eu sou *Govinda*, o Senhor Vishnu", "Eu sou *Sadasiva*, o sempre auspicioso Senhor Shiva". Nós devemos sempre definir uma meta mais elevada para nós mesmos e trabalhar diligentemente para alcançá-la. Esse é o método correto.

A *Bhagavad Gita* declarou, "Não odeie ninguém" (*Adweshta Sarva Bhuthanam*). Quando você realizou a verdade de que a mesma Divindade permeia você e os outros, onde está o escopo para odiar os outros? Em tal situação, não há necessidade de alguém dizer a você para não odiar os outros. Então, a quem esse conselho, "Não odeie ninguém", se destina? Existe um significado interno em dizer, "Não odeie ninguém". Esse conselho é dirigido àquelas pessoas que ainda não realizaram a verdade de que o mesmo princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*) permeia todos os seres vivos.

Às vezes, o sentimento de ser um servo do Senhor (*Dasoham*) concede muita felicidade e satisfação aos devotos. Porque eles sentem que não serão capazes de experimentar a essência Divina (*Brahma Thathwa*) com grande alegria quando eles realizarem que eles próprios são *Brahman*. Um pequeno exemplo. O açúcar não

será capaz de sentir a doçura do açúcar. Um servo do Senhor (*Dasa*) está no nível de desfrutar a doçura do açúcar. Se ele mesmo se transformar em açúcar, como ele poderá experimentar sua doçura? Portanto, ele deve ser diferente do açúcar. Ele deve estar no nível de servo do Senhor (*Dasa*) para experimentar a doçura da natureza Divina.

Hanuman, um grande devoto do Senhor Sri Rama, sempre considerou a si mesmo como um servo do Senhor Sri Rama (*Dasoham Kosalendrasya*). Como servo do Senhor Sri Rama, ele desfrutou de grande felicidade com esse sentimento. Mas, por quanto tempo? Apenas enquanto ele fosse um servo (*Dasa*) do Senhor Sri Rama. Depois de algum tempo, ele foi separado de seu Senhor. Por conta dessa separação, ele sofreu grande agonia. Então, ele desenvolveu o sentimento de unidade com o Senhor (*Soham*). Quando ele desenvolveu esse sentimento de unidade com o Senhor, ele não sentiu mais nenhuma agonia. No estado de servo do Senhor (*Dasoham*), existe um sentimento de separação entre o Senhor e o seu devoto. Mas, no estado de unidade com o Senhor (*Soham*), não existe separação. Onde não existe separação entre o Senhor e o seu devoto, existe bem-aventurança.

Em primeiro lugar, aquele que deseja alcançar a Divindade, deve controlar seus desejos e sua raiva. Assim que uma pessoa tem um pensamento (*Sankalpa*), ela deve parar por um momento e analisar sua natureza. Ela deve analisar se é um bom ou um mau pensamento (*Sankalpa*) e, se for um mau pensamento (*Sankalpa*), ela deve imediatamente colocá-lo de lado. Um aspirante espiritual (*Sadhaka*) deve cortar os maus pensamentos no estágio de brotação. Um aspirante espiritual (*Sadhaka*) tem liberdade para mudar o seu pensamento (*Sankalpa*). Qualquer ação (*Karma*) que ele execute pode ser transformado em serviço a Deus. Quando você executa ações com espírito de serviço, há espaço para desenvolver desejos sagrados. Isso também ajudará a controlar a raiva.

“Como controlar a própria raiva? Qual é o método?”, várias pessoas perguntam. Existem, de fato, alguns métodos fáceis para controlar a raiva. Quando você ficar

com raiva, dê uma boa risada imediatamente ou tome um banho com água fria. Se ainda achar necessário, beba um copo de água fria e sente-se em um canto, em silêncio. Deixe o lugar onde você ficou com raiva e vá para outro lugar. Se necessário, pare diante de um espelho e observe a sua fisionomia. Você notará imediatamente que sua fisionomia parece muito desagradável. Você se sentirá desgostoso com a sua fisionomia e tentará imediatamente controlar sua raiva. Portanto, existem vários métodos para controlar a raiva.

Outro método é analisar o motivo de sua raiva. Você se questiona se sua raiva é justificada ou não. Se não for justificada, pense na grande dor que você causou a outra pessoa com sua raiva. Quando você assim fizer uma análise detalhada sobre sua raiva e suas consequências, você será capaz de controlar sua raiva até certo ponto. Mas, uma análise assim detalhada pode não ser possível para um homem comum. Portanto, imediatamente depois de ficar com raiva, não coloque sua língua em ação.

A raiva enfraquece o homem de várias maneiras. Um homem assim enfraquecido não pode executar nenhuma disciplina espiritual (*Sadhana*). Portanto, quando você gradualmente controla sua raiva por meio de um esforço consciente, seu corpo ganha força. Juntamente com o corpo, a mente também ganhará força. A *Katha Upanishad* declarou que uma pessoa fraca não será capaz de alcançar o estado do *Atma* (*Naayamatma Balaheenena Labhyah*). Portanto, para conseguir isso, é preciso controlar o apego (*Raaga*) e a aversão (*Dwesha*) em primeiro lugar, aconselha a *Bhagavad Gita*. Isso é essencial não apenas para um aspirante espiritual (*Sadhaka*), mas para todas as pessoas. Para todas as agitações, caos, males, revoluções e falta de paz no mundo de hoje, o apego (*Raaga*) e a aversão (*Dwesha*) são os únicos responsáveis.

Quando você é capaz de fazer o seu coração florescer com pensamentos puros em um ambiente pacífico, a fragrância desse coração puro se espalha por toda parte. Você também desfrutará dessa fragrância. Quando o seu coração está cheio de

maus sentimentos, maus pensamentos e más intenções, o odor desse cheiro também se espalha para os outros. Você mesmo experimentará aquele cheiro ruim. Quando você mantém uma linda rosa em suas mãos, ela espalha sua fragrância para você e para outros ao redor. A fragrância da rosa é a mesma, quer ela seja mantida na mão direita ou na mão esquerda. Você pode ter uma distinção de direita ou esquerda, mas a fragrância não tem essa distinção. Similarmente, na visão de Deus, não há distinção entre teístas (*Astikas*) e ateístas (*Nastikas*). Você pode cultivar essa distinção, mas Deus não o faz. Mesmo um ateísta (*Nastika*) que faz o bem aos outros, é querido para Ele. O Senhor Krishna declara que aquele que controlou seu apego (*Raaga*) e aversão (*Dwesha*) é muito querido para Ele. O segredo subjacente aos conceitos de teísta (*Astika*) e ateísta (*Nastika*) é apenas a natureza de suas qualidades. Além desses dois, existem ainda o teísta-ateísta (*Astika-Nastika*) e o devoto perfeito (*Yastika*).

Um teísta (*Astika*) é aquele que tem confiança no Ser. Um ateísta (*Nastika*) é alguém que não tem essa confiança no Ser. Um teísta-ateísta (*Astika-Nastika*) é aquele que se torna um teísta (*Astika*) em tempos de dificuldades e permanece como um ateísta (*Nastika*) em outros momentos. Um devoto perfeito (*Yastika*) é como Prahlada, que tinha um traço inato de devoção a Deus e que levou uma vida sempre pura e sagrada. Ele não era influenciado pelos ensinamentos ou pelas compulsões de quem quer que fosse. Por sua natureza inerente de devoção, ele pôde ter uma visão de Deus. Por ter experimentado a Divindade interna em todos os momentos e em todas as circunstâncias, ele pôde desfrutar da bem-aventurança Divina. É por isso que seu nome, "*Prahlada*", adquiriu um significado. "*Pra*" + "*Hlada*" = "*Prahlada*". Aquele que está constantemente alegre ("*Hlada*") é "*Prahlada*". A palavra "*Hlada*" significa felicidade ou alegria. "*Pra*" significa desabrochar. Portanto, "*Prahlada*" significa aquele que floresce com felicidade ou alegria. Porque Prahlada estava constantemente contemplando a Deus, ele estava sempre desfrutando da bem-aventurança Divina e estava cheio de alegria.

Nós devemos, em primeiro lugar, por nosso esforço consciente, controlar o apego (*Raga*) e a aversão (*Dwesha*), na medida do possível. Essas qualidades não são boas para ninguém. Além disso, devemos nos esforçar para controlar nossos desejos (*Kama*) e nossa raiva (*Krodha*). Na verdade, esse é o dever mais importante de um aspirante espiritual (*Sadhaka*). Sem fazer isso, todas as outras práticas espirituais (*Sadhanas*) serão inúteis. Nossas práticas espirituais (*Sadhanas*) darão frutos somente quando controlarmos o desejo (*Kama*) e a raiva (*Krodha*).

Prasanthi Nilayam, 11 de Agosto de 1984.

10

O Método para Controlar o Desejo e a Raiva

A raiva (*Krodha*) surge do desejo (*Kama*). O desejo (*Kama*) nasce dos pensamentos (*Sankalpas*). Portanto, a *Bhagavad Gita* diz que os pensamentos (*Sankalpas*) são a causa raiz para o desejo (*Kama*) e a raiva (*Krodha*). Assim como não pode haver tecido sem linha, da mesma forma, a raiva (*Krodha*) não pode tomar forma sem o desejo (*Kama*).

O Senhor Krishna referiu-se ao desejo (*Kama*) e à raiva (*Krodha*) como "*Analam*", que significa fogo. Esse fogo tem o poder de queimar qualquer coisa que entre em contato com ele. Quando um fogo tão poderoso está dentro de nosso próprio sistema, com que cuidado devemos nos conduzir? Devemos tomar vários cuidados em nossa vida, para não sermos destruídos por esse fogo. Esse poder do fogo destrói a natureza humana e suprime a natureza Divina, tornando-a demoníaca. O desejo (*Kama*) não pode jamais ser saciado. A palavra "*Analam*" tem outro significado, "insaciável". Seja qual for a quantidade de óleo e lenha que você coloque no fogo, ele nunca dirá, "Já é o suficiente". "*Alam*" significa saciedade e "*Analam*" significa não-saciedade. Existem vários tipos de fogo neste mundo. Mas, existem certos limites para esses fogos. Alguns fogos diminuem em algumas horas. Alguns outros permanecem furiosos por alguns dias, não mais do que isso. A razão é que há um limite para tudo neste mundo objetivo. Todos os objetos que estão limitados por limites não podem exceder seus limites. Seja um indivíduo ou objetos, todas as coisas são varridas pelo fluxo constante do tempo. Uma coisa não pode proteger a outra. Similarmente, existem limites para a potência ou o calor do fogo. No entanto, não há limite, regra ou fim para o fogo do desejo (*Kama*) e da raiva (*Krodha*). Por mais que você desfrute, você ainda tem vontade de desfrutar mais. Como controlá-los? Como conquistá-los? É claro que existem métodos para isso.

O Senhor Krishna nos aconselha a conquistar a raiva através do Amor e o desejo através do desapego. Onde há Amor, não pode haver ódio. Onde não há ódio, a raiva não pode entrar. Quando você cultiva o Amor, não há espaço para o ódio. Um aspirante espiritual (*Sadhaka*) deve instalar o Amor em seu coração. Eu já disse a vocês várias vezes que nosso coração é como um sofá individual e não um sofá duplo. Não há lugar para duas pessoas nesse sofá. De acordo com a promessa do Senhor, "Onde quer que Minha glória seja cantada, Eu Me instalarei firmemente ali" (*Madbhaktah Yatra Gaayanthi Thathra Thishthami Narada*), quando Deus estiver instalado em nosso coração, não haverá lugar para outros em nosso coração. A expressão usada aqui é "Eu Me instalo firmemente" (*Thishthami*), e não "Eu resido" (*Vasaam*). Portanto, mantendo essa declaração em vista, os aspirantes espirituais (*Sadhakas*) devem dar lugar em seus corações a somente um poder Divino, uma natureza Divina, um sentimento Divino, e um Amor Divino. Quando você quer vencer a raiva através do Amor, você deve dar o lugar mais importante para o Amor em seu coração, para sempre. O Amor pode perdoar quaisquer defeitos e erros. Ele tem essa grande qualidade.

"*O Amor vive de dar e perdoar,*
O ego vive de obter e esquecer."

Onde existe Amor, não existe egoísmo. Onde existe egoísmo, não existe Amor. Não há nada neste mundo que não possa ser alcançado através do Amor. Você pode alcançar qualquer coisa através do Amor. Portanto, se você deseja conquistar a raiva, você deve desenvolver o Amor.

Existe outro método. Se você for capaz de realizar que o mesmo Senhor que reside como o residente interno (*Antaryaami*) em seu coração, está residindo no coração de cada um, não haverá espaço para odiar ninguém ou mostrar raiva aos outros. O residente interno do seu coração (*Hridayavasi*) é o mesmo residente interno do coração (*Hridayavasi*) de todos os outros. "O mesmo Senhor permeia todo o universo" (*Esavaasyamidam Sarvam*), é dito.

Portanto, em primeiro lugar, nós devemos cultivar o Amor. Quando o Amor está associado com o nosso pensamento, ele se torna verdade. O mesmo Amor quando colocado em ação, torna-se justiça. Quando o Amor é compreendido, ele se torna paz. O mesmo Amor quando associado aos nossos sentimentos, torna-se não-violência. Portanto, Amor é verdade. Amor é justiça. Amor é paz. E Amor é não-violência. O Amor é a corrente subjacente em todos esses quatro. Amor é tudo. Portanto, todo aspirante espiritual (*Sadhaka*) deve se esforçar para cultivar o Amor.

Eu tenho falado várias vezes aos estudantes sobre um exemplo simples. Nós preparamos vários tipos de doces como *Mysorepak, Gulabjamun, Jilebi, Palkova, Barfi*, *Mithai*, *Kheer*, etc. O açúcar é o ingrediente principal em todos esses doces. Ele é a única substância adoçante em todas essas preparações. Similarmente, a doçura deve permear todas as ações, palavras e pensamentos. Ela deve ser a corrente subjacente. Essa é a verdadeira força Divina. Esse é o poder de Deus. É por isso que se diz, "Amor é Deus. Viva no Amor". É somente pelo Amor que a raiva pode ser subjugada facilmente.

A raiva nos incomoda de muitas maneiras. Ela nos causa muitas dificuldades. Ela destrói nossa honra e prestígio. Ela nos faz esquecer a própria natureza humana. Ela entra em nosso sistema de uma forma muito sutil e então gradualmente permeia toda a nossa vida. No início, ela requisita um pequeno lugar para sentar. Ela diz "Conceda-me um lugar para me sentar e poderei abrir espaço para me deitar". Não devemos dar lugar em nosso coração a essas forças malignas que causarão danos à nossa própria existência. Uma vez que permitimos que a raiva entre, é muito difícil livrar-nos dela mais tarde. Se você uma vez fizer amizade com ela oferecendo um centavo (*Paisa*), será muito difícil se livrar dela depois, mesmo pagando 40.000 rúpias. Portanto, você nunca deve conceder um lugar para a raiva.

Antes de o carro dar a partida, os faróis dianteiros ficam ligeiramente vermelhos. Similarmente, quando a raiva começa a se instalar, nossos olhos ficam ligeiramente vermelhos. Nossos lábios tremem. Todo o corpo fica aquecido. Ao notar esses sinais em seu corpo, tome imediatamente alguns cuidados. Como Eu já disse a você, saia daquele lugar imediatamente e vá para um lugar tranquilo, sente-se calmamente e relaxe. Tome um banho frio. Quando a raiva é expressa em palavras, ela leva a vários perigos. É por isso que se diz, “Sua palavra deve ser desprovida de qualquer emoção. Mesmo a verdade que você fala deve ser falada em palavras agradáveis e que promovam o bem” (*Anudwegakaram Vaakyam Sathyam Priya Hitham Cha Yath*). Em primeiro lugar, você deve desenvolver Amor para manter a raiva sob controle.

Em seguida, o desejo (*Kama*). O desejo deve ser conquistado por meio do desapego (*Vairagya*). Desapego (*Vairagya*) não significa ir para a floresta, deixando a esposa e os filhos desamparados. Não é desistir de propriedades e outros pertences e se tornar um renunciante (*Sanyasi*). Quando reconhecemos o defeito em um objeto, naturalmente descartamos esse objeto. Desapego (*Vairagya*) implica que, mesmo vivendo uma vida de chefe de família (*Grihastha*) e executando todas as ações que lhe são ordenadas, deve-se descartar aqueles objetos onde se encontrem qualidades más e ruins. Por exemplo, existem alguns pratos de que você mais gosta. Esses pratos são colocados diante de você, prontos para comer. O cozinheiro chega nesse momento e apela a você, “Senhor! Por favor, não coma essas coisas. Por engano, um inseto caiu nesse prato e morreu. Isso agora está contaminado. Portanto, por favor, não coma essas coisas”. Imediatamente, você descarta aquele item, mesmo que goste muito dele. Depois de descobrir que os materiais contêm alguma impureza, você não se adiantará para partilhar deles. “Tudo neste mundo é transitório e está sujeito a mudança e destruição” (*Anithyam Asukham Lokamimam Praapya Bhajaswa Maam*). Se você reconhecer esses defeitos, você nunca irá escolher um mundo tão transitório e defeituoso.

Os alimentos que são prescritos para curar uma doença podem não ser uma fonte de prazer. A comida que você come para curar a doença da fome pode ser um prazer? Ela é apenas um remédio para curar a doença da fome e deve ser tomada como tal. Algumas pessoas desejam tomar comprimidos revestidos de açúcar. Da mesma forma, elas desejam comer alimentos saborosos para curar a doença da fome. Tudo o que desfrutamos neste mundo deve ser tomado como um remédio para curar a doença de nossos desejos. Sentimos que estamos levando uma vida muito feliz e próspera neste mundo. Consideramos isso um prazer. Mas, na verdade, não são os objetos que nos proporcionam prazer. E as consequências desse assim chamado "prazer" poderão ser amargas em nossa vida posterior.

Havia uma grande árvore, muito bonita e atraente com muitos galhos, folhas, frutos e flores. Um dia, de repente, ela secou. Todas as folhas e flores secaram e caíram. Qual é a razão? É porque ela não foi suficientemente regada? Ou foi por falta de fertilizante? Não, não. Nada desse tipo. Ela foi infestada por uma praga nas raízes e a doença se espalhou por todas as partes da árvore. Como resultado, a árvore inteira secou repentinamente. Da mesma forma, quando a doença do desejo (*Kama*) e da raiva (*Krodha*) nos afeta, um dia nós desmoronamos repentinamente, mesmo que estejamos rolando em riqueza.

Uma pessoa rica é considerada um grande homem no mundo de hoje. Mas, no campo espiritual, não é esse o caso. A caridade é considerada mais valiosa do que o dinheiro. Se o dinheiro for acumulado sem ser utilizado para fins de caridade, não haverá valor para ele. Existem quatro herdeiros para nossa riqueza. O primeiro herdeiro é a caridade, o segundo é o governo, o terceiro é o ladrão, e o quarto é o fogo. Se nosso dinheiro for mantido aos cuidados do primeiro herdeiro, a saber, a caridade, que é o herdeiro legítimo, os outros três herdeiros não terão qualquer disputa. Até mesmo os ladrões ficarão felizes com uma pessoa com disposição para a caridade. O governo concederá isenção de imposto para o dinheiro doado para fins de caridade. O fogo também hesitará em tocar a riqueza de uma pessoa caridosa. Assim, quando o dinheiro for doado ao herdeiro da caridade, os outros

três herdeiros concordarão com isso. Eles não terão qualquer disputa com aquele herdeiro. Por outro lado, quando o dinheiro é acumulado sem utilizá-lo para fins caritativos, o ladrão estará de olho nele. Ele estará esperando uma oportunidade para roubar o dinheiro. O governo também tentará invadir sua casa e tirar o dinheiro. Mesmo que esses dois herdeiros se esqueçam, subitamente um incêndio pode explodir e destruir tudo. Portanto, a *Bhagavad Gita* estabeleceu o fato de que a caridade é maior do que a riqueza.

Também é dito que a verdade (*Ritham*) é maior do que a fala (*Vaak*). Uma pessoa pode falar qualquer coisa, mas, se suas palavras não estiverem apoiadas na verdade, elas não terão valor. Quando uma pessoa fala a verdade e seu comportamento é baseado na verdade, seu valor aumenta. Também é dito que a honra é muito maior do que uma vida longa. Vida longa sem honra é um desperdício. Essas pessoas são um fardo na Terra e servem apenas para comer e dormir. Você deve ganhar boa reputação. Somente então isso trará glória à sua natureza humana. Você deve fazer o bem, ver o bem e ser o bem. Esse é o seu dever fundamental. Você nunca deve ter um nome ruim. É melhor viver por um período curto como um cisne do que viver por um período longo como um corvo. É suficiente que você viva por um curto período, ganhando um bom nome e honra como um cisne (*Hamsa*). A *Bhagavad Gita* considera tal pessoa um asceta da mais alta ordem (*Paramahamsa*).

Agora, a respeito do corpo (*Deha*). Diz-se que as boas ações (*Sathkarmas*) são mais importantes do que o corpo. Um corpo que não se empenha em fazer o bem aos outros é tão inútil quanto um cadáver vivo (*Jivachchava*). Esse corpo humano nos é dado para fazer o bem aos outros, e não para nos envolvermos em atividades egoístas. Hoje em dia, o egoísmo está fazendo do homem uma marionete e brincando com ele. Em tudo o que uma pessoa faz, em tudo o que vê, em tudo o que pensa, em tudo o que fala, existe um completo egoísmo por trás desses atos. A fim de manter o egoísmo sob controle, devemos nos engajar em ações (*Karmas*) altruístas e sagradas que ajudam os outros. Somente então, a natureza humana

adquirirá um propósito e significado. É dito que “O nascimento humano é o mais raro de todos os seres” (*Janthunam Nara Janma Durlabham*).

Livre-se do desejo (*Kama*) e da raiva (*Krodha*) pela prática constante. Nós devemos pensar seriamente em como nos livrar dessas más qualidades do desejo (*Kama*) e da raiva (*Krodha*). Um pequeno exemplo para isso. Suponha que um dia encontremos um lindo cachorro se movendo na frente de nossa casa. No entanto, nós estamos hesitantes em manter esse cachorro em nosso quintal, pois não sabemos de quem ele é. Como roubar a propriedade de alguém? No entanto, somos tentados por sua beleza e, portanto, oferecemos a ele um pouco de comida. Obtendo de nossas mãos o alimento, o cachorro volta a nossa casa no dia seguinte, exatamente no mesmo horário. Voltamos a oferecer comida no segundo dia também, por causa do nosso fascínio pelo lindo cachorro. Gradualmente, nosso apego pelo cachorro aumenta. O cachorro se acostuma a vir à nossa casa exatamente no mesmo horário todos os dias. Depois de algum tempo, ele desenvolve um grande apego à nossa casa e se recusa a se retirar. No entanto, a beleza e a felicidade são apenas momentâneas. Depois de alimentar o cachorro por alguns dias dessa forma, o dono da casa desenvolve uma aversão à beleza do cachorro. Portanto, ele pensa em vários métodos para afastar o cachorro de sua casa. Ele realiza que o motivo pelo qual o cachorro vai à sua casa diariamente é a sua prática de alimentá-lo diariamente. Portanto, ele pensa em outra prática pela qual pode afugentar o cachorro. Ele conclui que o cachorro se afastará por conta própria, se ele o ignorar e desviar sua atenção para algum outro objeto. Em outras palavras, a mesma prática por conta da qual o cachorro entrou na casa pode ser adotada para afastá-lo também.

Na *Bhagavad Gita* é dito, “Se você deseja alcançar a paz (*Shanti*), você deve ir da prática (*Abhyasa*) para a sabedoria (*Jnana*) e da sabedoria (*Jnana*) para a meditação (*Dhyana*). Da meditação (*Dhyana*), você deve ir para o estágio de renúncia ao fruto de suas ações (*Karmaphala Thyaga*). Quando você for capaz de renúncia (*Thyaga*), você finalmente alcançará a imortalidade (*Amrthathwa*).”

(*Sreyohi Jnanam Abhyasath Jnanath Dhyanam Visishyathe Dhyanaath Karmaphala Thyagah Thyagath Santhi Ranantharam*). A *Bhagavad Gita* está ensinando a verdade de que somente na renúncia (*Thyaga*) reside o seu bem-estar.

Uma vez que estivemos fascinados pela beleza e felicidade que surgem das qualidades gêmeas do desejo (*Kama*) e da raiva (*Krodha*) em muitos de nossos nascimentos anteriores e permitimos que elas florescessem de muitas maneiras, essa prática tornou-se profundamente enraizada em nosso coração. Esses hábitos profundamente enraizados não podem ser erradicados por meras palavras. Eles são tão fortes que eles brotam repetidas vezes. Nós temos recebido com prazer e felicidade as más qualidades que entraram em nossa mente. Agora, nós temos que expulsá-las com a mesma intensidade de sentimento de desapego e renúncia. Nós devemos fazer algumas práticas para esse propósito.

No início, o desejo (*Kama*) parece ser muito agradável ao homem. Ele tem um sabor muito doce. Mas, gradualmente, ele desenvolve azedume. Se você quiser mantê-lo à distância nesse estágio, isso já não será possível. Portanto, o desejo (*Kama*) deve ser mantido à distância desde o início, através do desapego (*Vairagya*). Às vezes, o desejo (*Kama*) e a raiva (*Krodha*) tentam juntos atacar o homem. Portanto, eles devem ser mantidos sob controle desde o início. Se não pudermos controlar o desejo e a raiva, não poderemos conquistar a graça de Deus.

Diz o ditado, "Os bois que não estão amarrados ao jugo, um cavalo sem freio, um carro sem freios e uma vida sem controle dos sentidos são muito perigosos". É por isso que o controle dos sentidos é muito necessário. Patanjali Maharshi expressou a mesma opinião em seu aforismo, "*Yoga* é a restrição dos impulsos ou agitações mentais" (*Yoga Chiththavriththi Nirodhah*). Os impulsos ou agitações mentais (*Chiththavriththis*) não devem ser deixados vagar livremente. Eles devem ser permitidos prevalecer apenas na medida do necessário. Pela expressão ilimitada desses impulsos ou agitações mentais (*Chiththavriththis*), uma pessoa se torna mentalmente perturbada. Para qualquer coisa, deve haver um limite.

Um pequeno exemplo. A temperatura normal do nosso corpo é 36,5ºC. Se a temperatura subir para 38ºC, isso significa que você está com febre. Então, quando a temperatura está normal, isso é um indicativo de boa saúde. Caso contrário, é um indicativo de doença. Similarmente, a pressão arterial em nosso corpo deve ser 120/80. Isso é perfeitamente normal. Quando a pressão for 150/90, isso é uma indicação de doença. Nossa frequência cardíaca normal é de 72-75. Se ela ultrapassar esse limite, isso é indicativo de alguma doença. Nossos olhos também podem ver uma quantidade limitada de luz. Quando há um excesso, a retina do olho queima. O mesmo acontece com nossos tímpanos. Eles podem ouvir o som até certo ponto. Assim, toda a nossa vida é como uma sociedade limitada. Se essa sociedade limitada for administrar negócios ilimitados, haverá perigo em algum ponto ou outro. Portanto, devemos nós mesmos estabelecer um limite razoável e passar a nossa vida em felicidade. Isso é chamado de disciplina. A disciplina ajuda o homem a progredir. Sem limites, o homem se torna um animal.

Você deve fazer esforços para controlar e conquistar esses formidáveis inimigos, o desejo (*Kama*) e a raiva (*Krodha*), em sua vida. Esses inimigos não são externos. Como pode uma pessoa subjugada pelos inimigos internos, conquistar os inimigos externos? Portanto, primeiro tente subjugar os inimigos internos. Então, você poderá facilmente conquistar os inimigos externos. A *Bhagavad Gita* estabeleceu o fato de que o desejo (*Kama*) e a raiva (*Krodha*) são os principais inimigos da liberação (*Moksha*). Nós discutiremos amanhã sobre outro inimigo interno muito importante, a saber, a inveja (*Asuya*).

Prasanthi Nilayam, 12 de Agosto de 1984.

11

A Prática do Desapego

Quando uma pessoa percebe um defeito ou impureza em alguma coisa, ela jamais desejará possuir essa coisa. Para uma pessoa desejosa de ver Deus e realizá-Lo, o desapego (*Vairagya*) é a prática (*Sadhana*) mais importante. O desapego (*Vairagya*) nos ajuda a bater a mente e transformá-la de uma visão externa para uma visão interna. Arjuna orou a Krishna, "A mente é muito instável, vacilante, forte e perigosa" (*Chanchalam Hi Manah Krishna Pramadi Balavad Dhridham*). Krishna respondeu, "Eu sei que a mente é vacilante, forte e perigosa. Você não precisa temer por isso. Para lidar com essa mente, existem alguns métodos fáceis como a prática (*Abhyasa*) e o desapego (*Vairagya*)".

O elefante é muito forte. Mas ele pode ser controlado pelo domador (*Mahout*) por meio de um aguilhão (*Ankusa*). O cavalo é muito instável. Ele sempre move uma parte ou outra de seu corpo. É por isso que ele é chamado de *Aswa*. Assim como a árvore *Peepul* (*Aswaththa Vriksha*) balança suas folhas com ou sem vento, o cavalo também está sempre movendo alguma parte de seu corpo. Sua natureza é instável (*Chanchala*). Nos tempos antigos, havia um ritual de sacrifício chamado "*Aswamedha Yaga*". Aqui, a palavra "*Medha*" significa mente. Ela é sempre vacilante e instável como um cavalo (*Aswa*). "*Aswamedha Yaga*" significa controlar essa mente instável e torná-la estável. Outro exemplo é o macaco. Sua mente nunca está estável. É por isso que se tornou proverbial referir-se à mente como uma "mente-macaco".

Assim como um elefante forte e poderoso pode ser controlado por um aguilhão (*Ankusa*), assim como um cavalo instável pode ser controlado por uma rédea, assim como alguma prática é necessária para controlar a inconstância de um macaco, da mesma forma, a mente forte e instável pode ser estabilizada por meio de desapego (*Vairagya*) e prática constante (*Abhyasa*).

O esforço para reconhecer a natureza impermanente e perecível de um objeto e controlar nossa mente para não desviar sua atenção para aquele objeto é chamado de desapego (*Vairagya*). Descartar um objeto não é desapego (*Vairagya*). Nosso apego ao objeto é que deve ser descartado. Em suma, descartar nosso apego a um objeto e então tentar desfrutar desse objeto é a prática do desapego (*Vairagya*).

Neste mundo objetivo, todo objeto, todo indivíduo e aspecto está sujeito a mudanças. Este universo está sujeito a seis tipos de mudanças (*Shadvikaaras*), nomeadamente, nascimento, crescimento, desejo por um objeto, usufruto do objeto, decadência e morte. A *Bhagavad Gita* ensina que é errado de nossa parte desperdiçar nossa vida valiosa por causa de um mundo objetivo impermanente que está sujeito a esses seis tipos de mudanças (*Shadvikaaras*).

Você deve ter observado como as imagens de Garuda em um templo de Vishnu, Nandi em um templo de Shiva, e Hanuman em um templo de Sri Rama estão posicionadas. Essas imagens revelam uma aversão ao mundo objetivo e um gosto pela Divindade. A visão de Garuda, Nandi ou Hanuman é claramente fixada em seu Senhor, e não em direção ao mundo objetivo, que é de natureza perecível (*Naswara*).

Uma vez que percebemos um defeito ou impureza em um objeto, nós nunca iremos desejar esse objeto em nossa vida, sob nenhuma circunstância. Mesmo reis e imperadores rolando em riqueza, finalmente reconheceram a verdade de que a paz a que aspiravam não estava disponível neste mundo objetivo. Eles, portanto, foram para as florestas para contemplar a Divindade e fazer penitência. A história está repleta de inúmeros exemplos.

O desapego (*Vairagya*) não surge simplesmente pelo reconhecimento do defeito ou impureza em um objeto. Nós devemos descartar esse objeto e buscar um objeto perfeito, puro e permanente. Não adianta identificar o sofrimento. Nós devemos

também fazer um esforço de nossa parte para alcançar a paz e a felicidade. Nosso esforço para redimir o sofrimento e alcançar a felicidade é chamado de desapego (*Vairagya*). Por um lado, nós devemos reconhecer o defeito ou impureza em um objeto e descartá-lo. Por outro lado, nós devemos optar por objetos perfeitos e puros em qualidade. Somente então, nossa fé na verdade eterna se desenvolverá.

No mundo de hoje, quando somos confrontados com dores, sofrimentos e dificuldades, quando nossa propriedade está em jogo, quando estamos no leito de morte e quando somos expostos a várias outras situações difíceis, é comum pensarmos em desapego (*Vairagya*). Um pequeno exemplo para ilustrar esse ponto. Supondo-se que uma pessoa morreu. Ela é levada ao cemitério e cremada ou enterrada. Enquanto decorre esse processo, as outras pessoas que assistem ao ritual subitamente começam a pensar, “Que pena! Não é verdade que todos os nossos corpos terão o mesmo destino um dia ou outro?” Assim, o desapego (*Vairagya*) subitamente alvorece para elas. Esse não é o verdadeiro desapego (*Vairagya*). Isso é desapego de cemitério (*Smasana Vairagya*). Esse é apenas um fenômeno temporário. Uma dona de casa, enquanto está passando pelas dores do parto antes de dar à luz um filho, incapaz de suportar a dor, decide não ter um filho novamente. Esse desapego nascido das dores do parto (*Prasoothi Vairagya*) também é temporário. Se, no entanto, acontece de nascer uma criança do sexo feminino, ela quererá ter um filho do sexo masculino no ano seguinte. Similarmente, o homem experimenta muitos desapegos (*Vairagyas*) diariamente. Quando seus desejos não são satisfeitos, ele fica frustrado e, portanto, desenvolve um sentimento de desapego (*Vairagya*). Todos esses desapegos (*Vairagyas*) são apenas temporários.

Desapego (*Vairagya*) é de dois tipos, desapego leve (*Manda Vairagya*) e desapego intenso (*Theevra Vairagya*). Suponha que uma pessoa queira executar uma boa ação. Nesse caso, ela não executa essa boa ação imediatamente. Ela seguirá adiando a boa ação, pensando, “Vamos fazer isso amanhã, depois de amanhã, depois de uma semana, depois de algum tempo, etc.” Desse modo, ela desperdiça

o seu tempo. Supondo que essa pessoa deseje fazer algumas coisas ruins. Nesse caso, ela decide fazer isso imediatamente, pensando que amanhã seria tarde demais. O desapego (*Vairagya*) estará na linha de frente para executar essas coisas ruins. Assim, adiar coisas boas e decidir empreender coisas ruins imediatamente é chamado de desapego leve (*Manda Vairagya*). Agora, sobre o desapego intenso (*Theevra Vairagya*). Isso significa que, uma vez decidido que uma determinada ação é boa, sagrada e permanente, não haverá mais desperdício de tempo sobre isso. Imediatamente ela será colocada em ação. Essa pessoa nem mesmo irá dormir até que essa boa ação seja executada. Esse desapego intenso (*Theevra Vairagya*) é muito necessário para o homem.

O Senhor Buddha traçou um caminho sagrado para o desapego (*Vairagya*). Uma vez que ele realizou que o corpo humano é perecível, a Divindade é eterna, a verdade é importante e a não-violência é o fator orientador, ele imediatamente renunciou à sua esposa, filho e reino. Ele foi para as florestas e contemplou profundamente a verdade eterna, até que a sabedoria alvoreceu nele.

O imperador Harischandra teve que trabalhar como vigia em um cemitério, por força das circunstâncias, para defender a verdade. Ele estava, desde o início, trilhando o caminho do desapego (*Vairagya*). Um dia, o corpo morto de uma pessoa muito rica foi levado ao cemitério por seus amigos e parentes para cremação. O corpo foi colocado na pira funerária e a pira funerária foi acesa. Em seguida, todos eles voltaram para suas respectivas casas. A natureza de um corpo morto é tal que, quando a medula espinhal do corpo é exposta ao calor por algum tempo, o corpo se eleva até uma pequena altura. Por isso, antes de acender a pira funerária, um grande tronco de madeira é colocado sobre o peito. No caso em questão, todos os familiares e amigos do falecido já haviam partido para suas casas. Apenas Harischandra estava de pé perto da pira funerária. Pobre homem! Ele estava colocando uma tora após a outra sobre o cadáver para queimá-lo completamente. Em uma fração de segundo, Harischandra sentiu como se o cadáver se erguesse e se sentasse na pira! Ele ficou surpreso! “O quê?! A vida

voltou a esse cadáver?” Pensando assim, ele se aproximou do cadáver e este caiu. Então Harischandra começou a pensar consigo mesmo, assim,

“*Pensando que o mundo ilusório é real,*
Desenvolvemos apegos como ‘minha esposa’ e ‘meu filho’,
Enquanto existe vida, por conta da ilusão.
Esse corpo agora está sendo queimado no fogo,
Nem a esposa nem o filho vêm em seu socorro.”

Ele estava pesaroso pela condição lamentável e desamparada do corpo morto, que outrora pertencera a um homem muito rico. Essa situação o levou a alturas mais elevadas de desapego (*Vairagya*).

Os seres humanos, na verdade, todos os seres vivos e objetos neste mundo estão sujeitos a constantes mudanças. Essas mudanças não são imaginárias ou ilusórias. Elas são naturais e inerentes. Uma vez que realizemos a natureza deste mundo transitório, nunca desenvolveremos qualquer apego a ele. Quando uma pessoa sabe que uma cobra é venenosa, ela nunca chegará perto dela. Somente aqueles que são ignorantes desse fato ou loucos tentariam segurar uma cobra e assim perderiam suas vidas por picada de cobra. A *Bhagavad Gita* ensinou que é melhor reconhecer a natureza ilusória e transitória do universo (*Jagath*) e agir de acordo com isso desde o início do que sofrer em um estágio posterior, desenvolvendo apego e nos iludindo. Incapaz de reconhecer essa verdade, o homem deseja se engajar em muitas atividades.

“‘*Eu farei isso. Eu farei aquilo. Eu farei tantas coisas.*’
Não teça desse modo uma teia de imaginação e fadiga.
Tendo semeado essas sementes, você agora está aqui.
Apenas esses frutos você irá desfrutar.”

"Como é a semente, assim é o fruto", diz o ditado. Como pode ser diferente? Quaisquer que sejam as ações que você executar, o Senhor do destino (Brahma) fará uma pesada guirlanda com todas as ações (*Karmas*) boas ou ruins, sem reter nem mesmo uma. Ele colocará essa guirlanda em volta do seu pescoço e enviará você para este mundo.

"*Nenhuma guirlanda pode ser vista em volta do seu pescoço,*
Quando você nasce do ventre de sua mãe.
Não há colar de pérolas, nem mesmo um exemplar.
Sem corrente de ouro em volta do seu pescoço,
Nem um colar de pedras preciosas, nem de jades.
Mas existe, existe uma guirlanda ao redor do seu pescoço,
Nenhum bem, nenhum mal, é deixado de fora.
Todas as ações (Karmas) são transformadas em uma guirlanda,
E colocadas ao redor do seu pescoço.
Brahma irá enviar você para este mundo,
Com essa guirlanda pesada."

Embora essa guirlanda de ações (*Karmas*) não seja visível para nós, ela estará pendurada em nosso pescoço. Quem quer que tenha reconhecido essa verdade deve sempre tentar executar boas ações (*Sathkarmas*). Esse esforço é chamado de desapego (*Vairagya*).

O rei Janaka foi um grande alma realizada (*Brahma Jnani*). Ele era o rei de *Videha*, o que significa que ele não dava importância ao corpo (*Deha*). Isso significa que ele era uma grande alma realizada (*Atma Jnani*). Um dia, depois do jantar, ele estava discutindo algo com seus ministros e seguidores. Portanto, ele se retirou para a cama tarde. Ele lentamente adormeceu enquanto os criados pressionavam seus pés e o abanavam. Sua rainha também estava ao seu lado. A rainha, percebendo que o rei adormecera, mandou os servos saírem da sala. Ela estava cuidando dele atenciosamente, pois ele estava muito cansado.

Depois de algum tempo, o rei se levantou da cama e começou a gritar, “Isso é verdade? Ou aquilo é verdade?” A rainha estava profundamente perturbada com o comportamento do rei. Apesar de suas repetidas perguntas sobre o motivo dessa mudança repentina em seu comportamento, não havia resposta dele. As únicas palavras que ele dizia eram seu contínuo questionamento, “Isso é verdade? Ou aquilo é verdade?” Então a rainha chamou os ministros e servos para ajudá-la a descobrir o motivo desse estranho comportamento por parte do rei. Eles, por sua vez, fizeram perguntas. Mas, não houve resposta do rei. Para todas as perguntas, houve apenas uma resposta do rei, seu questionamento, “Isso é verdade? Ou aquilo é verdade?”

O sábio Vasishta era um *Triloka Jnani*, ou seja, aquele que sabe tudo o que acontece nos três mundos. Portanto, ele fechou os olhos por um momento e tentou pensar sobre a razão para esse tipo de comportamento do rei Janaka. Ele realizou que o rei Janaka tivera um sonho no qual ele havia sido destronado e estava vagando pelas florestas com uma fome aguda. Lá, ele avistou alguns ladrões na floresta prestes a comer sua comida em um prato de folhas. Ele foi e implorou por comida e eles lhe deram um pouco de comida em um prato de folhas, apiedando-se dele. Quando ele estava prestes a comer aquela comida, subitamente, de algum lugar, uma águia veio e arrebatou aquela folha junto com a comida. Ele gritou em profunda angústia por não poder tomar nem mesmo o alimento oferecido a ele por caridade. Com isso, o sonho acabou e ele acordou. Quando ele voltou ao estado de vigília, ele realizou que, como sempre, estava em seu palácio, feliz, deitado em uma cama macia, com sua rainha e servos prestando todo tipo de serviço para ele. No sonho, ele havia sido destronado e sofria de uma fome aguda e até mesmo a comida oferecida a ele como caridade fora arrebatada por uma águia. Quando ele acordou, ele se encontrou relaxando feliz em uma cama macia em seu palácio, cercado por sua rainha e servos. Ele era o rei, como sempre. Portanto, ele estava perguntando se a experiência do sonho era real (Aquilo é verdade?) ou se a experiência no estado de vigília era real (Isso é verdade?).

Vasishta, reconhecendo a situação do rei Janaka, explicou a ele que nem aquilo era verdade (a experiência do sonho) nem a experiência do estado de vigília era verdade. A única verdade era ele mesmo. Não há estado de vigília no estado de sonho e vice-versa. No entanto, Janaka estava ali tanto no estado de vigília quanto no estado de sonho. Essa é a verdade. Esse é o onipresente. Assim explicou o sábio Vasishta.

Nossa vida durante o dia é um sonho diurno e durante a noite um sonho noturno. Ambos são apenas sonhos. Assim, tanto o estado de vigília quanto o de sonho são uma espécie de ilusão. Fazer esforços para reconhecer tais discrepâncias é o verdadeiro desapego (*Vairagya*), disse o Senhor Krishna.

Desapego (*Vairagya*) não significa deixar tudo neste mundo, retirar-se para a floresta e fazer severas penitências (*Thapas*). Agora surge a pergunta, "O que é penitência (*Thapas*)?" Colocar sua cabeça para baixo e erguer seus pés para o alto? Não, não. Esse é um tipo de exercício chamado *Seershasana*. Esses exercícios visam manter uma boa saúde, isso é tudo. Penitência (*Thapas*) significa um anseio intenso pela Divindade. É um estado de espírito em que não se pode suportar a separação de Deus em nenhum momento e lugar. Nessa penitência (*Thapas*), não haverá as três qualidades (*Gunas*). Todas as três qualidades, de pureza (*Sathwa*), atividade (*Rajas*) e inércia (*Thamas*), perdem sua identidade distinta e se fundem em uma única. Assim, é dito que penitência (*Thapas*) é a fusão das três qualidades (*Gunas*). É por isso que o fruto da penitência (*Thapah Phala*) é a bem-aventurança desfrutada pela unidade das três qualidades (*Gunas*).

Um pequeno exemplo em nossa vida diária. Utilizamos eletricidade para diversos propósitos. Existe um ventilador com três pás. Quando ligamos o ventilador e as três pás giram em uníssono, recebemos uma rajada de vento que nos proporciona conforto. Da mesma forma, a bem-aventurança surge do uníssono das três qualidades (*Gunas*). Nosso coração é como uma sala. As três qualidades (*Gunas*)

são as três lâminas do ventilador. Nosso intelecto é o interruptor. Nosso poder do *Atma* é a corrente. Nossa disciplina espiritual (*Sadhana*) é o esforço para ligar essa chave. O ar que nos dá conforto é a bem-aventurança. Assim, nossa própria vida pode ser convertida em penitência (*Thapas*). Mas, o homem de hoje em dia não é capaz de desenvolver o seu poder de penitência (*Thapas Shakti*) e está apenas desenvolvendo a escuridão da ignorância (*Thamas*). Quando o homem direciona sua visão para o mundo perecível (*Naswara Jagath*), ela se torna escuridão (*Thamas*). Quando a mesma visão é direcionada para o *Atma* eterno, ela se torna penitência (*Thapas*). Todos os poderes estão disponíveis no método de direcionar a mente.

Eu tenho contado um pequeno exemplo aos estudantes. Uma porta é mantida fechada com uma fechadura. Se você colocar a chave na fechadura e virar para a direita, ela se abrirá. Mas, se você girar a chave para a esquerda, ela fechará. A fechadura é a mesma. A chave é a mesma. A única diferença é quanto a girar a chave. Da mesma forma, nosso coração é a fechadura e nossa mente é a chave. Se voltarmos nossa mente para Deus, isso é liberação (*Moksha*). Se voltarmos nossa mente para o mundo perecível, isso é escravidão (*Bandha*). É por isso que se diz, "É apenas a mente que se torna a causa de nossa liberação ou escravidão" (*Mana Eva Manushyaanam Kaaranam Bandha Mokshayoh*). Portanto, desapego (*Vairagya*) é considerado o esforço para concentrar nossa mente na Divindade eterna, sem direcioná-la para o mundo perecível e impermanente.

Devemos cultivar um desapego intenso. Não devemos adiar a prática espiritual (*Sadhana*), dizendo, "Da próxima vez", "Da próxima vez". Quando queremos ir a uma festa de casamento, nós guardamos dois *Dhothis* e duas camisas ou dois *Saris* com blusas em uma mala e nos preparamos. Se quisermos ir a um cinema, nós colocamos cinco rúpias no bolso, colocamos nossas sandálias (*Chappalas*) e partimos. Da mesma forma, se quisermos dar um passeio, nós pegamos a bengala, colocamos as sandálias (*Chappalas*) e estamos prontos. Todas essas atividades são executadas como uma preparação. Se quisermos ir, podemos ir. Caso contrário,

podemos até cancelar esses compromissos. Nós também podemos adiá-los. Mas, nenhum adiamento ou cancelamento é possível em relação à nossa última jornada. Portanto, como podemos dizer, “Da próxima vez”, em nossa vida?

Devemos estar sempre prontos e totalmente preparados para nossa última jornada, com intenso desapego (*Vairagya*). O tempo não espera por ninguém. Os seres humanos devem seguir o tempo, mas o tempo não os seguirá. O tempo é um fluxo contínuo (*Pravahika*). Mesmo enquanto desfrutamos deste mundo objetivo, devemos sempre cumprir nosso dever atribuído na vida, com intenso desapego (*Vairagya*). Assim ensina a *Bhagavad Gita*.

Prasanthi Nilayam, 13 de Agosto de 1984.

12

Desapego e Disciplina

A mente (*Chiththa*) é como um eixo para a roda dos nascimentos e mortes (*Samsara Chakra*). O desapego (*Vairagya*) desempenha um papel muito importante no controle dessa mente. O *Atma* é encoberto pela mente. Isso é chamado de *Avarana*, que significa véu ou cobertura. A mente é o véu ou cobertura (*Avarana*) para o *Atma*. Uma vez que os sentidos correm atrás dos objetos, eles se tornam a causa de escravidão e sofrimento. Para impedir que os sentidos corram atrás dos objetos, o desapego (*Vairagya*) é o mais essencial. Quando os sentidos que correm atrás dos objetos são controlados pelo desapego (*Vairagya*), eles não são capazes de exercer qualquer influência sobre a mente. Quando a mente é assim libertada das garras dos sentidos, ela lança fora o véu (*Avarana*) que a envolve. Então, o *Atma* revelará sua verdadeira natureza. Portanto, a *Bhagavad Gita* ensina que o desapego (*Vairagya*) é o mais essencial para a purificação do Ser (*Atma Samskara*) e a realização do Ser (*Atma Sakshathkara*).

Quando os sentidos percebem um objeto através dos olhos ou dos ouvidos, um desejo por esse objeto é criado na mente de uma pessoa. O desapego (*Vairagya*) descarta esse desejo, dizem os *Yoga Suthras* de Pantajali. Eles estabeleceram o fato de que o desapego (*Vairagya*) mantém o seu interesse longe da natureza e da forma de um objeto. O *Sankara Bhashya* de Sankaracharya enfatizou o fato de que é essencial realizar a natureza transitória dos objetos neste mundo, manter afastado nosso desejo por tais objetos e desenvolver um sentimento de desapego (*Vairagya*) em relação a eles. Agora sobre a autoridade dos *Vedas* (*Sruthi Pramana*). Os *Vedas* (*Sruthis*) ensinam que o desapego (*Vairagya*) é o ato de desenvolver uma aversão por todos os objetos neste mundo, incluindo o corpo (*Deha*). Eles estabeleceram o fato de que a principal razão para o sentimento de escravidão do homem é a influência dos sentidos correndo atrás dos objetos. Assim como o fogo diminui por conta própria quando a lenha é removida da lareira, da mesma forma, quando

controlamos nossos desejos, os sentidos se tornam subjugados por conta própria. As escrituras (*Sasthras*) revelaram esse fato de uma forma mais direta e inequívoca. Elas declararam que um asceta que faça pouco caso até mesmo da posição do Senhor Brahma é o verdadeiro renunciante (*Viragi*). Quando Nachiketha foi até o Senhor Yama, o Senhor Yama ensinou várias coisas a ele e ofereceu a ele uma quantidade ilimitada de bens e confortos mundanos. Mas Nachiketha educadamente recusou a oferta, dizendo que o que ele queria era a busca pela Divindade (*Atmanveshana*) e a realização do *Atma* (*Atma Sandarsana*) e não os prazeres e confortos mundanos transitórios, perecíveis, impermanentes e ilusórios. Mesmo se o poder de governar toda a Terra lhe fosse oferecido, ele recusaria categoricamente, disse ele. Portanto, essa escravidão e esses sofrimentos são apenas para aqueles que anseiam pela satisfação dos desejos dos sentidos.

Suponha que tenhamos vivido em uma determinada casa por vários anos e um dia nós tivéssemos que desocupar aquela casa e mudar para outra casa. Então, todos os artigos que considerávamos nossos seriam embalados e colocados em um caminhão para transporte para a nova casa. Qual o motivo desse cuidado? É apenas o nosso apego (*Mamakara*) por esses objetos que foram adquiridos para a satisfação dos nossos sentidos. Agora, existe um diretor de uma faculdade ou de uma escola. Existem vários artigos pertencentes à instituição. Existem móveis como cadeiras, bancos, escrivaninhas, equipamentos de laboratório caros, relógios de parede, etc. No entanto, o diretor deixa a instituição após a aposentadoria de mãos vazias, mantendo todos esses artigos intactos, assim como quando ele veio pela primeira vez. Ele não sente de forma alguma, “Oh! Como faço para deixar esses artigos e ir embora? E esse mobiliário, esses equipamentos? Como faço para sair dessa instituição?” A razão é que esses artigos não pertencem a ele. Eles pertencem à instituição ou ao governo. Porque eles não pertencem a ele, não há nenhum apego por esses artigos. Ele pode, portanto, deixar a instituição com alegria. Isso é chamado de não-apego (*Anapeksha*). Aqui, não há espaço para o apego (*Apeksha*) de forma alguma, pois não existe o sentimento de “meu” (*Mamathwa*).

Onde existe o sentimento de “meu” (*Mamathwa*), existe escravidão (*Bandhana*) e sofrimento (*Dukha*). Onde não existe o sentimento de “meu” (*Mamathwa*) e somente um estado de não-envolvimento (*Upeksha*), não há espaço para escravidão (*Bandhana*) e sofrimento (*Dukha*). Para todo sofrimento e escravidão do homem, a causa raiz é o apego (*Abhimana*) e o sentimento egoísta de “meu” (*Mamakara*). Você pode desfrutar de todos os objetos do mundo. Certamente! Você não precisa descartar os objetos! Você não precisa desistir da atividade (*Karma Thyaga*). A única coisa que você precisa fazer é mudar sua atitude em relação aos objetos e às ações (*Karmas*). Deixe o sentimento de “eu” e “meu”. Deixe o sentimento egoísta de “meu” (*Mamathwa*) pelo resultado de suas ações. Execute todos os deveres ordenados a você (*Karthavya Karmas*). Reconheça o defeito ou a impureza no objeto. Quando você fizer isso, o próprio objeto desaparecerá de sua visão (ou seja, o seu desejo pelo objeto desaparecerá).

Antes do seu nascimento, quem é a mãe? Qual é a sua relação com ela ou vice-versa? Antes do casamento, quem é o marido e quem é a esposa? Somente depois do casamento vocês se tornam marido e mulher. É somente após o nascimento que se desenvolve um relacionamento entre mãe e filho. Assim, não existe relacionamento antes disso e depois disso. Todas essas relações ocorrem apenas nesse período intermediário. Esses sentimentos de posse (*Mamathwa*) e apego (*Abhimana*) são o resultado de uma aberração de nossa visão apenas. Quando nós reconhecermos esses defeitos de maneira adequada, não haverá espaço para tais sentimentos.

A renúncia (*Thyaga*) é *Tharakam*, ou seja, aquilo que protege e ajuda a cruzar o oceano da existência mundana (*Samsara*), e o apego (*Abhimana*) é *Marakam*, ou seja, morte e destruição.

O ser individual (*Jivaatma Thathwa*) está sempre imerso no Ser supremo (*Brahma Thathwa* ou *Paramatma Thathwa*). Isso significa que não devemos desenvolver

apego (*Abhimana*) e o sentimento de “meu” (*Mamakara*), mesmo nos estados de sonho (*Swapna*) e de sono profundo (*Sushupthi*). Quando você desenvolve um forte sentimento de posse (*Mamathwa*) no estado de vigília (*Jagrath*), o mesmo sentimento em uma forma sutil aparece no estado de sonho (*Swapna*). O estado de sonho é como um espelho. Quaisquer que sejam as experiências que tenhamos no estado de vigília, seus reflexos aparecerão eventualmente no estado de sonho. O estado de vigília e o estado de sonho são como o objeto e sua imagem. No estado de vigília, se reconhecermos a verdade, seguirmos o caminho correto e alcançarmos um nível superior, será possível visualizarmos os reflexos da verdade e da eternidade no estado de sonho. Portanto, devemos gradualmente descartar os defeitos e impurezas nos objetos e tentar alcançar um estado de desapego (*Vairagya*).

Com o passar do tempo, todas as coisas neste mundo objetivo sofrem uma mudança. Nós consideramos a comida preparada hoje como boa, fresca e pura. Quando ela está “quente, quente”, seu sabor e frescor são bastante aceitáveis. Ela é como néctar (*Amrtha*) para nós. Guarde a mesma comida por dois dias e tente comê-la. Ela se torna veneno. O que se acredita ser bom, o que é desejável, o que é próprio para o nosso consumo, torna-se veneno e impróprio depois de algum tempo. De acordo com esse fenômeno, as diferenças entre os quatro tipos de devotos, ou seja, aqueles que buscam alívio para seu sofrimento (*Aarthas*), aqueles que buscam poder e riqueza (*Artharthis*), aqueles que investigam o conhecimento espiritual (*Jijnasus*) e aqueles que alcançaram a realização (*Jnanis*) podem ser consideradas como as mudanças nas fases de um mesmo indivíduo. Com o passar do tempo, os nomes e as formas mudaram.

O homem está sujeito a várias mudanças neste mundo, a saber, “Quem são os pais? Quem são os filhos? Quem são os amigos? Quem são os inimigos? A quem pertence essa riqueza? A quem pertencem essas casas? Quem são as pessoas que residem nessas casas? Quem somos nós? Onde moramos em nosso nascimento anterior? Onde iremos residir no nosso próximo nascimento?”, etc. Todas essas

são grandes questões para as quais não há respostas. Tudo é incerto. No fluxo eterno do tempo, o homem passa por várias dessas mudanças. Colocado em tal situação, é uma grande tolice da parte do homem desenvolver um sentimento de posse (*Mamathwa*). A *Bhagavad Gita* nos exortou a reconhecer essa tolice e gradualmente desenvolver desapego (*Vairagya*).

O segundo requisito é a prática (*Abhyasa*). Que tipo de prática? Outro nome dado a isso é penitência (*Thapas*). Todos têm medo dessa palavra, penitência (*Thapas*). A mera menção dessa palavra causa tremores nas pessoas. Normalmente entendemos penitência (*Thapas*) como ir para a floresta, comer raízes e folhas e observar uma rotina rigorosa. Não, isso não é penitência (*Thapas*). Isso é enfraquecer o corpo com certas práticas externas. Verdadeira penitência (*Thapas*) é enfraquecer as qualidades (*Gunas*) da atividade (*Rajas*) e da inércia (*Thamas*) e remover os defeitos, as deficiências e as impurezas dos sentidos. Essa é considerada a interpretação correta da palavra penitência (*Thapas*).

Penitência (*Thapas*) é de três tipos, a saber, penitência relacionada ao corpo (*Sareerika Thapas*), penitência relacionada à fala (*Vachika Thapas*) e penitência relacionada à mente (*Manasika Thapas*).

Penitência relacionada ao corpo (*Sareerika Thapas*) significa engajar o corpo em atividades boas e sagradas, e oferecer reverências e adoração às grandes almas, aos sábios e às várias deidades e permanecer grato a eles. Quando obtemos sua graça por meio desses atos, os sentimentos de “eu” e “meu” (*Ahamkara* e *Mamakara*) são removidos. Quando esses sentimentos são removidos, a humildade e a obediência se desenvolvem. O homem segue uma conduta correta, se dedica a boas atividades e se une à companhia de pessoas boas. Ele lê escrituras sagradas e grandes épicos como a *Bhagavad Gita*, o *Ramayana*, o *Mahabharatha* e o *Bhagavatha Purana*. Ele executa várias atividades de caridade como educação gratuita (*Vidyadana*), atendimento médico gratuito (*Vaidyadana*), trabalho gratuito (*Sramadana*), comida gratuita (*Annadana*), doação de terras (*Bhoodana*),

doação de vacas (*Godana*), doação de ouro (*Suvarnadana*), etc. Assim, ele santifica seu corpo. Isso significa que, por engajar o seu corpo em atividades boas e sagradas, protegendo-se de quaisquer impurezas (físicas e mentais) e por desistir de executar quaisquer más ações, ele se mantém longe das influências das qualidades (*Gunas*) da atividade (*Rajas*) e da inércia (*Thamas*). Todas essas atividades se referem à penitência relacionada ao corpo (*Sareerika Thapas*).

Com relação à penitência relacionada à fala (*Vachika Thapas*), isso significa falar palavras puras, sagradas e agradáveis, cheias de verdade. Mesmo a verdade que você fala não deve ser dura e pungente, causando agonia mental e física aos outros. Porque você queira falar somente a verdade e nada mais que a verdade, isso não deve causar desagrado aos outros. Baseando-se nesse princípio, a *Bhagavad Gita* declarou assim, "Uma fala que não causa excitação, e que é verdadeira, agradável e benéfica, e a prática do estudo dos *Vedas*, são chamadas de penitências da fala" (*Anudwegakaram Vaakyam Sathyam Priyahitham Cha Yath Swaadhyaya Abhyasanam Chaiva Vaanmayam Thapa Utchyathe*).

Nossa língua sagrada deve ser utilizada para ajudar e dar felicidade e alegria aos outros. Ela nunca deve ferir os sentimentos dos outros. Nossa língua deve estar constantemente empenhada em cantar a glória de Deus. Ela deve ensinar aos outros o caminho certo a ser trilhado. Quando outros estão trilhando o caminho errado, você deve ser capaz de trazê-los de volta ao caminho certo, explicando-os e convencendo-os com suas palavras doces e agradáveis, cheias de verdade. Você deve sempre falar a verdade. A verdade (*Sathya*) e a não-violência (*Ahimsa*) devem se tornar parte de sua natureza.

Algumas vezes, é possível que, ao aderir à verdade e à não-violência, você enfrente muitos problemas. Podem surgir vários obstáculos para praticar essa penitência (*Thapas*). Havia um sábio que estava profundamente engajado em penitência (*Thapas*), somente nesses dois valores (verdade e não-violência). Ele havia jurado que não falaria mentiras nem faria mal a ninguém. Tendo ouvido falar de sua

adesão inabalável aos valores (*Deeksha*), um caçador mal-intencionado jurou desviar a atenção do sábio de seu caminho, de uma forma ou de outra. Ele veio correndo atrás de um antílope na frente do *Ashram* onde esse sábio estava fazendo suas penitências (*Thapas*). O sábio viu o antílope escondido em um arbusto espesso. O caçador que corria atrás do antílope aproximou-se do sábio e perguntou-lhe se ele sabia onde estava o antílope. Com essa pergunta, o sábio entrou em uma situação difícil. Ele estava em um dilema. Se ele revelasse o local onde o antílope estava escondido, o caçador atiraria uma flecha e o mataria. Se ele não revelasse, isso equivaleria a falar uma mentira. Em ambos os casos, ele estaria com problemas. Portanto, ele pensou em um plano pelo qual poderia salvar a si mesmo e também ao antílope. Ele respondeu, "Aquilo que viu, não pode falar, aquilo que pode falar, não viu. Os olhos viram, mas não podem falar, a língua pode falar, mas não viu. Uma parte vê e a outra fala. Como isso pode ser a verdade? Portanto, por gentileza, vá e pesquise por si mesmo". Em tal situação, é necessário adotar essas táticas. Em uma situação como essa, nós não devemos falar nem a verdade nem a mentira. Você nunca deve falar mentiras em nenhuma circunstância. Se você não quer falar a verdade por qualquer motivo, é melhor ficar calado. Você não precisa falar mentiras.

O terceiro tipo de penitência (*Thapas*), isto é, a penitência relacionada à mente (*Manasika Thapas*), tem uma influência sobre os dois tipos anteriores. A penitência relacionada à mente (*Manasika Thapas*) nos ordena que sempre cultivemos bons pensamentos.

Sejam quais forem os pensamentos que tenhamos em nossa mente, seu reflexo será visível em nossa face. É por isso que se diz, "A face é o índice da mente". Se estivermos tristes em nossa mente, nossa face também parecerá triste. Se pensamentos puros e sagrados forem mantidos em nossa mente, nossa face estará radiante de felicidade e sorrisos. A influência da mente se reflete na face. Quando há bons sentimentos e bons pensamentos na mente, o homem também sente felicidade externamente. Enquanto o homem está sofrendo uma grande agonia

mental dentro de si mesmo, se ele exibe um rosto sorridente, isso parece artificial. Nós podemos identificar facilmente o estado mental de um tal homem. Nós não devemos ser assim. Nós devemos alcançar um estágio em que estejamos sempre felizes, tanto interna quanto externamente. Quando é que nós alcançamos esse estágio? Somente quando nós cultivamos bons pensamentos constantemente.

Para esse propósito, é necessário controlar a nossa língua (*Vaak*) tanto quanto possível. Devemos observar silêncio (*Mouna*) diariamente por pelo menos algumas horas. Somente então, a mente terá algum descanso. Também é possível purificar a mente praticando a repetição do nome de Deus (*Japa*), a meditação (*Dhyana*) e a leitura dos *Vedas* e escrituras (*Vedadhyayana*). Todas essas práticas são destinadas à purificação da mente. É dito que devemos manter a pureza tanto interna quanto externamente. Assim como tomamos banho todos os dias para manter o corpo limpo, da mesma forma devemos contemplar constantemente a Divindade para remover os maus pensamentos da mente. Hoje em dia, estamos nos esforçando para manter o nosso corpo limpo (*Sareerika Suddhi*), mas não estamos nos esforçando para manter a nossa mente limpa e pura (*Manasika Suddhi*). Bons pensamentos, boas intenções e bons sentimentos ajudam a manter a pureza da mente (*Manasika Suddhi*).

Penitência (*Thapas*) é o esforço coordenado para alcançar a transformação nos campos do corpo (*Sareerika*), da fala (*Vachika*) e da mente (*Maanasika*). Uma grande alma (*Mahatma*) é aquele que alcançou a unidade das três qualidades (*Gunas*), pureza (*Sathwa*), atividade (*Rajas*) e inércia (*Thamas*). Através da qualidade da pureza (*Sathwa*), deve-se controlar a qualidade da atividade (*Rajas*) e, através da qualidade da atividade (*Rajas*), deve-se controlar a qualidade da inércia (*Thamas*). Assim, alcançar a unidade dessas três qualidades, é penitência (*Thapas*). Finalmente, até mesmo a qualidade da pureza (*Sathwa*) deve ser removida também.

Um pequeno exemplo para isso. Suponha que um espinho ficasse preso no seu pé. Para remover esse espinho, não é necessário utilizar um machado, uma foice ou uma faca. Podemos remover o espinho apenas com a ajuda de outro espinho. Depois de remover o espinho, jogamos fora o espinho que ficou preso no nosso pé, bem como o espinho que utilizamos para remover aquele espinho. Similarmente, os espinhos que são as qualidades de atividade (*Rajas*) e inércia (*Thamas*) estão nos incomodando. Nós temos, portanto, que remover esses espinhos com outro espinho, o espinho da qualidade da pureza (*Sathwa*). No entanto, temos que manter esse espinho da qualidade da pureza (*Sathwa*) apenas até removermos os espinhos das qualidades de atividade (*Rajas*) e inércia (*Thamas*). Depois disso, esse espinho da qualidade da pureza (*Sathwa*) também deve ser descartado.

A qualidade da pureza (*Sathwa*) é como uma corrente de ouro. A qualidade da atividade (*Rajas*) é como uma corrente de cobre. A qualidade da inércia (*Thamas*) é como uma corrente de ferro. Todas as três nos prendem. A prisão é a mesma em todas essas três. Apenas o valor da cadeia varia. Alguém se sentirá feliz por estar preso a algemas de ouro? Seja uma cadeia de ouro, de cobre ou de ferro, uma prisão é sempre uma prisão. A qualidade da pureza (*Sathwa*) é necessária até alcançarmos a Divindade. Uma vez que alcancemos a Divindade, nenhuma dessas qualidades (*Gunas*) será necessária. Nesse estágio imortal, onde há lugar para essas qualidades (*Gunas*)? Quando oferecemos essas três qualidades (*Gunas*) a Deus, todas as nossas ações (*Karmas*) se tornam ações executadas para a satisfação de Deus (*Bhagavath Preethyartham*).

A *Bhagavad Gita* deu ênfase especial à necessidade de prática (*Abhyasa*) e desapego (*Vairagya*) para controlar a mente. Essa prática (*Abhyasa*) não significa práticas mundanas. Isso significa práticas sagradas nos campos do corpo (*Sareerika*), da mente (*Manasika*) e da fala (*Vachika*). Todos esses três instrumentos (*Karanas*) devem estar engajados em atividades Divinas.

Nós devemos desenvolver relacionamento com as coisas eternas e verdadeiras. Devemos desenvolver uma mente pura. Esses são os instrumentos adequados para a verdadeira penitência (*Thapas*). Eu desejo que você desenvolva essas qualidades, e torne sua vida cheia de propósito, e obtenha a graça de Deus.

Prasanthi Nilayam, 14 de Agosto de 1984.

13

A Contemplação de Deus

“Oh! Arjuna! Contemple constantemente a Mim. Ofereça sua mente e seu intelecto a Mim” (*Sarveshu Kaaleshu Maamanusmara*).

A *Bhagavad Gita* declarou que aqueles que constantemente contemplam a Deus são os mais queridos para Ele. Mas, hoje em dia, são apenas os idosos que estão entrando no campo espiritual. As pessoas apreciam muito os prazeres mundanos e se cansam deles. Elas, então, entram no campo espiritual. Essas pessoas correm atrás dos objetos deste mundo, de riquezas, de esposa e filhos, pensando que existe paz e felicidade neles e, quando elas estão desapontadas, e recebem um golpe em algum lugar algum dia, elas se voltam indiferentes para o campo espiritual. No entanto, elas são, de algum modo, melhores do que aquelas que não pensam em Deus em nenhum momento de suas vidas. Pelo menos, essas pessoas fazem isso na velhice.

Não existe tempo ou idade específica para a contemplação de Deus. É por isso que o Senhor Krishna nos deu o direcionamento mais importante quando Ele disse, “Lembre-se de Mim em todos os momentos” (*Sarveshu Kaaleshu Maamanusmara*). Ele nos exortou a tratar a felicidade e a tristeza, as perdas e os ganhos, o calor e o frio, os lucros e as perdas, o louvor e o desprezo, todas as coisas, com equanimidade.

A *Bhagavad Gita* identificou certas qualidades de um verdadeiro devoto. É difícil verificar se todas essas qualidades existem em um devoto. Todas essas qualidades, no entanto, estão incluídas em duas mais importantes, a saber, prática (*Abhyasa*) e desapego (*Vairagya*). Prática (*Abhyasa*) é o produto de uma combinação dos três tipos de penitência (*Thapas*), nomeadamente, a penitência relacionada ao corpo (*Sareerika Thapas*), a penitência relacionada à fala (*Vachika Thapas*) e a

penitência relacionada à mente (*Manasika Thapas*). Desapego (*Vairagya*) significa identificar a impureza em um objeto e descartá-lo, cumprir os deveres que lhe são atribuídos e permanecer simplesmente como uma testemunha, sem cultivar um desejo pelos frutos de suas próprias ações. Se o homem puder observar essas duas disciplinas espirituais (*Sadhanas*), não haverá necessidade de nenhuma outra disciplina espiritual (*Sadhana*).

Essas qualidades podem ser desenvolvidas somente nos estágios da infância e da juventude. É possível executar essas disciplinas espirituais (*Sadhanas*) somente quando os sentidos são poderosos, quando há força no corpo e quando você desfruta de boa saúde, intelecto aguçado e memória em abundância. Na velhice, todo tipo de fraqueza se instala, os sentidos perdem o poder, a memória e a saúde falham, as pessoas perdem o interesse pela vida e nenhum encorajamento de qualquer parte é possível. Em tal situação, é muito difícil executar qualquer disciplina espiritual (*Sadhana*). Sendo esse o caso, não há salvação para os idosos? Você não precisa ficar desanimado. Mesmo essas pessoas podem ter uma ou outra oportunidade. No entanto, para crianças e jovens, essa é uma possibilidade segura, de acordo com o Senhor Krishna. Essa é uma garantia dada por Ele.

Um pequeno exemplo. Suponha que você tenha feito uma reserva com antecedência e comprado os tickets para refeições em um hotel. Você terá seguramente sua refeição a qualquer hora que você for ao hotel, independentemente do horário. Isso é uma garantia. Por outro lado, se você vai a um hotel para uma refeição sem fazer uma reserva e sem comprar um ticket para a refeição, você pode ou não conseguir a refeição naquele horário específico. Isso é puramente eventual, mas não uma garantia. Similarmente, se as pessoas empreendem essas disciplinas espirituais (*Sadhanas*) e contemplam a Deus desde sua infância, seguramente elas obterão seus frutos na velhice. Contrariamente a isso, se elas desperdiçarem toda a sua infância e juventude sem executar nenhuma disciplina espiritual (*Sadhana*) nem contemplar a Deus, desfrutando de prazeres

carnais mesquinhos e triviais e, finalmente, buscarem por Deus na velhice, Deus não estará tão facilmente disponível para essas pessoas.

Você cozinha uma variedade de pratos, espalha-os em uma bela e tenra folha de bananeira, oferece-os aos demônios como oferenda (*Naivedya*), depois partilha daquele alimento e o desfruta. Depois de partilhar desse alimento, você até rasga a folha e tenta oferecer o remanente impuro para Deus. Não há sentido em fazer esses atos sacrílegos. O corpo do jovem é como uma folha de bananeira pura e tenra. As cinco percepções de som (*Sabda*), toque (*Sparsa*), forma (*Roopa*), sabor (*Rasa*) e cheiro (*Gandha*) são como a variedade de pratos. Você oferece esses pratos doces aos demônios primeiro, depois você desfruta e, finalmente, a folha em que você partilhou do alimento, que não tem mais utilidade para você, está sendo oferecida para Deus. As pessoas hoje em dia estão oferecendo apenas o remanente (*Bhuktha Sesham*) a Deus. Que grande sacrilégio! Portanto, a infância e a juventude são as etapas mais importantes da vida humana para a contemplação de Deus, disse o Senhor Krishna.

Enquanto o objeto pelo qual nós ansiamos está em nossas mãos, nós não reconhecemos o seu valor. Somente quando nós o perdemos, nós realizamos o valor daquele objeto. Quando sua visão nos olhos é normal e perfeita, você não reconhece o seu valor. Quando você perder a visão e ficar cego, você realizará o valor dos seus olhos. Similar é o caso com a sua saúde. Enquanto você estiver forte e capaz de suportar qualquer tensão, você não será capaz de realizar a importância de sua boa saúde. Quando toda a sua energia for exaurida, você realizará as limitações do corpo e se sentirá muito triste por ter desperdiçado uma dádiva tão valiosa de Deus em buscas sensuais inúteis e triviais. Sua saúde no período anterior o ajudou como a um amigo necessitado. Todas as energias que você utilizou na busca de prazeres carnais anteriormente, agora se tornaram seus inimigos. Os jovens de hoje em dia são incapazes de distinguir entre amigos e inimigos, embora tenham a capacidade de fazer isso.

Quem é um amigo? Quem é um inimigo?
Quem é o professor? Quem é o estudante?
Quem é um poeta? Quem é um ator?
Você tem a inteligência para saber isso?
Se você sabe, há espaço para dúvidas?
Se você não tem inteligência,
Em que você se diferencia de um animal?

Esse tipo de análise sempre ajudará você a trilhar o caminho correto. Hoje em dia, o homem está tomando o nome de Deus para a manutenção de seu corpo. Ele não está utilizando seu corpo como um instrumento para alcançar a Divindade. Quando seu corpo é afligido por alguma doença ou quando está fraco, ele ora, “Oh! Deus! Dá-me saúde, dá-me forças para suportar esse sofrimento”. Assim, ele está fazendo uso de Deus para o bem do seu corpo, mas ele não está preocupado, “Oh! Meu corpo agora está saudável e forte, como posso usar esse corpo no serviço do Senhor?” Ele está perdendo tempo, pensando que ainda haverá tempo em um futuro distante para o serviço de Deus. Algumas outras pessoas pensam, “Por que nós deveríamos nos preocupar com Deus e outras coisas assim, mesmo desde tenra idade, quando poderemos confortavelmente dedicar tempo à espiritualidade depois que nos aposentarmos do serviço?” Elas também imaginam que podem pensar em Deus depois de terem desfrutado dos prazeres mundanos. Se você não é capaz de contemplar Deus enquanto todas as suas faculdades físicas, mentais e espirituais estão em perfeitas condições, como você poderá fazer isso depois que todas essas energias diminuírem?

Incapaz de se mover, a visão turva,
O rosto cheio de rugas, o cabelo ficou grisalho,
Até as crianças o importunam como a uma velha bruxa,
Você responde com um sorriso raivoso.
Oh! Boneco dançante! Observe a diversão desse corpo de marionete.

Assim, você fica deprimido e sofre com grande agonia mental e física. Como então você poderá contemplar a Deus? Você ficou cego. Suas pernas não se movem e suas mãos se recusam a funcionar. Como então você poderá executar qualquer serviço?

Quando os servos de Yama colocaram o laço ao redor do seu pescoço,
E o arrastam dizendo, "Venha! Venha!"
Quando os parentes se apressam em manter o seu corpo do lado de fora,
Dizendo, "Não há utilidade em mantê-lo do lado de dentro".
Quando a esposa e os filhos choram sobre seus últimos momentos,
Será possível para você cantar o nome de Deus?

Portanto, você deve estabelecer uma base sólida para sua vida espiritual e segurança na velhice, mesmo enquanto você é jovem. Mesmo supondo que você empreenderá a disciplina espiritual (*Sadhana*) após a aposentadoria, você o fará quando chegar essa hora? Não, não. Enquanto estiver em serviço, você estará mergulhado de cabeça em deveres oficiais ou atividades comerciais. Após a aposentadoria, você perderá o seu tempo indo a clubes recreativos ou em intrigas. Uma dona de casa questionou seu marido empresário, "Meu caro senhor! Eu nunca vi você empregando seu tempo na contemplação de Deus, nem mesmo por um dia. Pelo menos nesta velhice, por favor, dedique algum tempo a isso". Então, o empresário respondeu, "O quê! Eu não tenho tempo nem para morrer. Como então posso praticar a repetição do nome de Deus (*Namasmarana*)?" A morte poupará um homem que pensa que ele não tem tempo nem para morrer? "O tempo e a maré não esperam por ninguém". Você deve se esforçar para utilizar adequadamente o seu tempo dentro de suas limitações. O inimigo morte e o exército das doenças estão invadindo o reino do corpo. Em tal situação, os seres humanos estão morrendo como cães e raposas, sem ninguém para cuidar deles. Mas, aqueles que conquistaram a graça de Deus não podem ser derrotados por nenhum exército ou inimigo. Portanto, você precisa obter a graça de Deus mesmo enquanto está na

juventude. Com essa graça, você pode derrotar os inimigos e as dificuldades ao seu redor.

Você deve acreditar firmemente no fato de que a vida é uma longa jornada. A viagem de ônibus, trem ou avião é limitada a um tempo especificado. Mas, a vida é uma longa jornada. Esse fato deve ser sempre levado em consideração. Aqueles que se esquecem dessa verdade, não se preparam para a jornada. Eles se entregam aos prazeres mundanos e, portanto, não se preparam para enfrentar as dificuldades e perdas nessa longa jornada. Eles não tomam medidas de segurança suficientes para enfrentar quaisquer eventualidades na jornada da vida.

Todos vocês sabem sobre os vagões de mercadorias transportados por via férrea. No momento mesmo da fabricação desses vagões, sua vida útil é fixada. Quando eles são enviados para qualquer estação, a data de retorno é indicada nos vagões. Esses vagões devem ser retornados ao local de origem antes da data de vencimento, após servirem ao seu propósito. Similarmente, Deus indicou a data de retorno nesse vagão chamado corpo (*Deha*). Ninguém está mantendo essa data em mente. O homem não está reconhecendo a verdade de que ele não será capaz de saber quando esse corpo se fundirá na eternidade. Se você deseja ter paz e felicidade verdadeiras, você deve se esforçar para obter a graça de Deus no próprio estágio da juventude.

A infância e a juventude são os estágios mais importantes da vida humana. Incapazes de compreender o valor da vida humana, nós estamos vendendo essa joia preciosa em troca de peças inúteis de carvão. Nesse vaso de ouro cravejado de diamantes, esmeraldas, gemas e jades, estamos tentando cozinhar a pasta de sementes de gergelim. Nós estamos usando madeira de sândalo como lenha sob o recipiente. O recipiente é valioso, a lenha é inestimável, mas o material que está sendo cozido é trivial. Nós estamos vendendo nosso corpo tão valioso e nossos sagrados pensamentos em troca de prazeres momentâneos e triviais. É como arar a terra com um arado de ouro e plantar cactos.

“O campo do seu coração (*Hridaya Kshetra*) é um campo sagrado, pois pertence a Deus” (*Kshetrajnam Chaapi Maam Viddhi*), declarou o Senhor Krishna. Ele é o compo (*Kshetra*) assim como o conhecedor do campo (*Kshetrajna*). Tendo realizado a verdade de que esses dois são propriedade de Deus, você lavrará a terra com o arado dourado das boas qualidades e a tornará fértil com adubos e fertilizantes. Finalmente, que tipo de cultura é cultivada nesse campo? Você está cultivando uma safra de prazeres sensuais. Quem quer que tenha reconhecido o valor deste campo (o corpo humano), e do arado (as boas qualidades), não pode jamais fazer mau uso deles.

Torne sua vida significativa engajando-se em atividades que ajudem os outros (*Paropakara*), viajando na estrada para a Divindade, refletindo a Divindade em sua natureza e, finalmente, fundindo-se na Divindade. Somente então a vida humana merece ser chamada de vida Divina. “O nascimento humano é um raro presente de Deus” (*Janthunaam Narajanma Durlabham*). Por que o nascimento humano é tão grandioso e difícil de obter? Qual é a sua especialidade? Qualquer felicidade e prazeres desfrutados pelos pássaros, feras e animais, também são desfrutados pelo homem. Nesse caso, qual é a grandeza da vida humana? O homem, embora desfrute de todos os prazeres como os animais, pássaros e feras, deve fazê-lo de uma maneira única que está além do alcance desses seres. O homem hoje em dia está exposto a tanta infelicidade e inquietação porque ele jogou aos ventos a honra (*Maana*) e o respeito próprio (*Abhimana*). Ele não distingue entre o transitório e o eterno. Ele não tem o poder de discernir entre o Ser (*Atma*) e o não-Ser (*Anatma*). Ele perdeu o seu poder intelectual também.

Os jovens devem estar preparados para propagar a natureza e as qualidades da penitência relacionada ao corpo (*Sareerika Thapas*), da penitência relacionada à fala (*Vachika Thapas*) e da penitência relacionada à mente (*Manasika Thapas*), por meio de sua firme determinação e de sua própria prática. Não é possível desenvolver a qualidade da pureza (*Sathwa*) a menos que você remova as qualidades da atividade (*Rajas*) e da inércia (*Thamas*) de sua mente.

Qualquer coisa pode preencher uma mente,
Que não contém nada.
Será possível mantê-la vazia,
Quando ela está cheia de todos os tipos de coisas?
A menos que ela seja mantida vazia,
Poderão coisas boas preenchê-la?

Portanto, antes de mais nada, você deve manter sua mente livre de todos os tipos de pensamentos ruins. Somente então, é possível preenchê-la com bons pensamentos e boas intenções. O homem hoje em dia está chorando por coisas sem sentido. Ele está levando uma vida sem sentido. Não há propósito ou direção para sua vida. Como resultado, ele fica inquieto e infeliz. Portanto, devemos primeiro tentar remover essa infelicidade e o declínio na prática da justiça (*Dharmaglani*). O que é praticar a justiça (*Dharma*)? Contemplar a Deus é a verdadeira prática da justiça (*Dharma*). Contemplando constantemente a Deus, se os deveres que são ordenados a você forem cumpridos, não pode haver nada de errado nisso. Você pode cuidar de sua esposa e filhos. Você pode continuar no seu emprego. Você pode cumprir os deveres que foram ordenados a você. Mas, sua meta deve sempre ser fixada em Deus. Isso nunca deve ser alterado. Se você se desviar dessa meta, você terá problemas. Portanto, sempre fixe sua meta em Deus. Essa é a meta da sua vida.

Você deve sempre falar a verdade, essa é a máxima. Mas, algumas pessoas têm algumas dúvidas sobre sua praticabilidade. Às vezes, pode surgir a necessidade de desistir de falar a verdade. Em tais circunstâncias, você não deve falar mentiras. Adote um método pelo qual você não precise falar nem a verdade nem a mentira. O princípio aqui é, “Você não deve falar uma verdade desagradável apenas porque é verdade. Você não deve falar uma mentira apenas porque é agradável” (*Sathyam Bruyaath Priyam Bruyaath Na Bruyaath Sathyam Apryam*). Em uma situação assim desafiadora, você pode adotar uma tática pela qual não precisa nem falar a

verdade nem a mentira. Porém, você nunca deve falar mentiras por medo de criar uma situação perigosa ao falar a verdade. Às vezes, você precisa se conduzir com muito cuidado e atenção. Você também deve ter em mente a necessidade de não ferir os outros com suas palavras. Diz-se que, "O homem é uma alma abençoada, se não fere nem é ferido". Você deve sempre falar aquela verdade que não fere os outros nem você.

Um pequeno exemplo. Era uma vez uma dona de casa que costumava frequentar regularmente as sessões sobre as escrituras (*Puranas*) e ouvir as histórias contadas pelo erudito (*Purânico*) com muita atenção. Um dia, ela ouviu o erudito (*Purânico*) explicando o *Ramayana*. Ele enfatizava o fato de que o marido é o deus, é o refúgio, é a meta e é tudo para a esposa e que é o dever da esposa fazer o marido feliz em todos os momentos e em todas as circunstâncias. Esse conselho causou uma profunda impressão em sua mente. Ela voltou para casa com a firme determinação de que, a partir de então, ela deveria servir ao marido diligentemente. Nesse ínterim, seu marido voltou de seu escritório para casa. A esposa foi com um recipiente cheio de água para recebê-lo. Ela o fez sentar em uma cadeira e despejou a água do recipiente sobre seus sapatos, removeu-os de alguma forma e novamente lavou seus pés. Ela pegou um leque e o abanou. Assim, ela continuou fazendo todos os tipos de serviços estranhos. O marido não conseguiu entender seu estranho comportamento e decidiu fazer com que ela fosse examinada por um médico. O marido não sabia que ela comparecia regularmente às sessões sobre as escrituras (*Puranas*) e que seu comportamento atual era resultado disso. O médico veio e fez muitos testes nela. Mas ele não conseguiu distinguir nada. Ele pensou que ela estava sofrendo de histeria e que se ela descansasse por 2 ou 3 dias ela ficaria bem. Ele então deu alguns comprimidos para dormir e deixou a casa. Depois disso, o marido fez a sua refeição e foi para o escritório, aconselhando a esposa a descansar.

Também no segundo dia, a dona de casa foi ouvir a sessão sobre as escrituras (*Puranas*), depois que o marido saiu para o escritório. Naquele dia, o erudito

(*Purânico*) explicou sobre desapego (*Vairagya*), dizendo, “Quem é parente de quem? Quem é a mãe, quem é a criança? Quem é o marido? Quem é a esposa? ‘A mãe não existe, o pai não existe, os irmãos e irmãs não existem, os parentes não existem, o marido não existe, as riquezas não existem, portanto, esteja alerta’ (*Matha Nasthi Pitha Nasthi Naasthi Bandhu Sahodarah Bhartha Nasthi Artham Nasthi Thasmaath Jaagratha Jaagratha*)”. Ele também disse que Deus é a única verdade. Imediatamente após a sessão sobre as escrituras (*Puranas*), ela voltou para casa, foi para a sala de orações (*Puja*) e começou a contemplar sobre os ensinamentos do erudito (*Purânico*). Nesse ínterim, o marido voltou para casa, ansioso por saber sobre sua condição. Ele bateu na porta e informou-a de que voltara mais cedo do escritório. A esposa respondeu da sala de *Puja*, “A mãe não existe, o pai não existe, os irmãos e irmãs não existem, os parentes não existem, o marido não existe, as riquezas não existem, a casa não existe” (*Mathaa Naasthi Pithaa Nasthi Naasthi Bandhu Sahodarah Artham Naasthi Griham Naasthi Pathirnaasthi*). Em sua resposta, ela acrescentou mais uma coisa à lista de coisas inexistentes, a saber, a casa (*Griham*). Quando sua esposa respondeu assim, o marido foi tomado pelo pavor de que ela estivesse sofrendo de um grave transtorno mental e, por isso, chamou um psiquiatra para examiná-la. O psiquiatra veio e fez uma investigação completa de sua rotina diária e dos lugares que ela visitava. Ele confirmou para si mesmo que sua condição atual se devia ao fato de ela frequentar as sessões sobre as escrituras (*Puranas*). Ele, portanto, aconselhou o marido a evitar que ela frequentasse as sessões sobre as escrituras (*Puranas*), mantendo-a em casa e pedindo a alguém para vigiar seus movimentos. Assim, quando ela ficou 2 ou 3 dias em casa e não foi às sessões sobre as escrituras (*Puranas*), a situação normalizou-se. A repentina explosão de desapego (*Vairagya*) diminuiu. Ela se tornou perfeitamente normal quando o marido voltou para casa à noite, no terceiro dia. O marido e a esposa passaram os dias felizes depois disso.

Após uma semana, a esposa voltou à sessão sobre as escrituras (*Puranas*). Naquele dia em particular, o erudito (*Purânico*) estava explicando um conceito da *Bhagavad Gita*, a saber, “Devemos falar somente aquelas palavras que não causem

aborrecimento aos outros e que sejam verdadeiras, agradáveis e benéficas" (*Anudwegakaram Vaakyam Sathyam Priyahitham Cha Yath*). Ele explicou que a verdade que falamos deve ser agradável e benéfica para os outros. Ela não deve causar excitação. Essa verdade é muito importante. Deve-se sempre falar essa verdade, enfatizou o erudito (*Purânico*). Ela ouviu aquele discurso com muita atenção e ficou muito impressionada. Quando ela voltou, seu marido a informou que eles deveriam ir assistir ao casamento de seu amigo. Ela se vestiu com roupas finas e joias e os dois foram assistir ao casamento. A cerimônia de casamento estava acontecendo a todo vapor. Uma das tradições importantes no casamento era levar o colar sagrado (*Mangala Soothra*) a todos os anciãos que compareciam ao casamento para que eles abençoassem o casal enquanto tocavam o colar sagrado (*Mangala Soothra*). O sacerdote (*Purohit*) que estava conduzindo a cerimônia de casamento também era conhecido desse marido e de sua esposa. Ele, portanto, trouxe o colar sagrado (*Mangala Soothra*) na frente dela e pediu que ela o tocasse. Ele também perguntou casualmente se todos em sua casa estavam bem. Enquanto tocava o colar sagrado (*Mangala Soothra*), ela respondeu, "Sim, senhor, todos estão bem, mas minha tia morreu na semana passada". Então, uma senhora sentada ao lado dela a repreendeu, "O que é tudo isso? Por que você deveria falar sobre coisas tão pouco auspiciosas enquanto toca nesse auspicioso colar sagrado (*Mangala Soothra*)?" Essa senhora não diminuiu suas palavras e questionou mais, "Você quer que eu diga uma mentira por causa desse colar sagrado (*Mangala Soothra*)?" Enquanto dizia isso, ela tocava o colar sagrado (*Mangala Soothra*). Então, uma senhora inteligente sentada ao lado dela aconselhou-a dizendo, "Oh! Mãe! Você deve falar a verdade tendo em vista o momento e a ocasião. Você não deve fazer uso de suas palavras como quiser". Várias pessoas como essa dona de casa entendem e interpretam mal os ensinamentos dos anciãos e sábios. O que quer que falemos, deve estar em conformidade com o tempo e a ocasião. A verdade é um caminho para nos ajudar a alcançar nossa morada eterna. Esse fato deve ser sempre mantido em mente. Nunca devemos entrar em argumentações dogmáticas.

Uma língua que não está contaminada por mentiras, uma mente que não está poluída por pensamentos impuros, e um corpo que não está contaminado pela violência, esses três juntos formam a Trindade (*Trimurthi Thathwa*). Quando você santificar esses três, você terá a realização de Deus (*Sakshathkara*).

Apenas porque Swami o aconselhou a falar a verdade, você não deve interferir desnecessariamente em todas as questões e fazer mau uso da verdade. Você deve ter controle sobre sua fala. Quando você não gosta de alguém, é comum dizer todo tipo de coisa contra ele em nome da verdade e colocá-lo em dificuldades.

Você também deve implementar um outro conselho dado, nomeadamente, não odeie ninguém (*Adweshta Sarva Bhuthanam*). Quando você cultiva o Amor, não há espaço para o ódio ou a inveja. Os pensamentos de uma pessoa que cultivou o Amor serão puros e doces. É por isso que Eu disse a vocês que a raiva de uma pessoa com a qualidade da pureza (*Sathwa*) será momentânea. Ela simplesmente vem e vai. A *Bhagavad Gita* considera tal pessoa uma pessoa nobre (*Uttama*). A raiva de uma pessoa trilhando o caminho intermediário (*Madhyama*) permanecerá por uma hora. A raiva de uma pessoa do nível mais baixo (*Adhama*) persiste por um dia. A raiva de uma pessoa do nível mais baixo de todos (*Adhamadhama*) permanecerá durante toda a sua vida. A *Bhagavad Gita* explicou esse conceito de outro ângulo. A raiva de uma pessoa nobre (*Uttama*) é como uma escrita na água. Conforme você escreve, ela é apagada. Ela irá embora ali mesmo. A raiva de uma pessoa trilhando o caminho intermediário (*Madhyama*) é como uma escrita na areia. Quando você começa a escrever, ela é varrida pelo vento. A raiva de uma pessoa do nível mais baixo (*Adhama*) é como uma escrita gravada em uma pedra de granito. Ela permanece por muito tempo. A raiva de uma pessoa do nível mais baixo de todos (*Adhamadhama*) é como uma escrita em uma barra de ferro. A menos que você derreta o ferro, ele não irá embora. Para derreter o ferro, você deve colocá-lo no fogo, o que significa que isso requer refinamento (*Samskara*). Somente quando ele passa por um refinamento intenso (*Gaadha Samskara*), sua raiva irá diminuir.

A *Bhagavad Gita* deu vários desses belos exemplos tirados de nossa vida diária. Não podemos colocar em prática todos esses exemplos. No entanto, devemos tomar alguns exemplos que se aplicam a nós em nossa vida diária e tentar colocá-los em prática e levar uma vida feliz.

Prasanthi Nilayam, 15 de Agosto de 1984.

14

Deus é a Margem para o Rio do Tempo

"Oh! Arjuna! Contemple constantemente a Mim. Ofereça sua mente e seu intelecto a Mim. Prossiga com a guerra, que é o seu dever (*Swadharma*). Você certamente Me alcançará. Não há nenhuma dúvida sobre isso" (*Thasmaath Sarveshu Kaaleshu Maamanusmara Yudhyacha Mayyarpitha Manobuddhir Maame Vaishyasi Na Samsayah*).

De todas as coisas neste mundo, o tempo é a coisa mais preciosa. Cada um pode analisar por si mesmo como está utilizando esse tempo tão valioso. "O tempo engole tudo neste mundo e, finalmente, o próprio tempo é engolido por Deus" (*Kalakala Prasannanaam Kalah Kim Karishyathi*), diz o ditado. Para obter a graça de Deus, o homem deve se engajar constantemente em seus deveres (*Karthavya Karmas*) e santificar o seu corpo. Esse é o principal dever de um ser humano. Não podemos recuperar o tempo que já foi perdido. Você pode recuperar a saúde perdida, mas não o tempo. Portanto, você deve envidar esforços para a utilização adequada desse tempo tão precioso.

Na infinidade do tempo, nossa vida é apenas momentânea. Pensando que este mundo objetivo é permanente, nós estamos desperdiçando até mesmo esse pouco tempo que está disponível para nós, em buscas sensuais. Fazendo isso, o que nós conquistamos em nossa vida? Se você fizer uma introspecção sincera em sua vida, nenhuma resposta positiva virá. Quando o homem nasce, ele grita, "Quem sou eu?" (*Koham*). Se toda a vida for gasta neste questionamento, "Quem sou eu?" (*Koham*), quando você aprenderá quem você é? Esse não é o verdadeiro sentido de nossa vida. A vida do homem, que começou com "Quem sou eu? (*Koham*), deve terminar com "Eu sou Aquilo" (*Soham*). Ele deve reconhecer a verdade, "Eu sou Aquilo", que significa, "Eu sou Deus", e deve descansar em paz.

Mas, o homem hoje em dia está preocupado apenas com os objetos ao seu redor. Ele não é capaz de reconhecer o que vem depois disso. Ele sempre é atraído pelo mundo objetivo, mas ele não é capaz de realizar os perigos que se seguem. Um sapo vê um inseto na frente dele e fica muito feliz por ter conseguido seu alimento para o dia. Mas ele não realiza que existe uma cobra atrás dele, pronta para engoli-lo. Mesmo essa cobra não está ciente da presença de um pavão que está esperando por sua comida. Ela se sente muito feliz por ter uma comida suntuosa para o dia. A parte mais engraçada de tudo isso é que até o pavão não está ciente de um caçador nos arbustos próximos que está pronto para atirar nele com sua flecha. Assim, todo ser vivo neste mundo está olhando para o mundo objetivo e está ansioso para tirar o máximo possível dele, sem saber dos perigos que se escondem por trás dele. Incapazes de realizar o que acontecerá no próximo momento, que dificuldades e perigos eles podem ter que enfrentar, eles estão perdendo seu precioso tempo em buscas vãs. Se você quiser utilizar o tempo adequadamente, você deve cumprir o seu dever como ser humano e executar atividades sagradas, sem perder um segundo. Você pode gastar milhares e milhões de rúpias, mas não obterá de volta nem um segundo que já tenha se tornado parte da história.

A juventude é a etapa mais importante e exemplar de nossa vida. Esse é o momento apropriado para estabelecer um exemplo em todos os aspectos de nossa vida. A juventude de um homem e o curso de um rio não podem ser revertidos. Os jovens devem reconhecer essa verdade e fazer esforços para a utilização adequada do seu tempo. Hoje em dia, ninguém se importa em saber o que vai acontecer no futuro. A meta da vida deve ser sempre mantida em vista. O tempo que nós gastamos pode ser santificado se executarmos todas as nossas ações (*Karmas*) como uma oferta a Deus.

Sri Krishna exortou Arjuna a fazer guerra contra os Kauravas, uma vez que a guerra era o seu dever (*Swadharma*) como um guerreiro (*Kshatriya*). Porém, Arjuna deveria fazer a guerra contemplando continuamente a Sri Krishna (*Mamanusmara Yudhyacha*). Desse modo, nenhuma culpa seria atribuída a ele. Sri

Krishna não o aconselhou a abster-se de sua responsabilidade e ir para as florestas e fazer penitências (*Thapas*). Ele não o aconselhou a renunciar à vida familiar e se tornar um completo renunciante. Ele o aconselhou a dedicar sua mente (*Manas*) e intelecto (*Buddhi*) a Ele e continuar suas atividades a pleno vapor. Quando você oferecer assim todas as suas ações (*Karmas*) a Deus, você não encontrará nenhuma dificuldade. Mas, o homem hoje em dia perdeu sua fé e força para oferecer todas as suas ações (*Karmas*) a Deus. Portanto, o que é necessário é que o homem desenvolva uma fé firme (*Dridha Viswasa*) em Deus e continue suas atividades com determinação firme (*Dridha Nischaya*) como uma oferta a Deus.

As pessoas educadas hoje em dia perderam seus olhos de fé. Elas se tornaram cegas. Ninguém sabe por que razão e em que circunstâncias alguém alcançou qual nascimento (*Janma*). No entanto, é preciso desenvolver fé e determinação firmes em si mesmo. Sem essa firme determinação, o homem não pode executar nem mesmo uma pequena tarefa.

Havia um pequeno pássaro chamado *Tittibha*. Ele colocava seus ovos na praia. Mas, antes mesmo de chocar seus ovos, as ondas do mar os arrebatavam. Mais uma vez, ele colocava seus ovos e novamente eles eram levados pelas ondas. Depois que esse processo continuou por algum tempo, o pássaro ficou muito desapontado e desesperado. Uma espécie de frustração e raiva também se desenvolveu nele. Mas, o que o pequeno pássaro poderia fazer contra um oceano tão poderoso? No entanto, o pássaro estava determinado a esvaziar o oceano, para que as ondas não levassem seus ovos. Então ele começou a pegar pequenas gotas de água do oceano e a despejá-las em outro lugar. Para ajudar nesse processo, ele foi até Garuda, o veículo do Senhor Vishnu. Por recomendação de Garuda, o Senhor Vishnu derramou Sua graça sobre esse pequeno pássaro. Finalmente, com Sua graça, ele pôde conquistar o oceano. O oceano prometeu que, dali em diante, não faria mal aos ovos postos na praia por esse pequeno pássaro, *Tittibha*. Onde está esse pequeno pássaro e onde está o oceano? Não há absolutamente nenhuma comparação entre os dois. No entanto, ele pôde conquistar um oceano tão poderoso

com a graça de Deus. Portanto, nunca devemos dar espaço para decepção ou desespero. Por que essa fraqueza?

Quem pode segurar uma lamparina de barro,
Para Aquele que resplandece com a luz de mil sóis?
Quem pode decifrar a forma,
Daquele que está além do alcance até mesmo dos Devathas?
Quem pode dar um nome,
Para Aquele que se move em todos os seres vivos?
Quem pode oferecer pratos deliciosos,
Para Aquele que contém todo o universo em sua barriga?
Quem pode banhar,
Aquele que se move em todas as águas do mundo?

Você não deve dar espaço para essas dúvidas e fraquezas. Você deve executar sua tarefa com fé inabalável e confiança de que o mesmo Senhor que está permeando todo o universo está residindo no templo do seu coração. Você deve ter coragem e confiança para dizer, "Oh! Senhor! É dito que Você permeia todo o universo como o mais minúsculo dos minúsculos e o mais poderoso dos poderosos (*Anoraneeyan Mahatho Maheeyan*). Mas, Você também reside em meu pequeno coração em um espaço de meia polegada". Com essa firme determinação, fé e confiança, você pode facilmente alcançar a Divindade.

Bhagiratha trouxe a água do Ganges para a Terra. Como? Com essa firme determinação. Buddha também fez grandes penitências (*Thapas*) e alcançou o *Nirvana*. Seu pai, Suddhodana, uma vez soube que Buddha estava implorando por esmolas. Ele ficou muito aborrecido e enviou uma mensagem para o Buddha, "Oh! Meu filho! Eu, meu pai e meu avô fomos todos reis. Você também é um rei. Eu ouvi dizer que você, pertencente a uma família de reis, está mendigando nas ruas como uma pessoa comum. Em nossa família não há escassez de dinheiro, ouro, terras, etc. Não faltam confortos e luxos. Uma variedade de pratos doces e uma

cama linda e macia estão ao seu comando para desfrutar com alegria. Você, como príncipe deste reino, tem direito a esses confortos. Sendo assim, por que você está dormindo sobre uma pedra dura e indo a todas as casas com uma cuia de esmolas? Você não sabe quanta agonia eu estou sofrendo ao ouvir sobre sua condição. Se você estiver preparado para retornar ao nosso reino, eu farei todos os arranjos para recebê-lo de volta". Ao ouvir essa mensagem, Buddha soltou uma gargalhada. Ele enviou uma mensagem, em resposta a seu pai, dizendo, "É verdade que meu pai, meu avô e meu bisavô foram todos reis. Mas, minha vida é diferente. Eu escolhi levar a vida de um renunciante. Se você realmente deseja que eu volte ao seu reino, por favor, diga-me se você tem a capacidade e o poder de me libertar das garras da morte. Você tem o poder de me impedir de ficar doente, para sempre? Você pode evitar que a velhice me subjugue? Você primeiro responda a essas perguntas. Se você puder fornecer respostas satisfatórias às minhas perguntas, eu retornarei no momento seguinte. 'Nosso nascimento é cheio de sofrimento, a velhice é sofrimento, esposa e filhos são sofrimento, a última viagem é ainda mais dolorosa. Todos esses sofrimentos vêm repetidamente. Portanto, tenha cuidado, tenha cuidado' (*Janma Dukham Jara Dukham Jaaya Dukham Punah Punah Anthyakaale Mahadukham Thasmaath Jaagratha Jaagratha*), assim diz o ditado. Tendo sabido de todas essas coisas, tendo visto pessoas sofrendo bem diante de nossos olhos e tendo ouvido sobre o que está acontecendo no mundo, qual o propósito de cair vítima dessa ignorância?" Buddha enviou essa resposta a seu pai. Devemos também reconhecer essa verdade. Esse deve ser o nosso esforço.

Agora sobre a distinção entre o "campo" e o "conhecedor do campo" (*Kshetra Kshetrajna Vibhaga*). O que é o campo (*Kshetra*)? Quem é o conhecedor do campo (*Kshetrajna*)? Qual é a diferença entre os dois? Vamos analisar. A palavra "*Kshetra*" contém duas sílabas. A palavra "*Kshetrajna*" contém três sílabas. A sílaba "*Jna*" é extra da palavra "*Kshetrajna*" em relação à palavra "*Kshetra*". "*Kshetra*" está sem a sílaba "*Jna*". "*Kshetrajna*" está com a sílaba "*Jna*". Ou seja, o corpo (*Deha*), que é o campo (*Kshetra*), está sem conhecimento ou consciência (*Jnana*). O conhecedor do campo (*Kshetrajna*) está com conhecimento ou

consciência. O campo (*Kshetra*) é o instrumento (*Upadhi*) do conhecedor do campo (*Kshetrajna*).

Mas, o homem hoje em dia se identifica com o corpo. Ele pensa que é o corpo. Como nós usamos essas palavras em nossa linguagem comum? Nós dizemos, "Esse é o meu corpo". Porque você não é o corpo, você diz, "Esse é o meu corpo". No entanto, mesmo que o conhecedor do campo (*Kshetrajna*) não seja o campo ou o corpo (*Kshetra*), ele pensa que é o corpo. Quando você diz, "Esse é o meu lenço", você é diferente do lenço. Da mesma forma, quando você diz, "Esse é o meu corpo", você é diferente do corpo. De acordo com o ditado, "Deve-se reconhecer o residente interno do corpo (*Dehi*) somente enquanto o corpo (*Deha*) está vivo" (*Dehamunnanthalo Thaanu Theliavalayu*), se não houver corpo (*Deha*), não haverá possibilidade de procurar pelo residente interno (*Dehi*). Nós somos capazes de executar todas as nossas ações e práticas espirituais (*Sadhanas*) somente através do corpo.

Nosso corpo consiste de cinco órgãos de ação (*Karmendriyas*), cinco órgãos de percepção (*Jnanendriyas*), cinco alentos vitais (*Pranas*), cinco invólucros (*Kosas*) e um indivíduo (*Jiva*). Juntos, eles formam os 21 princípios (*Thathwas*). Também incluídos nisso estão a mente (*Manas*), o intelecto (*Buddhi*), o ego (*Ahamkara*) e a memória (*Chiththa*). Assim, tudo isso soma 25 princípios (*Thathwas*) que constituem nosso corpo. É por isso que se diz que a ilusão (*Maya*) consiste de 25 segredos (*Marmas*).

"*Nascidos na ilusão (Maya), crescidos na ilusão (Maya),*
No entanto, os estúpidos não realizam a ilusão (Maya).
Todas as nossas vidas são ilusão (Maya),
Nossos relacionamentos são ilusão (Maya),
A existência mundana (Samsara) é ilusão (Maya),
A morte é ilusão (Maya).
Por que cair em ilusão (Maya) por esta vida de ilusão (Maya)?"

Tudo o que vemos ao nosso redor é ilusão (*Maya*). Você existe em um momento e desaparece em outro. Houve reis e reinos. Eles governaram seus reinos com grande orgulho e preconceito. Mas, onde eles estão agora? Quantos reis e imperadores se fundiram na eternidade do tempo? Tudo muda em sintonia com a roda do tempo. Dias, meses, anos e até eras (*Yugas*) estão mudando. O tempo é um rio eterno. Todos os objetos, indivíduos e coisas são arrastados por esse rio. Um objeto que está sendo arrastado não pode proteger um outro objeto que também está sendo arrastado. Quem pode proteger quem? Somente Deus, que é o protetor de todos, pode proteger todos os seres vivos. Ele é a verdadeira margem para o rio do tempo. Esse é o segredo da vida. Aquele que realiza esse segredo é um verdadeiro indivíduo (*Vyakti*). Portanto, não acredite no universo (*Jagath*). Não se esqueça de Deus. Experimente a Divindade na humanidade. Não acredite no universo (*Jagath*). Não tema a morte. Não deixe Deus sob nenhuma circunstância. Agarre-se a Ele sempre. Esses são os princípios mais importantes.

A *Bhagavad Gita* descreveu várias qualidades que um devoto deve possuir. É impossível esperar que um devoto possua todas essas qualidades. É suficiente se ele colocar em prática pelo menos uma qualidade. Você deve ter fé firme e inabalável em Deus. Nada mais é necessário. Pode haver cinquenta palitos de fósforo em uma caixa de fósforos. Se você quiser ter fogo, basta acender um palito de fósforo. Você pode desenvolver qualquer quantidade de fogo com esse único palito. Da mesma forma, entre as várias qualidades esperadas de um devoto, é suficiente que você cultive uma qualidade e a coloque em prática. A qualidade mais importante a ser cultivada por um devoto é o Amor. Amor é Deus e Deus é Amor. Viva no Amor. Se você viver no Amor, Deus cuidará de tudo.

“Se você cultiva devoção, você é querido para Mim” (*Bhaktimaan Mey Priyo Narah*), disse o Senhor. Devoção (*Bhakti*) não significa simplesmente executar adoração (*Puja*), rituais (*Vrathas*) e cânticos (*Bhajans*). Devoção (*Bhakti*) não se limita a essas atividades.

Existem quatro tipos de devotos, aqueles que buscam alívio para seu sofrimento (*Aarthas*), aqueles que buscam poder e riqueza (*Artharthis*), aqueles que investigam o conhecimento espiritual (*Jijnasus*) e aqueles que alcançaram a realização (*Jnanis*).

Os *Aarthas* são aqueles que oram a Deus quando os sofrimentos e dificuldades os confrontam. Quando alguém em sua casa fica doente ou seu gado está sofrendo de alguma doença, eles oram a Deus por alívio. Entre as pessoas que falam Télugo, há um ditado, "*Sankatamosthe Venkataramana*". Isso significa que, quando estamos em dificuldades, oramos ao Senhor Venkataramana, a deidade que preside Tirupathi. Assim, as pessoas oram a Deus para obter alívio quando estão em dificuldades. Esse tipo de devoto é chamado de *Aartha*.

O que significa um *Artharthi*? Eles querem saúde e riqueza. Eles querem paz e felicidade. Eles querem uma casa. Eles querem terras e joias. Eles querem tudo isso. Essas pessoas oram por riqueza, poder e status. Mas, na realidade, caráter é riqueza, conhecimento é poder, e boa conduta é status. Incapazes de compreender o significado interno dessas qualidades, eles correm atrás de objetos externos e riquezas. Essas pessoas são chamadas de *Artharthis*.

Agora sobre os *Jijnasus*. Quem é um *Jijnasu*? É aquele que tem vontade de conhecer Deus. Ele pergunta onde está Deus, como alcançá-Lo, etc. Assim, ele faz pesquisas profundas sobre a natureza da Divindade (*Thathwam*). "*Thath*" significa "Aquilo" e "*Thwam*" significa "Tu". "O que é Aquilo?", "Quem sou eu?", "Quem é Ele?", "De onde eu vim?", "Para onde eu vou?", "Qual é a minha meta?". Portanto, fazer investigações profundas é *Jijnasu*. Em primeiro lugar, você deve perguntar, "Quem sou eu?" A próxima pergunta é, "De onde se originou este universo?" A terceira pergunta é, "Qual é a minha meta ou para onde eu devo retornar?" Essas são as três questões importantes. Um *Jijnasu* vai ao encontro de anciãos, *Gurus* e homens santos e, por meio de sua visão (*Darshan*), toque

(*Sparshan*) e conversa (*Sambhashan*), e ouvindo seus discursos, e pelo estudo das escrituras, ele tenta obter respostas para suas perguntas. Todo esse esforço, no entanto, é apenas obtenção de conhecimento (*Jnatum*). Ele também deve entrar no estágio de desenvolver uma percepção intuitiva da Divindade (*Drashtum*). O próximo estágio é alcançar Deus (*Praveshtum*). Esse é o estágio da sabedoria (*Jnana*).

O que é sabedoria (*Jnana*)? Conhecimento mundano? Não, não. Conhecimento mundano é o conhecimento sobre os objetos materiais. Qual é então a verdadeira sabedoria (*Jnana*)? "Realizar o princípio não-dual é sabedoria (*Jnana*)" (*Adwaitha Darsanam Jnanam*).

É dito, "De tudo que está fora de você, sofrimento (*Dukha*). De tudo que está dentro de você, felicidade (*Sukha*)" (*Sarvam Paravasam Dukham Sarvam Atmavasam Sukham*). Essa felicidade (*Sukha*) é o verdadeiro conhecimento. Se você tomar o conhecimento material como a base para sua busca espiritual, você deverá estar preparado para experimentar a reação, o reflexo e a ressonância do material. Supondo que Eu bata nessa mesa com a Minha mão. Com a intensidade que Eu bater nela, ele reagirá com a mesma intensidade. Eu sentirei uma dor na minha mão. Mas, essa dor é o resultado de uma reação para a Minha ação de bater na mesa com a Minha mão. É por isso que todo o conhecimento material (*Padartha Jnana*) é cheio de reação, reflexo e ressonância. Mas, no conhecimento sobre o mundo imaterial (*Parartha Jnana*), não há reação, reflexo ou ressonância. Esse é o verdadeiro conhecimento ou sabedoria. Ele é descrito como, "Existe somente uma verdade, *Brahman*, o Uno sem um segundo" (*Ekam Eva Adwitheeyam Brahma*). Se apenas houver um segundo, você terá o desejo de alcançá-lo e obter felicidade dele. Assim, o conhecimento sobre essa verdade suprema (o Uno sem um segundo), é chamado sabedoria (*Jnana*). Isso deve ser denominado não como conhecimento, mas como sabedoria. Você perderá totalmente sua identidade nessa verdade suprema. Você perderá toda a consciência externa. Você se fundirá nessa

verdade que a tudo permeia. Essa é a bem-aventurança eterna (*Saswathananda*). Aquele que ensina essa sabedoria é a Divindade.

Concluirei Meu discurso citando um pequeno exemplo para os quatro tipos de devoção. Era uma vez um homem rico. Ele tinha quatro esposas. Ele foi para o exterior em uma viagem de negócios. Ele ficou ali por algum tempo. Antes de retornar, ele escreveu cartas para suas quatro esposas informando de sua chegada e pedindo a elas que enviassem uma lista de coisas que elas queriam que ele trouxesse para elas. A quarta e mais jovem das esposas tinha muitos desejos. Ela queria que ele trouxesse alguns *Saris* e joias da última moda. A segunda esposa escreveu a ele para trazer alguns medicamentos para a doença dela, que não estavam disponíveis na Índia. A terceira esposa era uma mulher com maior inclinação espiritual. Portanto, ela queria que ele trouxesse alguns livros de literatura espiritual e também fotos de alguns santos e personalidades espirituais. A primeira e mais velha das esposas simplesmente pediu que ele voltasse para casa em segurança e ela ficaria satisfeita com isso. Esse homem comprou todo o material solicitado por suas esposas e voltou para o país. Ele entregou os *Saris* e as joias para sua quarta esposa, remédios para a segunda esposa, e literatura espiritual e fotos para a terceira esposa. Ele finalmente foi para a casa da sua primeira esposa e permaneceu ali. As outras três esposas ficaram com ciúmes das ações desse homem. Elas sentiram-se muito infelizes de que seu marido, que esteve ausente por um período tão longo, ao retornar tivesse ido direto para a casa da primeira esposa e permanecido ali. Elas, portanto, o questionaram por que ele havia feito isso. Ele então respondeu que ele havia dado os *Saris* e joias para a quarta esposa, medicamentos para a segunda esposa e livros para a terceira esposa conforme os seus desejos e, finalmente, havia ido para a casa da primeira esposa e permanecido ali, porque ela não havia pedido qualquer coisa, exceto seu retorno seguro. Ele também informou que concedera tudo o que cada uma havia desejado dele.

Easwara, o Senhor do universo, é o Senhor de todas as riquezas. Ele é a pessoa mais rica. Ele está permeando todo o universo. Ele tem quatro esposas, *Aartha*, *Artharthi*, *Jijnasu* e *Jnani*. O que elas desejam, Ele lhes concederá. De acordo com a prece, "Eu não conheço ninguém, exceto Você" (*Neevethappa Ithahparamberuga*), se elas quiserem somente Ele e ninguém mais, Ele virá e se instalará em seus corações. Deus nos concede tudo pelo que oramos. Ele é a árvore dos desejos (*Kalpa Vriksha*). Ele é a vaca sagrada que concede os desejos dos devotos (*Kamadhenu*). O *Aartha* pode orar por algo. Similarmente, o *Artharthi*, o *Jijnasu* e o *Jnani*. Deus concede os desejos de cada um desses devotos. Ele é o residente interno em cada ser vivo (*Sarvantharyami*). Ele permeia todas as coisas. O próprio universo é como uma grande árvore dos desejos (*Kalpavriksha*). Onde e o que quer que alguém deseje, ele concede. Mas, infelizmente, o homem é incapaz de reconhecer a verdade de que este universo é uma árvore dos desejos (*Kalpavriksha*).

Era uma vez um viajante que, no seu caminho, descansava debaixo de uma árvore. Ele estava muito cansado, tendo caminhado uma longa distância sob o Sol forte. A sombra sob a árvore era muito fresca e confortável. Ele se sentou e descansou um pouco. Então ele pensou, "Que bom seria se eu também tivesse um pouco de água fresca debaixo desta árvore!" Imediatamente, um jarro com água fresca apareceu diante dele. Ele não sabia que estava sentado sob a árvore dos desejos (*Kalpavriksha*). Ele bebeu a água fresca e pensou, "Como seria bom se eu tivesse uma cama para deitar por algum tempo!" Em seguida apareceu uma cama bonita com um travesseiro. Por ter sido criada por Deus, a cama era muito confortável. Então ele pensou novamente, "Eu nunca vi uma cama tão boa e confortável em minha vida. Que bom seria se minha esposa também estivesse aqui comigo!" Imediatamente, sua esposa apareceu diante dele. Embora desejasse ter sua esposa ao lado dele naquele momento, ele estava, no entanto, com medo por vê-la aparecer ali subitamente. Ele tinha dúvidas sobre se ela não seria um demônio. Instantaneamente, sua esposa se transformou em um demônio. Ele estava novamente com medo de que o demônio o devorasse, e ele realmente o devorou.

Que lição essa história nos ensina? Sentado sob a árvore dos desejos (*Kalpakriksha*), tudo o que você desejar, será concedido. Todo o universo é uma grande árvore dos desejos (*Kalpavriksha*). Se você tiver bons pensamentos, você obterá bons resultados. É por isso que Eu sempre digo a você para não alimentar maus pensamentos. Seja o bem, faça o bem, veja o bem, esse é o caminho para Deus. E a razão é, todo o universo é criação de Deus. Ele nasce da vontade Divina. Se tivermos pensamentos ruins, maus resultados ocorrerão. Para evitar pensamentos ruins, devemos controlar nossos sentidos. Seja na juventude ou na velhice, seja qual for a idade a que você pertença, você deve cultivar bons pensamentos. Você deve executar boas atividades. Você deve levar uma vida boa. Esse é o verdadeiro sentido da natureza humana.

A palavra "*Nara*", usada para se referir aos seres humanos, significa "imperecível". "*Ra*" significa "perecível" e "*Na*" significa "não". Portanto, "*Nara*" significa "imperecível". O ser humano (*Nara*) é imperecível. Ele é filho da imortalidade (*Amrthaputhra*). É por isso que as *Upanishads* se referiram aos homens como "filhos da imortalidade" (*Srunvanthu Viswe Amruthasya Puthrah*). Elas colocaram grande ênfase no fato de que eles eram "filhos da imortalidade" (*Amrtha Puthra*) e não "filhos da falsidade" (*Anritha Puthra*).

Não somente isso. A palavra "*Manava*", também usada para se referir aos seres humanos, é composta por três sílabas, "*Ma*", "*Na*" e "*Va*". "*Ma*" significa "ignorância", "*Na*" significa "sem isso" e "*Va*" significa "Aquele que se conduz". Portanto, aquele que se conduz sem ignorância, é um ser humano (*Manava*). Contrariamente a essa definição, todos os seres humanos hoje em dia estão se conduzindo com ignorância (*Ajnana*). Seu comportamento sugere uma ignorância do verdadeiro significado da palavra "*Manava*", usada para se referir aos seres humanos. Portanto, você deve primeiro sair dessa ignorância. "A morte é mais doce do que a cegueira da ignorância", é dito.

Se você deseja se manter longe da ignorância (*Ajnana*), você deve ter sabedoria (*Jnana*). Para que as trevas sejam expulsas, deve haver luz. Para que a sabedoria surja em você, você deve ter a graça de Deus. Somente então a escuridão da ignorância será expulsa. Thyagaraja cantou em uma de suas canções devocionais (*Kirtanas*), "Oh! Rama! Se apenas a Sua graça (*Anugraha*) estiver comigo, o que esses planetas (*Grahas*) podem fazer?"

A vida humana não foi feita para lutar contra o desejo (*Kama*), a raiva (*Krodha*), a cobiça (*Lobha*), a ilusão (*Moha*), o orgulho (*Mada*) e a inveja (*Matsarya*). Ela tem como meta se esforçar pela graça de Deus. Portanto, devemos nos empenhar por essa graça e tornar a nossa vida significativa. Nesse esforço, devemos estabelecer um exemplo para os outros.

É dito, "Permaneça sempre na contemplação de Deus" (*Sathatham Daiva Chintanam*). "Sempre em todos os momentos e em todos os lugares mantenha-se engajado na contemplação do Senhor" (*Sarvadaa Sarvakaaleshu Sarvathra Hari Chintanam*). "Não há paralelo com a era de *Kali* (*Kali Yuga*). Nessa era, pela contemplação de Deus, alguém pode facilmente alcançar a Divindade" (*Naasthi Naasthi Mahaabhaaga Kalikaala Samam Yugam Smaranaath Chintanaadeva Prapnosi Paramam Gathim*). Portanto, não há maior disciplina espiritual (*Sadhana*) nessa era de *Kali* (*Kali Yuga*) do que a constante contemplação de Deus (*Namasmarana*).

Prasanthi Nilayam, 18 de Agosto de 1984.

II O Caminho da Sabedoria (*Jnana Yoga*)

15

A Coragem Destemida Vence

Sri Krishna ordenou a Arjuna que se livrasse de sua fraqueza mental (*Manasika Daurbalyam*), que era repreensível, e permanecesse firme no campo de batalha para lutar contra seus inimigos, os Kauravas. A razão fundamental para a fraqueza mental é o sentimento de identificação com o corpo (*Dehatma Bhava*). Por sua vez, a influência da ignorância (*Ajnana*) é a razão para essa identificação com o corpo (*Dehatma Bhava*). Assim, o homem está se tornando mentalmente fraco por causa de sua identificação com o corpo (*Dehatma Bhava*), que por sua vez é devida à influência da ignorância. O corpo é a causa de todas as dores.

O homem não consegue executar nem mesmo uma pequena tarefa com uma mente fraca. É por isso que o Senhor constantemente lembra a Arjuna, "Esse conhecimento do *Atma* não está disponível para aqueles de mente fraca" (*Naayamaatma Balaheenena Labhyah*). São os de mente fraca que são perseguidos pela ilusão e pelo sofrimento. Devemos indagar se a ilusão (*Moha*) precede o sofrimento (*Dukha*) ou se o sofrimento (*Dukha*) precede a ilusão (*Moha*). É apenas quando há ilusão que o sofrimento nos assombra. Se não há ilusão, não há sofrimento. A ilusão é o objeto e o sofrimento é a imagem. Esse objeto e essa imagem são os principais inimigos do homem. Na verdade, eles estão causando depressão no homem.

O sentimento de "eu" e "meu" é uma ilusão. Enquanto esse sentimento persistir no indivíduo, ele será atormentado pelo sofrimento. Portanto, cada um deve passar do estágio de "eu" e "meu" para o estágio de "nós" e "nosso". O sentimento de "eu" e "meu" é egoísmo. Esse egoísmo é uma escravidão. Nós devemos caminhar desse estreito estágio de egoísmo (*Swartha*) para o estágio superior de interesse coletivo (*Parartha*).

Um pequeno exemplo com o qual os estudantes estão bastante familiarizados. Depois que as provas da décima série são concluídas, os resultados são publicados no jornal. Eles ocupam quase 2 a 3 páginas do jornal. Os números de alguns milhares de estudantes são publicados aqui. Normalmente, um estudante não analisa todos esses números. Ele examina a lista para encontrar apenas o seu número. Ele não está preocupado ou interessado em examinar uma lista tão grande de números. De certa forma, isso pode ser denominado como egoísmo. Juntamente com o interesse próprio (*Swartha*), deve-se promover o interesse pelos outros (*Parartha*) até certo ponto. Outro exemplo. Um grupo de dez amigos queria tirar uma foto de grupo. Eles arranjaram um fotógrafo e tiraram uma foto para eles mesmos. Depois que a impressão foi feita, cada um ficou ansioso para ver primeiro como o seu próprio rosto aparecia na foto. Essa é uma visão egoísta. Juntamente com isso, ele também deve ver se os rostos de outras pessoas aparecem bem na foto.

Anteriormente, Arjuna havia queimado a floresta Khandava. Ele também havia lutado em várias batalhas. Mas, nunca em sua vida até então, esse tipo de sentimento de "eu" e "meu" ou o sofrimento o haviam sobrepujado. No campo de batalha do *Mahabharatha*, quando Arjuna estava entre os dois exércitos, ele viu seus parentes, amigos, filhos, tios, avôs, professores e, na verdade, todos os seus amigos e parentes, alinhados em ambos os lados. De repente, ele foi dominado pelo sentimento de "meu" (*Mamathwa*). Ele foi iludido por esse sentimento por causa da ignorância.

O mesmo Arjuna, no momento de enviar Krishna à corte dos Kauravas para negociações, havia incitado Krishna a iniciar a guerra imediatamente, pensando que eles estavam perdendo tempo desnecessariamente. De fato, ele disse categoricamente a Krishna, "Esse problema não será resolvido por negociações. É melhor se preparar imediatamente para a guerra". Naquele momento, ele exibiu muito entusiasmo e coragem para travar uma guerra contra os Kauravas. Ele raciocinou com Krishna assim,

“*Será possível criar néctar com veneno?*
Assim como jogar jasmins em uma conflagração horrenda,
Será benéfico dizer boas palavras diante de um malfeitor?
Oh! Homem de nobres qualidades!
Por que essas negociações de paz?
Será que os tacanhos Kauravas desistirão de suas reservas,
E estenderão a mão à amizade?
Os polos norte e sul se encontrarão?
Chega, chega dessa conversa de paz.
Por que perder tempo? Preparemo-nos para a guerra.”

Arjuna descartou firmemente a possibilidade de um acordo pacífico com os Kauravas, dizendo, “Os Pandavas são o polo norte e os Kauravas são o polo sul. Se eles se encontrarem, será apenas nas regiões celestiais (*Swarga*), e não na Terra”. Portanto, Arjuna estava pressionando Krishna a se apressar para a guerra. Qual era o motivo dessa grande pressa? É porque ele não estava vendo seus parentes, amigos, avôs e professores bem na sua frente, prontos para sacrificar suas vidas no campo de batalha. Mas, assim que ele viu todos esses no campo de batalha prontos para lutar, ele mesmo disse a Krishna, “Oh! Krishna! Como posso suportar a dor e a agonia de matar todos esses meus parentes, amigos e professores? Quando penso em uma situação tão catastrófica, minha cabeça começa a girar. Por favor, não perca mais tempo. Voltemos para nossas casas”.

Quando Krishna ouviu essas palavras, Ele o denunciou com veemência. Ele o repreendeu, “Essa fraqueza de sua parte é desprezível. É impróprio de sua parte. Se você é tão acanhado e tímido, por que você veio para o campo de batalha pronto para lutar? Você provou ser um bravo guerreiro anteriormente e agora está chorando como um soldado covarde e desamparado. Um homem sofrendo de uma tristeza tão grande é adequado para ser um paciente sob um psiquiatra, mas não um discípulo do Senhor do *Yoga* (*Yogeswara*). Tenho vergonha de dizer que você

é Meu discípulo. Essa guerra não começou repentinamente no calor do momento. As negociações estavam acontecendo há três meses para evitar essa guerra. Se você tivesse exibido esse tipo de fraqueza mental naquele momento, Eu não teria tomado parte no esforço. Depois de entrar em contato com todos os seus amigos, professores e parentes e obter seu consentimento para a participação nessa guerra em seu nome, e de todos os guerreiros estarem reunidos neste campo de batalha prontos para lutar, você agora está exibindo sua timidez e implorando pela retirada do campo de batalha. Você está destruindo o seu dever de guerreiro (*Kshatriya Dharma*) por esse ato de covardia. Você se tornou uma pessoa fraca e miserável. Além disso, você também é um covarde. A próxima geração, ou seja, seus filhos e netos, irão rir de você. Seu nome é Arjuna, que significa puro e sagrado. Para um Arjuna tão puro e sagrado, por que essa condição miserável? A causa raiz de tudo isso é a ignorância (*Ajnana*)". Tendo assim diagnosticado a doença de Arjuna, o Senhor Krishna, o médico Divino, iniciou o tratamento.

Ao iniciar o discurso da *Bhagavad Gita*, Sri Krishna poderia ter começado Seu ensino pelo caminho da ação (*Karma Yoga*) ou pelo caminho da devoção (*Bhakti Yoga*). Mas Ele não fez isso. De fato, Ele começou Seu ensino do segundo capítulo em diante. Todo o primeiro capítulo da *Bhagavad Gita* é dedicado ao desânimo de Arjuna. Krishna não pronunciou uma única palavra. Ele começou a discursar para Arjuna a partir do décimo primeiro verso (*Sloka*) do segundo capítulo. Até então, Ele manteve Sua paciência com o desânimo de Arjuna. Então, Ele questionou, "Arjuna! Você terminou tudo o que tinha a dizer?" Tendo derramado toda a sua agonia originada de sua ignorância e desânimo, a cabeça de Arjuna ficou vazia. Então, Krishna disse, "Você está afligido com a doença da perda do poder de discernimento (*Kaarpanya*). Eu darei a você o remédio correto para essa doença". Tendo diagnosticado a doença e as causas da doença, isto é, ilusão (*Moha*) e sofrimento (*Soka*), Sri Krishna iniciou o tratamento ensinando o caminho do conhecimento (*Sankhya Yoga*). Ele ensinou sobre a natureza do corpo humano, as características de um sábio (*Sthithaprajna*), a distinção entre o Ser (*Atma*) e o não-

Ser (*Anatma*), e sua natureza e forma. Mas, como uma pessoa mergulhada na ignorância poderia compreender todos esses conceitos sutis?

Um pequeno exemplo. Para um paciente em risco de vida, o médico deve dar uma injeção de emergência em primeiro lugar. Em seguida, ele deve prosseguir com o tratamento regular. Se ele não fizer isso, o paciente estará em grande perigo e possivelmente também poderá morrer. Uma pessoa que está se afogando deve primeiro ser retirada da água e então receber algum tratamento. Se esse procedimento não for seguido, a pessoa morrerá afogada. Similarmente, a condição de Arjuna naquele momento é que ele estava afogado em sofrimento e ilusão (*Soka* e *Moha*). Portanto, ele precisava ser tratado dessa condição primeiro. Consequentemente, Krishna deu a ele uma forte injeção de coragem e confiança para tirá-lo de sua fraqueza. Assim, Ele começou a explicar os conceitos de Ser (*Atma*) e não-Ser (*Anatma*).

Krishna disse, “Oh! Arjuna! Não podemos executar nem mesmo uma pequena tarefa com medo (*Bhaya*) e ilusão (*Bhranti*). Portanto, você deve se levantar com coragem. Você deve tratar de não dar espaço a nenhum tipo de medo. Somente quando você estiver livre do medo e da ilusão, Eu poderei fazer você executar qualquer grande tarefa”. Enquanto explicava isso a Arjuna, Krishna estava sorrindo. Arjuna, por outro lado, estava imerso em tristeza. O Senhor (*Narayana*) é aquele que sempre sorri, enquanto o homem (*Nara*) é aquele que chora de tristeza. Aquele que sorri é um sábio (*Jnani*), enquanto aquele que chora é um ignorante (*Ajnani*). A distinção entre o Ser (*Atma*) e o não-Ser (*Anatma*) é aparente nessa diferença entre sabedoria (*Jnana*) e ignorância (*Ajnana*). Krishna disse ainda, “Eu ensinarei a você o que você é e o que Eu sou. O que pertence a Mim e o que pertence a você. Eu devo Me tornar como você ou você deve se tornar como Eu? Se Eu quiser ser como você, Eu devo Me tornar um tolo. Eu não tenho essa fraqueza. Por outro lado, se você quiser ser como Eu, siga-Me”. Então Arjuna se rendeu perante o Senhor Krishna e disse, “Swami! Eu agirei de acordo com os seus comandos” (*Karishye Vachanam Thava*). Assim, Sri Krishna em primeiro lugar

incutiu um sentimento de coragem e confiança em Arjuna e o levou a prosseguir em sua tarefa com entusiasmo.

Enquanto ensinava o caminho do conhecimento (*Sankhya Yoga*), Krishna começou explicando a natureza do corpo (*Deha*). Ele disse, “Oh! Arjuna! Essas pessoas, que você vê neste campo de batalha, você considera como seus parentes. Quem é um parente? Quem é um amigo? Quem é este corpo? Todos esses corpos são apenas como bolhas de água. Esses parentes, amigos, na verdade todas essas pessoas, não são novas. Eu, você e esses amigos e parentes estamos entrando e saindo deste mundo desde vários nascimentos. O corpo (*Deha*), os sentidos (*Indriyas*), a mente (*Manas*) e o intelecto (*Buddhi*) são os instrumentos (*Upadhis*) do homem. Eles são como a vestimenta que usamos. Não desenvolva vínculos desnecessários com esses objetos inertes e exponha-se a sofrimento (*Soka*) e ilusão (*Moha*). Cumpra seu dever. Você pode mostrar respeito e cortesia para com seus parentes e amigos fora deste campo de batalha. Mas, aqui neste campo de batalha, não há lugar para tais sentimentos. Existem apenas dois partidos aqui lutando um contra o outro. Aqui não há relações de amigos e parentes. Você está no campo de batalha ou no ambiente confortável e seguro de uma casa aconchegante? Quando você chega ao campo de batalha, é seu dever lutar contra seus oponentes. Portanto, cumpra o seu dever”. De acordo com a declaração acima, no primeiro verso (*Sloka*) da *Bhagavad Gita*, Dhritharashtra perguntou a Sanjaya, “Oh! Sanjaya! O que os filhos de Pandu e também o meu povo fizeram quando se reuniram, ansiosos pela batalha, na planície sagrada de Kurukshetra?” (*Dharmakshetre Kurukshetre Samavethaa Yuyuthavah Maamakaah Paandavaaschiva Kimakurvatha Sanjayaa*). O campo do *Dharma* (*Dharmakshetra*) e o campo dos Kurus (*Kurukshetra*) não são diferentes. Eles são um e o mesmo. O campo dos Kurus (*Kurukshetra*) tinha se transformado no campo do *Dharma* (*Dharmakshetra*) porque rituais sagrados haviam sido executados ali. Ele adquiriu o nome de campo dos Kurus (*Kurukshetra*) porque os filhos de Kuru brincavam ali em sua infância. Esse campo do *Dharma* (*Dharmakshetra*) era sagrado, Divino, e estava repleto de sentimentos nobres e sempre puros de altruísmo.

Tomemos nosso corpo como exemplo disso. Esse corpo, no momento de seu nascimento, era puro, altruísta e sem qualquer agitação mental. O bebê não está sujeito a nenhum dos seis inimigos internos (*Arishadvargas*), a saber, o desejo (*Kama*), a raiva (*Krodha*), a cobiça (*Lobha*), a ilusão (*Moha*), o orgulho (*Mada*) e a inveja (*Matsarya*). O bebê está sempre feliz e sorrindo com pura bem-aventurança. Ele chora apenas quando está com fome. O bebê sorri para qualquer pessoa que passe por ele, seja um ladrão ou um cavalheiro. As crianças são sempre puras. Portanto, seu corpo é um campo do *Dharma* (*Dharmakshetra*). Um corpo que não é afetado pelas qualidades (*Gunas*) e está sempre em estado de bem-aventurança é denominado um campo do *Dharma* (*Dharmakshetra*). Quando a criança cresce gradualmente, várias qualidades ruins também crescem juntamente com ela. Inveja, ciúme, orgulho, ego, desejo, raiva e ilusão crescem neste corpo que então se torna um campo dos Kurus (*Kurukshetra*). Portanto, o próprio corpo humano é um campo do *Dharma* (*Dharmakshetra*) e um campo dos Kurus (*Kurukshetra*). O bem e o mal estão ambos no campo do nosso coração (*Hridayakshetra*). A guerra entre Pandavas e Kauravas durou apenas 18 dias. Mas, a guerra entre o bem e o mal continua ao longo de nossa vida. Não há fim para isso. É por isso que Dhritharashtra disse no verso (*Sloka*) acima, "*Dharmakshetre Kurukshetre*".

A palavra "*Pandu*" significa puro. "*Panduthwa*" (a qualidade de *Pandu*) é o nome dado à pureza e à brancura. Se a pele de alguém ficar branca, dizemos que essa pessoa está sofrendo de *Panduroga*. Panduraja, o pai dos cinco príncipes Pandavas estava sofrendo da mesma doença. Seu nome também era *Pandu*, que significa puro e branco. Qual é o significado do primeiro verso (*Sloka*) da *Bhagavad Gita*? Esse verso (*Sloka*) significa que uma guerra começou entre as qualidades da atividade (*Rajas*) e da inércia (*Thamas*) de um lado e a qualidade da pureza (*Sathwa*) do outro. Esses exércitos se reuniram no campo de batalha e ficaram frente a frente, prontos para lutar um contra o outro. Naquele momento, Dhritharashtra, o pai dos Kauravas, simbolizando as qualidades da atividade

(*Rajas*) e da inércia (*Thamas*), perguntou a Sanjaya, “Oh! Sanjaya! O que eles estão fazendo?” (*Kima Kurvatha Sanjaya*). Parece que essa é uma pergunta sem sentido. Mas existe realmente um significado interno nessa pergunta. O campo de batalha é o campo da justiça (*Dharmakshetra*). Seus filhos são pessoas de mente má e injusta. No entanto, quando eles entraram no campo da justiça (*Dharmakshetra*), talvez uma transformação pudesse ter ocorrido em suas mentes. Talvez eles pudessem concordar por um acordo pacífico, mesmo naquele último momento. Essa era a sua esperança. Mas, aqueles que se reuniram no campo de batalha irão apenas travar uma guerra. Eles não estarão interessados em nenhum acordo. O mesmo foi o caso com os Kauravas.

Quem é a pessoa que fez essa pergunta? Dhritharashtra. A palavra Dhritharashtra significa aquele que considera como sendo seu aquilo que na verdade não pertence a ele. Ele não é o corpo. No entanto, ele se considera como sendo o corpo. Ele não é os sentidos (*Indriyas*). No entanto, ele considera que ele é os sentidos. O reino na verdade não pertence a ele. Mas ele pensa que o reino pertence a ele. Todas essas pessoas que pensam assim são Dhritharashtras. Desde que essas pessoas consideram erroneamente que elas são o corpo e os sentidos, elas são expostas a sofrimento (*Soka*) e ilusão (*Moha*) sempre de muitas maneiras. Assim, cada um é um Dhritharashtra internamente. A guerra do *Mahabharata*, portanto, continua eternamente nas mentes das pessoas entre as boas e as más qualidades.

Arjuna teve a grande boa fortuna de receber a *Bhagavad Gita* diretamente de Sri Krishna. Havia grandes homens entre os Pandavas. Na verdade, Dharmaraja, o mais velho dos Pandavas, era ele próprio um grande adepto da justiça. Por que Krishna não ensinou a *Bhagavad Gita* a ele? Ele era dotado de todos os tipos de força (*Bala*). Havia Bhima que tinha o poder dos ombros poderosos (*Bhuja Bala*) e o poder de um exército de elefantes (*Gaja Bala*). Por que Krishna não ensinou a *Bhagavad Gita* a ele, pelo menos? Por que Ele escolheu ensinar somente a Arjuna? Isso deve ser analisado em primeiro lugar.

Dharmaraja era uma pessoa boa e justa, sem dúvida. Mas ele não tinha a qualidade de considerar os prós e contras antes de empreender uma tarefa (*Purva Thapa*). Ele tinha apenas a qualidade da reflexão sobre o passado (*Pascha Thapa*). Agora, sobre Bhima. Ele tinha grande força muscular, mas nenhum poder intelectual. Se ele ficasse com raiva, ele arrancaria uma enorme árvore com suas raízes e começaria a lutar com seus oponentes. Arjuna, entre os Pandavas, no entanto, era dotado da qualidade de considerar os prós e contras antes de empreender uma tarefa (*Purva Thapa*). Mesmo antes de a guerra começar, ele começou a se preocupar, "Oh! Krishna! Há muitos amigos e parentes meus no exército adversário. Como posso matá-los? Prefiro renunciar ao reino e mendigar nas ruas, em vez de comer a comida que está ensopada em seu sangue. Eu não posso lutar nesta guerra". Arjuna assim demonstrou a qualidade de considerar os prós e contras antes de empreender uma tarefa (*Purva Thapa*). Dharmaraja não o fez. Depois que a guerra acabou e tudo se acalmou, ele sentou-se pesaroso em sua casa e começou a se preocupar, "Ai de mim! Todos os meus amigos e parentes morreram nessa guerra. Meus amigos e parentes se foram. Qual é a utilidade de eu governar esse reino agora?" É por isso que se diz, "Você deve analisar cuidadosamente o bem e o mal de uma ação, antes de executá-la. O que é feito às pressas, vira veneno".

O rei Dasaratha tinha um estado de espírito semelhante. Ele levou sua terceira esposa, Kaikeyi, junto com ele para ajudá-lo na guerra entre os deuses (*Devas*) e os demônios (*Asuras*). Kaikeyi era filha do rei Kekaya. Ela era bem versada no conhecimento de mísseis (*Ashtras*) e armas (*Sasthras*). Na verdade, ela instruiu Sri Rama nesse conhecimento. Quando o rei Dasaratha estava lutando na guerra, o eixo de uma das rodas da carruagem se soltou. Se tivesse saído totalmente, a roda da carruagem teria caído. Naquele momento crucial, Kaikeyi colocou seu dedo no buraco para servir de eixo e salvou o marido para que ele não fosse derrotado. Depois que Dasaratha venceu essa batalha, ele percebeu que o sangue estava fluindo profusamente do dedo de Kaikeyi. Tendo testemunhado aquela cena, Dasaratha disse a ela, "Oh! Kaikeyi! Eu ganhei essa batalha somente por sua causa.

Portanto, você pode pedir duas dádivas sempre que desejar. Eu concederei”. Ele não especificou quando e onde essas duas dádivas deveriam ser solicitadas. Ele deixou a escolha totalmente para ela. Nem o tempo foi especificado nem a natureza das dádivas. Sem considerar os prós e contras de suas ações, ele simplesmente deixou a escolha das duas dádivas para sua esposa. No final das contas, Kaikeyi pediu as dádivas de acordo com seu desejo e de acordo com sua escolha de tempo. Dasaratha teve que pagar um preço alto por sua ação impensada. Onde está a culpa então? Certamente, é culpa de Dasaratha. É por isso que é dito, “A pressa causa desperdício”. Às vezes, nossa ação precipitada nos coloca em grandes problemas.

Em contraste com o rei Dasaratha, Arjuna se preparou para a guerra depois de analisar completamente os prós e contras. Ele estava preocupado, “Quantos amigos e parentes perderão suas vidas nessa guerra! Depois de toda essa enorme perda de vidas, por que eu deveria lutar essa guerra? Sem os súditos, onde está o reino?” Assim, ele demonstrou a qualidade de considerar os prós e contras antes de empreender uma tarefa (*Purva Thapa*). Essa qualidade ocorre somente em um coração puro. É por isso que Arjuna significa alguém com um coração sagrado e puro.

Você deve ter ouvido falar de um grande centro de peregrinação chamado Sri Saila, que fica bem perto daqui. As deidades presidentes naquele famoso templo são Bhramaramba e Mallikarjuna, ou seja, Parvathi e Parameswara. O nome Mallikarjuna consiste em duas palavras, “*Malli*” e “*Arjuna*”. “*Malli*” significa flor de jasmim. “*Arjuna*” significa branco. A deidade presidente, Mallikarjuna, é como uma flor de jasmim branco. Ele é Easwara, verdadeiramente. Agora sobre Bhramaramba, a outra deidade. Ela é Parvathi. Ela é como uma abelha zumbidora (*Bhramara*). Amba, que é a abelha zumbidora (*Bhramara*) entra na flor de jasmim branco e suga o mel. Assim, Parvathi entra no princípio de Easwara (*Easwara Thathwa*), que é Mallikarjuna. Bhramaramba é Parvathi e o mel da pura flor de jasmim branco, Mallikarjuna, é Easwara. Por sugar o mel da flor de jasmim, ela tem direito à metade do corpo de Easwara. Assim, Easwara é metade homem e

metade mulher (*Artha-Nareeswara*). Tendo em vista esse significado, a Divindade que preside em Sri Saila foi nomeada como Bhramaramba Mallikarjuna.

Quando você analisar assim, ficará claro que a palavra "*Arjuna*" significa puro e sagrado. É por isso que Sri Krishna e Arjuna permaneceram amigos próximos e íntimos por um longo período de 75 anos até a guerra. Apesar de sua amizade inseparável por 75 anos, Krishna não havia ensinado a *Bhagavad Gita* anteriormente. Todos esses anos, eles permaneceram como cunhados, com o relacionamento corporal (*Dehatma Bhava*). Quando Arjuna se refugiou em Sri Krishna com um espírito de rendição, Krishna se tornou o *Guru* e Arjuna o discípulo. Somente então, Sri Krishna se preparou para ensinar a *Bhagavad Gita*. Assim, isso indica que, para obter sabedoria (*Jnana*) pura e sagrada, deve haver o relacionamento de *Guru* e discípulo entre o professor e o estudante.

Uddalaka era uma grande alma realizada (*Jnani*). Swethakethu era seu filho. Não havia pessoa melhor versada nos *Vedas* e nas escrituras (*Sasthras*) do que ele. Mesmo assim, ele enviou seu filho Swethakethu a um outro *Guru* para aprender os *Vedas* e as escrituras (*Sasthras*). Na verdade, ele mesmo poderia ter ensinado a seu filho esse conhecimento. Mas ele hesitou em fazê-lo, pois, enquanto ensinasse, ele teria afeição paterna (*Puthravathsalya*) por seu filho, e seu filho teria um sentimento filial por ele. Assim, o espírito correto do relacionamento entre *Guru* e discípulo não existiria entre eles. Se tal relacionamento não fosse estabelecido, esse conhecimento não entraria em sua cabeça, concluiu Uddalaka.

Sri Krishna pensava do mesmo modo e disse a Arjuna, "Enquanto estivermos confinados à relação de cunhados, permaneceremos vinculados aos fatores externos. Portanto, afaste o seu sentimento de identificação com o corpo (*Dehatma Bhava*) e entre no sentimento de identificação com o Ser supremo (*Paramatma Bhava*)". Foi somente depois que Arjuna se rendeu totalmente diante de Sri Krishna, que Ele começou a ensinar a *Bhagavad Gita*.

Quando Arjuna alcançou o sentimento de "Você é minha mãe. Você é meu pai. Você é meu parente. Você é meu amigo. Você é o conhecimento. Você é a riqueza. Você é tudo para mim. Oh! Deus dos deuses!" (*Thwameva Maatha Cha Pithaa Thwameva Thwameva Bandhooscha Sakhaa Thwameva Thwameva Vidyaa Dravinam Thwameva Thwameva Sarvam Mama Devadeva*), Sri Krishna o aceitou e o exortou, "Contemple-Me constantemente. Você agora é Meu devoto (*Bhakta*). Ofereça suas saudações a Mim. Medite em Minha forma. Se você se oferecer assim e se render completamente a Mim, você certamente Me alcançará" (*Manmanaa Bhava Madbhakto Madyaajee Maam Namaskuru Maamevaishyasi Sathyam The Prathijaane Priyosi Me*).

Assim, Sri Krishna ensinou a Arjuna o espírito de rendição (*Saranagathi Thathwa*) e o fez descartar o seu sentimento de identificação com o corpo (*Dehatma Bhava*). Esse é o efeito do remédio prescrito por Krishna em um primeiro momento. Na verdade, enquanto existisse um sentimento de identificação com o corpo (*Dehatma Bhava*), nem o caminho da ação (*Karma Yoga*) nem o caminho da devoção (*Bhakti Yoga*) teriam algum efeito sobre o coração de Arjuna, ainda que fossem ensinados. A razão é que o coração de Arjuna estava cheio de sofrimento (*Soka*) e ilusão (*Moha*). Quando o copo está cheio de água, como colocar leite nele? Primeiro, o copo deve ser esvaziado e, em seguida, o leite é despejado nele. Portanto, Krishna disse, "Oh! Arjuna! Você encheu seu coração com sofrimento (*Soka*) e ilusão (*Moha*). Primeiro, jogue-os fora e então Eu o preencherei com a essência da sabedoria (*Jnana*)".

O caminho do conhecimento (*Sankhya Yoga*) ensinado por Sri Krishna a Arjuna foi um esforço para remover o sofrimento (*Soka*) e a ilusão (*Moha*) do coração de Arjuna e preenchê-lo com o néctar da sabedoria (*Jnana*). Krishna exortou Arjuna, "Oh! Arjuna! Há alguns anos, quando você queimou a floresta Khandava, você o fez sem piedade e sem reservas. Além disso, no episódio da proteção das vacas (*Gosamrakshana*), você não passou por nenhum sofrimento mental. Hoje você está sofrendo uma grande agonia mental neste campo de batalha. Por quê? É claro que

há um motivo para o seu sofrimento agora. A ignorância (*Ajnana*) é a razão desse sofrimento. Você já chorou em nome de Deus ou da justiça (*Dharma*)?" Somente quando você experimenta grande agonia mental e intenso anseio por Deus e pela justiça (*Dharma*), é que isso se transformará espontaneamente em *Yoga*. Até então, isso é apenas sofrimento (*Soka*) para você.

Você chora na hora do nascimento e na hora da morte.
Você também chora por tantas outras razões.
Você chorou pelo declínio da justiça (Dharmaglani)?
Por que você chorou? Você chorou por você mesmo?

Devemos desenvolver um desejo de chorar quando há um declínio da justiça (*Dharmaglani*). Quando você deseja executar uma grande tarefa, você deve agir com coragem e firmeza. Você nunca deve desenvolver essa qualidade mesquinha de fraqueza mental. Quando você for capaz de abandonar essa fraqueza, somente então você será cumulado com a força Divina (*Daiva Bala*).

Desde o início, nós nunca devemos dar espaço para qualquer medo ou fraqueza. Devemos ter a arma da coragem. Se não temos um cajado conosco, até mesmo uma ovelha tentará nos intimidar. Se não formos mentalmente fortes, todos tentarão nos assustar. Devemos cultivar coragem e firmeza para enfrentar esses desafios. Se fugirmos de uma situação, até um animal nos perseguirá. Todas essas são experiências em nossa vida diária. Se pararmos e empunharmos um cajado, o mesmo animal irá fugir. Nunca devemos dar as costas para ele. Devemos sempre enfrentar a situação com coragem. Swami Vivekananda também disse, "Não tenha medo". Também foi dito, "Podemos alcançar qualquer coisa em nossa vida somente com coragem e firmeza" (*Dhairyam Sarva Saadhakam*). Vocês, estudantes, devem prosseguir nessa tarefa de aprender esse grande conhecimento, com coragem e entusiasmo. Mera coragem não é suficiente. Você também deve ter entusiasmo. Você não deve ter coragem impensada. Você deve ter coragem

com discernimento. Você deve desenvolver um discernimento sobre como se comportar em diferentes situações.

Esteja você aqui ou em outro lugar, onde quer que você esteja, você deve se esforçar para alcançar as coisas com um sentimento de coragem e entusiasmo. Amanhã, discutiremos esse caminho do conhecimento (*Sankhya Yoga*) em maiores detalhes. O discurso de hoje foi apenas uma introdução ao caminho do conhecimento (*Sankhya Yoga*).

Prasanthi Nilayam, 20 de Agosto de 1984.

16

A Felicidade Vem Somente Através da Sabedoria

Sankhya significa conhecimento. Na investigação do que constitui o não-Ser (*Anatma*), o conhecimento (*Sankhya*) tem um papel importante a desempenhar. Quando Krishna notou a fraqueza mental e o sofrimento de Arjuna, no campo de batalha onde os exércitos adversários estavam prontos para lutar um contra o outro, Ele ficou desgostoso e denunciou a condição de Arjuna como "fraqueza mental" (*Kasmalamidam*). A palavra "*Kasmala*" pode ser entendida como timidez, sofrimento ou poluição mental. Ele criticou Arjuna, "Oh! Arjuna! Qual é a causa desse seu sofrimento e timidez? É apenas a poluição mental que está na origem dessa doença".

Arjuna estava sofrendo da doença da ignorância (*Karpanya Dosha*). A natureza de uma pessoa ignorante (*Kripana*) é a ignorância. A palavra "*Kripana*" tem outros significados, como pessoa pobre ou gananciosa. Mas, esses significados não se aplicavam a Arjuna. Ele não era pobre nem ganancioso. De acordo com a interpretação das *Upanishads*, a palavra ignorante (*Ajnani*) significa aquele que não possui sabedoria (*Jnana*). Era somente por causa da ignorância (*Ajnana*) que Arjuna estava sofrendo de apego (*Moha*) e tristeza (*Dukha*). Portanto, esse significado de ignorante (*Ajnani*) para a palavra "*Kripana*" era adequada para ele.

Com a união (*Samyoga*) vem o apego (*Moha*). Com a separação (*Viyoga*) vem a tristeza (*Dukha*). A vida humana está repleta de uniões (*Samyoga*) e separações (*Viyoga*). A guerra do *Mahabharata*, por exemplo, era entre dois exércitos, os Pandavas e os Kauravas. Esse foi um encontro (*Sandhi Sthana*) onde dois exércitos se encontraram para lutar um contra o outro. A palavra "*Sandhi*" significa o encontro de dois tempos (*Kaalas*). O intervalo entre felicidade (*Ananda*) e tristeza (*Dukha*) é *Sandhi*. O intervalo entre o dia e a noite é *Sandhi*. O intervalo entre união (*Samyoga*) e separação (*Viyoga*) é *Sandhi*. Cada pessoa está experimentando

felicidade e tristeza apenas nesse período de intervalo (*Sandhi*). A natureza de um ser humano é que ele deseja ter somente felicidade, e não tristeza. A sabedoria (*Jnana*) é, portanto, o esforço para alcançar essa felicidade. No caminho do conhecimento (*Sankhya Yoga*), um esforço é feito principalmente para criar um sentimento de desapego (*Virakti*) e ensinar o Divino princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*).

Dois epítetos, "*Hrishikesa*" e "*Gudakesa*", são usados na *Bhagavad Gita*. "*Hrishikesa*" significa aquele que é o mestre dos sentidos. "*Gudakesa*" significa aquele que controlou os sentidos. Arjuna é aquele que controlou os sentidos. Krishna é o mestre dos sentidos. Todo o diálogo (*Samvada*) da *Bhagavad Gita* ocorreu entre esses dois.

A causa raiz do desânimo de Arjuna é o seu sentimento de identificação com o corpo (*Dehaatma Bhava*). Arjuna estava preocupado no campo de batalha com o perigo iminente para seus amigos e parentes, se a guerra fosse travada entre os Pandavas e os Kauravas. Em tal situação, Sri Krishna começou a ensinar o caminho do conhecimento (*Sankhya Yoga*), dizendo, "Oh! Arjuna! Primeiro, pergunte sobre a natureza do corpo humano. O corpo é inerte (*Jada*). O corpo é um instrumento (*Upadhi*) que o indivíduo (*Jiva*) tomou para si. O corpo é como uma roupa. É natural para um ser humano descartar uma roupa suja e desgastada e vestir uma roupa nova e pura. Aqui, roupa significa corpo. Sair desse corpo e assumir um novo corpo é como se desfazer de uma roupa suja e vestir uma nova".

O Senhor Krishna estabeleceu o fato de que esse corpo é como uma roupa velha. Então, algumas pessoas podem ter uma dúvida. Depois de viver 80, 90 ou 100 anos, ninguém irá lamentar por descartar esse corpo como uma roupa velha. Mas, quando as pessoas morrem muito jovens na infância ou na juventude, isso não equivale a descartar uma roupa nova?

Quando um corpo de vinte anos morre, como pode ele ser presumido como uma roupa velha? Verdade. Em nossa opinião, essa é uma roupa nova. Mas, um pequeno exemplo para provar o ponto. Suponha que você tenha feito uma viagem por alguma cidade e trazido um tecido novo. Depois de trazê-lo para casa, você o colocou em um armário e o esqueceu totalmente. Depois de cinco ou seis anos, quando você estava reorganizando suas roupas no armário, você encontrou esse tecido. Imediatamente você se lembrou de ter comprado esse tecido em tal e tal cidade. Lamentando o esquecimento, você imediatamente foi a uma alfaiataria e o entregou para produzir uma camisa. Você veste a camisa nova e vem ao salão de orações e se inclina para se sentar. Ao fazer isso, a camisa nova se rasga na parte de trás. Você sente pena que a camisa nova tenha se rasgado tão cedo. Qual é o significado subjacente desse incidente? Sem dúvida, você costurou uma camisa nova, mas o tecido com que a camisa foi costurada era velho. Ele pertencia a um estoque antigo. Da mesma forma, alguém assume um corpo e passa alguns anos nele. Então, ele parece novo. Mas, a vida do indivíduo é muito antiga. Ele já passou por vários nascimentos.

Um outro pequeno exemplo para ilustrar esse ponto. Havia um velho de 80 anos e um jovem de 25 anos. Esse jovem golpeou uma rocha dura vinte vezes com um martelo. Mas a rocha não se quebrou. O velho, como o nosso Kasturi, veio então e bateu na rocha apenas duas vezes com o mesmo martelo. Imediatamente, a rocha se quebrou em pedaços. O jovem de 25 anos deu vinte golpes na pedra e ela não se partiu. Mas, então, um velho de 80 anos deu apenas dois golpes, e ela se quebrou em pedaços imediatamente! Qual é a razão? Esse velho é mais forte do que aquele jovem? Isso tem que ser investigado. Achamos que a rocha dura se quebrou após apenas dois golpes. Não, não. Na verdade, a rocha se quebrou após vinte e dois golpes. Quando o jovem martelou vinte vezes, a rocha se tornou maleável. Imediatamente depois, quando o velho martelou duas vezes, ela se partiu em pedaços. Da mesma forma, esse jovem em seu nascimento anterior praticou muitas disciplinas espirituais (*Sadhanas*) e morreu. Portanto, mesmo antes de viver até a idade avançada, ele exauriu os resultados de suas ações (*Karmas*).

Estamos levando em consideração o tempo de vida e a força do corpo neste nascimento, para decidir se ele é novo ou velho. Mas, Deus leva em consideração o tempo de vida, as situações, os padrões e os resultados alcançados por uma pessoa em vidas passadas.

Todos os nossos corpos são suscetíveis à decadência. Esse processo de decadência e morte tem ocorrido há muitas eras. O corpo humano, sem dúvida, passa pelo processo de decadência e morte. No início, ele nasce como um pedaço de carne. Sob cuidados carinhosos ele cresce e adquire uma forma bonita. Então, gradualmente, ele enfraquece e murcha. Finalmente, ele morre. Assim, o corpo humano passa por várias mudanças durante sua vida.

Embora o corpo humano passe por várias mudanças, ele pode ser considerado como sendo inerte. Porém, ele se move, funciona, fala e cresce também. Então, pode surgir uma dúvida sobre como ele pode ser chamado de inerte. Se você der corda no relógio, seus três ponteiros irão girar. Ele tocará um sino em intervalos regulares de uma hora de duração. Ele informará as horas. Apenas porque os ponteiros do relógio giram, e ele toca um sino em horários regulares, e informa as horas, você pode dizer que o relógio tem vida? Ele se move e toca um sino por causa da corda. Da mesma forma, o corpo se move de um lugar para outro, fala, vê objetos e faz muitas coisas por causa do poder da consciência Divina nele. Assim como o relógio não pode se mover e tocar os sinos sem darmos corda, também o corpo humano não pode executar nenhuma atividade sem a consciência da Divindade.

Agora, o relógio apenas se move e toca os sinos. Mas, o corpo humano cresce a partir de um estágio embrionário para uma fase de juventude totalmente desenvolvida. Isso não é uma grande maravilha? Se ele é inerte, como pode crescer? Qual é a razão para o seu crescimento? Não é um fato que um objeto inerte não pode crescer? Que argumento tolo! Nós varremos nossa casa, coletamos todo

o lixo e colocamos do lado de fora, formando um monte. Depois de alguns dias, o monte de lixo não está aumentando de tamanho? Da mesma forma, todos os dias comemos *Iddly*, *Sambar*, *Dosa*, etc., e assim o corpo também cresce. Estamos colocando o lixo chamado comida neste corpo e, portanto, ele também cresce. Porque o monte de lixo aumenta de tamanho, isso não significa que ele tenha vida. Da mesma forma, o corpo humano é como um monte de lixo. A consciência Divina é a base para esse corpo humano. Mantendo essa consciência Divina em vista, continue todas as suas atividades.

Dizer que Arjuna era uma pessoa ignorante (*Ajnani*) parece sem sentido até certo ponto. Arjuna era o melhor no conhecimento de mísseis (*Ashtras*) e armas (*Sasthras*). Mas ele ficava para trás no conhecimento do Ser (*Atma Jnana*). Cada um lança mão de sua força e poder para se especializar em seus respectivos campos. Algumas pessoas se especializarão em música, algumas em literatura, algumas em pintura, algumas em escultura, etc. Você não precisa ir tão longe. Mesmo no nosso próprio instituto, existem professores em diferentes departamentos. Eles alcançam grandes alturas em suas respectivas áreas como Física, Química, Matemática, Biologia, etc. Mas não em todas as disciplinas. Existe, por exemplo, o estudo dos *Vedas* e das escrituras (*Sasthras*). Algumas pessoas desenvolvem grande experiência nos *Vedas*, dedicando toda a sua vida ao estudo. No canto dos *Vedas*, nosso Kamavadhani é um grande especialista. Na verdade, não há ninguém que possa superá-lo nessa área. Ele alcançou grandes alturas na erudição *Védica*. Mas, durante uma conversa casual, se você perguntar a ele de repente quem era Sita, ele responderá que ela era a esposa de Krishna! Pobre homem, ele não sabe nada dos negócios mundanos. Qual é a razão? Cada pessoa desenvolve suas capacidades em uma determinada área. Similarmente, Arjuna alcançou grande sucesso no conhecimento de mísseis (*Ashtras*) e armas (*Sasthras*). Em outras áreas, ele não era bem versado. Deus é o único que é o melhor em todos os ramos de conhecimento. É por isso que Ele é chamado de onisciente (*Sarvajna*), onipotente (*Sarva Saktimaya*) e onipresente (*Sarva Vyapaka*). Essas faculdades estão presentes somente em Deus.

Sri Krishna exortou Arjuna a considerar o corpo como sendo inerte e cumprir seu dever de acordo com isso. Ele aconselhou Arjuna a sair da ilusão (*Moha*) em primeiro lugar. Essa ilusão (*Moha*) é um sentimento muito perigoso. Ele não permite que ninguém exerça sua faculdade de discernimento.

Uma pequena história. Uma vez, Devendra nasceu na Terra (*Bhuloka*) como um porco, devido a uma maldição. Ele estava feliz passando seu tempo com sua esposa e filhos (também porcos) em uma poça lamacenta. Narada, que estava passando por aquela área, viu o estado de Devendra e teve pena dele. Ele parou na frente de Devendra e perguntou, “Oh! Devendra! Em que condição miserável você se encontra! Por que você está sofrendo esses *Karmas*? Eu vou redimir você dessa maldição, com o poder da minha penitência. Você concorda? Na verdade, você tem o direito de desfrutar de todos os confortos nas regiões celestiais (*Devaloka*), mas está vivendo uma vida miserável nessa sujeira. Que pena!” Narada falou com muita pena de Devendra. Então, Devendra (na forma de um porco), respondeu, “Oh! Narada! Por que você vem no meu caminho? A felicidade que estou desfrutando nesta sujeira não está disponível nem mesmo nas regiões celestiais (*Devaloka*). Eu estou muito feliz aqui com minha esposa e filhos. Por favor, não crie obstáculos para minha felicidade e vá embora”. Devendra foi iludido pelo poder ilusório (*Maya*). Portanto, ele estava farto até mesmo dos confortos e da felicidade disponíveis nas regiões celestiais (*Devaloka*). Ele pensava que aquela poça lamacenta em que agora vivia como um porco era o ponto alto e o fim de sua vida. Para uma pessoa enredada na ilusão (*Moha*), nada mais é aceitável. Esse é o maior poder da ilusão (*Maya*). Se você deseja remover essa ilusão (*Maya*), você deve desenvolver o poder do *Atma* chamado sabedoria (*Jnana*). É por isso que Sri Krishna começou por ensinar a Arjuna o conhecimento do *Atma* (*Atma Vidya*) em primeiro lugar.

Somente uma pessoa que compreendeu o conhecimento do *Atma* (*Atma Vidya*) pode executar bem seus deveres (*Karthavya Karmas*). Se a ela forem ensinados

diretamente os deveres (*Karthavya Karmas*) ou a justiça (*Dharma*), sem o conhecimento do *Atma* (*Atma Vidya*), ela não poderá realizá-los adequadamente. Sri Krishna compreendia esse ponto sutil e, portanto, começou a ensinar primeiro o conhecimento do *Atma* (*Atma Jnana*) a Arjuna.

É possível ter uma transformação mental, até certo ponto, ouvindo discursos espirituais ou lendo as escrituras no nível físico. Mas, isso é como uma efervescência de água com gás. Quando você ouve os discursos na *Bhagavad Gita*, você sente que o caminho da *Bhagavad Gita* é o único caminho certo e fácil e você se sentirá muito feliz em ouvi-los. Mas, quando você quer colocar os conceitos em prática, sua determinação se esgota. Você deve se identificar com esse grande conhecimento e verdade sobre os quais você leu e ouviu, colocando-os em prática.

Sri Krishna exortou Arjuna, "Você está sofrendo por alguma coisa pela qual você não deveria sofrer. Você não deveria fazer isso. Seu coração está cheio de ignorância (*Ajnana*). Em primeiro lugar, essa ignorância deve ser removida. Sua dor ou sofrimento é devido à ignorância (*Ajnana*). Existem cinco tipos de sofrimentos (*Klesas*). Enquanto houver sofrimento (*Klesa*) em seu coração, você estará imerso na ignorância (*Ajnana*). Depois de remover esse sofrimento (*Klesa*) de seu coração, você terá o direito de receber a sabedoria (*Jnana*). Portanto, cuide para que esses cinco tipos de sofrimentos (*Klesas*) sejam removidos de seu coração. Os cinco tipos de sofrimento (*Pancha Klesas*) são, (i) o sofrimento causado pela ignorância (*Avidya Klesa*), (ii) o sofrimento causado por atitude complacente (*Abhinava Klesa*), (iii) o sofrimento causado por prazeres sensuais ou alegrias materiais (*Asthitha* ou *Vishaya Klesa*), (iv) o sofrimento causado pela paixão (*Raga Klesa*) e (v) o sofrimento decorrente do desenvolvimento do ódio para com os outros (*Dwesha Klesa*). Esses cinco tipos de sofrimento (*Pancha Klesas*) devem ser removidos *in toto*. Mesmo se um vestígio de ignorância (*Ajnana*) e ilusão (*Moha*) persistir em você, qualquer quantidade de ensino de Minha parte não será de qualquer utilidade para você. É por isso que Eu estou ensinando esse caminho do conhecimento (*Sankhya Yoga*) para você".

Na *Bhagavad Gita*, o segundo capítulo (*Sankhya Yoga*) é o capítulo mais importante. Você deve ser capaz de compreender o conceito de Ser (*Atma*) e não-Ser (*Anatma*) ensinado no segundo capítulo da *Bhagavad Gita* (*Sankhya Yoga*). Todos os demais capítulos são apenas seus reflexos. Portanto, um ou dois versos (*Slokas*) do segundo capítulo da *Bhagavad Gita* (*Sankhya Yoga*) devem ser tomados para o estudo regularmente todos os dias. Somente quando fizermos um estudo aprofundado desses versos (*Slokas*) e obtivermos seu significado interno, isso significará um estudo adequado da *Bhagavad Gita*.

Prasanthi Nilayam, 21 de Agosto de 1984.

17

O Controle dos Sentidos é a Verdadeira Vitória

Todo o universo está preenchido pelos cinco elementos (*Pancha Bhuthas*). O que quer que você deseje ou o que quer que você descarte, seja a união (*Samyoga*) ou a separação (*Viyoga*) em relação aos objetos, tudo isso é devido às mudanças que ocorrem nos cinco elementos, e nada mais. Os objetos constituídos pelos cinco elementos (*Pancha Bhuthas*) são perecíveis e sujeitos a constantes mudanças. Uma flor que desabrocha hoje, murcha amanhã e apodrece no terceiro dia. O arroz cozido hoje cheira mal amanhã, torna-se veneno, e é impróprio para o consumo. Um corpo que é forte e bonito hoje, fica fraco e feio depois de alguns anos. Os átomos da Lua podem descer à Terra amanhã. Da mesma forma, os átomos da Terra hoje podem subir para alcançar a órbita da Lua amanhã. Os átomos do corpo humano sofrem uma mudança total a cada sete anos.

Não é apropriado correr atrás dos sentidos repletos desses átomos, pensando que eles são permanentes e verdadeiros. Os sentidos perseguem apenas os objetos externos. A *Bhagavad Gita* estabeleceu o fato de que o princípio ilusório (*Maya Thathwa*) consiste em 24 fatores, a saber, 5 órgãos externos de ação (*Karmendriyas*), 5 sentidos de percepção (*Jnanendriyas*), 5 invólucros (*Kosas*), 5 alentos vitais (*Pranas*), a mente (*Manas*), o intelecto (*Buddhi*), a memória (*Chiththa*) e o ego (*Ahamkara*). Quando a esses 24 fatores é adicionado o *Atma*, o número torna-se 25. A Filosofia *Sankhya* (*Sankhya Darshana*) é útil na identificação dos 24 objetos da ignorância (*Avidya*). Esse processo é denominado o caminho do conhecimento (*Sankhya Yoga*). O processo de evolução da alma humana começa com todos esses 24 fatores da matéria, atravessa o vigésimo quinto (o Ser) e, finalmente, funde-se no Divino.

Krishna continuou Sua exortação e disse, “Oh! Arjuna! A causa raiz dessa ignorância (*Ajnana*) é sua ilusão (*Moha*). Novamente, a base para essa ilusão

(*Moha*) é *Ajnana* (ignorância). Portanto, se você deseja controlar o sofrimento (*Dukha*), a ilusão (*Moha*) e a ignorância (*Ajnana*), você primeiro deve controlar seus sentidos. Os sentidos (*Indriyas*) são como os cavalos que irão levá-lo ao seu destino. Somente quando você mantiver esses cavalos sob controle, a carruagem e o cocheiro poderão chegar com segurança ao seu destino. Por outro lado, se você deixá-los à vontade, pode haver perigo tanto para a carruagem quanto para o cocheiro. Portanto, se você quer chegar com segurança ao seu destino, mantenha esses cavalos sob controle".

Sri Krishna deu um novo nome, *Mathra*, para os sentidos. O que isso significa? "*Mathra*" significa "instrumento de medição". Portanto, os sentidos (*Indriyas*), são instrumentos de medição (*Mathras*). A língua mede e decide os sabores, declarando, "Isso é doce", "Isso é azedo", "Isso é amargo", etc. O olho vê um objeto e decide sua forma. O ouvido ouve uma música e decide se ela é melodiosa ou não. Da mesma forma, cada um dos sentidos (*Indriyas*) mede um aspecto particular e decide. A palavra "*Mathra*" tem outro significado, "limite", o que significa que cada um desses sentidos (*Indriyas*) tem seus próprios limites. Como você decide os limites dos sentidos (*Indriyas*)? Por exemplo, o nariz é dado a você para cheirar a fragrância. Mas, supondo que você coloque tabaco nele, então isso é um mau uso do nariz. Isso equivale a uma utilização inadequada dos sentidos (*Indriyas*) dados por Deus. Isso também equivale a desrespeitar os mandamentos de Deus. Deus nos deu a língua. Com essa língua, devemos proporcionar felicidade aos outros com nossas palavras doces. Nunca devemos usar nossa língua para falar palavras duras que ferem os outros. Nossa língua deve ser usada para comer alimento puro (*Sathwa*), saudável e sagrado. Ela deve nos ajudar a comer alimentos nutritivos com proteínas e vitaminas que dão força ao corpo. Por outro lado, se a língua é usada para comer carne, beber álcool e fumar cigarros, bidis, charutos, etc., isso equivale a fazer mau uso desse sentido (*Indriya*) mais importante dado por Deus. Portanto, os sentidos (*Indriyas*) podem nos proporcionar paz e felicidade somente quando cada um deles é empregado para o propósito para o qual ele nos foi dado por Deus.

Os sentidos (*Indriyas*), em associação com os objetos sensoriais (*Vishayas*), experimentam felicidade ou tristeza e calor ou frio. Não experimentamos felicidade ou tristeza apenas por causa dos sentidos. É apenas quando eles entram em contato com os objetos sensoriais que experimentamos felicidade ou tristeza. Por exemplo. Você está aqui neste momento. Junto com você, seu ouvido também está aqui. Algo aconteceu em seu vilarejo, entretanto. Pode ser algo bom ou ruim. Mas, como você está longe do incidente, você não experimenta felicidade nem tristeza. Suponha que você receba um telefonema sobre o incidente. Se a mensagem for boa, você se sente feliz. Se for ruim, você sente tristeza. Assim, quando seus sentidos entram em contato com os objetos sensoriais, você sente felicidade ou tristeza. Por conseguinte, você deve sempre tentar manter seus sentidos longe dos objetos, que são impermanentes e suscetíveis a mudanças constantes.

Existem vários seres vivos neste mundo. Cada um deles é limitado por algum sentido (*Indriya*) ou outro. Alguns exemplos para ilustrar esse ponto são o antílope (*Kuranga*), o elefante (*Mathanga*), o gafanhoto (*Pathanga*), o peixe (*Meena*) e a abelha zumbidora (*Bhringa*). O antílope se entrega ao som. O elefante se entrega ao toque da elefanta. O gafanhoto, imediatamente ao ver a luz de uma chama, se lança sobre ela. O peixe apaixona-se pelo sabor da isca. A abelha zumbidora é atraída pelo cheiro da flor. Assim, cada um desses seres é atraído e se apaixona por apenas um sentido (*Indriya*). Mas, o homem está limitado por todos os cinco sentidos (*Indriyas*). Ele é pior do que o antílope, o elefante, o gafanhoto, o peixe e a abelha zumbidora.

Uma pequena história para provar esse ponto. Uma vez, o Senhor Dakshinamurthy estava indo de um lugar para outro em peregrinação. Durante essa peregrinação, em cada um desses lugares, Ele estava aceitando como seu *Guru* um ou outro objeto da natureza. Um dia, Ele estava sentado à beira-mar, olhando as ondas com admiração e se sentindo feliz. De repente, algum lixo foi varrido para o mar, por

causa do vento. Imediatamente, as ondas do mar, uma após a outra, vieram e levaram o lixo para a praia. Ao assistir a essa cena, Dakshinamurthy pensou consigo mesmo, “Que mal há, se uma pequena quantidade de lixo cair nesse mar insondável e infinito? Por que o mar o varreu para a costa instantaneamente?” Ele meditou profundamente sobre esse ponto e finalmente descobriu o significado interno. Se hoje algum lixo é varrido para o mar e o mar o aceita, com o tempo, uma grande quantidade de lixo pode entrar no mar e, em breve, a própria natureza e forma do mar podem sofrer uma mudança total. Ele pode perder sua própria forma. Por isso, ele tem o cuidado de não aceitar nem mesmo uma pequena quantidade de lixo, desde o início. Ele sempre mantém sua pureza.

Se formos cuidadosos desde o início para não permitirmos que pensamentos ruins entrem em nossa mente, mesmo em assuntos pequenos, mais tarde não haverá espaço para coisas maiores nos perturbarem. Se mantivermos uma vigilância constante sobre as atividades dos sentidos (*Indriyas*) e analisarmos se são boas ou más, não haverá possibilidade de eles seguirem o caminho errado.

Um homem que se tornou um escravo para os cinco sentidos (*Indriyas*) não pode jamais recuperar a si mesmo. Ele nunca poderá ter paz e felicidade. Uma pequena história. Houve, uma vez, um rei. Ele tinha cinco esposas. Nenhuma delas costumava ouvir suas palavras. Ele era, sem dúvida, o rei dos reis. Mas, no palácio, ele estava passando por grande agonia mental por causa de suas esposas. Coroa na cabeça e grande agonia mental por dentro, esse era o estado em que ele se encontrava. Um dia, ele começou a se indagar assim, “Não é porque me tornei subserviente às minhas esposas, que estou sofrendo assim? Existe alguém neste mundo que não seja subserviente à sua esposa?” Mas, esse inquérito ele não poderia fazer publicamente. As pessoas poderiam pensar de outra forma. Depois de refletir profundamente sobre esse assunto, ele finalmente chegou a uma conclusão. Ele organizou uma reunião de todos os cidadãos de seu país. Duas tendas, uma de cada lado, foram dispostas em uma vasta área aberta. Aqueles que eram subservientes às suas esposas deveriam sentar-se em uma tenda e aqueles que

mantivessem suas esposas sob seu controle deveriam sentar-se na outra tenda. Esse foi o acordo. Todos vieram e sentaram-se na tenda atribuída aos que eram subservientes às suas esposas. O rei viu essa reunião e saiu animado, pois não era somente ele mesmo, mas muitos outros homens em seu reino eram subservientes às suas esposas. Ele estava se assegurando de que não havia nada de errado em se tornar subserviente às esposas, quando havia tantas pessoas como ele.

Entretanto, uma pessoa veio e sentou-se na tenda reservada àqueles que mantinham suas esposas sob seu controle. Ao vê-lo, o rei ficou muito feliz por haver pelo menos uma pessoa em seu reino que controlava sua esposa. Então, ele foi até aquela pessoa, deu-lhe as boas-vindas e questionou-o sobre o método que ele adotava para manter a esposa sob seu controle. Ele respondeu, "Oh! Rei! Eu sou igualmente subserviente à minha esposa. Onde está a questão de meu controle sobre minha esposa?" Ao ouvir sua resposta, o rei ordenou que ele fosse se sentar na tenda onde todas as outras pessoas estavam sentadas. Mais uma vez, a pessoa implorou ao rei, "Oh! Rei! Antes de vir aqui, minha esposa disse-me que eu não deveria sentar-me com os outros e que deveria sentar-me separadamente na outra tenda. Estou obedecendo às ordens de minha esposa. Você pode me punir por desobedecer suas ordens ou até me matar. Não estou nem um pouco incomodado. Mas, não posso desobedecer às ordens da minha esposa em hipótese alguma". O rei finalmente pensou que todas as pessoas estavam sofrendo porque haviam se tornado subservientes às suas esposas. Nessa história, quem é o rei? Quem são suas esposas? O rei é a mente e os cinco sentidos (*Indriyas*) são as cinco esposas. Aquele que se tornou subserviente aos sentidos (*Indriyas*), mesmo sendo um rei, tem que passar por sofrimento.

Ninguém pode satisfazer os sentidos (*Indriyas*). O olho deseja ver todas as coisas belas do mundo e pressiona você para levá-lo até ali. A língua anseia por pratos saborosos. Os ouvidos querem ouvir música melodiosa. O nariz deseja desfrutar fragância. Quem pode satisfazer os desejos de todos esses sentidos? Se nos submetermos aos sentidos de forma indiscriminada, eles irão nos colocar em

muitos problemas de muitas formas. Portanto, em primeiro lugar, devemos encontrar uma saída pela qual os sentidos possam ser controlados. Devemos colocá-los sob nosso controle e não o contrário. Somente essa pessoa pode ser chamada de corajosa. Quando você controla os sentidos e os coloca sob os cuidados da mente, e quando a própria mente está sujeita ao discernimento do intelecto, você será capaz de decidir o que é certo e o que é errado, corretamente.

Aquele que tem a mente como base,
Torna-se pior que um animal e morre.
Aquele que tem o intelecto como base,
Torna-se sábio como Pasupathi (Shiva).
Assim falou Parthi Sai (Sai Baba).

Aquele que toma o intelecto como base, transforma-se no melhor entre os homens (*Purushottama*). O que é intelecto (*Buddhi*)? O intelecto é aquilo que tem o poder de discernir entre o permanente e o impermanente. Se você seguir esse intelecto, ele o conduzirá no caminho certo, até o seu último momento. Por outro lado, se você seguir a mente, isso será imprevisível. Ninguém sabe quando e como a mente mudará no próximo momento. Isso é como tentar atravessar um rio com uma balsa feita de uma laje de pedra. Ela pode afundar a qualquer momento, em qualquer lugar!

Havia uma pessoa chamada Hazrat Mohammed. Ele era uma pessoa virtuosa e uma grande alma realizada (*Jnani*). Ele tinha controle total sobre seus sentidos. Ele estava em seus últimos momentos. Todos os seus discípulos se reuniram em torno dele. Ele estava sufocado. Ele estava lutando pela vida. Seus discípulos também faziam o possível para proporcionar algum alívio a ele. Ele estava tentando comunicar algo a eles, mas não conseguia. Os discípulos estavam ansiosos para saber o que seu *Guru* queria dizer a eles. Depois de fazer alguma meditação e contemplar a Deus, sua condição melhorou ligeiramente. Os discípulos então se reuniram ao redor dele e perguntaram o que ele estava tentando dizer. Então,

Hazrat Mohammed disse, “Oh! Meus queridos discípulos! O Satã me seguiu e me disse que todos neste mundo foram apanhados na teia de sua ilusão (*Maya*), e que eu sou a única pessoa que escapou de sua rede. Ele também me disse que eu conquistei a ilusão (*Maya*). Então, eu respondi a Satã para não chegar a uma conclusão precipitada, e que eu poderia ser apanhado mesmo nas minhas últimas respirações. Ninguém pode prever o que acontecerá no próximo momento. Não podemos acreditar na ilusão (*Maya*). Até agora eu consegui escapar de suas garras. Mas, tenho dúvidas se posso continuar a escapar de sua rede de arrasto, mesmo no meu último momento. Portanto, eu orei a Allah para me ajudar no meu último momento para não ser apanhado por essa ilusão (*Maya*) invencível”. Assim como Hazrat Mohammed, devemos continuar nossos esforços até o último momento para não sermos apanhados pelos nossos sentidos.

Sri Krishna, ao explicar o caminho do conhecimento (*Sankhya Yoga*), devotou muito tempo ao conceito de controle dos sentidos. Uma vez que isso seja alcançado, os outros caminhos, como o caminho da ação (*Karma Yoga*) ou o caminho da devoção (*Bhakti Yoga*) se tornarão fáceis. Enquanto aprende a nadar, você deve ter a ajuda de uma câmara de pneu ou de uma bóia salva-vidas. Depois de aprender a arte de nadar, eles podem ser deixados de lado. Até alcançar o controle dos sentidos, você deve continuar a depender do caminho do conhecimento (*Jnana Yoga*). Isso parece um pouco difícil no início. Quando você quer aprender a dirigir um carro, você deve ir a um amplo terreno aberto e começar a praticar. Depois de aprendê-lo totalmente, você pode dirigir o carro com muita facilidade, mesmo em ruas estreitas e vias secundárias. Por outro lado, se você começar a aprender nas ruas desde o início, isso será perigoso. Portanto, Sri Krishna aconselhou Arjuna a primeiro aprender os conceitos de permanente (*Nithya*) e impermanente (*Anithya*), Ser (*Atma*) e não-Ser (*Anatma*), bem como a verdade de que os sentidos (*Indriyas*) são de natureza perecível. Os sentidos impermanentes não podem nos conceder felicidade permanente. Os próprios objetos que sofrem mudanças não podem nos dar felicidade duradoura. Objetos mutáveis nos darão apenas resultados mutáveis. Objetos perecíveis nos darão

apenas felicidade perecível. Portanto, o Senhor Krishna exortou Arjuna a se esforçar para alcançar o verdadeiro e permanente princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*). Esse é o conhecimento do *Atma* (*Atma Jnana*). Sem obter esse conhecimento, de nada adianta adquirir qualquer outro conhecimento (*Jnana*). Todos esses outros ramos do conhecimento são para obter o sustento. Sri Krishna enfatizou o fato de que somente o conhecimento do *Atma* (*Atma Vidya*) é o verdadeiro conhecimento (*Vidya*). Ele nos ensina o princípio de que unidade é Divindade.

Se você deseja realizar o princípio da unidade, você deve, em primeiro lugar, controlar esses sentidos que causam inconstância e ilusão. Os sentidos são muito perigosos. Eles são como cavalos galopando. Se você não segurar o freio firmemente em suas mãos, eles causarão danos à carruagem e também ao cocheiro. Portanto, considerando o corpo como a carruagem, os sentidos como os cavalos, a mente como o freio e o intelecto como o cocheiro, o indivíduo (*Jiva*) deve continuar sua jornada, sentado nessa carruagem. Você deve segurar firmemente esses cavalos chamados sentidos, com o freio chamado mente. Visto que a mente não tem uma forma específica, ninguém sabe para onde ela nos levará. Não há base alguma para as divagações da mente. Portanto, embora dependendo dessa mente, deve-se ser cuidadoso o suficiente para controlá-la firmemente.

O homem deve primeiro se esforçar pelo controle dos sentidos. Devemos manter nossa língua, paladar, olfato, audição e visão sob controle. Eu costumo dizer aos nossos estudantes que eles devem cuidar de não ter uma visão defeituosa (*Drishti Dosha*). Ao ver um objeto, você continua pensando no mesmo objeto. Depois de algum tempo, você desenvolve o desejo de possuir esse objeto. Quando você ouve alguma coisa, você fica pensando a respeito. Mais tarde, você deseja possuir esse objeto. Quando você fala algo, você tentará fundamentar sua opinião com alguma prova. Portanto, tudo o que você fala, tudo o que você ouve, tudo o que você vê, você deve se assegurar de que isso seja livre de defeitos. Se você realmente deseja alcançar a Divindade, você deve se livrar dos cinco defeito (*Pancha Doshas*), a

saber, (1) falar palavras ruins (*Vaag Dosha*), (2) ver coisas ruins (*Drishti Dosha*), (3) praticar ações ruins (*Kriya Dosha*), (4) ouvir palavras ruins (*Sravana Dosha*) e (5) ter pensamentos ruins (*Mano Dosha*). Se você for capaz de remover esses cinco defeitos (*Pancha Doshas*) de sua personalidade, você se tornará verdadeiramente o Ser supremo (*Paramatma*).

O homem deve manter sua língua sob controle. Essa é a primeira e principal disciplina espiritual (*Sadhana*). A razão é que a língua tem dois poderes. O olho tem apenas o poder de ver um objeto. O ouvido tem apenas o poder de audição. Da mesma forma, o nariz tem apenas o poder de identificar o cheiro. Mas a língua pode falar e também sentir o gosto. Portanto, ela deve estar sempre engajada em atividades Divinas.

Você não tem o direito de questionar o que há de bom ou ruim nos outros. Em vez disso, você deve se questionar e desenvolver boas qualidades em você mesmo. Você também não tem o direito de criticar os outros. Quando você não consegue se questionar e criticar o seu próprio comportamento, como pode fazer isso no caso de outras pessoas? Primeiro resgate a si mesmo. Somente então você se tornará elegível para resgatar os outros.

Você deve assegurar-se de não usar palavras ruins contra ninguém, nem causar danos a ninguém. Engaje-se em falar palavras boas, na contemplação de Deus, e em cantar a glória de Deus. Assim, santifique seu tempo. Pratique a disciplina espiritual (*Sadhana*) de manter seus sentidos sob controle, gradualmente. Para esse tipo de disciplina espiritual (*Sadhana*), a prática (*Abhyasa*) e o desapego (*Vairagya*) são necessários. Se você puder desenvolver o sentimento de que tudo o que você vê ao seu redor é impermanente e, assim, cultivar um sentimento de distanciamento dos objetos, você poderá controlar seus sentidos. Esse é o *Yoga* da prática (*Abhyasa Yoga*). Devemos trilhar o caminho correto. Devemos desenvolver pureza. Devemos ter iluminação. A fim de viajar no caminho da justiça, devemos ter iluminação. E essa iluminação é a sabedoria (*Jnana*). Aqueles que possuem

essa sabedoria (*Jnana*) são seres Divinos. Os que não possuem essa sabedoria são demônios.

Nunca devemos nos envolver em atividades malignas e profanas, nem devemos desejar que as trevas prevaleçam. Diz-se que apenas os demônios desenvolvem um gosto pelas trevas. Na guerra entre Rama e Ravana, um dia, o irmão de Ravana, Vibhishana, veio buscar refúgio em Rama e caiu a Seus pés. Sugriva, observando isso, suplicou a Rama, “Swami! os demônios procuram apenas a escuridão. Eles nunca irão atrás da luz. Esse homem é irmão de Ravana. Ele foi contra seu próprio irmão mais velho e buscou refúgio em Você. Se Você garantir a ele sua proteção, isso será perigoso. É perigoso acreditar em uma pessoa que vai contra seu próprio irmão e busca a proteção de outra pessoa”. Sorrindo, Sri Rama respondeu, “Oh! Sugriva! Você também não desenvolveu ódio contra seu irmão mais velho? Você primeiro deve fazer uma introspecção em si mesmo. Eu não tenho nada contra ninguém. Todos são iguais para Mim. Quem cai aos Meus pés e busca refúgio em Mim, esse é Meu. Quem quer que ele seja, ele é somente Meu”. Então, Angada também questionou, “Swami! Você ofereceu proteção (*Abhaya*) para Vibhishana. Você garantiu a ele que faria dele o rei de Lanka. Mas, supondo que amanhã o próprio Ravana venha e diga que ele pertence a Você e busque refúgio em Você, que reino Você dará a ele?” Sri Rama respondeu, “Se uma grande transformação assim ocorrer em Ravana, Eu pedirei, convencerei e, se necessário, implorarei a Bharata que torne Ravana o rei de Ayodhya. Minha natureza não é buscar favores de outras pessoas. Eu não peço nada a ninguém. Mas, pelo bem de Ravana, Eu até imploraria a Bharata”. Você encontrará tais pensamentos nobres e sagrados somente na Divindade. É por isso que Sri Rama permanece como um ideal para o mundo inteiro em todos os tempos.

Assim, se Sri Rama exibiu um carácter tão exemplar, isso é devido ao Seu controle sobre os sentidos. Quem controla seus sentidos terá a capacidade de executar qualquer grande tarefa. Não há nada que ele não possa alcançar. Mas, o homem hoje em dia está sucumbindo à pressão dos sentidos e, portanto, tornando-se

subserviente à criação. "Aquele que se torna um servo dos desejos insaciáveis também se torna um servo do mundo inteiro. Para aquele que conquista o desejo, o mundo todo cairá a seus pés".

Finalmente, Sri Krishna mais uma vez exortou Arjuna, "Você nunca deve se tornar um servo dos sentidos. Em vez disso, os sentidos devem se tornar seus servos. Somente então você se tornará um instrumento digno em Minha missão. Oh! Arjuna! Levante-se! Aprenda o método pelo qual você pode controlar seus sentidos. Não se perca nesse oceano de sofrimento. Não fique deprimido nesse sofrimento. A razão para o seu sofrimento (*Soka*) é a ignorância (*Ajnana*). Portanto, adquira a sabedoria (*Jnana*) pela qual você poderá distinguir entre o Ser (*Atma*) e o não-Ser (*Anatma*)".

Prasanthi Nilayam, 22 de Agosto de 1984.

18

As Características de Um Sábio

Sri Krishna exortou Arjuna, “Oh! Arjuna! Estabeleça-se firmemente na natureza do *Atma* (*Atma Sthithi*) e, em seguida, execute todas as suas ações. Se você tem a consciência de seu próprio Ser (*Swaswarupa Smrithi*) e então executa suas ações, tais ações serão frutíferas e não o prenderão. Para executar tais ações, o controle dos sentidos é muito essencial. Aquele que possui tal controle é um sábio (*Sthithaprajna*)”.

As principais características de um sábio (*Sthithaprajna*) são aceitar o calor e o frio, a felicidade e a tristeza, a honra e a desonra e o lucro e a perda com o mesmo sentimento de equanimidade e constantemente mergulhar na consciência de seu próprio Ser. É dito, “A constância da mente é chamada de *Yoga*” (*Samathwam Yoga Utchyathe*). Experimentar esse sentimento de equanimidade é a natureza de um sábio (*Sthithaprajna*). Se você primeiramente reconhecer a natureza e as características dos sentidos, será mais fácil para você desenvolver as qualidades de um sábio (*Sthithaprajna*).

Enquanto o homem estiver limitado pelo sentimento de identificação com o corpo (*Dehatma Bhava*), ele não poderá se tornar um sábio (*Sthithaprajna*). Você é o residente interno (*Dehi*), e não o corpo (*Deha*). Você usa a roupa, mas não é a roupa. Você mora na casa, mas você não é a casa. Apesar de você ser o conhecedor do campo (*Kshetrajna*), você está no momento pensando que você é o campo (*Kshetra*). Saiba que todos os prazeres materiais perecíveis acabarão por desaparecer. Realize que todos esses prazeres impermanentes acabarão por lhe trazer infelicidade apenas. Os resultados decorrentes de uma mente instável serão apenas instáveis. Portanto, execute todas as suas ações com uma mente firme e estável, sempre estabelecida na consciência do Ser (*Atma Smrithi*).

Nunca devemos ser abalados ou lamentar por causa dos sofrimentos e dificuldades ou por causa do ciclo de nascimento, morte e renascimento. Nascimento e morte são apenas para o corpo, não para você. Na verdade, você não é o corpo.

Nem nascimento nem morte para o Atma, o eterno.
Nem começo, nem meio, nem fim para o Atma, o antigo.
O Atma não nasce, nem morre, nem é morto.
O Atma que tudo permeia, a testemunha de todas as coisas,
Esse Atma é Brahman e Brahman é o Atma.

Alguém lamentará ao ouvir a notícia de que o fogo está muito quente? Da mesma forma, alguém lamentará ao ouvir a notícia de que o gelo está muito frio? Não, não. O motivo é que o poder de aquecer e de queimar é natural para o fogo. Além disso, o frio é natural para o gelo. Da mesma forma, a morte é natural para todo ser vivo que nasce. Tudo o que vem ao mundo tem que deixar o mundo mais cedo ou mais tarde. Isso é natural. Portanto, Krishna explicou a Arjuna o fato de que não valia a pena lamentar pelo nascimento e morte ou felicidade e tristeza, que eram apenas fenômenos naturais.

Para desenvolver essa mente equânime, é necessário primeiro reconhecer o defeito (*Dosha*) em um objeto. Todos os objetos materiais neste mundo estão sujeitos a mudanças, morte e decadência em um momento ou outro. Os cinco elementos (*Pancha Bhuthas*) que a tudo permeiam existem em Mim e em você. Não encontramos nada exceto os cinco elementos (*Pancha Bhuthas*) em todo o universo. Tudo o que existe fora está disponível em você também. Sendo essa a situação, quão tolo é desejar algo que já existe em você? Você deve aspirar por algo que não possui. Há somente uma coisa neste universo que está além dos cinco elementos (*Pancha Bhuthas*), que é a Divindade. Portanto, aspire pela Divindade, mantenha a Divindade como sua meta e execute os deveres ordenados a você. As ações (*Karmas*) associadas à sabedoria (*Jnana*) são as melhores. Sabedoria (*Jnana*) significa realizar a unidade da Divindade. Ações destinadas a realizar o

princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*) são supremas. Execute as ações. Mas, considere-as como ações para agradar a Deus e prossiga suas atividades. Assim explicou o Senhor Krishna a Arjuna.

Os sábios (*Rishis*) da Índia antiga também tentaram alcançar esse estado. Certa vez, Alexandre, o rei da Grécia, alcançou as margens do rio Sindhu. Naquela época, as estradas não eram largas o suficiente como uma rodovia. Ele entrou em uma dessas estradas. Nessa estrada, um *Yogi* estava sentado sob uma árvore, em meditação. Ele era um sábio (*Sthithaprajna*). Ele estava absorto em meditação profunda e não notou o rei vindo naquela direção. Um soldado veio com antecedência e tentou trazê-lo à razão, descrevendo a grandeza do rei Alexandre. Mas o sábio (*Rishi*) não foi movido. Em seguida, o soldado ficou com raiva de sua arrogância e tentou decapitá-lo. Mas o *Yogi* não tinha medo algum. Não havia nem um traço de medo em seu rosto e ele estava sorrindo alegremente. Ao ver o rosto radiante do *Yogi*, Alexandre desceu do seu cavalo e aproximou-se dele. Ele questionou, "Oh! Alma nobre! O soldado disse que iria decapitar você. Ainda assim, você está sorrindo feliz. Qualquer outra pessoa nessas circunstâncias imploraria por misericórdia e perdão, temendo por sua vida. Mas você parece indiferente. Qual é o motivo de você rir assim?" Então, o *Yogi* respondeu, "Eu sou a encarnação do 'Ser-Consciência-Bem-aventurança' (*Sath-Chith-Ananda*). Eu sou sempre puro e iluminado. Nenhuma arma pode me cortar, nem o fogo pode me queimar, nem a água me afogar. O vento não pode me arrastar para longe. Esse soldado disse que iria me decapitar. Eu estou, portanto, rindo de sua ignorância (*Ajnana*)". Ao ouvir essas palavras, Alexandre ficou maravilhado. Ele pensou consigo mesmo, "Existem pessoas neste mundo que temem a morte. Mas, aqueles que estão firmemente estabelecidos no princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*), sem se importar com a morte, são raros, bastante excepcionais. Existem pessoas assim no país de *Bharath* (Índia). Há pessoas neste país que realizaram o princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*) através da busca moral e espiritual. Minhas reverências (*Pranams*) a essa sagrada terra de *Bharath* (Índia). Tentar invadir esse país tão sagrado de *Bharath* (Índia) é um grande pecado (*Maha Pathaka*)". Pensando

assim, ele retornou imediatamente ao seu país. Existem várias dessas almas nobres (*Maha Purushas*) em *Bharath* (Índia) desde os tempos antigos. Elas têm ensinado o princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*) às pessoas de outros países e mantido o prestígio deste país.

Muitas pessoas estão trilhando o caminho errado hoje em dia, sem conhecer o método para controlar seus sentidos. Na verdade, o controle dos sentidos é muito fácil. Tudo é difícil para os ignorantes. Para quem reconheceu a verdade, tudo é fácil. A única coisa é que devemos fazer um esforço para reconhecer a verdade. Os prazeres sensuais sempre trazem apenas sofrimento. Devemos primeiro descobrir o defeito que existe em um objeto. O homem hoje em dia está passando por vários sofrimentos e dificuldades em busca de felicidade e prazeres temporários. Isso é semelhante a um paciente que come o tipo errado de alimentos, furtivamente, sem o conhecimento do médico, para satisfazer o seu paladar. Depois disso, ele sofre por causa de seus efeitos adversos. Ele obtém desse ato apenas um prazer temporário, mas, mais tarde, sua doença se intensifica e ele sofre muito mais dor e tristeza. Infelizmente, ele não realiza as consequências de buscar um prazer temporário. Isso pode até colocá-lo em uma situação perigosa. Assim, o homem sucumbe a um prazer momentâneo hoje e sofre suas consequências de muitas maneiras mais tarde. Grandes reis, imperadores e milionários constroem palácios e mansões enormes e vivem neles. Eles viajam em veículos luxuosos. Eles comem pratos suntuosos com uma variedade de sabores. Eles sentem que estão aproveitando a vida. Eles se orgulham de se entregar aos prazeres sensuais. Mas, se aprofundarem e indagarem se estão realmente desfrutando dos prazeres sensuais ou se são os sentidos que estão desfrutando deles, eles realizarão a verdade de que são apenas os prazeres que estão desfrutando deles. Como resultado, eles se tornam doentes (*Rogis*). Se eles estivessem realmente desfrutando dos prazeres, eles deveriam ter uma vida longa, boa saúde e um corpo forte. Ao invés disso, por que eles se tornam doentes? Pobres homens! Eles não realizam o fato de que, em vez de desfrutar dos prazeres, os prazeres é que desfrutam deles. Não realizamos a verdade de que esses prazeres mundanos são apenas transitórios e impermanentes.

Uma vez, um senhor foi a um quiromante para saber sobre seu futuro. Ele mostrou a mão ao quiromante. Ao ver a mão, o quiromante disse que ele tinha uma longa linha da riqueza. Esse homem se sentiu muito feliz e se aprumou na cadeira. Em um estudo mais aprofundado de sua mão, o quiromante disse que ele desfrutaria de grande honra e prestígio. Pobre camarada! Ele se sentiu muito mais feliz. Ao estudar a mão por mais algum tempo, o quiromante disse que ele alcançaria uma posição elevada. Esse homem se sentiu como se tivesse se tornado um primeiro-ministro naquele exato momento. Depois de fazer mais alguns estudos, o quiromante declarou que ele enriqueceria. Esse homem se sentiu tão feliz que sua alegria não conheceu limites. No entanto, o quiromante repentinamente declarou que sua linha da vida era muito curta e, portanto, ele não viveria por muito tempo. Quando esse homem ouviu essa notícia, ele ficou muito abatido. O que isso significa? Significa que apesar de um homem rolar em riquezas, gozar de grandes prazeres e alcançar altas posições, nada disso adianta se ele não tiver saúde e vida longa. Quando a própria vida de uma pessoa é instável e impermanente, como todas essas coisas podem ser permanentes? Como elas podem dar a ele uma felicidade duradoura? Quantos reis e imperadores deixaram este mundo? Em que circunstâncias?

"*O rei Harischandra, que governou com grande habilidade e verdade,*
Ele não deixou esta Terra e foi embora?
O rei Nala, que governou todos os mundos (Lokas),
Ele levou a Terra consigo ao partir?
Sri Rama, que construiu uma ponte (Sethu) sobre o oceano,
Ele está agora na Terra?
Quantos, quantos reis não se foram?
Ninguém poderia levar consigo esta Terra.
Você também, poderá levar consigo este reino? Oh! Dharmaraja!"

Se você percorrer as páginas da história, você poderá compreender adequadamente a natureza dessas coisas perecíveis. Não há objetos, pessoas ou coisas neste mundo, que sejam verdadeiros e eternos. Não há nada no mundo exterior que não esteja em você. Aquilo que permeia tudo, do qual você não está ciente no momento, é verdade (*Sathyam*), bondade (*Sivam*) e beleza (*Sudaram*). Portanto, faça um esforço para realizar essa verdade (*Sathyam*). Alcance essa Divindade, que é beleza (*Sudaram*). Cumpra o seu dever. Assim, o Senhor Krishna ensinou muitas coisas a Arjuna, incluindo as características de um sábio (*Sthithaprajna*), e incutiu nele um sentimento de confiança para se preparar para a batalha.

Sri Krishna ainda exortou Arjuna, “Mantenha sua meta firmemente fixada em Mim, obedeça Meu comando e cumpra seu dever. Você assumiu esse corpo para executar o seu dever. A fim de santificar o seu corpo, você deve executar as ações (*Karmas*) que foram ordenadas a você. É apenas por causa das ações (*Karmas*) passadas que você obteve este nascimento. Portanto, é somente através da ação (*Karma*) que você pode santificar o seu nascimento”.

Existe somente uma lâmpada que não se apaga neste mundo. Essa lâmpada é o *Atma*. Enquanto houver corrente elétrica, as lâmpadas brilham. Assim que a corrente cessa, as lâmpadas se apagam. Enquanto houver óleo na lamparina de barro, ela brilhará. Assim que o óleo acabar, a lamparina se apaga. Enquanto houver baterias na lanterna, ela fornece luz. Uma vez que as baterias se esgotam, a lanterna deixa de fornecer luz. Mas, o Sol, a Lua e o fogo não requerem corrente elétrica ou óleo ou baterias para brilhar. Eles são auto-refulgentes.

As pessoas tentam definir o sábio (*Sthithaprajna*) de maneiras diferentes. Alguns dizem que um sábio (*Sthithaprajna*) é uma pessoa que dorme quando todas as outras pessoas estão acordadas e vice-versa. Se for assim, tomemos o exemplo de algumas pessoas que cumprem serviço noturno e se mantêm acordadas, como os mestres de estação ferroviária, vigias noturnos, etc. Essas pessoas que trabalham à noite dormem durante o dia, quando todos os outros estão acordados. Podemos

chamá-los de sábios (*Sthithaprajnas*), por essa definição? Não, esse não pode ser o significado adequado. O sábio (*Sthithaprajna*) é indiferente aos prazeres mundanos e os ignora, dormindo em relação a eles. Ele está sempre estabelecido na consciência do princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*). Ao contrário, as almas comuns permanecem adormecidas em relação ao princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*), ou seja, elas não têm consciência. Mas, elas estão bem despertas em desfrutar dos prazeres mundanos. Aquele que vive na consciência do princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*) e ignora os prazeres mundanos é chamado de sábio (*Sthithaprajna*).

Um sábio (*Sthithaprajna*) significa um renunciante total (*Sarvasanga Parithyagi*). Execute todas as ações. Engaje-se em atividades mundanas. Mas fixe sua meta no princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*). Então, pode surgir uma questão de por que tais pessoas devem executar ações (*Karmas*) no mundo. A resposta é simples. Se elas permanecerem longe do mundo, pensando que elas são sábias (*Sthithaprajnas*) e almas realizadas (*Jnanis*), então não será possível para elas elevar os ignorantes (*Ajnanis*). Elas têm um dever quanto a isso para com a sociedade. Portanto, os sábios (*Sthithaprajnas*) e almas realizadas (*Jnanis*) levarão uma vida exemplar para elevar os ignorantes e colocá-los no caminho do conhecimento. Embora eles não tenham nenhum apego ao mundo e não aspirem por nenhum fruto de suas ações, eles devem executar ações (*Karmas*) para remover a ignorância (*Ajnana*) das pessoas.

É por isso que Sri Krishna exortou Arjuna assim, “Oh! Arjuna! Você deve se tornar uma pessoa ideal e um exemplo para os outros seguirem. Você está intimamente relacionado a Mim como meu cunhado. Você é muito querido para Mim. Eu devo apresentar você como um exemplo para o mundo inteiro. Mantendo somente esse aspecto em Minha mente, Eu disse a você, ‘Que você simplesmente seja um instrumento em Minha missão Divina’ (*Nimiththamaathram Bhava Savyasaachi*). Eu embarquei na missão de revelar o princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*) a este mundo, tendo você como Meu instrumento”.

Tudo o que Sri Krishna disse foi no interesse mais amplo do mundo e para o bem-estar da humanidade. Foi somente para revelar o conhecimento do *Atma* (*Atma Jnana*). Por meio desses ensinamentos, Ele nada ganha para Si mesmo. Mesmo quando Deus assume uma encarnação (*Avatar*) neste mundo, Ele se comporta abnegadamente e trabalha somente para o interesse maior do mundo (*Parartha*). Os mortais comuns não podem compreender esses princípios. Eles não podem reconhecer tal ser Divino. É por isso que Krishna disse a Arjuna, "Oh! Arjuna! Eu não aceitei esse trabalho de dirigir uma carruagem para você por prazer ou entusiasmo. Você parece pensar que Eu vim aqui para dirigir sua carruagem porque não tenho nenhum cavalo ou carruagem Meus. Eu não sou a mera forma física de seis pés de altura que você está vendo. Essa identificação com o corpo (*Dehatma Bhava*) penetrou profundamente em seu corpo e sangue. Eu estou jogando esse grande jogo para remover essa sua identificação com o corpo (*Dehatma Bhava*) e instalar você firmemente no princípio do supremo *Atma* (*Paramatma Thathwa*)".

Deus é indiferente ao louvor ou ao que seja derramado sobre Ele pelos devotos. Arjuna sempre se referia a Krishna como "cunhado" (*Bava*), lembrando-O constantemente de seu relacionamento com Ele. Na verdade, Arjuna era filho da tia de Krishna. Uma vez, Krishna disse a Arjuna nas areias do Yamuna, "Oh! Arjuna! Você está sempre Me chamando de cunhado. Portanto, Eu desejo fortalecer esse relacionamento, dando-lhe Minha irmã em casamento e, assim, obter uma felicidade duradoura". Consequentemente, Sri Krishna deu sua irmã, Subhadra, em casamento para Arjuna. Daí em diante, eles se tornaram realmente cunhados um do outro. Mas, o irmão de Krishna, Balarama, não gostava desse casamento e, portanto, ele foi para a floresta. A partir de então, ele estava constantemente provocando Krishna por ter dado Sua irmã Subhadra em casamento para Arjuna. A natureza de Krishna era que Ele gostaria de combinar suas palavras com ações. Segundo Ele, essa deveria ser a verdadeira natureza de

todo ser humano. O que ele pensa, ele deve falar. O que ele fala, ele deve colocar em ação. Isso é Divindade.

Diz-se que o estudo adequado da humanidade é o homem. Essa deve ser a natureza de um ser humano. É por isso que Sri Krishna, em sua exortação a Arjuna, enfatizou, "Oh! Arjuna! Meu dever é fazer de você um sábio (*Sthithaprajna*) neste campo de batalha e mostrá-lo para o mundo como um exemplo de alguém que verdadeiramente controlou seus sentidos (*Gudakesa*). Somente assim Eu posso ensinar esse *Yoga* para outras pessoas. Em primeiro lugar, tente realizar a Minha Divindade. Eu não sou simplesmente esse corpo (*Dehaswarupa*). Nem você. Eu sou o residente interno (*Dehi*). Você também é o residente interno (*Dehi*). Quando você reconhecer esse fato, não haverá nenhum escopo para a ilusão da identificação com o corpo (*Deha Bhranthi*). O corpo (*Deha*) é momentâneo e perecível. O residente interno (*Dehi*) é verdadeiro e eterno. Você não é um objeto a ser usado. Na verdade, você mesmo usa um objeto. Busque refúgio somente em Deus. 'Este mundo é impermanente e traz apenas infelicidade. Portanto, busque refúgio na verdade e na Divindade eterna' (*Anithyam Asukham Lokam Imam Praapya Bhajaswa Maam*). Não adianta buscar refúgio em outra pessoa. Deus é o único que não muda. Ele é a chama eterna e auto-refulgente. Procure refúgio nessa chama. Essa chama é a luz suprema (*Param Jyothi*). Essa chama é a luz da vida (*Jivana Jyothi*). Essa chama é a luz eterna (*Akhanda Jyothi*). Essa chama é a luz do princípio não-dual (*Adwaitha Jyothi*). Busque refúgio nessa chama (*Jyothi*)". Assim, Sri Krishna ensinou Arjuna de muitas formas e dissipou as trevas da ignorância que prevaleciam em seu coração.

Prasanthi Nilayam, 23 de Agosto de 1984.

19

Deus é o Verdadeiro Mestre

As escrituras (*Sasthras*) estabelecem o princípio de que o teste para o desapego (*Vairagya*) é rejeitar até mesmo se o reino do Senhor Brahma (*Brahmaloka*) for oferecido a você. Arjuna disse, “Oh! Krishna! Mesmo que o poder de governar os três mundos (*Mullokadhipathya*) seja dado a mim, eu não preciso dele”. Essas palavras refletem o nível de desapego de Arjuna. Suas metas eram o desapego dos objetos materiais (*Padartha Virakti*), a conquista da meta suprema da vida (*Paramartha Prasakti*), a aversão aos prazeres sensuais (*Vishaya Virakti*) e a obtenção da sabedoria (*Jnana Prapthi*).

Normalmente, quando as casas são construídas, as fundações adequadas são estabelecidas para sustentar os edifícios. Para que a mansão do conhecimento de *Brahman* (*Brahma Jnana*) seja construída, as fundações devem ser muito seguras. É por isso que Sri Krishna ensinou o desapego (*Vairagya*), o controle dos sentidos (*Indriya Nigraha*) e o descarte dos objetos sensoriais (*Vishaya Visarjana*) como as metas principais. Essas são as fundações da mansão do conhecimento de *Brahman* (*Brahma Jnana*). Se as fundações não forem fortes e seguras, a mansão desmoronará rapidamente.

Aquilo que surge repentinamente e desaparece rapidamente como uma efervescência de soda não é o verdadeiro desapego (*Vairagya*). Se você quiser acender uma lamparina, você deve ter um recipiente de barro, um pavio e óleo. Esses três são os mais essenciais. Da mesma forma, se você quiser acender a lamparina da sabedoria, o recipiente de barro do desapego (*Vairagya*) é o mais essencial. Aqui, a devoção é o óleo e o controle dos sentidos é o pavio. Somente quando esses três se juntam, é possível brilhar a luz do *Atma* (*Atma Jyothi*), a luz da sabedoria (*Jnana Jyothi*), o supremo esplendor Divino (*Param Jyothi*), a luz da vida (*Prana Jyothi*). Para que esse conhecimento supremo do *Atma* (*Atma Jnana*)

despontasse em Arjuna, Krishna o ensinou sobre o controle dos sentidos de muitas maneiras.

Não é possível para todos alcançar esse controle sobre os sentidos. Os mortais comuns geralmente se sentem desconectados desse conceito de controle dos sentidos, pois é comum para eles desfrutar alegremente dos objetos dos sentidos e dos prazeres sensuais. Eles acreditam que derivam muita felicidade disso. Eles dizem que renunciar totalmente aos prazeres sensuais vai contra a própria natureza do ser humano e que não faz sentido controlar os sentidos para alcançar um conceito desconhecido de realização do *Atma* (*Atma Jnana*). A realização do *Atma* (*Atma Jnana Thathwa*) não vem como uma experiência direta (*Prathyaksha Pramana*), enquanto os prazeres sensuais nos dão uma experiência direta. Portanto, eles acreditam que é tolice abandonar o pássaro na mão por causa de um pássaro escondido no arbusto. Eles consideram uma loucura renunciar aos prazeres sensuais em nossa vida diária por causa de uma realização do *Atma* (*Atma Jnana*) desconhecida em um futuro distante. Eles criticam que o controle dos sentidos ou a renúncia aos objetos sensoriais ensinados pela *Bhagavad Gita* não é o caminho correto. Mas, essa crítica pode ser considerada ignorância.

Qualquer que seja a felicidade que o homem deriva dos sentidos e objetos sensoriais exteriores, isso nada mais é do que um reflexo da felicidade interior. Quando pensamos constantemente em um objeto ou indivíduo ou em algum aspecto, a mente sai de seu habitat natural, que é o coração (*Hridaya*) e se sente feliz por ter desfrutado a felicidade que surge dos objetos sensoriais (*Vishayananda*). Mas, essa não é a verdadeira felicidade (*Ananda*). Isso pode ser considerado um reflexo da verdadeira felicidade (*Prathibimbananda*). Quando existe um reflexo da verdadeira felicidade (*Prathibimbananda*), deve existir também a verdadeira felicidade (*Bimbananda*). Um bebê chupa o próprio polegar e fica feliz pensando que está bebendo leite. A saliva que sai da sucção do próprio dedo dá ao bebê a satisfação de sugar o leite da mãe.

Outro exemplo. Um cachorro encontrou um pedaço de osso. Ele gostou muito do osso. Para garantir que outros cães não agarrassem o osso, ele o levou para um lugar solitário. Ali, ele tentou comer o osso com prazer e satisfação. Mas, o osso era muito duro. Apesar disso, ele tentou morder o osso com os dentes com muita força. Mas, ele não conseguiu. Em vez disso, ele perdeu alguns de seus dentes e o sangue começou a escorrer daquele ferimento. Pensando que o sangue estava escorrendo do osso, o cachorro começou a sugar seu próprio sangue alegremente. Na verdade, o sangue não saiu do osso. Ele saiu do seu próprio corpo. Incapaz de reconhecer essa verdade, o cão sentiu que o sangue tinha saído de um osso que ele havia agarrado de fora. Da mesma forma, uma pessoa ignorante (*Ajnani*) pensa que está desfrutando dos objetos sensoriais com seus sentidos e se sente muito feliz, mas, na verdade, essa felicidade não vem do mundo externo. Essa felicidade é um reflexo da felicidade interior.

Devemos refletir profundamente sobre um aspecto. Se é verdade que um objeto externo ou alguma coisa concede felicidade a uma pessoa, então esse objeto deveria conceder a mesma felicidade igualmente a todas as outras pessoas. Mas, na verdade, um determinado objeto concede felicidade e satisfação a um e tristeza e insatisfação a outro. Se houvesse felicidade real em um objeto, essa felicidade deveria estar disponível igualmente para todos os outros. Uma pessoa pode gostar muito de abóbora amarga. Outro desenvolve uma grande aversão por ela. Se a felicidade realmente estivesse na abóbora amarga, ela deveria proporcionar a mesma felicidade a todas as outras pessoas. Por que alguns gostam e outros não? Isso não deveria ser assim. Da mesma forma, um aspecto particular causa simpatia em alguns e antipatia em outros. Esses apegos e aversões são apenas temporários. Eles não concedem felicidade e alegria permanentes. Uma pessoa está com muita fome. Ela tem que comer algo para saciar sua fome. Portanto, ela comeu algo que sentiu ser muito saboroso. Qual é a razão desse sabor? Contanto que você esteja com fome, o que você come será muito saboroso. Uma vez que sua fome esteja satisfeita, até mesmo pratos suntuosos e doces não irão lhe interessar. Ao contrário,

você desenvolverá uma aversão por eles. Qual é a razão desses gostos e aversões? É o seu próprio gosto ou aversão no momento, e não os objetos ou as coisas.

Nenhum objeto, coisa ou indivíduo que seja externo pode conceder felicidade a uma pessoa. Uma pessoa se sente satisfeita e feliz por causa de um objeto particular, indivíduo ou coisa de seu gosto apenas. Para essa felicidade ou alegria, seu próprio gosto ou desgosto é o principal motivo. Quando você desenvolve uma grande simpatia por alguém, quaisquer erros ou falhas que ele comete serão ignorados e você continuará a amá-lo. Por outro lado, você apoiará suas ações. Qual é a razão para isso? É a sua simpatia por aquele indivíduo. Você considerará um indivíduo em particular como seu amigo íntimo por causa do grande Amor e afeição por ele. Mas, esse Amor não está naquele indivíduo. Ele está mais no seu apego ilusório por ele.

A mesma coisa foi explicada pelo sábio Yagnavalkya a sua esposa Maithreyi na *Brihadaranyaka Upanishad*. Ele disse a ela, "Oh! Maithreyi! Você me ama por sua própria causa, e não por mim". As pessoas neste mundo amam as outras por sua própria causa. Isso se aplica igualmente aos objetos ou coisas. Eles não amam por causa dos objetos, coisas ou indivíduos. Um pequeno exemplo. Cada corpo (*Deha*) é impermanente. A morte é certa para o corpo, mesmo depois de 100 anos de vida. Todos conhecem essa verdade. É por isso que se diz que se uma pessoa viva chora por uma pessoa morta, a razão para isso é o apego (*Moha*). Apesar de saber que a morte é certa para todo ser vivente, se uma pessoa chora pelo morto é porque o corpo dessa pessoa desenvolveu apego (*Moha*) pelo corpo daquela pessoa que morreu. Portanto, a razão dessa tristeza é apenas o apego (*Moha*) e não o Amor (*Prema*).

O homem sempre aspira pela felicidade. Ele não deseja tristeza de forma alguma. Ele sempre deseja ter lucro e não prejuízo. Qual é a razão? A natureza do homem é bem-aventurança (*Ananda*).

É prática comum que, durante a pesagem de mercadorias, os comerciantes sempre comecem sua contagem com a palavra “lucro” (*Labham*). Da mesma forma, quando eles passam pelo número seis, eles não dizem “sete” (*Yedu*). Ao invés disso, eles dizem “seis mais um” (*Aarunnokkati*). A razão para isso é que a palavra “sete” (*Yedu*) em Télugo significa sofrimento. Portanto, ninguém gosta de usar essa palavra, porque ninguém gosta de ter sofrimento. Todos querem obter lucro (*Labham*) e bem-aventurança (*Ananda*). O homem, portanto, deseja obter lucro (*Labham*). Que tipo de lucro? O lucro da bem-aventurança do *Atma* (*Atmananda*).

De onde você obtém essa bem-aventurança (*Ananda*)? Considere, por exemplo, uma bela flor. Quando você vê uma bela flor, você obterá bem-aventurança (*Ananda*). Quando você vê uma pessoa bonita, você sente bem-aventurança (*Ananda*). Quando você vê a beleza da natureza, você se enche de alegria. Várias pessoas saem para passear. Qual é a razão? Elas gostam de desfrutar da beleza da natureza, porque na beleza da natureza existe bem-aventurança (*Ananda*). Existe bem-aventurança (*Ananda*) na beleza dos objetos. Mas, em que medida? Apenas até certo ponto. Esta flor que estou segurando é bela e, portanto, ela nos concede bem-aventurança (*Ananda*). Mas, ela vai desaparecer amanhã. Juntamente com isso, nossa bem-aventurança (*Ananda*) também irá desaparecer. Quando a beleza se torna feia, nossa bem-aventurança (*Ananda*) desaparece imediatamente.

Tomemos, por exemplo, os três estágios de infância, juventude e velhice na vida de um homem. Ele será muito bonito na infância. Na verdade, a infância é a encarnação da Divindade. Não haverá raiva, inveja, ciúme, orgulho ou ego na infância. Não haverá maus hábitos ou pensamentos ruins na criança. É por isso que uma criança é bela. Conforme ela cresce, gradualmente os maus hábitos também se desenvolvem nela. Quando as más qualidades e os maus hábitos se desenvolvem, a beleza da criança diminui gradualmente. Assim, a bem-aventurança (*Ananda*) que surge da beleza não é permanente. Quando você analisa cuidadosamente esses fatos, torna-se evidente que a beleza, e a bem-aventurança (*Ananda*) que se obtém dessa beleza, são por um período limitado.

Diz-se que, "Beleza é bem-aventurança e bem-aventurança é beleza". Uma não pode existir sem a outra. O *Atma* possui beleza e bem-aventurança permanentes. Uma vez que possui ambos, o *Atma* é permanente, eterno. Esse *Atma* eterno não tem mudança (*Vikara*). Como o *Atma* não tem forma (*Akara*), ele também não tem mudança (*Vikara*). Uma vez que essa bem-aventurança eterna emerge do próprio coração (*Hridaya*), cada indivíduo desfruta da mesma bem-aventurança neste universo, que nada mais é do que um reflexo da bem-aventurança interior. Essa bem-aventurança do coração (*Hridaya Ananda*) é a luz resplandecente, auto-refulgente e onipresente.

Um pequeno exemplo. Em nosso estado de vigília (*Jagrath Avastha*), seremos capazes de ver todos os objetos com a iluminação fornecida pelo Sol, a Lua e as luzes artificiais como lâmpadas elétricas, etc. Também estamos vendo os objetos em nosso estado de sonho (*Swapna Avastha*). Que Sol ou Lua existem no estado de sonho? No estado de sonho, não há Sol, nem Lua, nem outras luzes. Ainda assim, somos capazes de ver todo o universo muito claramente. Qual é a luz que ilumina esses objetos em nosso estado de sonho? Qual é a luz que ilumina o estado de sono profundo (*Sushupthi*)? O estado de sono profundo (*Sushupthi*) pode ser considerado um estado inconsciente. O sonho é um estado subconsciente. Existe um quarto estado, que está além de todos os três estados de vigília (*Jagrath Avastha*), de sonho (*Swapna Avastha*) e de sono profundo (*Sushupthi*). Esse quarto estado é o estado superconsciente (*Thuriya*). Nesse estado superconsciente (*Thuriya*), a pessoa é capaz de testemunhar tudo, incluindo a bem-aventurança (*Ananda*). Quem é a pessoa que testemunha essa bem-aventurança (*Ananda*)? Ela é o *Atma*. Ela é a luz que flui do *Atma*. Ela é a Divindade. Ela é a chama Divina.

Os *Vedas* declararam que essa luz do *Atma* (*Atma Jyothi*) foi testemunhada por eles como, "Aquele grande Ser (*Purusha*) que está além da escuridão, brilhando como um Sol resplandecente" (*Vedaham Etham Purusham Mahaantham Aaditya Varnam Thamasah Parasthaath*).

O sono profundo (*Sushupthi*) é um estado de ausência de sonhos. Esse supremo esplendor Divino (*Param Jyothi*) está além da escuridão (*Thamas*). O poder do *Atma* (*Atma Sakthi*) é aquele que ilumina todas as coisas nos estados de vigília, sonho e sono profundo.

Um pequeno exemplo para ilustrar esse ponto. Você está agora no estado de vigília. Feche os olhos por algum tempo. Quando Eu lhe questionar agora sobre o que você está vendo, você responderá que não é capaz de ver nada, exceto a escuridão. O que isso significa? Quem é a pessoa que testemunhou a escuridão? Porque você testemunhou a escuridão, você pode Me dizer que viu a escuridão em toda parte. Portanto, é evidente que existe uma luz (*Jyothi*) em você que ilumina a escuridão, com a ajuda do qual você testemunhou a escuridão. Essa luz (*Jyothi*) é a luz do *Atma* (*Atma Jyothi*). É somente por causa dessa luz do *Atma* (*Atma Jyothi*) que todas as outras luzes (*Jyothis*) individuais, as luzes (*Jyothis*) dos sentidos, e as luzes (*Jyothis*) dos objetos dos sentidos, são iluminadas.

Vocês conhecem o festival das luzes (*Deepavali*). Nesse dia, uma vela é acesa e, com a ajuda dessa vela, várias outras velas (*Jyothis*) são acesas. Não é por causa dessa luz que serve de base para todas as outras luzes (*Adhara Jyothi*) que todas as outras luzes (*Jyothis*) são acesas? Essa luz que serve de base para todas as outras luzes (*Adhara Jyothi*) é a luz do *Atma* (*Atma Jyothi*). A partir dessa luz, as luzes das vidas humanas individuais (*Jivana Jyothis*) são acesas. Todas essas luzes das vidas humanas individuais (*Jivana Jyothis*) são iluminadas por essa luz do *Atma* (*Atma Jyothi*).

Os olhos podem ver. Qual é a base para isso? O reflexo da luz do *Atma* (*Atma Jyothi*) é visto nos olhos. Você pode pensar que não há base para o reflexo da luz do *Atma* (*Atma Jyothi*) nos olhos, uma vez que a luz do *Atma* (*Atma Jyothi*) não é visível. Nesse caso, como podemos compreender aquilo que ilumina os olhos?

Um pequeno exemplo. Existem células de bateria na lanterna. A corrente nas células não é visível aos nossos olhos. Mas, ela se reflete na lâmpada como luz quando acendemos a lanterna. Se não houver corrente nas células, não haverá possibilidade de ela fluir para a lâmpada e iluminá-la. O corpo humano é uma lanterna. Os olhos são as lâmpadas. O intelecto é o interruptor. A mente funciona como bateria para a lanterna. Existe corrente nas baterias. Esse é o poder do *Atma* (*Atma Shakthi*). Essa corrente flui constantemente pela mente.

A mente é um instrumento muito importante e perigoso. Todos os prazeres e alegrias que você desfruta neste mundo não são a verdadeira bem-aventurança (*Ananda*). Eles são apenas prazeres momentâneos. Gostamos dos prazeres mundanos, pensando que eles nos concedem alegria duradoura. Mas isso não é verdade. Os prazeres mundanos são apenas momentâneos e transitórios. Todos os objetos que vemos em nosso estado de vigília desaparecem no estado de sonho. Todos os prazeres e dores que experimentamos em nosso estado de sonho não estão mais ali quando acordamos. O estado de sonho nunca pode ser comparado ao estado de vigília. O indivíduo, entretanto, está presente em todos os três estados de vigília, sonho e sono profundo. O reflexo do estado de vigília é o estado de sonho. O fim do estado de sonho é o estado de sono profundo.

Estamos passando por várias provações e tribulações por causa dos prazeres mundanos, pensando que eles são verdadeiros e duradouros. Tendo isso em vista, Sri Krishna aconselhou Arjuna, "Oh! Meu querido! Se você fizer daquilo que é permanente (*Adhara*) a sua base, então, aquilo que é transitório (*Adheya*) não será a sua meta". O permanente (*Adhara*), que é a base, é inabalável e imutável. O transitório (*Adheya*) se apoia na base (*Adhara*). O transitório (*Adheya*) muda e se move constantemente. Juntamente com essa mudança do transitório (*Adheya*), se a base (*Adhara*) também mudasse e se movesse, então nossa vida seria miserável e inimaginável.

Um pequeno exemplo. Viajamos de bicicleta, carro, ônibus e trem de um lugar para outro. Se a estrada ou a ferrovia em que esses veículos circulam também se movimentasse juntamente com esses veículos em movimento, o que aconteceria conosco? Estamos viajando em um veículo transitório em uma estrada permanente. Estamos fazendo a nossa jornada da vida com a ajuda de um coração constante, eterno e verdadeiro. Os cientistas podem compreender facilmente o fato de que tudo o que Swami ensina é bem coordenado com os princípios e fatos científicos, espirituais e mundanos. Ninguém pode apontar um dedo sobre isso. Suponha que Eu esteja em um estrado. Se o estrado se mover, Eu também irei Me mover juntamente com o estrado. Estamos sentados em um ônibus. Se o ônibus se mover, nós também nos moveremos. Esses são todos pequenos movimentos. Mas, a Terra se move a uma velocidade milhares de vezes maior. Estando nesta Terra que está se movendo a uma enorme velocidade, pensamos que estamos imóveis. Não é tolice pensar que estamos imóveis, parados sobre a Terra, quando estamos nos movendo a uma velocidade tão grande? Suponha que você esteja viajando em um navio no mar. Você pode estar sentado em um navio, sem se mover para este ou aquele lado. Mas, com cada subida e descida de uma onda, você também estará subindo e descendo. Isso é inevitável. Na onda que se move, se alguém pensa que está permanecendo imóvel, isso nada mais é do que ignorância. Ele pode pensar que está sentado sem mover o corpo, mas o fato é que seu corpo está se movendo para cima e para baixo, mesmo sem seu conhecimento. É por isso que Krishna aconselhou Arjuna, "Oh! Arjuna! Este mundo está sempre instável e mudando (*Anithyam Asukham Lokam*). Não há felicidade nisso. Vivendo neste mundo em mudança, não é um erro pensar que você é imutável? Vivendo neste mundo em mudança, não é possível que você experimente a bem-aventurança imutável e eterna. Portanto, entre no princípio eterno e imutável do *Atma* (*Atma Thathwa*)".

Algumas pessoas podem pensar que esse tipo de ensino de controle dos sentidos para as mentes jovens irá matar sua atividade e entusiasmo e torná-los massas inertes. Eu não os estou aconselhando a destruir seus sentidos. Estou apenas aconselhando-os a controlar seus sentidos. Existem freios para um veículo, que

podem ser acionados em momentos de perigo. Os estudantes devem tentar compreender esse ponto sutil. Eles podem pensar, “Swami está defendendo o controle dos sentidos e o controle da mente. Não será uma morte em vida para nós depois de controlarmos nossos sentidos? Qual é a utilidade de nossa vida?” Eu estou mais uma vez enfatizando o fato de que Eu não estou aconselhando você a remover os sentidos. Deixe-os permanecer como estão. Faça uso deles quando necessário. Mas, aplique os freios em tempos de perigo. Isto é, quando pensamentos maus o levam a agir de maneira maligna por meio dos órgãos dos sentidos. Em tais situações, aplique os freios e controle seus sentidos. Por outro lado, se os próprios freios forem removidos, haverá maior perigo para o seu veículo. “Um boi não amarrado à canga, um cavalo sem freio, um carro sem freio e um ser humano sem controle dos sentidos são muito perigosos”, diz-se.

Sri Krishna aconselhou Arjuna, “Oh! Arjuna! Controle seus sentidos apenas. Remova a falha que está no desejo pelos objetos dos sentidos. Você pode ter desejos. Você pode viver com desejos. Nenhuma filosofia jamais defendeu o abandono da vida familiar. Nunca foi recomendado você abandonar sua esposa e filhos ou propriedades. Você pode ter todas essas coisas. Mas, faça uso de seus sentidos de acordo com as exigências de tempo e necessidade. Utilize seus sentidos no caminho sagrado e correto da honestidade e da integridade”.

Na *Bhagavad Gita*, Krishna defendeu o conceito de alimento adequado (*Hitha*) e em quantidades adequadas (*Mitha*). Esse conceito se aplica igualmente a todos os nossos empreendimentos na vida mundana. Quando seguirmos esse conceito, não haverá perigo em qualquer atividade. Considere, por exemplo, a comida que comemos. Se comermos qualquer alimento e em qualquer quantidade, isso representará perigo para nossa vida. É por isso que se diz que comer demais embota nosso intelecto, ao passo que comer de forma limitada o aguça. Devemos aplicar freios de vez em quando aos nossos sentidos, assim como fazemos ao dirigir um carro. Devemos cuidar para que nenhum perigo nos sobrevenha. Foi somente para enfatizar esse ponto que Krishna aconselhou Arjuna, “O controle dos sentidos é

muito essencial. Somente se o pavio do controle dos sentidos estiver ali, é que a luz da sua vida (*Jivana Jyothi*) brilhará". Esse ponto precisa de alguma elaboração. Não é suficiente se o pavio estiver ali. Juntamente com ele, deve haver o recipiente de barro do desapego (*Vairagya*) para contê-lo. Não apenas isso. Você deve ter o óleo. Depois que todas essas coisas estiverem disponíveis, deve haver alguém para acender a lamparina. Somente então, a lamparina estará acesa. Quem acende a lamparina é Deus. Arjuna possuía devoção (*Bhakti*) e desapego (*Vairagya*). Juntamente com isso, Krishna o aconselhou a desenvolver o controle dos sentidos. A lamparina agora estava pronta em Arjuna, com o recipiente de barro, o pavio e o óleo em posição. Então, Krishna acendeu essa lamparina.

Mais alguns exemplos sobre a necessidade de ter Deus como nosso guia e mestre. Existem flores, agulha e linha. A guirlanda estará pronta com esses materiais? Não, não. Deve haver alguém para fazer as guirlandas. Existe ouro. Também existem pedras preciosas. As joias ficarão prontas com esses materiais? Não, não. Deve haver um ourives para fazer as joias. Existe conhecimento. Existe também a intenção de aprender. O conhecimento pode ser adquirido? Não, não. Deve haver um professor para ensinar o conhecimento. Esse professor é o *Guru*. Se você quiser reconhecer e realizar a verdade do *Atma* (*Atma Sathya*) que permeia e guia todo o universo, e se você deseja executar todas as suas ações (*Karmas*) no espírito correto, você deve ter um mestre supremo (*Sadguru*). Esse mestre supremo (*Sadguru*) é o *Guru* de todos os *Gurus*, o mestre de todos os mestres, o mestre do universo (*Jagadguru*). Ele é verdadeiramente Deus.

Concluirei meu discurso enfatizando mais uma vez o ponto de que a essência de sua vida está contida apenas no controle dos sentidos.

Prasanthi Nilayam, 24 de Agosto de 1984.

20

Remova a Ignorância Através da Sabedoria

“Se a ignorância (*Ajnana*) for removida através da sabedoria (*Jnana*), então todos os nossos sofrimentos também serão removidos”, disse o Senhor. Uma vez que o homem assumiu o instrumento (*Upadhi*) do corpo (*Deha*), ele está exposto a dificuldades, dores e sofrimentos. A causa raiz para o corpo (*Deha*) são as ações (*Karmas*). As ações (*Karmas*) são motivadas pelos apegos (*Ragas*) e aversões (*Dweshas*). A causa raiz para os apegos e aversões é o sentimento de dualidade (*Dwaitha*). O sentimento de dualidade (*Dwaitha*), por sua vez, é causado pela ignorância (*Ajnana*). E, finalmente, por causa da ignorância (*Ajnana*), surge o sofrimento (*Dukha*). Esse sofrimento não pode ser removido lutando-se contra ele, acusando-o ou criticando-o. Se você quiser remover a ignorância (*Ajnana*), a sabedoria (*Jnana*) é necessária.

Assim como a luz é necessária para dissipar as trevas, da mesma forma, a sabedoria (*Jnana*) é necessária para remover a ignorância (*Ajnana*). Cobertos pela impureza da ignorância, o conhecimento de *Brahman* (*Brahma Jnana*) e a consciência do Ser (*Atma Chaitanya*) estão ocultos. Assim como o fogo é coberto pelas cinzas, a sabedoria (*Jnana*) e a consciência (*Chaitanya*) são cobertos pela impureza da ignorância (*Ajnana*). Portanto, nós não somos capazes de percebê-las diretamente. Mesmo tendo visão em nossos olhos, não podemos ver a matéria (*Padartha*) por causa de uma película sobre nossos olhos. Somente após a retirada dessa película por meio de uma cirurgia, poderemos ter nossa visão normal. Da mesma forma, depois que a ignorância (*Ajnana*) é removida, depois que as nuvens são dissipadas, o Sol do conhecimento (*Jnana Bhaskara*) brilha.

De acordo com a declaração, “Todos os seres vivos são uma parte Minha e são tão eternos quanto Eu sou” (*Mamaivaamso Jivaloke Jiva Bhuthah Sanaathanah*), não há nenhuma dúvida em declarar que humanidade é Divindade. Como, então, a

humanidade pode se tornar Divina? Somente quando a vida humana é multiplicada pelo infinito, ela se torna a forma universal (*Viraat Swarupa*). Homem x Infinito = Deus. A mente humana, quando multiplicada pelo infinito, assume a forma Divina universal (*Hiranyagarbha*). O Ser (*Atma*) no homem e em Deus são um e o mesmo. Quando isso é adicionado ao infinito ou quando o homem contempla o infinito, não há dúvida de que ele se torna verdadeiramente Divino. Por ser humano, ele tende a esquecer o infinito e experimenta apenas a natureza humana, mantendo seu objetivo individual em mente. Se ele deseja experimentar o infinito, ele deve contemplar a Divindade na humanidade.

Um homem construiu uma casa. Desde então ele repete, “Essa é a minha casa”, “Essa é a minha casa”. Por ele não ter filhos, a casa foi herdada por um dos seus herdeiros após a sua morte. Novamente, a partir dessa data, o herdeiro continuou repetindo, “Essa é a minha casa”, “Essa é a minha casa”. Depois de algum tempo, o herdeiro vendeu aquela casa, pois estava endividado. Quem comprou aquela casa passou a repetir, “Essa é a minha casa”, “Essa é a minha casa”. Agora, se nós analisarmos, a quem pertence essa casa? A casa pertence à pessoa que a construiu, ou ao seu herdeiro, ou a quem a comprou? A casa não mudou. O material não mudou. Apenas a propriedade mudou de pessoa para pessoa. Da mesma forma, o *Atma* é eterno. Apenas o sentimento de “meu” (*Mamathwa*) é que muda. Existe algum remédio para esse sentimento de “meu” (*Mamathwa*)?

É dito, “A mente é a única responsável pela escravidão ou pela liberação” (*Manayeva Manushyaanam Kaaranam Bandha Mokshayoh*). Essa verdade foi confirmada pelos *Vedas* e pelas escrituras (*Sasthras*). Depois dos cinco órgãos dos sentidos (*Indriyas*), vem a mente, que é o sexto. Mesmo que ela seja o sexto órgão dos sentidos (*Indriya*), sua posição é a de um mestre para todos os órgãos dos sentidos (*Indriyas*). Sem a mente, nem os órgãos dos sentidos (*Jnanendriyas*) nem os órgãos de ação (*Karmendriyas*) podem funcionar. Em todos esses órgãos de percepção e de ação, a mente flui como uma verdade que está constantemente mudando (*Pravahika Sathya*). Essa é a corrente subjacente da vida interior.

Um pequeno exemplo. Você está aqui agora. Juntamente com você, seus olhos e ouvidos também estão aqui. Mas, sua mente vai para o seu vilarejo e reflete sobre a situação ali. Quando você está engajado nisso, embora seus ouvidos estejam aqui, você não pode ouvir o que Swami está dizendo. Portanto, depois de algum tempo, você pergunta à pessoa sentada ao seu lado, “O que Swami disse? Minha mente não estava aqui”. Então, como sua mente estava em outro lugar, você não conseguia ouvir, embora estivesse fisicamente aqui. Da mesma forma, você pode não ver a pessoa sentada ao seu lado, se sua mente estiver em outro lugar. Esse é o significado interno de dizer que a mente é a senhora de todos os sentidos. Quando a mente para de funcionar, todos os órgãos de percepção e de ação param imediatamente de funcionar e ficam paralisados.

Todos os órgãos de percepção e de ação em nosso corpo estão sob o controle da mente. No entanto, a mente tem duas formas, impura e pura. Quando a mente está sob o controle dos sentidos, ela se torna uma mente impura. Quando a mente está sob o controle do intelecto, ela se torna uma mente pura. Olhe para esse lenço. A brancura é sua natureza. Quando você o utiliza por algum tempo, ele fica sujo ao adquirir impureza. Então ele é chamado de lenço impuro. Quando você o entrega para o lavador, ele remove a impureza. Então, novamente o lenço se torna puro. Aqui, o lenço é o mesmo. Quando ele adquire impureza, ele é chamado de lenço impuro. Quando a impureza é removida, ele é chamado de lenço puro. Da mesma forma, quando a mente assume a impureza dos sentidos, ela se torna uma mente impura. Quando essa impureza é removida, ela novamente adquire sua natureza original de pureza. A mente por sua própria natureza é sempre pura, como um lenço branco. Aqui, devemos ter em mente que as palavras “*Chiththa*” e “mente” significam o mesmo. “*Chiththa*” é aquilo que não tem conexão com os sentidos e sempre se mantém puro.

“A mente está cheia de resoluções (*Sankalpas*) e negações (*Vikalpas*)” (*Sankalpa Vikalpakaatmakam Manah*). Outra definição para a mente é, “Aquilo que

contempla é a mente” (*Mananaath Ithi Manah*). Não existe uma forma específica para a mente. Quando você a direciona para a humanidade (*Manavathwa*), as impurezas dos sentidos podem ser evitadas até certo ponto. Você deve fazer um esforço para gradualmente manter a mente longe dessas impurezas. Essa disciplina (*Sadhana*) é chamada de meditação (*Dhyana*). Isso também é chamado de *Yoga*. A mente requer paz. Assim como o corpo requer um repouso apropriado, da mesma forma, a mente requer paz. Como a mente adquire paz? Somente quando as resoluções (*Sankalpas*) e negações (*Vikalpas*) são controlados, a mente se torna livre de agitações e adquire paz (*Santhi*). Qual é o método pelo qual essas resoluções (*Sankalpas*) e negações (*Vikalpas*) podem ser controladas? A mente sempre contempla uma coisa ou outra. Uma mente correndo assim atrás dos objetos dos sentidos pode ser desviada para pensamentos puros por uma prática de controle dos sentidos. Isso é chamado de *Yoga* da prática (*Abhyasa Yoga*).

Qual é a habilidade necessária para uma pessoa navegar em um barco no rio? O que ela requer, antes de mais nada, é saber nadar. Se ela não aprendeu a nadar, ela não pode escapar do perigo enquanto viaja de barco, mesmo sendo altamente educada. Tenho contado uma história para ilustrar esse ponto, muitas vezes. Vou lembrá-los sobre isso mais uma vez. Certa vez, um grande erudito embarcou em um barco para cruzar um rio, a fim de participar de uma conferência *Védica* (*Veda Parishath*). Como o vento soprava na direção oposta, o barco navegava devagar no rio. Os estudiosos têm o hábito de falar sempre uma coisa ou outra, já que estão acostumados a cantar constantemente os *Mantras Védicos*. Mas, a pessoa que remava o barco estava fazendo seu trabalho silenciosamente, com atenção unidirecionada. Esse estudioso não tinha ninguém com quem conversar no barco, exceto o barqueiro. Portanto, ele perguntou ao barqueiro se ele tinha alguma educação. O barqueiro respondeu que não. Então o estudioso começou a dizer-lhe, “Oh! Tolo! De que adianta, se você não sabe ler e escrever nesta era moderna? O governo estabeleceu escolas em todos os vilarejos. Você deveria pelo menos ser alfabetizado”. Assim, ele começou a conversar com o barqueiro, para passar o tempo de alguma forma. Então, o estudioso perguntou novamente ao barqueiro se

ele conhecia música. O barqueiro respondeu, “Não, senhor! Nem isso eu conheço”. Então o estudioso disse-lhe, “Oh! Tolo! Há tantas salas de cinema hoje em dia, mesmo na beira da estrada. Se você não conhece música, por que você não compra um transistor e o leva com você para ouvir música?” A essa pergunta, o barqueiro respondeu que não sabia o que seria um transistor. O estudioso então zombou dele dizendo, “Oh! Tolo! Uma pessoa que não tem um transistor na mão nessa era de *Kali* (*Kali Yuga*) é inútil. Um quarto de sua vida é, portanto, um desperdício, lançado às águas do Ganges. OK. Você tem um jornal com você?” O barqueiro respondeu, “Senhor! Eu sou um analfabeto. O que devo fazer com um jornal?” Então o estudioso novamente ridicularizou o barqueiro, dizendo, “No mundo de hoje, mesmo que você seja um analfabeto, você deve ter um jornal na mão quando anda por aí. Essa é a era de *Kali* (*Kali Yuga*). Se você não adota essa prática, metade da sua vida é lançada no Ganges”. Assim, depois de percorrer uma certa distância no rio, o estudioso voltou a perguntar ao barqueiro, “Ei! Você tem um relógio de pulso? Que horas são agora?” O barqueiro respondeu, “Quando eu não tenho educação, qual é a utilidade de eu ter um relógio de pulso, senhor? Eu não tenho relógio de pulso”. Então o estudioso disse a ele, “Mesmo que você não seja educado e não saiba ler um relógio, você deve ter um relógio amarrado no pulso para andar por aí. Essa é a moda hoje em dia. Se você não tem um relógio de pulso, três quartos de sua vida são lançados no Ganges”. Nesse ínterim, um grande redemoinho começou a balançar o barco. O rio estava transbordando e fluía torrencialmente. O barqueiro perdeu o controle do barco. Portanto, ele perguntou ao estudioso, “Senhor! Por acaso você sabe nadar?” O estudioso respondeu que não sabia nadar. Então o barqueiro disse ao estudioso, “Se você não sabe nadar, sua vida inteira é um desperdício e agora será lançada nessa água do Ganges”. Na verdade, para um homem que viaja em um rio, o mais importante é saber nadar, e não Geografia, Geologia, Física, Química, Botânica, etc.

Na vida diária, para uma pessoa que viaja no oceano da existência mundana (*Samsara*), o autocontrole e o conhecimento sobre o *Atma*, ou seja, o poder de discernimento quanto ao que é permanente e ao que é impermanente, são muito

necessários. Sem isso, a vida humana não terá sentido. Enquanto o homem depender de posses mundanas, ele não terá paz e felicidade. O homem precisa alcançar duas coisas, liberdade externa e liberdade interna. Enquanto ele estiver sujeito ao domínio externo ou sob o controle de outros, ou seja, sob o controle dos sentidos, ele não terá paz, felicidade e liberdade. O controle dos sentidos é necessário para levar uma vida feliz no mundo exterior. Da mesma forma, para adquirir conhecimento sobre o seu próprio Ser, a liberdade mental é o mais essencial. Isso significa que a mente deve se tornar livre de resoluções (*Sankalpas*) e negações (*Vikalpas*). Somente então o homem pode desfrutar de felicidade e paz tanto interna quanto externamente.

Portanto, devemos realizar o que é importante para a vida humana. Nós desejamos ter muitas alegrias. Nós sempre dizemos, “Eu quero felicidade”, “Eu quero felicidade”. Mas não estamos fazendo um esforço para descobrir o que nos concede a felicidade. Sri Krishna disse a Arjuna, “Oh! Arjuna! Você quer ter paz em sua vida diária. Você mesmo não tem certeza sobre o que seja isso. Esteja certo de que essa paz não chegará a você com a ajuda dos sentidos e dos objetos dos sentidos. Somente quando você controlar seus sentidos, você terá verdadeira paz e felicidade”.

Para cada ser humano, seja ele um teísta (*Astika*) ou um ateísta (*Nasthika*), o controle dos sentidos é muito essencial. Quando os sentidos estão agitados e anseiam por prazeres sensuais, várias fraquezas surgirão no homem. Quando o corpo humano se enfraquece, ele não será capaz de executar nenhuma atividade. Sua condição será miserável. Na verdade, o homem não pode executar nem mesmo uma pequena tarefa, sem o apoio do poder Divino. Considere, por exemplo, o próprio caso de Arjuna. Enquanto Krishna estava com ele, ele era todo poderoso e era capaz de executar muitos atos heróicos. Mas, quando Krishna partiu para Sua morada celestial, todo o poder de Arjuna desapareceu. Enquanto Arjuna estava trazendo as Gopikas para Hastinapura, os homens das tribos da floresta os cercaram. Arjuna deu o melhor de si para lutar com eles e resgatar as Gopikas de

suas garras. Mas ele não conseguiu. Arjuna, que travou a batalha heróica do *Mahabharatha* e venceu os inimigos, não pôde lutar contra esses tribais da floresta. Qual é a razão? O tempo todo, Arjuna tinha a impressão de que era a força de seus ombros poderosos que lhe rendia muitas vitórias nas batalhas. Mas, essa não era a sua força. Sua força era o poder concedido por Deus (*Daiva Bala*). Enquanto o poder de Deus estava com ele, ele acrescentou seu próprio poder ao poder de Deus e travou várias batalhas. Uma vez que aquele poder de Deus (*Daiva Bala*) foi perdido, ele não pôde nem mesmo proteger as mulheres. Essa foi sua condição infeliz. O homem é capaz de executar todas as suas atividades somente por causa do apoio e do sustento fornecido por Deus, que reside nele como o seu residente interno, na forma do *Atma* (*Atma Swarupa*).

Deus busca a pureza interior, ou seja, a pureza da mente. Um pequeno exemplo. Você preparou um lindo envelope, com papel de boa qualidade. Você queria colocar uma carta naquele envelope e entregá-la a Swami. Portanto, você tomou muito cuidado ao escrever o nome de Swami no envelope em lindas letras de cores diferentes. Você também desenhou belos desenhos no envelope com lápis de cor. Você colocou a carta no envelope e o fechou. Agora ele está pronto. Você o postou. Mas ele não alcançou Swami. Qual é a razão? Você não afixou um selo postal no envelope. Portanto, uma carta tão bonita em um envelope tão bem desenhado, embora postada nas instalações do alojamento que fica logo aqui ao lado, não chegou a Prasanthi Nilayam. Por outro lado, se você tivesse colocado um selo postal, sua carta poderia ter chegado não somente a Prasanthi Nilayam, mas a um lugar a milhares de quilômetros de distância. Os funcionários do departamento postal não estão interessados em suas belas cartas, decorações e desenhos. O que eles procuram no envelope é se existe um selo aposto no envelope ou não. Da mesma forma, Deus não está interessado em sua erudição ou educação ou poder e força ou habilidades. As organizações mundanas podem mostrar algum interesse por essas coisas, mas Deus reconhece somente a pureza da sua mente. Em qual matéria você fez PhD ou em qual matéria você se tornou proficiente e em que medida, esses cálculos são inúteis. Em que medida nós fomos capazes de trilhar o

caminho correto em nossa vida diária é a única prova. Na verdade, esse é o único mérito que nos acompanha e permanece constantemente conosco.

Será que a fome de uma pessoa faminta será satisfeita,
Por ouvir a história do preparo de pratos doces?
A pobreza de uma pessoa será removida,
Por ouvir a glória da riqueza?
A doença crônica de um paciente será curada,
Por ouvir a história da eficácia dos medicamentos?

Da mesma forma, a paz e a felicidade não chegarão a nós apenas por ouvir a glória da *Bhagavad Gita* ou por ler e ouvir as escrituras (*Sasthras*). Se você for capaz de colocar em prática pelo menos um ou dois aspectos do que você tem ouvido e lido, somente então o fruto virá para você. Para todas essas práticas (*Sadhanas*), o controle dos sentidos é a base. Isso é obrigatório e de alta prioridade. Sri Krishna questionou Arjuna, "Oh! Arjuna! Seus próprios sentidos não estão sob seu controle. Então, o que você pode alcançar neste mundo?" Prahlada também questionou seu pai da mesma maneira. Ele disse, "Oh! Rei! Você conquistou todos os reinos. Mas, você não conseguiu conquistar o reino da sua própria mente. Como pode uma pessoa que não conseguiu conquistar sua própria mente saborear a doçura da Divindade?"

Devemos, em primeiro lugar, reconhecer pela investigação o fato de que o princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*) existente em todos é um e o mesmo. Existe somente um Sol no universo e ele se reflete em todos os seres vivos. Ele não é diferente para diferentes seres vivos. Por exemplo, existem alguns potes de barro. Existem também potes feitos de diferentes metais como latão, cobre e prata. Enchemos todos esses potes com água. E agora, quando eles são colocados em um lugar aberto, o mesmo Sol é refletido nos diferentes potes como sóis diferentes. Mas, realmente existem tantos sóis? Não, não. É apenas porque existem potes diferentes que o mesmo Sol aparece como diferentes sóis. Os reflexos são

diferentes, mas o objeto, ou seja, o Sol é somente um. Além disso, o valor dos potes pode variar de acordo com o material de que são feitos, ou seja, barro, latão, cobre ou prata. Mas, o valor do Sol é o mesmo em todos esses potes. Da mesma forma, pode haver diferença nos indivíduos, como analfabetos e acadêmicos ou pessoas que sofrem de extrema pobreza e milionários. Mas a Divindade que permeia esses indivíduos é a mesma. Se você reconhecer essa verdade, será mais fácil para você controlar seus sentidos.

Quem irá controlar quem? Quem exercerá o domínio sobre quem? O bem e o mal existem em cada indivíduo. Mas, devemos cumprir nosso próprio dever. É seu dever fazer um esforço para levar para o caminho correto uma pessoa que está trilhando o caminho errado, com palavras suaves e doces. Aqui, o intelecto dela está encoberto pela ignorância (*Ajnana*) como uma nuvem escura e densa. Como então essa ignorância (*Ajnana*) pode ser removida? Por exemplo, se você tem cinco pés de altura, a sua sombra na parte da manhã vai ser de cinquenta pés de comprimento. Como reduzir essa sombra para sua altura normal? Quaisquer que sejam os esforços que você possa fazer, ela não poderá ser reduzida. Mas, à medida que o Sol se levanta no céu, essa sombra diminui gradativamente. Quando o Sol está diretamente sobre sua cabeça, a sombra desaparece completamente. Ela vem para debaixo dos seus pés. Qual é a lição que aprendemos com esse exemplo? Quando o Sol da sabedoria (*Jnana*) alvorece em você, a sombra da ignorância (*Ajnana*) diminui. No auge dessa elevação, sua ignorância (*Ajnana*) desaparece. Esse é um método. O segundo método é, a sua sombra de cinquenta pés de comprimento pode ser empurrada para trás. Isso pode ser feito virando o rosto em direção ao Sol. Quando você vira o rosto em direção ao Sol, a sombra espontaneamente vai para trás de você. Em vez de ficar constantemente remoendo sua ignorância, você contempla o Sol da sabedoria. Então sua ignorância desaparece espontaneamente. Ou você deve voltar sua visão para Deus ou deve usar seu intelecto e desenvolver sabedoria. Se nenhum desses métodos for empregado, a ignorância permanecerá como está. É por isso que Sri Krishna aconselhou Arjuna, “Oh! Arjuna! Desenvolva sua sabedoria (*Jnana*). Então sua

ignorância (*Ajnana*) será removida. O sentimento de dualidade (*Dwandwa*) em você desaparecerá. Quando o sentimento de dualidade (*Dwandwa*) desaparecer, não haverá nem mesmo um traço de apego (*Raga*) e aversão (*Dwesha*). Para o apego ao corpo (*Dehabhimana*) em você desaparecer, primeiro o apego (*Raga*) e a aversão (*Dwesha*) devem desaparecer. Para isso, o sentimento de dualidade (*Dwandwa*) deve ser removido. Para que o sentimento de dualidade (*Dwandwa*) seja removido, a ignorância (*Ajnana*) deve ser destruída. Para que a ignorância (*Ajnana*) seja destruída, a sabedoria (*Jnana*) deve ser desenvolvida". É por isso que se diz, "Somente a sabedoria pode conceder a liberação" (*Jnanadevathu Kaivalyam*).

Que tipo de conhecimento (*Jnana*) devemos desenvolver? Conhecimento mundano? Conhecimento espiritual? Teremos tanta fé em Deus quanto temos em nós mesmos. Quem não tem fé em si mesmo, também não terá fé em Deus. Aquele que acredita em si mesmo, acreditará em Deus. Para desenvolver essa fé em si mesmo, o poder de investigação é necessário.

Eu tenho citado repetidamente um exemplo. De manhã até à noite, dia após dia, nós dizemos, "Eu", "Eu", "Eu". Alguma vez nos perguntamos quem é esse "Eu"? Estamos repetindo, "Esse é meu corpo, minha mente, meu intelecto, meus sentidos, minha consciência", etc. Mas, quem sou Eu? Ninguém está investigando esse aspecto. Sem saber disso, para que serve toda a nossa educação? Dizemos, "Esse é o meu lenço". Isso significa que somos diferentes do lenço. Da mesma forma, quando você diz, "Esse é o meu corpo", você é diferente do corpo. Indague sobre esse aspecto. Você diz que esse é o seu corpo. Mas você não está dizendo que você é o corpo. Portanto, se você investigar o aspecto de quem você é, esse princípio do "Eu" estará na posição do proprietário de todos os bens. Somente quando o proprietário está ali é possível dizer, "Minha terra, minha casa, meu carro, meu intelecto", etc. Se o proprietário não estiver ali, onde estará a questão do "Eu" e do "meu". Esse princípio do "Eu" é uma entidade imutável, isto é, a Divindade. Devemos ser capazes de reconhecer essa Divindade, isto é, o princípio do *Atma*

(*Atma Thathwa*), por um processo de investigação. Cada indivíduo deve dedicar três quartos de seu tempo à investigação e um quarto à disciplina espiritual (*Sadhana*). Quando esses dois são combinados, a vida humana se torna significativa. Não perca tempo. Não engaje seu corpo em buscas inúteis. Engaje-se em ações (*Karmas*) cheias de propósito. Somente então sua vida será santificada.

A causa raiz de todos os nossos sofrimentos é a fraqueza dos nossos sentidos. Devemos mantê-los fortes e engajá-los em ações (*Karmas*) sagradas. Devemos estar sempre atentos para garantir que eles não se desviem para caminhos pervertidos. A *Bhagavad Gita* enfatizou o controle dos sentidos e não a extinção dos sentidos. Ela nunca aconselhou a renúncia às ações (*Karma Thyaga*). Ela aconselhou somente a renúncia aos frutos de nossas ações (*Karmaphala Thyaga*). Essa distinção sutil deve ser compreendida de maneira adequada. Nunca devemos desistir da atividade. Temos que nos engajar em executar ações (*Karmas*). O próprio Sri Krishna enfatizou isso, quando disse, "Eu não tenho nenhum dever (*Karthavyam*) a cumprir. Eu não tenho nada a alcançar. Ainda assim, Eu estou executando ações (*Karmas*). Então, por que você também não executa ações (*Karmas*)?" (*Na Mey Pardhaasthi Karthavyam Thrishu Lokeshu Kinchana Naanavaaptha Mavaapthavyam Vartha Evacha Karmani*). Nós devemos executar ações (*Karmas*). Nós devemos utilizar os sentidos (*Indriyas*), mas dentro de certos limites (*Maathrah*). Sri Krishna, portanto, aconselhou a utilizarmos os nossos sentidos sem permitir que eles se desviem para caminhos pervertidos. Essa é a mensagem mais importante da *Bhagavad Gita*.

Prasanthi Nilayam, 25 de Agosto de 1984.

21

A Humanidade Adquire Valor por Conta da Divindade

“Aquele que se torna um servo do desejo (*Aasa*), torna-se um servo de todo o mundo” (*Aasaayi Dasaa Ye The Daasa Sarvalokasya*). Isso significa que ninguém deve se tornar um servo do desejo (*Aasa*). E aquele que faz do desejo (*Aasa*) o seu servo, torna-se um mestre do mundo inteiro.

O *Atma*, a chama resplandecente e auto-refulgente, é a fonte de toda felicidade. O homem acredita que o prazer sensual é o verdadeiro prazer e, portanto, anseia por tais prazeres. Mas ele é incapaz de descobrir a fonte e a base dos prazeres sensuais.

A *Bhagavad Gita* descreveu o corpo (*Deha*) como um vaso (*Ghata*). Existem nove furos nesse vaso. Quando você coloca uma chama sob esse vaso e o cobre com um pano grosso, a luz da chama não é visível. Mas, quando você remove o pano, ela aparece como nove chamas brilhando através dos nove furos. Agora, você quebra aquele vaso. Apenas uma chama aparece. Essa é a chama única do princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*), que é auto-refulgente. Ela é colocada no vaso (*Deha*) com nove furos. Novamente, no vaso, o pano grosso do sentimento de “meu” (*Mamathwa*) é colocado como uma cobertura. Portanto, você deve primeiro remover esse pano grosso do sentimento de “meu” (*Mamathwa*), que nada mais é do que ignorância. Esse é o poder ilusório (*Maya*), uma outra forma da Divindade. A *Bhagavad Gita* descreveu Deus como “*Mayopadhi*”, ou seja, “Aquele que usa a ilusão (*Maya*) como Sua vestimenta”. Quando a ilusão (*Maya*) do sentimento de “meu” (*Mamathwa*) for removida, você encontrará nove chamas (*Jyothis*). Agora, se você quebrar o vaso do corpo (*Deha*), que tem nove furos, o que resta é a chama única do princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*). Essa chama única reflete-se como nove chamas através dos nove furos do seu corpo. Toda a luz que seus olhos estão vendo é apenas o reflexo daquela única chama (*Jyothi*). O som que você ouve com a ajuda dos ouvidos é a reação daquela chama (*Jyothi*). O som que sai da sua boca

é a ressonância daquela chama (*Jyothi*). Assim, tudo o que você experimenta por meio dos seus sentidos é somente o reflexo, a reação e a ressonância dessa chama do *Atma* (*Atma Jyothi*). Enquanto esse vaso (*Ghata*) está aí, as chamas (*Jyothis*) parecem ser diferentes.

O que estamos fazendo neste mundo é, estamos vendo diversidade na unidade. As *Upanishads* não concordam com esse conceito. Em vez disso, elas nos exortam a ver a unidade na diversidade. Quando é que vamos ser capazes de fazer isso? Somente quando o vaso (*Ghata*) do apego ao corpo (*Dehabhimana*) for quebrado, seremos capazes de testemunhar a chama única do princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*). Testemunhar a diversidade na unidade e ter uma crença firme nesse conceito é o princípio ilusório (*Maya Thathwa*). As *Upanishads* nos ensinam que existe somente um único princípio de unidade em tudo o que vemos neste universo. E a *Bhagavad Gita* é a essência das *Upanishads*. A essência da *Bhagavad Gita* é o princípio de unidade (*Samathwa*), que ensina que um único *Atma* está permeando todos os seres vivos. “Esse princípio de unidade (*Samathwa*) é chamado de união com Deus (*Yoga*)” (*Samathwam Yoga Utchyathe*).

Devemos analisar aqui como é que esse princípio de unidade (*Samathwa*) existe em tudo, em nossa vida diária. Existe somente um princípio Divino em todos os seres vivos. Por exemplo, nós preparamos vários pratos doces em nossas casas durante os tempos de festa, tais como *Mysorepak*, *Gulabjamun*, *Barfi*, *Kova*, *Laddu*, *Jilebi*, *Kheer*, etc. Os nomes e formas desses pratos doces são diferentes, mas, o ingrediente básico em todos eles, ou seja, o açúcar, é somente um e o mesmo. Esse é o *Yoga* do princípio de unidade (*Samathwa*). Por causa da adição desse açúcar, a doçura está presente em todos esses pratos. Não há doçura na farinha de arroz. Mas, quando esse princípio de unidade (*Samathwa*) do açúcar é adicionado à farinha de arroz, ela adquire doçura. Não há doçura na farinha de trigo. Quando o açúcar é adicionado à farinha de trigo, ela adquire doçura. Da mesma forma, não há doçura na farinha de grão de bico. Mas, quando o açúcar é misturado àquela farinha, ela adquire doçura. Esse princípio de unidade

(*Samathwa*) do açúcar é o princípio Divino. Porque o princípio Divino permeia entidades diversas, nós acreditamos que ele está dividido em diferentes nomes e formas.

O homem não deve passar toda sua vida simplesmente desfrutando de comida e recreação. Ele deve compreender a verdade de que a vida humana não é concedida apenas para desfrutar a comida e dormir. Nós vemos muitos insetos, pássaros, animais e feras, que nascem apenas com o propósito de comida e repouso. Apenas para desfrutar a felicidade desses pássaros e feras, por que deveríamos nascer como seres humanos? Por que deveríamos ser educados? Qual é a meta desse nobre nascimento humano? A vida humana não foi feita para o homem se tornar um animal (*Pasu*). Em vez disso, o homem deve se transformar no Senhor dos animais (*Pasupathi*, ou seja, o Senhor Shiva). O homem (*Manava*) nasce para alcançar a Divindade (*Madhavathwa*), e não para degenerar em um demônio (*Danava*). Todos devem compreender essa verdade de que o nascimento humano nos foi concedido para alcançar essa nobre meta. Jesus Cristo também falou sobre isso. Ele disse, "O homem não vive apenas de pão. Há algo mais elevado e nobre nele".

Descartar coisas impermanentes e desenvolver apego somente aos objetos de valor eterno é o dever principal de um ser humano. Nós deixamos esse ideal elevado e agora vivemos apenas com a consciência corporal (*Deha Thathwa*), cheios de egoísmo (*Ahamkara*) e sentimento de posse (*Mamakara*). Krishna lamentou, "Oh! Arjuna! Você está limitado por esse apego ao corpo (*Dehabhimana*)". Claro, o apego ao corpo (*Dehabhimana*) deve estar ali. Mas, com que propósito? Isso deve ser investigado. A vida humana é concedida com o propósito de realizar a Divindade imanente no próprio corpo. Nós conhecemos essa verdade. Mas, quantos farão um esforço para realizar essa verdade?

Um pequeno exemplo. Todo mundo sabe que não se deve mentir. Várias pessoas também prometem que não falarão mentiras. Mas, no momento seguinte elas mentem. Os comerciantes sabem que não devem enganar os clientes. Eles também

decidem que devem se satisfazer com um lucro razoável. Mas, no dia seguinte, eles recorrem ao engano e à falsidade. Todos vocês sabem que não devem falar mal dos outros e causar-lhes dor. Mas, em poucos minutos, você se esquece desse princípio, e fala mal dos outros, e lhes causa dor. Hoje em dia, o homem não tem uma resolução firme. Ele não é capaz de desenvolver uma mente inabalável. Ele faz uma resolução, “Hoje é dia de jejum (*Ekaadasi*). Eu não devo comer nada. Eu devo passar o meu tempo totalmente na contemplação de Deus”. Depois de algum tempo, ele pensa, “Deixe-me comer pelo menos algumas frutas (*Phalahara*) ou farinha de trigo com açúcar”. Assim, ele vai mudando suas resoluções. O que o leva a mudar de ideia constantemente? Definitivamente, há alguma grande força nele que o impulsiona e o dirige assim. Sem essa força, ele não poderia agir de modo contrário às suas resoluções.

Existe algum poder invisível no homem, que ele não consegue compreender. Se um inquérito em profundidade for feito a respeito desse poder, será revelado que são as três qualidades (*Gunas*) ou seja, pureza (*Sathwa*), atividade (*Rajas*) e inércia (*Thamas*), que motivam esse poder. Essas *Gunas*, por sua vez, são desenvolvidas pelo tipo de alimento que é ingerido (*Ahara*) e pelo tipo de recreação na qual alguém se engaja (*Vihara*). Especialmente, as qualidades da atividade (*Rajas*) e da inércia (*Thamas*) são qualidades negativas. A qualidade da atividade (*Rajas*) tem um filho chamado desejo (*Kama*) e a qualidade da inércia (*Thamas*) tem uma filha chamada raiva (*Krodha*). É o desejo (*Kama*), o filho da qualidade da atividade (*Rajas*) que distrai o homem de aderir à firme resolução que ele havia feito para si mesmo. Esse desejo (*Kama*) é a principal de todas as más qualidades. Na verdade, ele é o mestre das más qualidades.

Existem métodos pelos quais você pode lutar contra seus inimigos externos e derrotá-los, tais como, buscar a conciliação (*Sama*), oferecer dinheiro (*Dana*), criar dissensões entre as fileiras inimigas (*Bheda*), e usar a força (*Danda*). Mas, como pode uma pessoa subjugada por seus próprios inimigos internos lutar e obter uma vitória sobre os inimigos externos? Em um primeiro momento, o líder chamado

desejo (*Kama*) faz um buraco na parede da casa e entra nela. Imediatamente depois dele, a raiva (*Krodha*), a cobiça (*Lobha*) e o ódio (*Dwesha*) também entram. Assim que esses inimigos entram, o homem perde sua sabedoria e poder de discernimento e se entrega aos inimigos. Consequentemente, ele quebra sua promessa e muda sua decisão firme. A causa raiz de todas essas calamidades é o desejo (*Kama*).

Os templos são cercados por muralhas (*Prakaras*). Nessas muralhas haverá algumas passagens aqui e ali. Você já deve ter visto. É dito, "O corpo é um templo para o princípio Divino da vida que reside nele" (*Deho Devalaya Proktho Jivo Devah Sanathanah*). É do conhecimento comum que enormes muralhas são construídas ao redor dos palácios de reis e imperadores. Essas muralhas terão nove entradas (*Dwaras*). Da mesma forma, para o Divino princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*), que é o imperador do império do *Atma* (*Atma Samrajya*), o corpo é como uma muralha. Ele também tem nove entradas (*Dwaras*). Krishna descreveu o corpo como "uma cidade com nove entradas" (*Navadwara Pure Deha*). As muralhas ao redor dos palácios são construídas com material inerte como tijolo, pedra, argamassa ou cimento. Mas, essa muralha do corpo é construída com carne, sangue e ossos. Enquanto o residente interno (*Dehi*) reside nesse corpo (*Deha*), ele exala fragrâncias de diferentes tipos. Assim que o residente interno (*Dehi*) deixa o corpo (*Deha*), o corpo (*Deha*) apodrece, exalando um mau cheiro. "O corpo é uma bolsa de couro com nove furos, não um vaso resplandecente cravejado de diamantes". Esse corpo, se engajado em atividades sagradas e Divinas, se transforma em um templo onde o Divino *Atma* reside como o residente interno.

O homem considera o seu corpo como um instrumento (*Upadhi*) que lhe traz riqueza, prosperidade e prazeres mundanos. Visto que ele o considera um mero instrumento, ele utiliza o corpo de muitos modos pervertidos. Essa não é a finalidade última da vida humana. É por isso que Sri Krishna aconselhou Arjuna, "Oh! Arjuna! O corpo (*Deha*) é concedido a você para você realizar o Divino *Atma* interno (*Dehi*). É por isso que a você é concedida mais inteligência do que aos pássaros, feras e animais". Os pássaros, feras e animais não terão um poder de

discernimento tão intenso. O homem está desfrutando de várias coisas ao mesmo tempo através do seu poder de investigar. Isso é aceitável no que se refere às coisas mundanas. Mas, acima de tudo, o homem deve empregar o seu poder de investigar para realizar a sua própria natureza (*Thathwa*). O desejo (*Kama*) que destrói suas faculdades internas deve ser removido primeiro. Isso não significa que você não deva ter desejos. Sem desejos, o homem não pode viver. Mas, esses desejos devem ser com boas intenções e devidamente canalizados para ajudar os outros a terem uma vida ideal. Essa é a verdadeira natureza humana.

O homem deve sempre manter o interesse da sociedade como sua meta. Se ele não tem consideração pela sociedade, sua vida não vale a pena ser vivida. O homem que nasceu, foi criado, e vive em sociedade não pode ir contra os interesses da sociedade. Qualquer atividade que empreenda, seja ela pequena ou grande, se for feita com um sentimento de dedicação e para agradar a Deus, sua vida será santificada. Cada ato do homem deve ser transformado em um ato Divino. O trabalho deve ser transformado em adoração. Qualquer que seja a atividade empreendida, ela deve ser primeiro analisada, se é adequada a ele ou não, como ser humano. A chama Divina resplandecente e auto-refulgente reflete-se através das nove entradas (*Dwaras*) do corpo humano. Como utilizar esse Divino esplendor deve ser a sua preocupação. Você está apenas olhando para a forma externa de seus olhos, ouvidos, nariz e boca, mas você não está ciente do brilho Divino que flui desses órgãos dos sentidos.

Um pequeno exemplo. Há um aguaceiro lá fora. A água está escorrendo pelas telhas fixadas no telhado de sua casa. Da mesma forma, a água está vazando através das placas de amianto e das lajes das casas vizinhas. Há uma árvore a alguns metros de distância e gotas d’água caem de suas folhas e galhos. Nós pensamos que essa água está vertendo das telhas, folhas de amianto, lajes de telhado e galhos de árvores. Estritamente falando, essa é somente a água da chuva que vem das nuvens. É essa mesma água da chuva que escorre pelas telhas, placas, lajes e galhos de árvores. Esse princípio de unidade na diversidade deve ser

reconhecido. Quando você reconhece essa unidade, a diversidade é removida. Quando a diversidade desaparece, o desejo (*Kama*) desaparece. Quando o desejo desaparece, não há chance para a raiva (*Krodha*) persistir. Quando o desejo (*Kama*) e a raiva (*Krodha*) forem destruídos, o conhecimento do *Atma* (*Atma Jnana*) será revelado a você como seu próprio Ser individual. Não há utilidade em apenas ouvir sobre esse processo. Ele deve ser alcançado por um esforço consciente. Por meio da disciplina espiritual (*Sadhana*) e da investigação, nós devemos compreender o princípio da unidade da Divindade em nós.

Cada objeto adquire valor em função da posição que ocupa. Quaisquer ações que executemos, se forem executadas como uma oferta a Deus, seu valor será aumentado por aquela associação com Deus. Essas ações (*Karmas*) adquirirão até mesmo santidade. Um pequeno exemplo. Se houver um rato se movendo em nossa casa, imediatamente tentamos capturá-lo com uma ratoeira. Olhamos para o rato com grande desprezo. Mas, quando vemos um rato como o veículo (*Vahana*) do Senhor Vinayaka, oferecemos nossas reverência (*Pranams*) a ele. Por que essa diferença? É por causa da sua associação com Deus. Quando vemos uma cobra, tentamos bater nela com um pedaço de pau ou contratamos um encantador de cobras para capturá-la e tirá-la de nossa vista. Mas, a mesma cobra, quando adorna o pescoço do Senhor Shiva, nós oferecemos a ela nossas saudações. Por quê? É porque ela dedicou sua vida ao Senhor Shiva. Mesmo as cobras venenosas quando são dedicadas ao Senhor Shiva adquirem uma posição de reverência e adoração.

Certa vez, o Senhor Vishnu enviou uma mensagem ao Senhor Shiva por meio de seu veículo (*Vahana*), ou seja, Garuda, a águia. Garuda voou com grande velocidade e alcançou o Senhor Shiva. Pela força do vento por causa do movimento de Garuda, as cobras que adornam o Senhor Shiva foram ligeiramente perturbadas. Então, uma das cobras ao redor do pescoço do Senhor Shiva fez um som sibilante, indicando que estava com raiva. Ela tinha um sentimento egoísta de que ninguém deveria ousar causar qualquer incômodo a ela, uma vez que ela estava adornando o próprio Senhor Shiva. Por causa do orgulho do lugar que estava

ocupando, ela ficou brava com Garuda. Então Garuda respondeu calmamente, "Oh! Rei das serpentes! Estou tolerando sua arrogância porque você está ocupando uma posição de reverência e respeito em torno do pescoço do Senhor Shiva. Eu estou perdoando você. Mas, deixe essa posição e venha para fora. Então eu irei arrebatar você em apenas um segundo". Aqui, a questão é que se a cobra deixar essa posição, ela se tornará alimento para Garuda, a águia. Visto que essa cobra estava ocupando aquela posição Divina suprema, ela estava desfrutando dessa reverência e respeito.

Somente quando estamos na presença Divina, sob o cuidado Divino, somos respeitados e reverenciados. Podemos nos permitir sentir orgulho de nossa associação com a Divindade. Mas, uma vez que nos afastamos, nos tornamos indivíduos insignificantes. Mesmo um pequeno objeto que entra em contato com Deus adquire grande valor. Mesmo uma pedra jogada na beira da estrada exposta ao Sol e à chuva, quando cinzelada em um ídolo por um escultor e instalada em um templo, é adorada como uma Divindade.

Devemos considerar com que grandeza nossa vida resplandecerá, quando desenvolvermos qualidades Divinas. A mesquinhez e a estreiteza mental nunca podem entrar na Divindade. Um pequeno exemplo. Ravana manteve Sita em seu bosque (*Asokavana*) por dez meses e fez o possível para atraí-la para ele. Ela não cedeu. Ela nem mesmo olhou para o rosto dele uma única vez. Ela não respondeu nem uma vez às propostas de Ravana. Observando a condição miserável de Ravana, sua esposa Mandodari questionou-o, "Oh! Ravana! Você tem poder infinito. Você é um devoto do Senhor Shiva. Você fez uma grande penitência. Você tem o poder de assumir qualquer forma. Na verdade, você assumiu a forma de um renunciante (*Sanyasi*) e trouxe Sita até aqui. Você pode se transformar em qualquer forma. Em vez de lutar assim para conquistar o coração de Sita, você também pode assumir a forma de Sri Rama. Então, Sita facilmente entrará para o seu aprisco. Por que você não faz isso?" Então Ravana respondeu, "Oh! Mandodari! Se eu assumir a forma sagrada de Rama, o que acontecerá com esse

desejo (*Kama*) que eu tenho em relação a Sita?" É evidente a partir desse exemplo que, quando nós alcançarmos esse status Divino sagrado de Rama, esses pensamentos mesquinhos, medíocres e triviais não serão capazes de nos incomodar nem um pouco.

O Senhor Krishna exortou Arjuna, "Oh! Arjuna! Lute a batalha, contemplando-Me constantemente. Então, todos os bons e maus resultados das suas ações (*Karmas*) alcançarão somente a Mim. Eles não irão vincular você. Nesse caso, você estará vinculado ao dever. Você se tornará um nobre exemplo do dever de um guerreiro (*Kshatriya Dharma*), por meio do qual você alcançará a glória. Esse sentimento de oferecer todas as suas ações (*Karmas*) a Deus e cumprir o seu dever lhe trará glória e o manterá como um exemplo brilhante. Para tudo isso, o controle dos sentidos (*Indriya Nigraha*) é essencial. Quando você fizer um esforço para trazer gradualmente os seus sentidos sob o seu controle, você não terá qualquer dificuldade. Então, você se tornará um sábio (*Sthithaprajna*). Você pode desenvolver uma mente equânime (*Samachiththa*). No momento, você está perturbado por uma mente absorta no mundo externo (*Sangha Chiththa*). O mundo externo (*Sangha*) está mudando constantemente. Ele é impermanente. Ele não é real. Portanto, realize o seu princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*) inato, que é real e permanente".

Anteriormente, tínhamos ouvido falar sobre os diferentes nomes para o espaço (*Akasa*). Então, fomos capazes de conhecer apenas alguns aspectos da natureza e da forma desse espaço (*Akasa*). Amanhã, tentaremos conhecer mais sobre esse princípio do espaço (*Akasa*).

Prasanthi Nilayam, 27 de Agosto de 1984.

22

É Somente no Espelho de Um Coração Puro que Deus Se Reflete

Nós reconhecemos o fato de que não existe outro elemento (*Bhutha*), exceto os cinco elementos (*Pancha Bhuthas*) no universo. Frequentemente ouvimos falar de três espaços (*Akasas*) na literatura espiritual. Todo aspirante espiritual (*Sadhaka*) que deseja conhecer o princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*) e todo aspirante espiritual (*Sadhaka*) que deseja realizar o princípio de *Brahman* (*Brahma Thathwa*) deve necessariamente inquirir sobre esses três espaços (*Akasas*). Eles são o universo físico (*Bhuthakasa*), o universo mental sutil (*Chiththakasa*) e o universo causal (*Chidakasa*).

O universo físico (*Bhuthakasa*) é aquele que é constituído pelos cinco elementos (*Pancha Bhuthas*), ou seja, terra, água, fogo, ar e espaço (*Akasa*). Entre esses, o último, ou seja, o espaço (*Akasa*) é o mais sutil. Ele não tem forma, mas possui a qualidade do som (*Sabda*). O segundo elemento mais sutil é o ar (*Vayu*). Ele também não tem forma, mas possui duas qualidades, a saber, som (*Sabda*) e toque (*Sparsa*). O terceiro é o fogo (*Agni*). É claro que o fogo tem uma forma visível e três qualidades, a saber, som (*Sabda*), toque (*Sparsa*) e forma (*Roopa*). O quarto elemento é a água (*Jala*). Ela também tem uma forma visível. Existem quatro qualidades nesse elemento, a saber, som (*Sabda*), toque (*Sparsa*), forma (*Roopa*) e sabor (*Rasa*). O quinto elemento é a terra, que é visível a olho nu. Existem cinco qualidades, a saber, som (*Sabda*), toque (*Sparsa*), forma (*Roopa*), sabor (*Rasa*) e cheiro (*Gandha*) nesse elemento. Os primeiros três elementos, terra, água e fogo, têm formas visíveis, enquanto que os outros dois elementos, ar e espaço, têm somente qualidades, mas nenhuma forma.

Todos os objetos no universo físico (*Bhuthakasa*) são impermanentes, se movendo e mudando constantemente. Não apenas mudando, mas também adquirindo uma forma. Quando investigamos a natureza desses cinco elementos que sofrem

mudanças, podemos observar mais algumas qualidades. Os átomos confinados a um determinado lugar em um determinado momento adquirem uma forma diferente no minuto seguinte. Eles não apenas mudam de forma, mas também mudam de lugar. Ninguém sabe quando e onde um átomo específico em um objeto sofre uma alteração. Eles estão constantemente em um estado de fluxo. Cada célula do nosso corpo sofre mudanças constantes de tempos em tempos. Essas mudanças são como ondas em um oceano infinito. Não há limite para o número dessas ondas. As gotas de água em uma onda se fundem com as gotas de água da próxima onda. Esse é um processo sem fim.

Investigar o número e a natureza das ondas no universo físico (*Bhuthakasa*) é uma tarefa impossível. A natureza humana (*Manavathwa*) é uma onda no universo físico (*Bhuthakasa*). A natureza Divina (*Divyathwa*) é outra onda no universo físico (*Bhuthakasa*). A natureza demoníaca (*Danavathwa*) é ainda outra onda no universo físico (*Bhuthakasa*). Da mesma forma, as ondas dos animais, pássaros e feras também fazem parte desse universo físico (*Bhuthakasa*). As gotas de água de uma onda se fundem com as gotas de outra onda. Qual gota ou parte de uma onda em particular se mescla com qual gota ou parte de outra onda em particular, é difícil de identificar. Esse universo físico (*Bhuthakasa*) é impermanente e em constante estado de fluxo. Incapazes de reconhecer a verdadeira natureza dos cinco elementos que estão sujeitos a seis tipos de mudanças (*Shadvikara*), ou seja, originar-se, existir, crescer, alterar-se, declinar e ser destruído, estamos iludidos em pensar que essa vida humana momentânea é permanente.

Existem o Sol e a Lua no universo físico (*Bhuthakasa*). Existem inúmeros planetas e galáxias também. Além disso, também existem inúmeros seres vivos. Todo este mundo objetivo é apenas uma gota nesse universo físico (*Bhuthakasa*). Nessa vasta extensão do universo, a Terra está escondida em algum lugar em um canto. Nessa Terra existe um pequeno país. Nesse pequeno país, existe uma pequena região. Nessa pequena região, existe um pequeno distrito. Nesse pequeno distrito, existe um pequeno vilarejo. Nesse pequeno vilarejo existe uma pequena casa. Nessa

pequena casa, o seu corpo é um pequeno corpo vivo. Não é ridículo o seu pequeno corpo se encher de orgulho e ego, diante de uma extensão tão vasta deste universo?

Investigar a natureza do universo físico (*Bhuthakasa*) é como uma formiga tentando sondar as profundezas de um oceano. Estamos vivendo na natureza, que é momentânea, que muda constantemente. A pessoa que está tentando reconhecer a natureza do universo físico (*Bhuthakasa*) tem uma vida curta. O objeto que está sendo reconhecido também é perecível. A vida humana é impermanente. Ela é como uma miragem. O homem está iludido em fazer um esforço para matar sua sede nessa miragem. A miragem parece conter água, mas na verdade não há água nela. Da mesma forma, a natureza do universo físico (*Bhuthakasa*) é ilusória, criada pelo mundo objetivo. Esse universo físico (*Bhuthakasa*) existe como uma gota d'água no universo mental sutil (*Chiththakasa*). Assim como nosso corpo humano existe como uma entidade microscópica no universo físico (*Bhuthakasa*), este, por sua vez, existe como uma entidade microscópica no universo mental sutil (*Chiththakasa*). O universo físico (*Bhuthakasa*) é inerte (*Jada*). Esse universo físico inerte (*Bhuthakasa*) é permeado pela Divindade, que é a consciência interna.

Para reconhecer essa consciência interna, o universo físico (*Bhuthakasa*) pode ser tomado como base até certo ponto. No corpo (*Sareera*), existe o residente interno (*Sareeri*). A imagem que você vê em um espelho é, na verdade, o reflexo do objeto que está diante dele. O reflexo se move apenas se o objeto se mover, mas não pode se mover por si mesmo. Esse objeto (*Bimba*) é como o universo causal (*Chidakasa*), enquanto que o universo mental sutil (*Chiththakasa*) e o universo físico (*Bhuthakasa*) são como o espelho. Assim como a luz do Sol incide sobre a Lua e a ilumina, também a consciência do universo causal (*Chidakasa*) flui para o universo mental sutil (*Chiththakasa*) e para o universo físico (*Bhuthakasa*). Você não pode adornar a imagem, que não é nada além de um reflexo. Um pequeno exemplo. Você olha para sua própria imagem em um espelho e tenta colocar um ponto de *Kumkum* em seu rosto. Isso funciona, desde que o espelho não se mova. Se o espelho estiver trêmulo ou se movendo, você não poderá colocar o ponto de

Kumkum. Depois de terminar o trabalho de colocar o ponto de *Kumkum* no objeto, mesmo se você mover o espelho, o ponto não mudará sua posição.

Existe uma pequena história. Havia um pintor mundialmente famoso. Ele veio ver o Senhor Krishna na cidade de Dwaraka. Ele estava muito ansioso para pintar a forma do Senhor Krishna. Krishna sorriu alegremente para ele e disse, “Meu querido! Por que Eu deveria negar seu pedido? Tudo bem. Você pinta a pintura que quiser”. O pintor novamente pediu a Krishna, “Senhor! Se Você Se sentar diante de mim por pelo menos uma hora, eu poderei pintar Sua forma, primeiro um esboço e depois com cores”. Krishna concordou com o pedido e sentou-Se diante dele. O pintor primeiro fez um esboço de toda a pintura e disse a Krishna com reverências (*Pranams*) que Ele poderia agora retirar-se para Seu palácio. Krishna perguntou com um sorriso, “Quando você poderá trazer a pintura completa em todos os aspectos?” O pintor respondeu que ele iria trazê-la no dia seguinte no mesmo horário. Ele trabalhou muito durante toda a noite e completou a pintura. Ele estava muito feliz e satisfeito por ter corrido tudo bem. Portanto, ele cobriu a pintura com um pano bonito e macio, e a colocou diante de Krishna no dia seguinte na hora marcada. Mas, para sua completa surpresa, ele descobriu que não havia absolutamente nenhuma semelhança entre Krishna e a forma retratada na pintura. Incapaz de acreditar em seus próprios olhos, ele olhou para Krishna e para a pintura repetidas vezes. Mas a pintura não tinha nenhuma semelhança com o Senhor Krishna. Então, Krishna disse a ele, “O que é essa pintura! Existem vários defeitos nessa pintura”. O pintor concordou com essa observação de Krishna e prometeu trazer uma nova pintura no dia seguinte. Dez dias se passaram assim, mas ele não conseguia pintar a forma do Senhor Krishna adequadamente. Sentindo-se envergonhado e desgostoso, ele começou a voltar para casa. No caminho, o sábio Narada o abordou perguntando, “Meu filho! Por que você está parecendo tão abatido? Onde você está indo?” O pintor explicou a Narada tudo o que tinha acontecido. Então Narada disse a ele, “Deus é Aquele que assume a forma humana por esporte (*Lilamanusha Roopa*). Ele é o diretor da peça cósmica (*Natana Suthradhari*). Ele pregou muitas peças em você. Se você quiser se opor a esses

truques, faça o que eu disser". O pintor concordou em fazer tudo o que Narada o instruiu. Ele voltou ao Senhor Krishna e disse-lhe que havia trazido uma bela e nova pintura de Krishna. Assim dizendo, ele a ofereceu a Krishna. Quando a capa da pintura foi removida por Krishna, Ele não conseguiu encontrar nada além de um espelho limpo. Esse espelho limpo refletiu a forma do Senhor Krishna exatamente como ele apareceu. Está claro a partir desse exemplo que a imagem de Deus não pode ser retratada com pensamentos fugazes e pincéis e tintas impermanentes. É somente no espelho de um coração puro que Deus Se reflete.

Procurar realizar Deus nesse universo físico (*Bhuthakasa*) é uma mera ilusão. Tentar realizar o perecível (*Naswara*) e obter prazer dele também é um esforço perecível (*Naswara*). A natureza dos cinco elementos (*Pancha Bhuthas*) muda constantemente. É daí que vem o nome de universo físico (*Bhuthakasa*).

Um pequeno exemplo. Nós vamos ao templo para obter a visão (*Darshan*) do Senhor. Nós podemos ter passado por várias dificuldades e muito esforço físico para chegar àquele lugar sagrado. Portanto, nós entramos no templo com grande expectativa e devoção. Mas, no momento em que entramos no *Santum Sanctorum* e estamos face a face com a deidade, nós não olhamos para o ídolo. Ao invés disso, fechamos nossos olhos e tentamos visualizar Sua forma com nosso olho interno. Por quê? É porque os olhos externos podem olhar apenas para a forma externa. Mas a forma eterna e verdadeira da Divindade somente pode ser realizada com o olho interno. Portanto, a visão externa deve ser convertida em visão interna. É impossível visualizar a forma eterna da Divindade nesse universo físico (*Bhuthakasa*) sempre mutável e impermanente. Mas, também não é correto descartar o universo físico (*Bhuthakasa*) com o fundamento de que ele é perecível (*Naswara*).

Existem três estágios, a saber, ilusão na ilusão, ilusão na verdade, e verdade na verdade. A ilusão na ilusão é o objeto (*Bimba*) do universo físico (*Bhuthakasa*). A verdade é o universo causal (*Chidakasa*). Eu costumo dizer a vocês um aforismo,

qual seja, "Você não é uma pessoa, mas três pessoas. Aquela que você pensa que é. Aquela que os outros pensam que você é. E aquela que você realmente é". Nossa vida e as várias experiências que passamos nesta vida são todas ilusão na ilusão. A natureza e a forma do objeto (*Bimba*) e do reflexo (*Prathibimba*) do universo físico (*Bhuthakasa*), ambos são perecíveis (*Naswara*). Você segura um cubo de gelo na mão e quer que ele não derreta. Isso é impossível. A natureza do cubo de gelo é derreter gradualmente. Portanto, ao estudar a natureza do universo físico (*Bhuthakasa*), devemos também investigar a natureza do universo causal (*Chidakasa*) que permeia todo o universo físico (*Bhuthakasa*).

O denso está relacionado ao estado de vigília. Mas, também podemos visualizá-lo como algo sutil no estado de sonho. Como Eu disse antes, no universo denso, somos capazes de ver os objetos pela iluminação fornecida pelo Sol, pela Lua e pelo fogo. Também podemos ver vários objetos no estado de sonho. O que é que ilumina esses objetos? É óbvio que ali não existe nem o Sol, nem a Lua, nem o fogo. Ali existe apenas o reflexo do universo mental sutil (*Chiththakasa*) até certo ponto. Não podemos ver as estrelas durante o dia. Isso significa que não há estrelas durante o dia? Não, não. Há estrelas durante o dia também. Como a luz do Sol é forte durante o dia, não podemos ver as estrelas. Mas, durante a noite, quando a luz do Sol está ausente, as estrelas brilham. Assim como a velhice e a infância se misturam, o denso no sutil e o sutil no denso aparecem. Existe um terceiro espaço (*Akasa*), isto é, o universo causal (*Chidakasa*), além do universo físico (*Bhuthakasa*) e do universo mental sutil (*Chiththakasa*). Esse universo causal (*Chidakasa*) é o princípio eterno e imutável. Ele é o puro princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*). Ele é o *Brahman* supremo (*Parabrahma*). Ele é a luz suprema (*Param Jyothi*). Ele é a chama auto-refulgente (*Swayam Jyothi*). Por causa dessa chama auto-refulgente (*Swayam Jyothi*) que é o universo causal (*Chidakasa*), é que o universo mental sutil (*Chiththakasa*) e o universo físico (*Bhuthakasa*) são iluminados. Portanto, tendo isso em mente, devemos começar nossa jornada no universo físico (*Bhuthakasa*) e então prosseguir para o universo mental sutil

(*Chiththakasa*) e de lá devemos viajar para alcançar o universo causal (*Chidakasa*) e finalmente nos fundir nele.

Para simplificar, considere, por exemplo, as ondas do oceano. As ondas não são diferentes da água do oceano. Também há espuma sobre as ondas. A espuma não é diferente das ondas nem da água. Todos esses três, ou seja, o oceano, as ondas e a espuma são um e o mesmo. Em todos esses três, a água é o único ingrediente. A única coisa é que as ondas parecem diferentes do oceano, a espuma parece ser diferente das ondas e a água parece ser diferente tanto das ondas quanto da espuma. Semelhante é o caso com o universo físico (*Bhuthakasa*), o universo mental sutil (*Chiththakasa*), e o universo causal (*Chidakasa*). Devemos ser capazes de visualizar a forma integral desses três, ou seja, o universo físico (*Bhuthakasa*), o universo mental sutil (*Chiththakasa*), e o universo causal (*Chidakasa*), no mundo objetivo.

O estado de vigília é o universo físico (*Bhuthakasa*), o estado de sonho é o universo mental sutil (*Chiththakasa*), e os estados de sono profundo e de consciência do *Atma* (*Thuriya*) são o universo causal (*Chidakasa*). Mas, há uma diferença sutil aqui. O estado de sono profundo (*Sushupthi*) não é exatamente igual ao estado de consciência do *Atma* (*Thuriya*). O estado de sono profundo (*Sushupthi*) é um estado de sono profundo que não é nem um estado de vigília nem de sonho. A bem-aventurança (*Ananda*) que derivamos desse estado não é perceptível. Somos capazes de descrevê-la somente depois que chegamos ao estado de vigília. O quarto estado, o estado de consciência do *Atma* (*Thuriya*), é chamado de estado superconsciente. É somente nesse estado de consciência Divina que podemos experimentar imediatamente a bem-aventurança.

O que significa "*Samadhi*"? Algumas pessoas pensam que dormir é *Samadhi*. Alguns outros pensam que perder temporariamente a consciência corporal devido à contemplação de algo ou a alguma emoção é *Samadhi*. Alguns consideram que *Samadhi* é uma experiência em um estado que não é nem vigília nem sonho. Mas,

a experiência de *Samadhi* é a mesma em todos os três estados, a saber, vigília (*Jagrath*), sonho (*Swapna*) e sono profundo (*Sushupthi*). Na verdade, o significado da palavra "*Samadhi*" é evidente pela própria palavra. Dizemos que uma pessoa entrou em *Samadhi* enquanto falava. Isso não é *Samadhi*. Isso pode ser um ataque de emoção, histeria ou fraqueza. "*Samadhi*" significa desenvolver uma mente equânime (*Sama Chiththa*) mesmo durante o estado de vigília, mesmo enquanto a pessoa está consciente. Tratar a alegria e a tristeza, o prazer e a dor, os amigos e os inimigos, os ganhos e as perdas com a mesma equanimidade e alcançar um estágio em que não se fica nem exultante nem deprimido por conta desses opostos, esse estado é *Samadhi*. Para esclarecer ainda mais, uma pessoa deve estar constantemente em estado de bem-aventurança em todos os três espaços (*Akasas*), nomeadamente, o universo físico (*Bhuthakasa*), o universo mental sutil (*Chiththakasa*) e o universo causal (*Chidakasa*). Esse estado não está facilmente disponível para todos. Para alcançar esse estado, deve-se praticar intensa disciplina espiritual (*Sadhana*) e inquérito. Acima de tudo, é necessário obter a graça Divina.

A fim de obter a graça Divina, deve-se executar uma série de boas ações (*Karmas*). É por isso que, ao descrever as características de um sábio (*Sthithaprajna*), Krishna exortou Arjuna, "Oh! Arjuna! Não adianta depender apenas do corpo, da mente e do intelecto. Veja o bem. Faça o bem. Seja o bem. Somente então você será capaz de realizar a unidade, que é a Divindade. Realize a unidade na diversidade. Somente quando você for capaz de cultivar essas qualidades, você se tornará querido para Mim. A principal característica de um sábio (*Sthithaprajna*) é desenvolver uma mente firme e estável sob todas as circunstâncias. Todos os opostos (*Dwandwas*) mencionados acima são fenômenos naturais. Por que se preocupar com eles? Alguém ficará surpreso ao saber que o fogo tem o poder de queimar? Será que alguém lamenta por saber que o gelo é frio? Essa é a sua natureza. Da mesma forma, o poder de queimar é a natureza do fogo. Quando alguém reconhece essa verdade, ele não será exposto à felicidade ou à tristeza, o mínimo que seja. Portanto, cultive em todos os momentos e em todos os lugares uma mente equânime (*Sama Chiththa*)".

O que significa “*Savikalpa*” e “*Nirvikalpa*”? Aqueles que praticam *Yoga* atribuem algum significado a esses termos. *Savikalpa* é um estado onde existe resolução (*Sankalpa*) e negação (*Vikalpa*). *Nirvikalpa* é um estado que transcende a resolução (*Sankalpa*) e a negação (*Vikalpa*). Ele está além desses dois. *Nirvikalpa* é imutável e imóvel. Aquele estado que não sofre mudança (*Vikalpa*) é *Nirvikalpa*. Alcançar esse estado é a característica de um sábio (*Sthithaprajna*). Podemos ter uma dúvida aqui sobre se Arjuna estava em tal estado. Sri Krishna o conduziu a esse estado e o fez executar todas as ações (*Karmas*) estando nesse estado.

Se uma alma realizada (*Jnani*) se recusa a guiar, aqueles que tateiam na escuridão (*Ajnana*) não terão diante de si um ideal a seguir. Um pequeno exemplo. Existe um professor de ginástica. Sem dúvida, ele conhece todos os exercícios. Mas, quanto a isso, se ele simplesmente ficar sentado e deixar que as crianças aprendam os exercícios por elas mesmas, como isso é possível? Ele deve vir para o campo e começar a fazer os exercícios um a um, dizendo, “Um, dois, três, quatro”. Somente então os estudantes poderão aprendê-los, observando o professor. Da mesma forma, um sábio (*Sthithaprajna*) deve ser um exemplo a ser seguido pelos outros. Krishna fez de Arjuna uma pessoa ideal. Esse é o significado interno de Sua exortação a Arjuna, “Torne-se um instrumento em Minhas mãos. Através de você, Eu estabelecerei um ideal para o mundo inteiro” (*Nimiththa Maathram Bhava Savyasaachin*).

Arjuna estava constantemente na companhia de Krishna. Ele era dotado de um coração puro. É por isso que ele adquiriu o nome de Arjuna. Arjuna também foi referido como “*Bharatha*”, por Krishna. Aquele que é devotado a Deus é *Bharatha*. “*Bha*” significa refulgência (*Prakasa*). Aquele que irradia essa refulgência é *Bharatha*. Assim, todos os nomes de Arjuna são significativos.

Arjuna obedeceu aos comandos de Krishna, seguiu Seus ensinamentos e se rendeu completamente a Ele, no final, dizendo, “Eu agirei de acordo com os Seus

comandos” (*Karishye Vachanam Thava*). Ele disse a Krishna, “Swami! Eu farei o que Você disser. Somente esse é o caminho traçado para mim”. Esse tipo de entrega é a principal característica de um sábio (*Sthithaprajna*). Para tal pessoa, não existem sentimentos de “eu” e “meu”. Não há orgulho nem ego nele. Destruir o ego (*Ahamkara*) e o apego (*Mamakara*) e obedecer ao comando Divino é a característica de um sábio (*Sthithaprajna*). É por isso que Sri Krishna se deteve sobre as características de um sábio (*Sthithaprajna*). Não apenas isso, Ele também explicou sobre o universo físico (*Bhuthakasa*), o universo mental sutil (*Chiththakasa*) e o universo causal (*Chidakasa*). Visto que Arjuna era capaz de compreender bem e captar a essência desses conceitos, ele podia experimentá-los.

Qual é a manifestação da energia Divina (*Sakthiswarupa*)? É o universo físico (*Bhuthakasa*), o universo mental sutil (*Chiththakasa*), e o universo causal (*Chidakasa*). Sri Krishna estabeleceu a unidade desses três espaços (*Akasas*). Ele concedeu a visão Divina a Arjuna para testemunhar Sua forma cósmica. Mesmo depois de retomar Seu estado normal, quando Arjuna fechava os olhos, essa forma cósmica de Sri Krishna continuava a aparecer diante dele. Onde quer que ele fosse e em qualquer estado em que ele estivesse, essa visão Divina da forma cósmica do Senhor Krishna permanecia impressa no coração de Arjuna. Isso é o universo causal (*Chidakasa*). Isso nunca pode ser apagado. É como um material impresso em um papel. Mesmo se o papel estiver rasgado, a impressão não será apagada. A forma cósmica de Sri Krishna causou uma impressão indelével na mente (*Chiththa*) de Arjuna. Arjuna esteve engajado em várias atividades, mas sua mente (*Chiththa*) sempre permaneceu firmemente fixada nos pés de lótus de Sri Krishna e em Seu Divino comando. Foi assim que Arjuna se tornou um nobre exemplo de sábio (*Sthithaprajna*) para todos os tempos que viriam. Quais ações (*Karmas*) devem ser executadas por um sábio (*Sthithaprajna*), discutiremos amanhã.

Prasanthi Nilayam, 28 de Agosto de 1984.

23

Esforce-se para Alcançar o Amor de Deus

"O *Atma* não nasce e não morre jamais" (*Na Jaayathe Mriyathe Vaa Kadaachith*). Essa é a essência do caminho do conhecimento (*Sankhya Yoga*), o segundo capítulo da *Bhagavad Gita*. Aquilo que nasce também morre. Os seis processos de mudança (*Shadvikara*) que o corpo sofre, ou seja, originar-se, existir, crescer, alterar-se, declinar e ser destruído, são para aquilo que tem nascimento e morte. Quando não existe nenhum nascimento, onde está a questão dos seis processos de mudança (*Shadvikara*)? O *Atma* não tem nascimento nem morte e, portanto, os efeitos dos seis processos de mudança (*Shadvikara*) não afetam o *Atma*. Ele é imutável (*Nirvikara*) e eterno. Ele é sem nascimento e sem morte (*Na Jaayathe Na Mriyathe*). Ele é o Ser sem atributos, sem defeitos, eterno, a morada da Divindade, sempre puro, iluminado, livre e imaculado (*Nirgunam Niranjanam Sanathanam Niketanam Nithyasuddha Bhuddha Muktha Nirmala Swaroopinam*). Essa é a natureza do *Atma*. O residente interno (*Dehi*) não é afetado por doenças (*Niramaya*). Deve-se fazer um esforço sincero para realizar esse *Atma*.

Foi dito, "*Na Kaanksho Yena Kenachith*". Isso significa que não devemos multiplicar nossos desejos. O contentamento é uma grande virtude. Conforme já foi explicado no décimo segundo capítulo da *Bhagavad Gita* (*Bhakti Yoga*), somente aquele que possui todas as virtudes ali enumeradas é um verdadeiro devoto (*Bhakta*). Essa pessoa é muito querida por Deus. Somente ela merece ser chamada de ser humano (*Nara*). O Senhor Krishna declara que, entre essas virtudes, a ausência de desejos é a principal virtude.

Apesar de possuir riqueza e prosperidade e desfrutar de felicidade e prazeres, o homem ainda anseia por algo mais. Ele nunca está contente com o que tem. Esse sentimento de insuficiência e desejo por mais não deveria estar presente em um ser humano. Ele terá paz somente quando se sentir feliz e contente com o que tem. Um

coração que não tem contentamento é como uma cesta feita de rachas de bambu. Quando você tenta tirar água de um poço com essa cesta, quando a cesta alcançar o topo do poço, nem uma gota de água restará nela. Da mesma forma, um coração que está cheio de desejos, não será capaz de proporcionar paz e satisfação a uma pessoa. Ela levará uma vida de insatisfação o tempo todo. Uma pessoa que não tem dinheiro desenvolverá a esperança de levar uma vida feliz, se receber pelo menos cem rúpias. Depois de receber essas cem rúpias, ela novamente desenvolverá o desejo de ganhar mil rúpias. Se ela receber mil rúpias, ela desejará ganhar cem mil rúpias. Ela não ficará satisfeita mesmo depois de ganhar cem mil rúpias. Ela desejará agora se tornar um aristocrata (*Jamindar*). Então ela desejará se tornar um rei (*Maharaja*). Finalmente, ela desejará se tornar o próprio Deus. Mas, a Divindade não é alguma coisa que possa ser alcançada através das riquezas. Assim, quando os desejos do homem se tornam ilimitados, ele estará sujeito à ausência de paz (*Ashanthi*). O homem deve descobrir um meio pelo qual ele ficará contente com a riqueza e prosperidade que ele tenha adquirido, com a felicidade e os prazeres que ele tenha alcançado, com a graça de Deus.

Todos podem dizer que Deus é grande. Isso não é importante. Você deve receber a aprovação de Deus de que você é grande. Todo mundo ama a Deus. Não há nada incomum e significativo nisso. Você deve receber uma indicação de que Ele também ama você. Você diz, “Deus é meu”. Juntamente com isso você deve receber de Deus o reconhecimento, “Você é Meu”. Isso é o mais importante. Você envia uma carta registrada para alguém. Em troca, você deve receber uma confirmação do destinatário de que ele recebeu sua carta registrada. Somente então o propósito de enviar uma carta registrada será atendido. Não é suficiente se você simplesmente afirmar que Deus é grande, que você O ama e que Ele é seu. Deus também deve reconhecer que você é grande, que você pertence a Ele e que você é querido por Ele. Esse é o fruto eterno da sua disciplina espiritual (*Sadhana*). Se você não obtiver esse fruto, toda a sua disciplina espiritual (*Sadhana*) será um desperdício.

Arjuna é o único indivíduo que adquiriu esse mérito. Ele podia ter vários desejos, várias aspirações. Mas ele renunciou a todos os seus desejos e se entregou totalmente ao Senhor Krishna. Deus é nosso destino, nosso mérito, nossa meta e tudo para nós. Hoje em dia, se uma pessoa quiser viajar para o exterior, ela precisa ter duas coisas, a saber, um passaporte e um visto. Ela pode ser uma pessoa muito instruída e rica. Ela pode ser um aristocrata (*Jamindar*) ou um líder político com muitos seguidores. Ela pode ser qualquer coisa. Mas ela não poderá viajar para o exterior sem passaporte e visto. Da mesma forma, a fim de entrar no reino da liberação (*Moksha*), você deve ter o visto da graça de Deus reconhecendo você como pertencendo a Ele. Não somente isso. Você também deve ter o passaporte de suas boas qualidades (*Sadgunas*). Esses dois darão a você o direito de entrar no reino da liberação (*Moksha*). O Senhor Krishna explicou que um aspirante espiritual (*Sadhaka*) deve possuir várias boas qualidades (*Sadgunas*), conforme mencionado no décimo segundo capítulo da *Bhagavad Gita* (*Bhakti Yoga*). Mesmo se uma única dessas boas qualidades (*Sadgunas*) for possuída por ele, ele é elegível para obter Sua graça.

Entre essas boas qualidades (*Sadgunas*), o contentamento (*Santhushti*) é a mais importante. Sem contentamento, não pode haver paz e felicidade para um indivíduo. Eu costumo dizer o seguinte, “Quem é o maior entre os homens no mundo? Aquele que possui contentamento é o maior entre os homens”. Nós devemos cultivar essa qualidade. Nós não devemos nos perder pelo desejo de riqueza e prosperidade, paz, felicidade e poder, que são momentâneos e perecíveis. Certamente, podemos desfrutar de prazer e felicidade na medida do possível, mas não devemos nos perder por isso. Enquanto tivermos conexão com os cinco elementos da natureza, temos que proteger o nosso corpo, que é constituído dos cinco elementos. Mas não devemos nos perder nessa busca. Não devemos dedicar nossa vida apenas para esse propósito.

Um pequeno exemplo. Uma vez, havia um milionário. Ele viajou por todo o mundo. Por fim, ele decidiu construir uma bela mansão tal qual ninguém nunca

tinha visto ou ouvido falar. Ele estava preparado para gastar milhões de rúpias para esse propósito. Ele trouxe engenheiros e arquitetos mundialmente famosos para construir essa mansão. Com a ajuda deles, ele conseguiu construir uma bela mansão, a mais conveniente, atraente e inspiradora para os visitantes. Ele fez os preparativos para a sua inauguração. Antes disso, ele chamou alguns consultores e arquitetos (*Vaasthu*) para descobrir se havia algum defeito na edificação. Ele também convidou alguns *Yogis* e ascetas (*Sadhus*). Ele convidou especialmente alguns grandes sábios (*Maharishis*), para buscar suas bênçãos. Ele tomou providências para a estadia confortável de todas essas pessoas. Ele organizou uma conferência dessa galáxia de convidados e de mãos postas pediu-lhes que apontassem livremente quaisquer defeitos na construção dessa mansão. Os engenheiros, arquitetos e consultores disseram em uníssono, "Quem pode apontar algum defeito nesse edifício? Não há defeitos de forma alguma, Senhor! Essa é a mansão mais bela já construída até agora, sem dúvida!"

Nesse ínterim, um *Yogi* sentado em um canto se aproximou do milionário e disse, "Senhor! Existem dois defeitos nesse edifício". Todos os participantes da conferência ficaram surpresos com essa afirmação e sentiram que ainda não tinham sido capazes de encontrar nenhum defeito na construção. Na verdade, eles estavam muito ansiosos para saber quais eram esses defeitos. O milionário, em seguida, pediu ao *Yogi* com as mãos postas para apontar os defeitos, para que ele pudesse providenciar sua correção. O *Yogi* respondeu a esse pedido dizendo, "Oh! Milionário! Você não pode corrigir esses defeitos. Essa mansão irá, em algum futuro distante, desabar algum dia. Esse é o primeiro defeito. O segundo defeito é que o dono dessa bela mansão um dia terá que deixar este mundo e ir embora. A morte é certa para ele. Incapaz de reconhecer essa verdade, você se enche de orgulho por ter construído essa mansão incomparável".

A posição do indivíduo que esquece a inevitabilidade da morte e acredita que os objetos de prazer são eternos, será justamente essa. Somente aquele que mantiver o eterno princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*) em vista, é que desfrutará de paz e

felicidade duradouras. Essa mansão do *Atma* (*Atma Soudha*) é a mais bela mansão. Não há mansão maior ou mais bela neste mundo.

Mantendo em vista o fato de que todos os objetos neste mundo fugaz, bem como os prazeres que derivamos desses objetos, são de natureza perecível, e mantendo nossa meta firmemente fixada no princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*), que é o único que é eterno, devemos decidir sobre a natureza da nossa prática espiritual (*Sadhana*). Baseando-se somente nesse princípio, Sri Krishna exortou Arjuna, “Oh! Arjuna! Você está sob a impressão de que você é aquele que irá matar e que todos esses amigos, parentes e exércitos são aqueles que serão mortos. Esse é um sério equívoco. Esse é um sentimento relacionado ao não-Ser (*Anatma Bhava*). Você é eterno (*Saswatha*). Sua natureza não está associada à morte. Da mesma forma, o princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*) nos outros também é eterno e imperecível. O *Atma* não nasce nem está sujeito à morte. Quando você se lembra dessa verdade, não há espaço para dúvidas. Tanto você quanto os outros não matarão nem serão mortos. O princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*) em cada ser vivo é sempre verdadeiro e eterno. Reconheça essa verdade. Enquanto você estiver vivo, você deve cumprir o seu dever. Isso é o mais essencial”.

Antes disso, em seu estado de desânimo, Arjuna disse a Krishna, “Não desejo a vitória ou o reino” (*Na Kaankshe Vijayam Na Cha Raajyam*). Krishna então o questionou, “Você tem certeza de que está dizendo essas palavras com toda sinceridade e verdade? Ou você as está dizendo por medo de lutar a batalha? Se você está realmente dizendo essas palavras com uma firme convicção nascida da compreensão do princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*), então tudo bem. Mas, suas palavras não refletem essa convicção. Em vez disso, elas revelam sua fraqueza e timidez para lutar contra aqueles a quem você considera seus parentes e amigos. Quando você realmente tiver reconhecido a natureza verdadeira e eterna do princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*), nenhum pecado ou culpa de qualquer natureza irá jamais recair sobre você por lutar essa guerra”.

Todos gostam de repetir a frase, “Você não mata ninguém nem é morto por ninguém”. Mas, quantos estão preparados para ver essa frase traduzida em ação? Talvez ninguém. Uma vez, havia um assassino cruel, que matava vários seres vivos, inclusive seres humanos. Matar quem quer que encontrasse no caminho e roubar seus objetos de valor era o seu trabalho. Finalmente, ele recebeu a pena capital de morte por enforcamento, pelo mais alto tribunal do país. Ele estava ciente de sua sentença. Um dia, ele foi ao tribunal, levando a *Bhagavad Gita* no bolso. O juiz informou que ele seria enforcado no dia seguinte. Ele perguntou, “Por conta de quê?” O juiz respondeu que ele seria enforcado por ter assassinado tal e tal pessoa. Imediatamente, ele sacou a *Bhagavad Gita* do bolso e disse ao juiz, “Senhor! Eu não sou aquele que mata nem ele é aquele que é morto. A *Bhagavad Gita* é a autoridade para essa verdade. Como você pode rejeitar as palavras ditas pelo próprio Deus diretamente?” O juiz era igualmente perspicaz. Ele era bem versado em lidar com esses argumentos que utilizam jogos de palavras. Ele então respondeu, “Meu querido! É verdade que você não é aquele que mata, nem ele é aquele que é morto. Porém, nessa sentença que acabei de proferir, eu também não sou aquele que mata, nem você é aquele que é morto. Portanto, espere até amanhã para encontrar o seu inevitável destino. Agora, eu estou indo”.

Não é adequado que façamos uso das grandes verdades espirituais ensinadas na *Bhagavad Gita*, para nossos objetivos estreitos e egoístas. Realizando o princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*), devemos estar preparados para enfrentar essa verdade. A *Bhagavad Gita* foi ensinada não somente para Arjuna, mas para todos os seres humanos nascidos nesta Terra. Mantendo Arjuna simplesmente como um instrumento (*Nimiththa Maathra*), Sri Krishna ensinou a *Bhagavad Gita* para toda a humanidade. Arjuna era somente um representante da humanidade. Tudo o que foi ensinado a ele se aplica igualmente a todos os outros seres humanos. Portanto, todo ser humano deve se esforçar para reduzir seus desejos gradativamente, realizar o princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*) por um processo de investigação e levar uma vida feliz e pacífica.

Os seres humanos comuns, bem como os devotos que são aspirantes espirituais (*Sadhakas*), devem, em primeiro lugar, fazer um esforço para conhecer a metodologia que devem adotar em sua vida diária, com base nos ensinamentos da *Bhagavad Gita*. O que é a verdade e quais são as qualidades que eles devem cultivar para realizar essa verdade, esses aspectos devem ser examinados.

Não podemos experimentar a essência da *Bhagavad Gita* simplesmente memorizando e cantando os 700 versos (*Slokas*) contidos nela. O que é de suma importância é saber como devemos cumprir nossas tarefas em nossa vida diária e quais qualidades devemos desenvolver. Essas coisas precisam ser aprendidas primeiro. Você deve cultivar as boas qualidades de um verdadeiro devoto (*Bhaktha*), conforme listadas no décimo segundo capítulo da *Bhagavad Gita* (*Bhakti Yoga*). Por meio dessas boas qualidades, você deve tentar alcançar a sua meta e santificar a sua vida. Você deve fazer um esforço para compreender o princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*). Em primeiro lugar, você deve tentar controlar seus desejos de maneira gradual. Você deve fazer um esforço para obter o Amor e o reconhecimento de Deus. Não é suficiente se você ama a Deus. Você também deve se esforçar para se assegurar de que o Amor de Deus flua para você. Não adianta você clamar, “Oh! Deus! Você é meu”. Você deve ser capaz de ouvir Sua voz Divina, Seu reconhecimento e Sua garantia de que você realmente pertence a Ele. É para isso que devemos nos esforçar. Para isso, você deve cultivar boas qualidades. Sobre elas, nós discutiremos a partir de amanhã.

Prasanthi Nilayam, 4 de Setembro de 1984.

24

Tolerância - Uma Qualidade Nobre

“Tolerância é a verdade das pessoas justas. Tolerância é sacrifício, e sacrifício é tolerância” (*Kshamaa Sathyam Sathyavathaam Kshamaa Yajnah Kshamaa Samah*). O esplendor dos refulgentes é tolerância. Tolerância é o *Brahman* que os ascetas (*Thapasvins*) desejam alcançar.

Tolerância é verdade,
Tolerância é justiça,
Tolerância é o Veda,
Tolerância é não-violência,
Tolerância é o verdadeiro caminho,
Tolerância é felicidade,
Tolerância é compaixão,
Tolerância é a base de tudo.

As qualidades mais importantes que um ser humano deve cultivar nesta vida são paciência e tolerância. Não é possível para todos os indivíduos realizar o princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*), que é a verdade eterna e que é infinito, indivisível e indestrutível. As pessoas que pensam que o *Atma* não é eterno e que o corpo é permanente não podem compreender o princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*). As pessoas que se identificam com o corpo (*Dehatma Bhava*) não podem compreender o supremo princípio do *Atma* (*Paramatma Thathwa*). O princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*) pode ser ensinado e discutido de várias maneiras. Mas, é somente pela adoção de certas práticas (*Abhyasa*) e disciplinas (*Sadhana*) na vida diária que a verdade eterna, que é o *Atma*, pode ser realizada. Quem nunca experimentou a doçura do açúcar também não pode compreendê-lo. Somente aquele que experimentou o sabor do açúcar pode compreender sua doçura. Somente quando experimentarmos as qualidades Divinas e os sentimentos Divinos

em nossa vida diária por meio de certas práticas (*Abhyasa*), seremos capazes de compreender a natureza do *Atma* imutável e eterno.

Eu tenho dito a vocês muitas vezes que a eliminação da imoralidade é o único caminho para a imortalidade (*Amrthathwa*). Quando o homem é capaz de remover suas fraquezas, tais como a raiva, a inveja, o ciúme, o orgulho, etc., ele pode compreender a verdade sobre a imortalidade. Somente quando colocarmos em prática pelo menos algumas das qualidades mencionadas no décimo segundo capítulo da *Bhagavad Gita* (*Bhakti Yoga*), é que será possível compreendermos a natureza do princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*), pelo menos até certo ponto. Entre essas qualidades, a paciência e a tolerância são as qualidades mais nobres e importantes de um devoto. Não é possível adquiri-las pelo estudo das escrituras. Elas não vêm pelos ensinamentos de um *Guru*. Elas não podem ser compradas no mercado. Elas devem ser adquiridas seguindo sistematicamente certas práticas (*Abhyasa*) e disciplinas (*Sadhana*). Manter a paciência em tempos de dificuldades, tristezas, perdas, escândalos e palavras ásperas é como uma prova. É somente nessas horas que devemos desenvolver nossa paciência e fortaleza. Existe uma fraqueza que está oculta no homem. Ela se manifesta exatamente nessas horas. Essa fraqueza é o ódio (*Dwesha*). Precisamos necessariamente manter nossa paciência durante esses momentos de fraqueza. Sem paciência, seremos expostos a vários tipos de agitações e ansiedades. Poderemos até recair em certas práticas indesejáveis nessas ocasiões.

Devemos reconhecer a importância da paciência e tentar cultivá-la. Podemos adquirir muito poder e capacidade lutando tenazmente. Mas, se perdermos a paciência, poderemos perdê-los também. Existem várias pessoas importantes que adquiriram vastos poderes por meio de suas penitências (*Thapas*). Mas elas perderam esses poderes devido à falta de paciência. O motivo de vários reis terem perdido seus reinos foi a falta de paciência. Vários estudiosos têm se arruinado por essa mesma razão. A paciência é a joia suprema do ser humano. Por perder essa joia suprema, que é o próprio alento vital de um ser humano, ele se expõe a vários

sofrimentos e dificuldades. A paciência é uma qualidade humana. Se essa qualidade não é cultivada, o homem perde sua própria natureza humana. Essa grande qualidade deve ser cultivada por meio de práticas rigorosas. A paciência é como um escudo para o homem, para proteger a si mesmo. Quem empunhar esse escudo não estará sujeito a qualquer tipo de sofrimento ou dificuldade.

Não é algo grandioso,
Ajudar aquele que ajuda você.
Grandioso é ajudar,
Mesmo aqueles que prejudicaram você,
Sem levar em conta suas faltas.
Essa pessoa é realmente uma pessoa refinada,
Oh! Alma nobre!

Mesmo se os outros lançarem calúnias sobre nós, nos ridicularizarem, disserem palavras duras e nos insultarem de várias maneiras, nós não devemos perder a paciência. Nós não perdemos nada se os outros nos ridicularizam ou criticam. Mas perderemos tudo se nos tornarmos fracos e perdermos nossa paciência. No entanto, devemos usar essa qualidade de tolerância (*Kshama*) com muito cuidado em certas ocasiões.

As árvores, os rios e as vacas são muito úteis para o sustento dos seres vivos. Especialmente, os seres humanos são muito dependentes deles para sua sobrevivência. Por mais que as árvores sejam prejudicadas ao cortarem seus galhos repetidamente, elas fornecem sombra fresca e doces frutos para a própria pessoa que as prejudica. Da mesma forma, os rios também fornecem água doce para os seres humanos para o próprio sustento de suas vidas, embora eles não se importem em expressar sua gratidão por esse grande ato. A água é a própria vida dos seres vivos. Mesmo que o homem faça mau uso dessa água que sustenta a vida, os rios não mudam em nada a sua natureza, mas continuam a servir aos seres humanos. Agora, sobre as vacas. Mesmo negando leite para a sua própria descendência, elas

fornecem o leite doce aos seres humanos e os rejuvenecem. Mesmo se você ferir e prejudicar essas vacas de muitas maneiras, elas continuarão a fornecer o leite doce. Elas ajudam os próprios seres humanos que as ferem. Mas, uma palavra de cautela. A qualidade da tolerância deve ser usada de acordo com as circunstâncias e com discernimento.

A maioria de nós conhece a história da Índia. Mohammed Ghori causou grande dano à vida e ao reino do rei Prithviraj. Ele invadiu seu reino várias vezes e saqueou tudo o que era valioso. Além disso, Mohammed Ghori também roubou propriedades valiosas dos cidadãos e os colocou em grandes dificuldades. Apesar de tudo isso, o rei Prithviraj perdoou Mohammed Ghori e o mandou de volta ileso, toda vez que ele foi capturado. Prithviraj era um homem de qualidades nobres, a principal delas era "dar e perdoar". Mas, Mohammed Ghori foi ingrato e novamente invadiu seu reino. Ele finalmente conseguiu vencer Prithviraj por meio de traição, e o capturou e arrancou seus olhos. Jamais devemos adotar uma política de tolerância contra essas pessoas venenosas. Elas são como cobras. Há um ditado Télugo que diz que é perigoso molhar um cacto ou oferecer leite a uma cobra. Nós jamais devemos fazer uso dessa grande qualidade de tolerância ao lidar com pessoas ingratas. Portanto, essas qualidades de paciência e tolerância devem ser usadas com discernimento.

A paciência é de grande ajuda na busca espiritual. Havia doze discípulos importantes ao redor de Jesus Cristo. Jesus costumava tratá-los com muito Amor, provê-los de comida e protegê-los em todos os momentos, acreditando que eles eram seus verdadeiros seguidores. Mas, um entre eles, a saber, Judas, cedeu à tentação do dinheiro e cometeu traição contra seu próprio *Guru*. Jesus perdoou até mesmo uma pessoa tão ingrata e traiçoeira.

Devemos fazer uso de nossa paciência com a devida consideração ao tempo e às circunstâncias. Nós muitas vezes nos deparamos com várias situações neste mundo, onde o prejuízo é repetidamente causado exatamente àqueles que ajudam

os outros. Também vemos pessoas perdendo a paciência em tais situações. Agora, surge a pergunta, em que circunstâncias se justifica a perda da paciência? Quais seriam as consequências de tais situações? Em certos casos, seria perigoso manter a paciência total. No entanto, em alguns outros casos, a pressa também levará ao perigo. Há dois ditados, “A pressa causa desperdício” e “Pela demora, até o néctar se torna veneno”. Essas duas declarações parecem ser contraditórias uma com a outra. Em tais circunstâncias, devemos usar nosso discernimento. Suponha que haja um paciente em seus últimos momentos. Aqui, se você levar em consideração a afirmação de que “A pressa causa desperdício” e fizer o tratamento com calma, o paciente morrerá. Aqui a afirmação que devemos seguir é “Pela demora, até o néctar se torna veneno”. Você não deve retardar o tratamento do paciente, nem mesmo por um minuto.

Em certas circunstâncias, não há nada de errado em perdermos a paciência para denunciar o mal, a crueldade e o caminho errado. Em tais circunstâncias, pode ser necessário levantar nossa voz e denunciar essas coisas más, com todo o poder ao nosso dispor. Apenas porque levantamos nossa voz, não precisamos sentir que perdemos a paciência. Mesmo depois de levantar a voz, é possível manter a paciência e a pureza de coração. É dito “*Sathyam Sathyavathaam*”, que significa que a verdade é a verdadeira paciência e tolerância para aqueles que trilham o caminho da verdade. Sem nos desviarmos do caminho da verdade, nós ainda podemos aderir à verdade levantando nossa voz.

Todos vocês sabem sobre Aswaththama no *Mahabharata*. Ele jurou matar os Pandavas antes do amanhecer do dia seguinte. Já era meia-noite e ele não conseguia chegar aos Pandavas. Sri Krishna, que tinha ouvido sobre o voto de Aswaththama, fazia todos os arranjos para a proteção dos Pandavas. Krishna elaborou um plano para salvar os Pandavas com a ajuda de Durvasa. O sábio Durvasa sempre aderiu à verdade. Ele era de temperamento irritado, sem dúvida, mas ele nunca mentia. Mesmo sua raiva ajudava em certas circunstâncias. Krishna foi até o sábio Durvasa. Ele se sentiu muito feliz ao ver o Senhor Krishna e

perguntou o motivo de Sua visita. Krishna disse a ele que Ele precisava de sua ajuda naquele dia. Durvasa sentiu-se muito feliz e também orgulhoso de que o Senhor e protetor de todo o universo em pessoa tivesse vindo até ele para pedir sua ajuda. Portanto, ele imediatamente prometeu estender qualquer ajuda de que Krishna precisasse. Ele ainda disse a Krishna que ele era sincero com respeito a seus votos e que ele não iria mentir. Krishna respondeu que Ele era igualmente sincero e que também não esperava que ele falasse uma mentira. Ele disse que Sua própria encarnação havia sido para defender a verdade e a justiça. O que Ele queria era que Durvasa mudasse ligeiramente seu tom de voz quando fosse abordado por Aswaththama para revelar o paradeiro dos Pandavas. Isso era tudo! Durvasa concordou com isso e pediu a Krishna que revelasse o plano, para que ele pudesse agir exatamente de acordo com isso. Então, Krishna disse a Durvasa para cavar um buraco para acomodar cinco pessoas. Ele instruiu os cinco Pandavas a sentarem-se no buraco e depois pediu a Durvasa para cobrir o buraco com lajes de pedra. Sobre essa cobertura, Krishna colocou uma cadeira e pediu a Durvasa que se sentasse naquela cadeira. Ele ainda aconselhou Durvasa de que ele deveria dizer somente a verdade quando Aswaththama viesse ali e indagasse sobre o paradeiro dos Pandavas. A única instrução era que Durvasa deveria falar em um tom diferente, ou seja, levantando um pouco a voz. Conforme predito por Krishna, Aswaththama chegou e perguntou a Durvasa, “Swami! Você é aquele que conhece o passado, o presente e o futuro (*Trikaalajna*). Você sabe onde os Pandavas estão se escondendo. Meu tempo está se esgotando. Por favor, diga-me onde estão os Pandavas. Durvasa então respondeu em um tom alto e zangado (Para que Krishna pudesse ouvir), “Os Pandavas? Oh! Eles estão debaixo dos meus pés!” Quando Aswaththama ouviu essa resposta, ele ficou com muito medo de ter causado raiva em Durvasa. Sentindo a alteração de humor de Durvasa, ele ofereceu reverências (*Pranams*) a ele e imediatamente deixou aquele lugar. Assim, Durvasa disse a verdade. Ainda assim, ele salvou a vida dos Pandavas, de acordo com as instruções do Senhor Krishna. Isso foi para um propósito maior.

Tolerância! Tolerância! Tolerância! Uma qualidade nobre, sem dúvida. Mas, adotar essa qualidade nobre em todos os momentos e em todas as circunstâncias pode levar a situações perigosas. Devemos manter a paciência e a tolerância na disciplina espiritual (*Sadhana*), enquanto executamos ações nobres e antes de acusar os outros. Com paciência e tolerância, devemos remover todos os obstáculos que surgem em nosso caminho em nossa busca espiritual e na realização do princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*). É nesse esforço que devemos fazer uso dessas nobres qualidades de paciência e tolerância. Devemos tratar isso como um momento de teste para nós. A paciência é o passo mais importante para os aspirantes espirituais (*Sadhakas*). Para alcançar a virtude da paciência, duas práticas são mais importantes, nomeadamente, remover o ódio e libertar-se da inveja. Quando o ódio e a inveja o cercam, você perde a paciência. Amanhã discutiremos sobre o ódio e a inveja com maiores detalhes.

Prasanthi Nilayam, 5 de Setembro de 1984.

25

A Morte é Melhor que a Escuridão da Ignorância

“O residente interno permeia todas as coisas. Ele reside como o residente interno em todos os seres vivos” (*Sarvathra Sarvaani Bhuthaani Dehi*).

O corpo (*Deha*) é impermanente e perecível. O residente interno (*Dehi*) no corpo é permanente e eterno. O residente interno (*Dehi*) não é assim chamado simplesmente porque reside no corpo. Toda a forma cósmica do universo é o corpo (*Deha*) do residente interno (*Dehi*). O *Atma* chamado residente interno (*Dehi*) reside permanentemente no corpo (*Deha*) do universo. É por isso que se diz, “O princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*), que é real, imutável e eterno, é chamado de residente interno (*Dehi*)” (*Deho Devaalaya Proktho Jivo Devah Sanaathanah*).

Para reconhecer esse residente interno (*Dehi*), as escrituras (*Sasthras*) são a autoridade. Mas, a mera autoridade das escrituras não é suficiente. O estudo das escrituras, por si mesmo, não capacitará alguém a realizar o residente interno (*Dehi*). Com base na autoridade das escrituras, deve-se alcançar isso por esforço próprio e disciplina espiritual (*Sadhana*). Os *Vedas*, as *Upanishads*, as escrituras, as lendas e os épicos são todos placas de sinalização apenas. Elas apenas mostrarão a direção em que você deve caminhar no caminho espiritual. Mas elas não podem conduzir você à sua meta. É preciso fazer a jornada por conta própria, para alcançar a sua meta. A *Bhagavad Gita* explicou tudo sobre a jornada da vida e sua meta. A busca começa com a exortação de Sri Krishna no décimo primeiro verso (*Sloka*) do segundo capítulo, “Oh! Arjuna! Você lamenta por aqueles que não deveriam ser lamentados” (*Asochyaan Anva Sochasthwam*). Quando Arjuna afundou em sério desânimo e tristeza, Krishna o advertiu de que não era apropriado afundar em tristeza por coisas que não valiam a pena, que eram transitórias e impermanentes.

Cada objeto neste mundo possui cinco qualidades, a saber, existência (*Asthi*), consciência (*Bhaathi*), bem-aventurança (*Priyam*), forma (*Roopam*) e nome (*Naamam*). Os três primeiros, a saber, existência (*Asthi*), consciência (*Bhaathi*) e bem-aventurança (*Priyam*), também são denominados *Sath*, *Chith* e *Ananda*. Eles são verdadeiros, eternos e Divinos. Eles não têm nascimento nem morte. É por isso que eles são considerados como sendo os atributos da Divindade. Por outro lado, os dois últimos, a saber, forma (*Roopam*) e nome (*Naamam*), são apenas imaginários. Essas formas e nomes imaginários podem vir e ir por sua própria vontade. Eles são como nossos parentes, que vêm e vão quando querem. Eles não são residentes permanentes. Semelhante é o caso da felicidade e da tristeza, que também são transitórias. Um dia ou outro elas têm que ir, elas têm que mudar, elas têm que morrer. Portanto, não é apropriado lamentar por tais coisas, disse Krishna a Arjuna.

O Senhor Krishna enumerou as qualidades de um verdadeiro devoto (*Bhaktha*) no décimo segundo capítulo da *Bhagavad Gita* (*Bhakti Yoga*). Ele declarou ainda, “Aquele que possui essas qualidades é muito querido por Mim” (*Bhaktimaan Mey Priyo Narah*). Nem é necessário nem é possível possuir todas as qualidades enumeradas pelo Senhor Krishna. Considere, por exemplo, uma caixa de fósforos. Haverá vários palitos de fósforo na caixa de fósforos. Se você quiser fazer fogo, não é preciso acender todos os palitos de fósforo. Você pode acender um palito e produzir qualquer quantidade de fogo. Da mesma forma, desenvolvendo algumas das principais qualidades mencionadas no décimo segundo capítulo da *Bhagavad Gita* (*Bhakti Yoga*), você pode começar sua jornada espiritual para alcançar o princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*).

Ontem, nós discutimos sobre a paciência e a tolerância. Hoje, nós vamos tentar saber sobre o ódio e a inveja. Esses dois são como ladrões na companhia um do outro. O esforço deles é um esforço conjunto. Eles não podem permanecer separados. Eles são interdependentes e inseparáveis. A inveja é como uma praga na raiz da árvore e o ódio é como uma broca no tronco da árvore. Ambos irão

destruir a árvore. Uma bela árvore com galhos e folhas verdes, flores e frutos morre no dia seguinte quando a praga da raiz se enraíza e suga sua seiva vital. A praga da raiz destrói as raízes, enquanto a broca do tronco se move no tronco e nas folhas, e corrói as partes vitais. De um modo ou de outro, a árvore é destruída rapidamente. Ambos trabalham lado a lado. Onde não há inveja, não haverá ódio. Onde há ódio, que é aparente, haverá inveja também, não manifestada. A inveja não tem forma. Mas, o ódio se manifesta no comportamento de uma pessoa. É por isso que a inveja e o ódio são elementos internos da personalidade de uma pessoa.

Talvez nós não possamos encontrar uma pessoa que não tenha inveja. A inveja faz sentir sua presença, pelo menos em alguma matéria insignificante. Para que a inveja e o ódio fiquem longe de nós, nós devemos cultivar o Amor. Onde existe Amor, não pode haver inveja e ódio. Quando a inveja e o ódio se mantêm longe de nós, nós somos a encarnação da bem-aventurança, verdadeiramente. A beleza é a natureza da bem-aventurança. Além disso, onde há beleza, haverá bem-aventurança também. “Uma coisa bela é uma alegria para sempre”, é dito. O que é essa coisa bela? É o universo ou a matéria que é bela? Nenhum dos dois. Porque ambos estão sujeitos a mudanças. Aquilo que está sujeito a mudanças não pode permanecer belo por muito tempo. É óbvio, portanto, que o que é permanente é belo. Deus é o único que é permanente e eterno. Portanto, Deus é a pessoa mais bela neste universo. O principal dever de um devoto é partilhar do mel da bem-aventurança disponível em abundância nesse mais belo Deus.

Um pequeno exemplo. Na guerra de *Kurukshetra*, um dia Krishna estava dirigindo a carruagem e Arjuna estava sentado na carruagem, como de costume. Arjuna estava ouvindo o que Krishna estava dizendo, mecanicamente. A guerra prosseguia com ferocidade e ambos os lados estavam lançando livremente poderosos mísseis (*Asthras*) uns sobre os outros. Naquele dia em particular, houve uma batalha direta entre Bhishma e Arjuna. Eles travaram uma batalha feroz. Bhishma lançou contra Arjuna os mísseis (*Asthras*) mais poderosos, que perfuraram sua carruagem conduzida por Krishna. Enquanto isso, o Sol se pôs e ambos os guerreiros voltaram

para seus acampamentos. Um sentimento de ego penetrou na mente de Arjuna de que, embora Krishna estivesse dirigindo a carruagem, a batalha havia sido vencida por ele, Arjuna. Assim que eles chegaram ao acampamento, Krishna pediu a Arjuna que descesse primeiro da carruagem e entrasse. Mas, Arjuna, inflado de orgulho e ego, pensou que ele era o guerreiro e, portanto, Krishna, o cocheiro, deveria descer primeiro e abrir a porta para ele. Ele disse a Krishna para descer da carruagem primeiro. Houve alguns argumentos e contra-argumentos entre eles. Arjuna também desenvolveu algum tipo de inveja em relação a Krishna. Ele pensou que era por ele atribuir grandeza a Krishna, que Krishna havia Se tornado grande. "Mas, será que Ele é realmente grande?" De qualquer forma, não estando disposto a desagradar Krishna no meio da guerra, Arjuna desceu friamente da carruagem e entrou no acampamento. Imediatamente, Krishna saltou da carruagem. Em um instante, a carruagem inteira se transformou em cinzas. Dharmaraja e Arjuna, que estavam observando esse incidente, perguntaram a Krishna qual tinha sido a razão para a carruagem ter entrado em chamas tão subitamente. Então, Krishna respondeu calmamente, "Arjuna! Ninguém pode compreender a Divindade ou os jogos (*Lilas*) Divinos. Deus não tem interesse egoísta. A proteção dos devotos (*Bhaktha Rakshana*) é o único voto que Ele fez. Elevar os devotos (*Bhakthoddharana*) é Seu dever sagrado. Todos aqueles mísseis (*Asthras*) lançados por Bhishma hoje contra você, Eu os mantive sob Meus pés. É por isso que eles não puderam causar nenhum dano a você. Se Eu tivesse descido da carruagem primeiro, esses mísseis (*Asthras*) incendiários teriam queimado a carruagem juntamente com você sentado na carruagem. Incapaz de realizar essa verdade, você Me pressionou a descer da carruagem primeiro". Ao ouvir essas palavras, Arjuna ficou estupefato e mudo. Ele realizou a situação rapidamente e eliminou seu ego e inveja.

Um dos mais importantes sinais da inveja é tentar encontrar erros até mesmo em Deus. Existem algumas características importantes da inveja. A pessoa fica com inveja daqueles que alcançam uma glória maior do que a dela. Ela fica com inveja daqueles que têm mais riqueza do que ela. Ela fica com inveja de uma pessoa que

é mais bonita do que ela. Um estudante fica com inveja de quem consegue notas melhores do que as dele. Seja beleza ou poder, riqueza ou status, honra ou prestígio, em qualquer área em que você considere que outra pessoa está em um nível superior, você sente inveja dela. Isso é um sinal de fraqueza. Assim que um sentimento de inveja entra em sua mente, todas as boas qualidades que você cultivou assiduamente por muito tempo, se transformam em cinzas. Essa fraqueza da inveja não o deixará até que todas as suas boas qualidades sejam destruídas e as qualidades demoníacas proliferem em você. A inveja destrói a própria natureza humana. Ela fortalece a natureza animal. Ela não permite que você considere os prós e contras.

Em primeiro lugar, devemos cuidar para que não haja inveja em nós. Você deve tentar se sentir feliz com a bondade, a felicidade, a riqueza e a prosperidade dos outros. Desejar o bem-estar dos outros é realmente uma boa qualidade. De acordo com a *Bhagavad Gita*, a causa raiz de todos os sofrimentos do homem é a inveja. É por isso que Sri Krishna, no nono capítulo da *Bhagavad Gita*, exortou Arjuna a possuir a qualidade de *Anasuya* (ausência de inveja). A qualidade de *Anasuya* (ausência de inveja) pode transformar até mesmo a Divindade em bebês. Uma vez, Brahma, Vishnu e Maheshwara vieram testar Anasuya, a esposa do sábio Athri. Mas, Anasuya, por suas nobres qualidades, pôde transformá-los em bebês pequenos e servir comida a eles sem usar roupas, para passar no seu teste. Esse é um exemplo nobre para seguirmos. Nós também podemos cultivar boas qualidades e alcançar a vitória sobre os atributos de pureza (*Sathwa*), atividade (*Rajas*) e inércia (*Thamas*), se nos livrarmos da inveja.

A inveja destrói tudo. Ela não apenas causa danos aos outros, mas também destrói você mesmo. Para aquele que é afligido pela inveja, não haverá sono ou felicidade. Ele não poderá nem mesmo comer. Mesmo que ele não tenha nenhuma doença aparente, a inveja causará o enfraquecimento gradual do seu corpo. Esse tipo de doença é chamado de “enfraquecimento interno do sistema vital” (*Anthahkshayam*). A doença da tuberculose torna o corpo enfraquecido

gradualmente, o que é visível do lado de fora. Mas a doença da inveja atua dentro do nosso sistema e destrói as partes vitais. Essa é uma doença mortal. Mesmo quando estivermos um degrau abaixo, se pudermos nos sentir felizes por aqueles que desfrutam de uma posição mais elevada, a graça de Deus estará sobre nós. Por outro lado, se sentirmos inveja deles, nossa posição se deteriorará ainda mais. Hoje em dia, nessa era de *Kali* (*Kali Yuga*), essa doença mortal da inveja se espalhou por todos os setores da sociedade.

É apenas por causa da inveja que o homem está sujeito à inquietação. Certa vez, Buddha Gouthama começou uma visita a alguns vilarejos em busca de esmolas. Ele estava prestes a chegar ao vilarejo para onde deveria ir. Todos os habitantes daquele vilarejo tinham grande fé em Buddha. Pouco antes de Buddha se aproximar do vilarejo, alguns descrentes o abordaram e o insultaram gravemente. Mas, Buddha não se perturbou nem um pouco e sentou-se calmamente em uma laje de pedra. Ele os questionou, "Meus queridos! Que prazer vocês obtêm em me insultar?" Eles não deram uma resposta, mas continuaram seu discurso contra ele de forma mais vigorosa. Buddha não reagiu mesmo então. Ele continuou sentado despreocupadamente, desfrutando da diversão feliz. Incapazes de provocar a reação de Buddha, os descrentes finalmente se cansaram e estavam prestes a deixar aquele lugar. Então Buddha os chamou de volta e disse, "Meus queridos filhos! Naquele vilarejo próximo, todas as pessoas são muito devotadas a mim. Se vocês tivessem se comportado desse modo depois que eu tivesse chegado àquele vilarejo, vocês teriam sido despedaçados. Por esse motivo, eu me sentei aqui para permitir que vocês continuassem seu discurso contra mim, a fim de salvá-los desse perigo. Se queremos fazer os outros felizes, temos que nos empenhar de muitas maneiras. Podemos ter que gastar algum dinheiro também. Mas, hoje, sem gastar nem um cobre e sem fazer o menor esforço, eu fui capaz de proporcionar tanta felicidade a vocês. Quão feliz estou hoje! Se vocês se sentem felizes em me insultar, não sou eu a causa dessa felicidade? De uma forma ou de outra, eu sou capaz de lhes proporcionar felicidade e alegria. Essa é a minha maior satisfação. Várias pessoas constroem abrigos e planejam cavar poços para proporcionar felicidade e alegria

aos outros. Mas, hoje, sem fazer nenhum esforço, eu fui capaz de proporcionar felicidade e alegria a vocês. Estou muito orgulhoso de mim mesmo". Ele também lhes ensinou outra lição que deixou uma impressão duradoura em suas mentes. Ele disse a eles, "Meus queridos filhos! Um mendigo veio até sua casa e pediu comida. Você trouxe algo que não era do agrado dele. Portanto, ele se recusou a aceitá-lo. Então, a quem esse algo pertence? Obviamente, aquilo pertence a você, e você deve levá-lo de volta, pois o mendigo se recusou a aceitá-lo. Da mesma forma, quando você insulta alguém e a outra pessoa ignora isso totalmente, sentada em absoluto silêncio, então o insulto retorna completamente para você. Isso significa que você está insultando a si mesmo".

Um pequeno exemplo. Suponha que você tenha enviado uma carta registrada a um amigo seu e ele se recusou a aceitá-la. Então, o departamento postal não manterá a carta com eles. Eles a devolverão a você, o remetente. Da mesma forma, se você insultar ou criticar alguém e a outra pessoa ignorar, então tudo voltará para você como está. Portanto, é mesquinho e tolo pensar que somos capazes de ferir os outros com nosso ódio e inveja. Ao invés disso, estamos prejudicando a nós mesmos.

A inveja prejudica o homem de muitas maneiras. Um pequeno exemplo. Certa vez, havia um sábio, que cultivava um lindo jardim com uma variedade de frutas e flores. Uma espécie de ego penetrou nele. Juntamente com o ego, a inveja também se fez presente. Como o ego e a inveja já estavam ali, o ódio também se juntou a eles. Essa pessoa era um sábio (*Rishi*). Ele estava vestindo uma túnica ocre. Mas, no fundo do coração, ele estava sofrendo de ego, inveja e ódio. Deus teve piedade dele e quis transformá-lo. Portanto, Ele assumiu a forma de um velho *Brahmin* e entrou no jardim do sábio. Ele se aproximou de uma determinada árvore e perguntou ao asceta, "Que bela árvore! Como são lindas de se ver essas flores e frutas! Quem é a pessoa que cuida desse jardim?" Então o asceta respondeu, "Oh! Mais nobre dos *Brahmins*! Sou eu quem cuidou desse jardim e o fez chegar a esse estágio, trabalhando dia e noite, sem descanso. Eu plantei essa árvore, alimentei e

cuidei. Na verdade, eu estou cuidando desse jardim como se fosse minha própria vida. Não há servos aqui. Eu faço todo o trabalho nesse jardim, desde plantar as mudas até a limpeza e a manutenção, tudo sozinho". Depois de passar algum tempo no jardim, o velho *Brahmin* foi embora. Algum tempo depois, uma vaca entrou no jardim e pisoteou as flores, frutas e plantas. O asceta, ao ver a destruição do lindo jardim pela vaca, ficou muito raivoso e jogou um bastão na vaca. Assim que o bastão atingiu a vaca, ela caiu e morreu. O asceta ficou muito perturbado com a morte da vaca. Ele tinha medo de que pudesse ser descoberto pelo pecado de matar uma vaca (*Gohathya Pathakam*). Nesse ínterim, o velho *Brahmin* voltou ao jardim. Ele se aproximou da vaca e gritou, "Oh! Alguém matou essa vaca sagrada. Quem poderia ser?" Ele também perguntou ao asceta quem havia matado a vaca. O asceta respondeu, "Senhor! Tudo é a vontade de Deus. Se não for da vontade de Deus, a vaca morrerá, mesmo que alguém a acerte?" Então o *Brahmin* aconselhou o asceta, "Você criou esse jardim. Você alimentou e nutriu essas plantas e árvores que agora dão flores e frutos. Você está recebendo o crédito por criar esse lindo jardim. Certo! Mas, agora você diz que a vontade de Deus é responsável pela morte da vaca. Como pode ser? Você leva o crédito por todas as coisas boas e atribui a Deus a responsabilidade pelas coisas más. Isso nada mais é do que ego e covardia. Esse ego é um prelúdio para a inveja. Na verdade, Eu não sou um velho *Brahmin*. Eu assumi essa forma para destruir o seu ego e mostrar o caminho correto para você. Eu sou Deus, em verdade". Onde houver ego e inveja, Deus se manifestará ali e destruirá o ego e a inveja. Não é possível prever de que forma Deus se manifestará em tal ocasião. Portanto, você deve assegurar-se de não dar qualquer espaço para o ego, a inveja, e o ódio.

A inveja não pode ser removida pela leitura de livros. A inveja deve ser removida somente pelo esforço próprio e pela disciplina espiritual (*Sadhana*) sistemática. Primeiro você deve buscar a transformação do seu coração. Você deve cultivar o Amor total e incondicional a Deus, e todos os atos que você executar devem ser feitos como uma oferta a Deus. Enquanto houver inveja em nós, ela não nos permitirá brilhar em nossa vida. Ela destruirá todas as boas qualidades em nós.

Portanto, a *Bhagavad Gita* enfatizou o ponto de que a remoção da inveja deve ser a nossa principal prioridade. Você pode realizar o princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*) somente quando você cultiva boas qualidades e leva uma vida feliz em sua rotina diária.

A refulgência do *Atma* permeia tudo. Por exemplo, essa sala em que você está sentado é bem iluminada. Qual é a razão para essa luz brilhante? Deve haver uma fonte para essa luz, em algum lugar próximo. É por causa dessa luz que todo o salão é permeado por uma luz brilhante. A chama (*Jyothi*) tem uma forma, mas a luz não tem forma alguma. O *Atma* é como um esplendor, que não tem nome e forma. Ele pode assumir qualquer forma e nome. É somente por causa do instrumento (*Upadhi*) que o *Atma* assume, que ele ganha um nome e uma forma. Há luz saindo da lâmpada. Da mesma forma, você obtém ar do ventilador. O fogão elétrico permite cozinhar sua comida. Existe uma máquina de costura elétrica, com a qual você pode costurar as roupas. Cada um desses instrumentos é diferente um do outro. Sua função também é diferente. Mas, a mesma corrente elétrica flui por todas essas máquinas. Da mesma forma, o princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*) assume diferentes formas e executa diferentes funções em diferentes instrumentos (*Upadhis*). Para o olho externo, os instrumentos (*Upadhis*) parecem ser diferentes, assim como os diferentes tipos de lâmpadas elétricas que utilizamos em nossa sala de estar, sala de jantar, quarto de dormir, etc. Cada uma dessas lâmpadas tem uma capacidade diferente. Mas, a corrente fluindo por todas essas lâmpadas é a mesma. Apenas a capacidade das lâmpadas varia de uma para a outra. Há diferença nas capacidades das lâmpadas, mas não na corrente. A mesma corrente flui em todas as lâmpadas. Da mesma forma, há diferença na capacidade de seus corações de amar plena e incondicionalmente. Se o seu Amor é pleno, ele brilha intensamente. Por outro lado, se o seu Amor for estreito, o brilho será fraco como a luz do quarto de dormir. Você pode mudar sua lâmpada, mas não a corrente. Se você tem inveja em seu coração, você irradia uma luz fraca. Se você tiver Amor (*Prema Thathwa*), seu coração brilhará como uma lâmpada de 1000 watts. Portanto, cultive o Amor, com o qual você poderá realizar Deus.

Se você quiser ver a Lua, você não precisa de uma tocha, uma lamparina ou uma lanterna. A Lua pode ser vista com a própria luz da Lua. Da mesma forma, se você deseja ver Deus, que é a encarnação do Amor (*Prema Swarupa*), você deve vê-Lo somente através do Amor (*Prema*), e não através do ódio (*Dwesha*). O ódio é cego. Um cego não pode ver a luz, mesmo que você coloque uma luz muito poderosa na frente dele. Ele tateia na escuridão para encontrar um objeto que está bem na sua frente. Enquanto uma pessoa for ignorante, ciumenta, egoísta e cheia de ódio, enquanto essas más qualidades estiverem nela, ela não poderá reconhecer Deus, que está bem na sua frente. Se uma pessoa está vivendo uma vida cheia de Amor e verdade, desprovida de inveja e ego, essa pessoa pode agarrar diretamente o objeto à sua frente, a saber, a Divindade. Para ela, não há necessidade de procurar pelo objeto. Quem quer que seja capaz de abrir o seu olho da sabedoria (*Jnana Nethra*), realizará a Divindade diretamente. Para os outros, tudo é escuridão. Quando você fecha os olhos, você precisa procurar aqui e ali por uma toalha que, na verdade, está bem ali na sua frente. Por outro lado, se você abrir os olhos, você poderá pegar a toalha imediatamente com as mãos. Assim, é claro que uma alma realizada (*Jnani*) alcança diretamente a Deus. Ela é uma pessoa de qualidades nobres. Uma pessoa que sofre de más qualidades, dúvidas e ignorância nunca pode encontrar Deus. É por isso que se diz, “A morte é mais doce do que a cegueira da ignorância”. Não devemos entrar na escuridão da ignorância.

A inveja gera ignorância. Vocês, estudantes! Vocês, mentes jovens que devem crescer na vida, por favor, não dêem lugar à inveja. Se alguém da sua classe obteve o primeiro lugar, você deve se sentir feliz. Então, talvez no próximo ano, você também poderá obter o primeiro lugar. Por outro lado, você deve estudar muito e ter a certeza de que vai conseguir. Sem fazer nenhum esforço de sua parte, se você sente inveja do primeiro lugar obtido pelo seu amigo que trabalhou duro dia e noite para chegar a esse lugar, isso é errado. Na verdade, você está cometendo um duplo erro aqui. O primeiro erro é que você não estudou bem. O segundo é que você tem inveja do seu amigo que trabalhou muito e conseguiu o primeiro lugar. Há também

um terceiro erro, ou seja, você chorar por não ter obtido o primeiro lugar. Portanto, você nunca deve permitir que essas más qualidades entrem em sua mente. Nesse contexto, vale a pena recordar os conselhos de Sri Krishna para Arjuna durante a guerra de *Kurukshetra*. Krishna, ao descrever para Arjuna as más qualidades de Duryodhana, disse,

"*O rei Duryodhana nasceu para destruir,*
A próspera dinastia real dos Kauravas.
Ele também tem a amizade de Karna.
Sakuni está ali para atiçar as chamas do ódio.
O fogo da inveja e do ódio subiu aos céus.
A chuva de flechas é, portanto, inevitável,
Para o estabelecimento da paz mundial."

Assim, Sri Krishna, ao descrever a situação diante de Arjuna, o exortou a se preparar para uma guerra em grande escala com os Kauravas. Porém, no final, os maldosos e invejosos Kauravas e seus amigos morreram na batalha. Sua própria inveja e ódio os destruíram. Os Pandavas saíram vitoriosos na batalha.

Se você deseja compreender a *Bhagavad Gita*, você deve cultivar boas qualidades. Caso contrário, você não poderá compreender nem mesmo um verso (*Sloka*) da *Bhagavad Gita*. Os versos (*Slokas*) da *Bhagavad Gita* têm significados infinitos. A *Bhagavad Gita* é como uma árvore dos desejos (*Kalpavriksha*). Qualquer interpretação ou significado que você deseje derivar, ela fornece. Mas, hoje em dia, nós não somos capazes de obter significados verdadeiros, pois nós estamos dando importância a interpretações e conceitos errados. É por isso que a leitura da *Bhagavad Gita* se tornou um exercício fútil hoje em dia. Portanto, se você quiser compreender a *Bhagavad Gita* corretamente, você deve cultivar boas qualidades.

Prasanthi Nilayam, 6 de Setembro de 1984.

26

Sete Princípios para o Bem-Estar da Sociedade

“O *Dharma* é aquilo que sustenta o universo” (*Dhaarayatheethi Dharmah*)
“Onde há *Dharma*, há vitória” (*Yatho Dharmah Thatho Jayah*)
“O *Dharma* protege quem protege o *Dharma*” (*Dharmo Rakshathi Rakshitah*)
“Pratique o *Dharma*” (*Dharmam Chara*)
“Não há *Dharma* maior que a verdade” (*Sathyaam Naasthi Paro Dharmah*)

Assim como as sete cores se fundem na luz do Sol, sete princípios foram estabelecidos para o bem-estar da sociedade. São eles, verdade, caráter, justiça, controle dos sentidos (*Dama*), penitência (*Thapas*), sacrifício (*Thyaga*) e não-violência (*Ahimsa*). Todos esses princípios e práticas são estabelecidos para o bem-estar e a proteção da sociedade.

Assim como o poder de queimar do fogo, a frieza do gelo, a fragrância da rosa plenamente florescida e a doçura do açúcar, da mesma forma, verdade, caráter e justiça devem ser qualidades naturais aos seres humanos. Somente quando o homem reconhece a natureza da verdade, ele pode estabelecer sua verdadeira natureza. Na verdade, o caráter é o próprio alento vital da verdade. Para cada pessoa desejosa de alcançar a vitória no campo espiritual, as qualidades mais importantes são a pureza, a paciência e a perseverança. Essas são as três qualidades do caráter (*Seelathraya*). Alguém pode ser altamente educado, rico, ocupar uma posição elevada, um cientista, um erudito ou um leigo. Mas, sem essas três qualidades do caráter (*Seelathraya*), ele é igual a uma pessoa morta, embora possa estar vivo. Ele pode ter inúmeras qualificações, mas elas serão inúteis. Os seres humanos reconhecem apenas a beleza da aparência externa. Mas Deus reconhece somente o princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*) interno como beleza. Estritamente falando, o caráter é o ornamento para um ser humano. Uma vida sem caráter é

igual a uma pedra inerte. Portanto, o homem deve necessariamente cultivar essa característica humana, que, de fato, é sua própria natureza.

A verdade (*Sathyam*) é a base para a justiça (*Dharma*). Verdade não significa simplesmente não dizer mentiras. Na verdade, a verdade deve ser a base da vida humana. Deve-se estar preparado para sacrificar tudo em nome da verdade. A fonte, o sustento e a força motriz do universo é a verdade. Somente quando tal verdade é praticada como o principal dever (*Dharma*) pelo homem em sua vida diária, a humanidade pode ascender ao nível da Divindade. Para esse propósito, o caráter é o mais importante. Ele é a própria vida da verdade. O caráter também é conhecido como cultura (*Samskara*), boas qualidades e bom comportamento. Sem bom comportamento, o homem não pode brilhar em sua vida. Boas qualidades, cultura e bom comportamento trazem brilho à personalidade humana. A fim de sustentar nossa natureza humana e compreender a natureza Divina, devemos ter a verdade, o caráter e a justiça como nossos principais instrumentos. Devemos começar em nossa jornada por esse caminho desde a infância. Durante a infância, as crianças cometem certos erros, consciente ou inconscientemente. Elas também dizem mentiras, com medo de que os mais velhos saibam de seus erros. Gradualmente, essa mentira se torna parte de seu comportamento e destrói a sua estrutura moral. Portanto, nunca devemos hesitar ou temer em falar a verdade. Nunca devemos ter o receio de que, ao falar a verdade, possamos não obter o resultado, a renda ou a felicidade desejados. Embora possamos não obter nenhuma dessas coisas, devemos sempre nos apegar à verdade. Assim como o alicerce de um edifício e as raízes de uma árvore, da mesma forma, a verdade é o suporte para nossa vida. Quando esse próprio fundamento da verdade for abalado, não haverá segurança para nossa vida.

Um exemplo direto desse nobre princípio de aderir à verdade com firmeza, aconteça o que acontecer, é o rei Harischandra. Para cumprir sua palavra de verdade, ele chegou ao ponto de perder seu reino e, finalmente, vender sua esposa e filho. Ele também vendeu a si mesmo e trabalhou como guardião de um campo

de cremação, a fim de cumprir suas obrigações para com o seu mestre. Apesar dessas condições miseráveis, ele nunca disse mentiras. Quando seu filho Lohitasya morreu, a esposa de Harishchandra, Chandramathi, trouxe seu corpo para a cremação. Conhecendo muito bem a situação e mesmo depois de reconhecer sua esposa e filho, Harishchandra não concordou em cremar o cadáver de seu filho sem pagar as taxas. Ele cumpriu seu dever de recolher as taxas como guardião do campo de cremação. Ele não desistiu da verdade e da justiça, mesmo em circunstâncias tão difíceis. Ele fez da verdade e da justiça as duas asas, os dois olhos e as duas rodas de sua vida e foi um exemplo para todos os tempos que viriam.

Os mais velhos devem ensinar as crianças a falar a verdade, desde a infância. Um pequeno exemplo. Era uma vez um homem rico que tinha apenas um filho. Seu aniversário estava sendo comemorado. Por Amor ao seu único filho, esse homem deu uma moeda de ouro ao menino e o aconselhou a entregá-la à mãe para que ela preparasse um anel para ele. No dia seguinte, o menino colocou a moeda de ouro em uma mesa próxima e se preparava seriamente para os exames da escola. Sua irmã mais nova era muito levada. Ela foi até o quarto dele, pegou a moeda de ouro e perguntou o que era aquilo. Ele respondeu que era uma moeda de ouro. Ela perguntou novamente onde ele a havia conseguido. Ele respondeu muito casualmente que a moeda vinha de uma árvore em seu quintal, sem realizar que estava dizendo mentiras. Ela ainda perguntou a ele o método pelo qual essa moeda de ouro poderia se tornar uma grande árvore e render mais moedas. Irritado com essas perguntas persistentes de sua irmã, o menino respondeu que a moeda deveria ser colocada debaixo da terra e regada diariamente, para que crescesse como uma grande árvore e rendesse várias moedas. Assim, ele falou todas essas mentiras para sua irmã. Não satisfeita com essas respostas, ela começou a questionar mais. Então ele finalmente respondeu que estava muito ocupado se preparando para os exames e não tinha tempo para responder suas perguntas. A menina pegou a moeda de ouro e foi para o quintal. Ali, ela cavou um pequeno buraco e colocou a moeda de ouro no buraco, cobriu-a com terra solta e regou-a. O tempo todo, a empregada da casa

estava observando tudo isso. Assim que a menina saiu daquele lugar, ela foi até ali, desenterrou a moeda de ouro, cobriu o buraco como antes, pegou a moeda e foi embora. Nesse ínterim, a mãe chamou o menino para almoçar. Ele pediu a sua mãe que preparasse um anel com uma moeda de ouro dada por seu pai. Quando ele foi buscar a moeda de ouro na mesa onde a havia colocado, ela não estava ali. Então ele chamou sua irmã e perguntou onde estava a moeda. Ela respondeu que havia colocado a moeda em um buraco perto do poço no quintal, e regado para que crescesse como uma grande árvore e rendesse várias moedas de ouro, conforme contado por ele. Quando os três foram àquele lugar para retirar a moeda de ouro, ela não estava ali. Assim, naquela feliz ocasião do aniversário daquele menino, ele não apenas passou o dia decepcionado, mas perdeu o precioso presente de moeda de ouro dado por seu pai. Tudo isso porque ele falou mentiras. Se as crianças aprenderem a falar mentiras desde a infância, elas falarão mentiras maiores quando crescerem e isso poderá levar a consequências desastrosas mais tarde.

Muitas coisas podem ser alcançadas se você tomar a verdade como a base de sua vida. Era uma vez um *Guru*. As pessoas costumavam ir a ele para receber iniciação em um *Mantra* (*Mantropadesam*). Ele perguntava a essas pessoas sobre seu comportamento e traços de personalidade e, em seguida, os iniciava em um *Mantra* particular, adequado às suas necessidades e condições individuais. Sendo essa a situação, um ladrão ouviu sobre a grandeza desse *Guru* e se aproximou dele para receber um *Mantra*. Então, o *Guru*, como de costume, indagou sobre a rotina diária e as qualidades desse ladrão. O ladrão respondeu que seu trabalho era cometer furtos à noite e dormir durante o dia, bêbado. Outra qualidade sua era mentir quando os policiais o pegavam e o interrogavam. Portanto, ele tinha três qualidades ruins. Então, o *Guru* perguntou se ele estava disposto a abandonar pelo menos uma de suas más qualidades. O ladrão ponderou sobre o assunto. Se ele abandonasse o hábito de cometer furtos, ele não seria capaz de manter sua esposa e filhos. Portanto, ele não poderia abandonar esse hábito. Em segundo lugar, ele precisava manter seu corpo em condições saudáveis para escapar de ser capturado pela polícia, para o que ele precisava necessariamente beber e dormir durante o dia.

Portanto, ele não poderia abandonar esse hábito também. Considerando o seu terceiro hábito de mentir para a polícia, ele pensou que ele poderia abandoná-lo facilmente, uma vez que as chances de ele ser capturado pela polícia eram raras, pois ele era muito hábil em fugir da polícia. Ele, portanto, disse ao *Guru* que abandonaria o mau hábito de contar mentiras a partir do dia seguinte. Ele fez uma promessa ao *Guru* a esse respeito. Daquele dia em diante, ele fazia questão de falar somente a verdade onde quer que ele fosse.

Era verão e fazia muito calor. Naqueles dias não havia ventiladores, resfriadores de ar ou condicionadores de ar como temos agora. Naquele vilarejo havia um homem muito rico, que era uma espécie de rei daquele vilarejo. Ele estava dormindo no terraço, pois não havia brisa no andar de baixo. Por causa do calor sufocante, ele não conseguia dormir. Nesse ínterim, o ladrão escalou os encanamentos de água de chuva e veio até o terraço. Esse milionário estava acordado e notou a presença do ladrão no terraço. Ele perguntou ao ladrão quem ele era. O ladrão disse-lhe a verdade. O milionário queria observar os movimentos do ladrão. Portanto, ele disse a ele que ele também era um ladrão. Ambos esboçaram um plano para roubar alguns objetos de valor da casa. O milionário instruiu o ladrão a ficar do lado de fora e vigiar, para que ele pudesse entrar na casa e procurar as chaves do cofre de ferro, onde alguns objetos de valor poderiam estar guardados. Conforme o plano, enquanto o ladrão vigiava do lado de fora, o milionário entrou na casa e, depois de algum tempo, trouxe as chaves. Ele entregou as chaves para o ladrão e pediu-lhe para trazer os objetos de valor guardados no cofre de ferro, enquanto ele vigiaria do lado de fora por sua vez. O ladrão então entrou na casa, localizou o cofre de ferro, abriu-o com as chaves e trouxe três grandes diamantes, que foram, na verdade, guardados ali pelo próprio milionário, propositadamente. Enquanto isso, o milionário mantinha estrita vigilância sobre os movimentos do ladrão. Havia três diamantes que deveriam ser compartilhados entre duas pessoas. Como? Eles traçaram um plano para compartilhar os diamantes. Desde que o ladrão começou a aderir à verdade, certa quantidade de conduta justa havia se desenvolvido nele. Por isso, ele sugeriu ao milionário que

dois diamantes poderiam ser compartilhados entre eles, e o terceiro guardado no cofre de ferro em seu lugar original. Conforme o plano, o ladrão pegou um diamante e despediu-se do milionário. No entanto, antes de partir, o milionário sugeriu que o ladrão deixasse seu endereço com ele, para que no futuro ele pudesse contatá-lo e receber sua ajuda em tais "parcerias". Assim, o ladrão deixou seu endereço correto, pois havia prometido falar a verdade. No dia seguinte, o milionário apareceu com toda sua pompa e vestimentas usuais. Ele fez uma reclamação à polícia sobre o roubo dos diamantes de seu cofre de ferro. Ele também deu o endereço do ladrão à polícia e pediu que o procurassem naquele endereço. A polícia foi até aquele lugar, prendeu-o e levou-o para a mansão do milionário. O milionário questionou-o sobre como ele havia conseguido o diamante. O ladrão respondeu que havia subido, com a ajuda das tubulações de água de chuva, ao terraço do edifício, onde outro ladrão também estava esperando para cometer um roubo no edifício. Depois disso, ele descreveu graficamente a sequência dos eventos até o compartilhamento de dois diamantes entre ele e o outro ladrão, deixando o terceiro em segurança em seu lugar original no cofre de ferro. Assim, ele revelou toda a verdade sobre o que exatamente havia acontecido. O milionário, nesse contexto, queria testar a integridade de seu gerente. Portanto, ele o instruiu a descobrir se o terceiro diamante estava realmente disponível no cofre de ferro. O gerente desceu e descobriu, para sua surpresa, que o terceiro diamante estava realmente em seu lugar. Ao ver o diamante, uma má intenção cruzou sua mente. Ele pensou que, se realmente um roubo fora cometido conforme revelado pelo ladrão, não havia possibilidade de o terceiro diamante ter sido deixado no cofre de ferro. Portanto, ele retirou o diamante, colocou-o no bolso e relatou ao seu mestre que o cofre de ferro estava vazio. Então, o milionário chamou o ladrão e pediu-lhe para trabalhar como seu gerente, e ordenou que seu gerente deixasse o local imediatamente. Assim, ele recompensou o ladrão por falar a verdade e depositou nele toda sua confiança a partir de então. Ele também disse ao ladrão que daquele momento em diante ele não precisaria mais cometer roubos e que ele iria fornecer todo o dinheiro e confortos necessários para sua família. A partir desse dia, o ladrão passou a levar uma vida virtuosa. Quando ele começou a falar a

verdade, seus outros dois hábitos ruins, de beber e de cometer roubos, o deixaram espontaneamente. Portanto, se uma pessoa adere firmemente à verdade, aconteça o que acontecer, não pode haver felicidade maior do que essa. No início, isso pode trazer para ela alguns problemas e dificuldades, mas, no final, ela sairá vitoriosa. Portanto, devemos aderir firmemente à verdade. Assim ensinou Sri Krishna a Arjuna. A verdade é o caminho sagrado e correto para uma vida feliz.

Agora, sobre a justiça (*Dharma*). A palavra "*Dharma*" também é traduzida como "dever". Mas, essa não é a tradução correta. O *Dharma* não está relacionado ao seu comportamento ou ações no mundo externo. O *Dharma* não se modifica com as eras (*Yugas*). Se o *Dharma* se modificasse, então, por que o Senhor Krishna teria dito na *Bhagavad Gita*, "Eu encarno em todas as eras para restaurar o *Dharma*" (*Dharma Samsthapa Nardhaya Sambhavami Yuge Yuge*)? Por que Ele deveria restaurar algo que é de natureza mutável? Mesmo que Ele restaurasse o *Dharma*, não haveria a possibilidade de o *Dharma* se modificar novamente? Portanto, está claro que o *Dharma* é imutável e eterno. No entanto, a prática do *Dharma* se modifica com o tempo. O Senhor Krishna não encarnou com o propósito de estabelecer ou restaurar o *Dharma*. Ele encarnou com o propósito de fazer as pessoas observarem o *Dharma*.

O *Dharma* sempre esteve presente na era de *Kritha* (*Kritha Yuga*), na era de *Thretha* (*Thretha Yuga*), na era de *Dwapara* (*Dwapara Yuga*) e na era de *Kali* (*Kali Yuga*). Ele é eterno. No entanto, diferentes práticas são aprovadas nas diferentes eras (*Yugas*) para a observância do *Dharma*, tais como meditação (*Dhyana*) na era de *Kritha*, sacrifícios (*Yagnas*) na era de *Thretha*, adoração (*Archana*) na era de *Dwapara*, e repetição do nome de Deus (*Namasmarana*) na era de *Kali*. Aqui, novamente, essas práticas não se limitam estritamente às respectivas eras. Existem pessoas na era de *Kali* (*Kali Yuga*) que praticam meditação (*Dhyana*). Da mesma forma, havia pessoas na era de *Kritha* (*Kritha Yuga*) que praticavam a repetição do nome de Deus (*Namasmarana*). Assim, em todas as eras, todas as práticas se misturam. Em diferentes eras, diferentes práticas

de *Dharma* foram proeminentes. Mas, a corrente subjacente de um único *Dharma* tem fluído em todas as eras. E esse *Dharma* nunca muda, pois, a base para esse *Dharma* é a verdade. E a verdade nunca muda. “A verdade é uma, e não duas”. Aquilo que permanece como somente um em todos os três tempos (*Thrikala*), em todos os três mundos (*Thriloka*), em todas as três qualidades (*Thrigunas*) é a verdade. Portanto, a justiça (*Dharma*) nunca muda. Apenas o dever muda de tempos em tempos.

Um pequeno exemplo. Existe um funcionário. Ele diz, “Trabalhar como empregado é uma qualidade humana” (*Udyogam Purusha Lakshanam*). Ele afirma que é o seu dever (*Dharma*) atender ao seu escritório. Mas, por quanto tempo? Contanto que ele continue no emprego, até a aposentadoria. Uma vez que ele se aposenta, o que acontece com o seu dever? Então ele tem que se encarregar de outro dever! Portanto, ele agora inicia um negócio e diz que esse é o seu dever. Ele também afirma que é seu dever ganhar dinheiro por meios injustos nesse negócio. Primeiro, ele trabalhou como empregado. Em seguida, ele começou seu próprio negócio e ganhou dinheiro por meios injustos e trapaceando. Tudo isso é seu dever (*Dharma*) de acordo com ele. Assim, o princípio do dever (*Dharma*) passou por várias mudanças na vida de um único indivíduo. Como então isso pode ser chamado de *Dharma*? Na melhor das hipóteses, podemos chamá-lo de deveres que a pessoa se compromete a cumprir. Existe uma definição adequada para a palavra “*Dharma*”. *Dharma* é algo que é praticado sem obstruir a liberdade dos outros. Por exemplo. Você está andando em uma rua balançando um grande bastão para um lado e para o outro de acordo com o seu capricho. Você diz que essa é uma estrada pública e que você tem liberdade para fazer o que você quiser e que esse é o seu *Dharma*. Mas, você não realiza que está causando obstrução aos movimentos dos transeuntes. Então o governo intervém e pune você por causar obstrução ao trânsito. Portanto, o verdadeiro *Dharma* é aquele que não causa dor ou inconveniência aos outros. Se todos observarem esse *Dharma*, o mundo inteiro será feliz e pacífico. É o seu dever sagrado observar esse *Dharma* em sua vida.

Nós executamos nossas atividades cotidianas de acordo com três princípios, a saber, livre-arbítrio, obrigação e dever. Um pequeno exemplo para ilustrar esse ponto. Você tem um feriado amanhã, porque é domingo. Você decidiu chamar alguns amigos para uma festa em sua casa. De repente, você tem uma febre durante a noite. Portanto, você decide cancelar a festa, já que você sente que não poderá desfrutar da festa com seus amigos devido ao seu mal-estar. Você gostaria de adiar a festa para o próximo domingo. Uma vez que a festa foi fixada de acordo com sua vontade e desejo, você tem total liberdade para cancelá-la ou adiá-la. Agora, sobre a obrigação. Hoje é domingo. No entanto, o vice-reitor marcou uma reunião com todos os professores para discutir os preparativos para os exames seguintes. Você tem que comparecer à reunião, apesar de sua saúde precária. Você não pode evitar isso. Isso é uma obrigação. Portanto, você toma um comprimido e vai à reunião. O terceiro aspecto é o dever. Você está levando uma vida familiar. Por alguma razão, você e sua esposa brigaram um com o outro e você está muito zangado com ela. Nesse ínterim, um amigo veio ver você e está sentado na sua sala. Você o recebe com um rosto feliz e sorridente. Então você vai para a cozinha e pede à sua esposa para preparar duas xícaras de café para você e seu amigo. Ao fazer isso, você faz uma cara de muita raiva. Você exibe dois estados de espírito diferentes na situação, um humor alegre e sorridente na companhia de seu amigo e um humor raivoso na frente de sua esposa. Mas você toma cuidado para que seu amigo não perceba seu humor raivoso e sua esposa não perceba seu humor feliz na companhia de seu amigo. Assim, você se comporta com muito tato. Esse é o seu dever. Esse tipo de dever está faltando hoje em dia na sociedade. Portanto, promover esse dever (*Karthavya*) é o seu *Dharma*. Se você puder fazer isso, você terá executado o seu *Dharma*. Esse *Dharma* está perdido hoje em dia. Você deve manter sua honra e prestígio tanto em casa quanto na sociedade. Você deve levar uma vida de honestidade e integridade. Você deve manter a honra e o prestígio de sua família. Esse é o principal dever de um ser humano. Se isso não for feito, você não poderá desfrutar de qualquer paz e felicidade em sua vida.

Agora sobre o controle dos sentidos (*Dama*). Se não houver controle dos sentidos, quais serão as consequências? Para compreender isso, leia a palavra "*Dama*" de trás para frente. Ela se torna "*Mada*", que significa "orgulho". Existe outro nome, *Sakshara*, para aquele que adquiriu o controle dos sentidos. Se você ler essa palavra "*Sakshara*" também de trás para frente, ela se torna "*Rakshasa*", que significa "demônio". Portanto, se você cultivar o controle dos sentidos (*Dama*), sem desenvolver qualidades demoníacas (*Rakshasa*), então você terá cumprido seu verdadeiro *Dharma*. No fim das contas, o controle dos sentidos é a qualidade mais essencial, conforme enfatizado pelo Senhor Krishna. Portanto, ele exortou Arjuna a desenvolver o controle dos sentidos e se tornar um sábio (*Sthithaprajna*). Ele disse a Arjuna, "Não siga os sentidos. Que os sentidos sigam o seu comando. Não seja um escravo dos sentidos. Que os sentidos sejam seus escravos. Quando você adquire o controle dos sentidos (*Gudakesa*), então o mestre dos sentidos (*Hrishikesa*) estará disponível para você. Se você não adquirir o controle dos sentidos (*Gudakesa*), então o mestre dos sentidos (*Hrishikesa*) não estará disponível para você".

Sri Krishna ensinou todos os *Dharmas* no segundo capítulo da *Bhagavad Gita* (*Sankhya Yoga*) e estabeleceu o fato de que o controle dos sentidos é a base para todos esses *Dharmas*. A verdade tem sete aspectos, nomeadamente, verdade (*Sathya*), justiça (*Dharma*), retidão (*Nyaya*), controle dos sentidos (*Dama*), penitência (*Thapas*), sacrifício (*Thyaga*) e não-violência (*Ahimsa*). Mais do que memorizar os versos (*Slokas*) da *Bhagavad Gita*, é essencial praticar essas qualidades em nossa vida diária e, assim, compreender a natureza da Divindade. Devemos ser capazes de compreender a essência dos versos (*Slokas*) e colocá-los em prática em nossa vida diária. Eu espero que vocês atribuam à prática dos ensinamentos contidos nesses versos (*Slokas*) a mesma importância que vocês atribuem à sua memorização.

Prasanthi Nilayam, 8 de Setembro de 1984.

27

Compaixão é Divindade

"Não cultive ódio por nenhum ser vivo" (*Adweshta Sarva Bhuthanam*). A *Bhagavad Gita* nos exortou a amar a todos os seres vivos, sem ódio ou inimizades. A Divindade permeia todo o universo como o residente interno em cada ser vivo. Portanto, quando você odeia alguém, isso equivale a odiar a Deus. Quando você despreza ou condena alguém, isso se dirige ao seu próprio Deus escolhido (*Sarvabhutha Thiraskaram Kesavam Prathigachchathi*).

As escrituras da Índia (*Bharath*) também ensinam a fraternidade universal. No entanto, a *Bhagavad Gita* deu um passo adiante e ensinou o sentimento de que o mesmo princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*) está permeando todos os seres vivos (*Sarvatma Bhava*). Ela sustenta a verdade de que, "O mesmo Deus vive em cada ser vivo como o residente interno" (*Easwarah Sarva Bhuthanam*). A *Bhagavad Gita*, portanto, aconselhou que devemos compreender que o mesmo princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*) reside como o residente interno em todos os seres vivos. Ela também exortou que você deve compartilhar o Amor Divino igualmente, não apenas com todos os seres humanos, mas também com pássaros, feras e animais. O conceito de que o mesmo princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*) reside como o residente interno em todos os seres vivos (*Sarvabhuthantharatma*) não se limita apenas à humanidade. O princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*) é o mesmo em todos os objetos animados e inanimados, do microcosmo ao macrocosmo.

Tendo realizado essa verdade, o santo Thyagaraja cantou, "Oh! Senhor Rama, que permeia todo o universo, desde uma formiga até o Senhor Brahma, como a encarnação do Amor! Por favor, me proteja!" Hoje em dia, se um homem vir uma formiga, ele a esmagará imediatamente. Mas, quando ele se depara com o Senhor Brahma, ele se prostra diante Dele. Assim, existe uma dicotomia entre palavra e ação.

Você deve desenvolver a fé de que a Divindade permeia cada ser vivo. A qualidade Divina do Amor deve ser estendida a todos os seres vivos. Cada indivíduo deve ser tratado com Amor e compaixão. Se você não cultivar essa qualidade, toda a sua disciplina espiritual (*Sadhana*) será desperdiçada. Você serve a Deus enquanto causa dano a outro ser humano. Você adora a Deus enquanto causa dor ao seu próximo. Esse comportamento contraria o próprio princípio da igualdade. A *Bhagavad Gita* nos exorta a desenvolver fé no princípio de que a vida em cada indivíduo (*Jiva*) é Deus (*Deva*) e Deus (*Deva*) é a vida em cada indivíduo (*Jiva*) e ambos são um e o mesmo. Quem quer que tenha desenvolvido a qualidade do Amor e da compaixão em relação a todos os seres vivos, é um verdadeiro ser humano. Uma pessoa pode ser altamente educada, e possuir considerável poder e capacidade. Mas, se ela não tem compaixão pelo seres vivos (*Bhutha Daya*), tudo isso é desperdiçado. A compaixão é a principal qualidade do ser humano. Quando você se deparar com um indivíduo ou um ser vivo que está sofrendo, você deve ajudá-lo com o melhor de sua capacidade. Você deve tentar remover seus sofrimentos, pesares e dificuldades. Não há utilidade em apenas cantar a palavra compaixão. Isso deve ser traduzido em ação. Você deve desenvolver fé no aforismo, "Um coração com compaixão é o templo de Deus".

É bastante comum observar certas fraquezas nos seres humanos. Muitas vezes eles se tornam impiedosos e duros de coração. Eles agem como bestas selvagens. Sri Krishna denunciou esse comportamento como impróprio de um ser humano e o condenou como uma qualidade demoníaca. É preciso reconhecer o significado interno da expressão, "a flor da compaixão para com todos os seres vivos" (*Sarva Bhutha Daya Pushpam*). Isso significa que, entre todos os tipos de flores, Deus aceita somente a flor da compaixão (*Daya Pushpam*).

Você pode trazer muitas guirlandas,
E adorá-Lo por horas a fio.
Ele não aprecia nem aceita.

O que Ele aceita? O que Ele aprecia? Somente a flor da compaixão, a flor do Amor, a flor de um coração puro. Portanto, em primeiro lugar, você deve compreender a verdade de que a Divindade existe em todos os seres vivos. Então, como dar expressão a essa nobre qualidade da compaixão? Isso não vem com a prática (*Abhyasa*). O que é necessário é uma transformação do coração. Devemos desenvolver uma fé firme de que a mesma Divindade reside em todos os seres vivos. Somente então poderemos experimentar e sentir que os outros são apenas nossos reflexos e que os sofrimentos e dificuldades dos outros são nossos próprios sofrimentos e dificuldades.

Uma vez, havia uma família em um vilarejo. Eles eram muito pobres. Havia uma filha na família. Os pobres pais queriam que sua filha fosse educada, mas não havia instituições educacionais naquelo vilarejo remoto. Portanto, eles tiveram que mandá-la para o vilarejo vizinho para obter educação. Entre o seu vilarejo e o vilarejo vizinho, havia uma pequena floresta. No entanto, as pessoas do vilarejo estavam acostumadas a atravessar pequenas florestas. Para eles, isso era uma rotina diária. Essa menina costumava ir estudar no vilarejo vizinho e voltar diariamente à noite. Naquela época, as pessoas tinham disposição para a caridade. Algumas pessoas virtuosas construíram um pequeno abrigo nessa rota na floresta. Um dia, enquanto ia para a escola, essa menina viu um homem doente deitado, em um estado miserável, naquele abrigo. Ele não estava em condições de ir a pé até um dos vilarejos. Portanto, ele não poderia obter a ajuda de ninguém e seu corpo estava se enfraquecendo dia após dia devido à falta de comida e água. A menina notou sua condição. Daquele dia em diante, ela começou a levar um pouco de comida e água para ele diariamente no seu caminho para a escola, recolhendo o recipiente e a garrafa vazios no seu caminho de volta. Essa rotina continuou por alguns dias e o homem pôde se recuperar e ganhar um pouco de energia. Um dia, enquanto a menina voltava da escola, ele segurou-lhe as mãos e perguntou-lhe com a voz fraca, “Minha querida filha! Você providenciou comida e água todos esses dias e salvou minha vida. De onde você poderia obter isso? Seus pais sabiam disso? Ou

você os roubou de algum lugar por minha causa? Ou você está trazendo sua porção de comida para mim, enquanto passa fome? Por favor, diga-me a verdade”. A menina respondeu, “Senhor! O hábito de roubar não existe em mim. Nem estou lhe trazendo comida enganando meus pais. Qualquer comida que eu esteja trazendo para você diariamente, é com o pleno conhecimento de meus pais. Nossa família é pobre. Na verdade, não temos como alimentar um estranho. Ainda assim, eu estou trazendo comida para você, utilizando qualquer pequena quantia que eu seja capaz de obter diariamente com o meu suor e trabalho”. Surpreso com a resposta confiante da menina, o homem a questionou ainda mais, “Você é uma menina que ainda frequenta a escola. Como você pode ganhar dinheiro?” A menina respondeu, “Há uma árvore que produz frutas *Regu*. No caminho para a escola, eu pego as frutas caídas no chão e as vendo para outras crianças por algumas moedas. Com essa quantia assim obtida, eu compro e trago comida para você. Nem incomodo meus pais nem roubo comida de algum lugar. Todo o dinheiro é do meu suor”. Esse homem ficou muito satisfeito com o sacrifício, a sensibilidade e a compaixão daquela menina. Portanto, ele perguntou-lhe novamente como ela poderia ter desenvolvido essa disposição caridosa em tão tenra idade. Ela respondeu, “Isso me foi ensinado por meus pais desde a minha infância. Eles me ensinaram que a nossa família era pobre e que deveríamos fazer caridade na medida do possível, sempre que encontrássemos alguém em condições mais pobres e miseráveis do que a nossa. Hoje eu sou capaz de viver de acordo com seus ensinamentos”. Assim dizendo, ela partiu para sua casa. O paciente gradualmente recuperou sua saúde normal e chegou ao vilarejo no qual a menina vivia com seus pais. Em troca do tratamento compassivo que recebeu da menina e de sua família, ele começou a orar a Deus diariamente para que lhes concedesse vida longa, saúde e prosperidade, para que eles pudessem levar uma vida feliz e pacífica. Ele costumava orar, “Oh! Deus! Eu sou uma pessoa pobre e doente. Eu não sou capaz de prestar nenhum serviço ao país, mesmo recuperando minha saúde e condição. Por favor, cuide dessa família, concedendo-lhes vida longa, saúde e prosperidade, para que eles possam servir melhor ao país”. Visto que suas orações eram sinceras e feitas com um sentimento de gratidão, e como a caridade fora

oferecida pela menina da família sem esperar nada em troca, Deus ficou satisfeito. Portanto, Ele pegou algum dinheiro e foi para a casa deles, uma noite. Ele perguntou-lhes, “Esta é a casa daquela menina que cuidou de Mim todos esses dias Me dando comida e água e salvando Minha vida? Na verdade, Eu entrei no abrigo como um mendigo doente para testar aquela menina e sua disposição caridosa. Eu queria que essas crianças com um coração compassivo aumentassem em número neste mundo, para que as pessoas pudessem viver em paz e felicidade. Eu agora realizei que essa menina realmente tem um coração puro e compassivo, que é, na verdade, a Minha morada. Portanto, tomem esse dinheiro para que essa menina possa, a partir de agora, levar uma vida cheia de paz e felicidade”. Mas, os pais daquela menina não estavam atraídos por aquele dinheiro. Eles se prostraram diante Dele e oraram, “Senhor! Nós não merecemos tanta riqueza. Estamos satisfeitos com o que nos é devido. A riqueza que é desproporcional às nossas necessidades e capacidades trará perigo para nós. Portanto, Oh! Alma nobre!, nós não podemos aceitar uma quantia tão grande”. Mas Deus deixou aquela quantia ali e de repente desapareceu. Eles então realizaram que a pessoa que tinha vindo à sua casa não era apenas uma grande alma, mas, na verdade, o próprio Deus. Eles, portanto, não utilizaram esse dinheiro para suas necessidades pessoais, mas utilizaram toda a quantia para fornecer conforto e cuidado aos pobres e necessitados. Por seu serviço e caridade, eles deram o exemplo para o mundo. Como é a nossa atitude mental (*Bhava*), assim é a graça de Deus (*Anugraha*).

Não devemos pensar que Deus está em algum lugar distante e especial. Devemos adquirir experiência suficiente para declarar a verdade de que Ele é onipresente. Como então podemos desenvolver pensamentos tão nobres? Para isso, a pureza interna e externa é essencial. Deus está dentro, fora, ao lado e em todos os lugares. Se fosse verdade que Deus está apenas dentro de nós, então, apenas a pureza interior seria suficiente. Mas, Ele está fora também. Portanto, a pureza externa também é essencial. Somente quando mantemos a pureza interna e externa, é que realizamos a Divindade.

O que é pureza externa? Isso significa manter o corpo limpo e arrumado e usar roupas limpas. Além disso, devemos manter o nosso ambiente limpo. As roupas que usamos, a casa em que moramos e os livros que lemos devem ser sempre mantidos em bom estado. Devemos cuidar para que nenhuma impureza entre neles. Nosso corpo deve ser mantido sempre limpo, tomando banho duas vezes ao dia. Todas as partes do nosso corpo devem ser limpas durante o banho, pois, onde houver sujeira, haverá bactérias causadoras de doenças. Portanto, devemos sempre ter cuidado para que nenhuma sujeira ou impureza entre em nosso corpo. Todos os dias, de manhã, ao se levantar da cama, você deve escovar os dentes. Você também deve limpar sua língua. Isso é muito essencial, pois nossa boca é como o portão principal (*Simhadwara*) para o nosso corpo. Se houver impureza na própria entrada principal, as bactérias entrarão imediatamente naquele local e, gradativamente, causarão doenças em todo o corpo. Frequentemente, vemos mosquitos e insetos se reunindo em locais onde há estagnação de água suja. Da mesma forma, onde houver impureza, haverá bactérias. Não somente isso. Devemos também manter nossa casa e seu ambiente em boas condições. Há um ditado em Andhra Pradesh que diz que você pode avaliar a natureza da dona da casa observando a casa. Todo esse exercício é para o benefício de quem? Isso é para o nosso próprio benefício. Quando mantemos nossa casa e seu ambiente limpos, podemos levar uma vida saudável. Onde há saúde, haverá felicidade. Portanto, para garantir saúde e felicidade, devemos sempre manter nosso corpo e nossa casa e seu ambiente limpo e arrumado. Para parecer limpo e agradável, você não precisa ter várias roupas. É suficiente que você tenha duas roupas. Uma roupa você pode usar enquanto a outra você pode lavar e deixá-la pronta para o dia seguinte. Outro fator importante é que não basta usar uma roupa limpa e arrumada por fora. Você também deve ter uma mente pura. Você deve ter pureza interior (*Anthah Suddhi*).

Para manter a pureza interior, nossos pensamentos, sentimentos e intenções devem ser sempre puros, nobres e úteis para os outros. Nunca devemos nutrir um sentimento de inveja e ódio. Devemos sempre desenvolver um sentimento de felicidade e entusiasmo cintilante. Nunca devemos pensar no mal dos outros.

Devemos sempre pensar e ver o bem nos outros. Baseando-se somente nesse princípio, os *Vedas* nos exortaram a orar sempre, “Que todos os seres sejam felizes” (*Lokaah Samasthah Sukhino Bhavanthu*), e a nos esforçarmos incessantemente em direção a esse ideal. Devemos sempre contemplar o Divino e sagrado nome de Deus em nosso coração. Essa contemplação constante do nome de Deus (*Namasmarana*) deve permear cada célula do nosso corpo ao longo de nossa vida. Assim, quando você faz um esforço sincero para manter a pureza interior e exterior em sua vida, você pode manter-se longe das bactérias e insetos do apego (*Raga*), da aversão (*Dwesha*), da inveja (*Asuya*) e do orgulho (*Damba*).

Prahlada era um grande devoto do Senhor Narayana. Uma vez, ele disse ao seu pai, “Agora você é apenas um rei. Mas, se você conquistar seis inimigos, você se tornará um imperador”. Esses seis inimigos são o desejo (*Kama*), a raiva (*Krodha*), a cobiça (*Lobha*), a ilusão (*Moha*), o orgulho (*Mada*) e a inveja (*Mathsarya*). Para que esses seis inimigos fiquem longe de nós, nós devemos ter pureza interna e externa. Para tanto, devemos encarar o prazer e a dor, o lucro e a perda, o calor e o frio e outras tais dualidades com igual fortaleza. É claro que é difícil encarar essas dualidades com igual fortaleza. Mas, se você puder realizar a verdade de que o mesmo Deus habita em todos os seres vivos, será mais fácil para você alcançar essa equanimidade. Para isso, a graça de Deus é necessária. Você deve ganhar essa graça. Santo Thyagaraja afirmou, “Oh! Rama! Se apenas a Sua graça (*Anugraha*) estiver comigo, todos os planetas (*Grahas*) estarão sob meu controle”.

Se você desenvolver fé no princípio da unidade do *Atma* em todos os seres (*Ekatma Thathwa*), você poderá alcançar todas essas coisas. Você deve se apossar daquilo que é a fonte, o sustento e a meta de todos os seres vivos, que é o princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*). Se você se agarrar a esse princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*) com firmeza, tudo o mais ficará sob seu controle. Se você deseja ganhar a graça de Deus, você deve adotar certas práticas e fazer alguma disciplina espiritual (*Sadhana*) relacionada ao corpo e à mente. Você deve desenvolver compaixão por todos os seres vivos. Você deve desenvolver o sentimento de unidade do *Atma* em

todos os seres (*Ekatma Bhava*). Você deve desenvolver pureza do corpo e da mente. Assim, quando você praticar essa disciplina espiritual (*Sadhana*) em sua vida diária, você será capaz de realizar a Divindade facilmente. Você deve desenvolver uma firme convicção no ditado, "A reverência oferecida a qualquer indivíduo alcança o Ser supremo" (*Sarva Jiva Namaskaarah Kesavam Prathigachchathi*). Isso implica que você está oferecendo suas reverências diante de Deus, que reside como o residente interno em todos os seres vivos.

Não é suficiente se você desenvolver convicção apenas no ditado acima. Sua prática espiritual (*Sadhana*) não deve parar por aí. Você também deve desenvolver fé no outro princípio, isto é, "Se você insultar ou difamar alguém, esse insulto também chegará a Deus" (*Sarva Jiva Thiraskaarah Kesavam Prathigachchathi*).

Nossa vida é um grande rio. Se você deixar esse rio sem controle, ele inundará todas as terras, seres vivos e vilarejos em seu curso. Ele destruirá todos os vilarejos por onde passar. Portanto, devemos canalizar esse rio, para que ele chegue com segurança à sua fonte, ou seja, o oceano (*Sagara*). A origem, o sustento e o destino de todos os rios é o oceano. Como, então, você pode regular esse rio da vida? A *Bhagavad Gita* sugeriu construir duas margens, uma de cada lado do rio, de modo que ele flua suavemente para o oceano, sua origem e destino. As duas margens são os dois *Mantras* de oito letras (*Astaakshari*), ou seja, "Aquele que está cheio de dúvidas perecerá" (*Samsayaatma Vinasyathi*) e "Aquele que tem fé firme alcançará a sabedoria" (*Sraddhavaan Labhathe Jnaanam*). Se você tomar essas duas margens, ou seja, a ausência de dúvidas (*Nissamsaya*) e a fé firme (*Sraddha*), como as duas margens para o rio da sua vida, o rio da sua vida fluirá suavemente e se fundirá no oceano da graça de Deus (*Anugraha*).

Essa fusão do nosso rio da vida no oceano da graça de Deus foi denominada como devoção (*Bhakti*) e entrega (*Prapaththi*), por Sri Krishna. Isso é o que Ele sempre ensinou. A meta de um ser humano é a liberação (*Moksha*). Nunca se esqueça dessa meta. Sua meta é Deus.

Não se esqueça de Deus. Não apoie sua fé no universo fugaz (*Jagath*). Não tema a morte. Tome esses três como *Mantras* e santifique a sua vida.

Prasanthi Nilayam, 9 de Setembro de 1984.

28

Destemor é a Qualidade Suprema

Enquanto o homem acreditar que existe algo separado de Deus, ele terá medo. "Todo o universo está permeado pelos cinco elementos" (*Sarvathra Pancha Bhuthaani Sathyam*). Essa é a verdade (*Sathyam*). Quando você acreditar nessa verdade, não haverá medo. "Não existe um sexto elemento no universo" (*Shashtam Kinchith Na Vidyathe*). Quando você desenvolver fé nesse ditado, você não terá medo. Isso é uma mesa. Isso é uma cadeira. Isso é uma porta. Isso é uma janela. Isso é uma tribuna. Os nomes e formas de todos esses objetos são diferentes, mas todos são feitos de madeira. Similarmente, todos os cinco elementos do universo são encarnações da Divindade.

Destemor (*Abhaya*) é a qualidade máxima entre todas as boas qualidades. Destemor (*Abhaya*) é um ideal. Seja no campo mundano ou no campo espiritual, o homem deve viver sem medo. Não há espaço para o medo, seja na guerra mundana ou na guerra espiritual. Um homem com medo é um covarde. Ele não consegue executar nem mesmo uma pequena tarefa. Um homem com medo não brilhará neste mundo. Portanto, "Ele deve se tornar destemido", exortou a *Bhagavad Gita*. O destemor não pode ser equiparado à ausência de medo. Ausência de medo pode ser fruto de arrogância ou estupidez. Em contraste, destemor (*Abhaya*) nasce da compreensão da verdade. Um homem com medo morre a cada momento. Mas, um homem destemido morre apenas uma vez. Portanto, Sri Krishna exortou Arjuna a se tornar um homem destemido (*Abhayaseela*). Enquanto houver medo, o homem não poderá executar grandes tarefas. É somente um homem destemido (*Abhayaseela*) que pode alcançar a vitória em grandes tarefas. Krishna pediu a Arjuna, "Oh! Arjuna! Afaste o medo que espreita em sua mente, cultive a qualidade do destemor (*Abhaya*). Torne-se livre do medo (*Viigatha Bhayah*)".

Uma pessoa que se refugia no destemor (*Abhayathwa*) e na justiça (*Aloukikathwa*) nunca dará espaço para o medo. Ela desenvolve ausência de desejo (*Virakthi*) em relação aos objetos mundanos e devoção constante (*Nischala Bhakti*) em relação a Deus. Apenas enquanto houver egoísmo (*Ahamkara*) em relação ao corpo (*Deha*) e sentimento de posse (*Mamakara*) em relação aos objetos, haverá medo.

Um pequeno exemplo. O rei Hiranyakasipu estava com medo do Senhor Narayana. Seu filho Prahlada não tinha medo. Prahlada buscou refúgio no próprio Senhor Narayana. É por isso que quando os demônios sob as instruções de Hiranyakasipu estavam submetendo Prahlada a uma grande tortura física para afastá-lo de sua devoção ao Senhor Narayana, Prahlada continuou a orar ao Senhor Narayana, sem medo.

“*Enquanto os demônios o perfuravam com lanças,*
Uma e outra vez orou o filho do demônio assim,
‘Oh! Senhor! Que se reclina sobre a serpente!
Oh! Senhor! Que é o destruidor dos demônios!
Oh! Senhor do universo!
Oh! Protetor de grandes perigos!
Oh! Mais puro dos puros!’
Ele nunca derramou lágrimas nem tremeu de medo.
Oh! Imperador do mundo.”

Assim relataram Chanda e Amarka, os *Gurus* a quem Prahlada foi confiado para ministrar sua educação. Por que Prahlada não teve medo? Porque ele desenvolveu uma firme convicção de que não havia mais nada neste universo, a não ser o Senhor Narayana. Essa foi a principal razão de seu destemor.

O sábio Yajnavalkya ensinou ao rei Janaka, na *Brihadaranyaka Upanishad*. Ele disse a Janaka, “Oh! Janaka! Você se tornou destemido. Você não precisa se preocupar com nada no futuro. Você fixou toda sua mente em Deus e está vivendo

como Seu instrumento no mundo. Você não tem apego a nenhum objeto. Você é capaz de ver cada objeto neste mundo como uma encarnação da Divindade. Você é capaz de realizar a unidade na diversidade. Você é a encarnação do destemor".

Hoje em dia no mundo, mais do que qualquer outra coisa, o medo da morte é galopante. Alguém pode ser muito corajoso e aventureiro. Alguém pode ser um grande intelectual. Alguém pode ser um milionário. Alguém pode ser um grande herói. Apesar de tudo isso, ele treme de medo quando uma menção é feita à morte. Ao ver os mortos, ele fica abatido e desesperado. A própria palavra morte soa pouco auspiciosa para ele. Mesmo uma pessoa de cem anos teme a morte. Ela quer viver mais alguns anos. Mas, a morte é inevitável para todos os seres vivos. Todos os objetos e todos os seres vivos neste mundo estão fadados a ser arrastados pelo rio da morte. Se uma pessoa que está sendo arrastada pelo rio se agarra em outra pessoa que está na mesma condição para tentar sobreviver, qual é a utilidade? Ambos estão fadados a ser arrastados pelo rio. Somente quando eles se agarram a Deus, que é a margem do rio, é que não há nada a temer. De nada adianta temer a morte ou sentir-se feliz com a vida.

O destemor (*Abhaya*) é como a montanha Meru. O medo (*Bhaya*) é como a respiração que exalamos. A respiração que exalamos pode sacudir a montanha Meru? Você deve ser como aquela montanha Meru, que não treme por nada, exceto por Deus. Você poderá se tornar destemido somente quando desenvolver uma firme convicção de que o mesmo Deus habita em todos os seres vivos e até mesmo nos objetos inanimados. Nada pode causar medo no homem. Alguém disse, "O que pode me deixar com medo? A morte é uma piada da vida". O corpo que é feito dos cinco elementos (*Pancha Bhuthas*) deve cair em algum momento. Por que alguém deveria se preocupar com esse corpo? Sri Krishna desenvolveu o destemor em Arjuna, ensinando-o assim, "Oh! Arjuna! Você não é aquele que mata esses guerreiros. E eles não são aqueles que morrem. Apenas o corpo morre. Você é o *Atma*, e não o corpo".

Entre as várias qualidades de um devoto descritas no décimo segundo capítulo da *Bhagavad Gita* (*Bhakti Yoga*), o destemor é a mais importante. Além disso, o destemor é o alento vital do segundo capítulo da *Bhagavad Gita* (*Sankhya Yoga*). Krishna assegurou a Arjuna, "Levante-se com coragem. Não tenha medo. Enquanto houver medo (*Bhaya*) em você, você não poderá obter Minha proteção (*Abhaya*). Busque refúgio somente em Mim (*Maamekam Saranam Vraja*). Então, Eu cuidarei de tudo".

Estritamente falando, o homem, por natureza, é destemido. A própria palavra "homem" (*Maanava*) implica Divindade. Uma pequena história. Havia uma densa floresta em que viviam todas as variedades de animais. Normalmente, elefantes e leões não coexistem no mesmo lugar. Mas, nessa floresta, todos os animais, da raposa ao leão, estavam vivendo juntos e felizes. Um dia, a raposa pensou profundamente na superioridade do ser humano e raciocinou assim, "As pessoas dizem que a vida humana é uma grande dádiva. Dizem que é um nascimento raro. Assim como o homem nasce, os animais também nascem da mesma maneira. Todos os seres vivos nascidos do útero materno são animais. Nesse caso, por que somente o homem recebe um nome separado, em vez de ser chamado de animal? De que forma ele é superior aos animais? De que forma somos inferiores a ele? Assim, a raposa pensou consigo mesma e decidiu investigar mais sobre o assunto, consultar os outros animais, e encontrar uma forma de acabar com a superioridade do homem. Daquele dia em diante, ela passou a fazer campanha com outros animais para obter apoio em sua luta contra a superioridade do homem. Ela foi a cada animal na floresta e instou com eles, "Por que deveríamos ser inferiores ao homem? As pessoas dizem que os animais são inferiores aos humanos. Devemos remover esse equívoco". Assim, ela contatou todos os animais, desde o poderoso elefante até o rei dos animais, ou seja, o leão, e os inspirou a se unirem por sua causa comum. Todos os animais concordaram em organizar uma conferência e discutir o assunto em detalhes. Eles nomearam a conferência como "A Conferência dos Quadrúpedes" (*Chathushpaada Maha Sabha*). A data e a agenda para a conferência foram acertados.

Havia quatro itens na agenda para discussão e adoção de resoluções. (1) Tanto os seres humanos quanto os animais nascem do ventre de suas mães. Portanto, ambos devem ter o nome comum de “animais”. Não pode haver dois nomes. Os animais devem ser nomeados como humanos ou os humanos devem ser nomeados como animais. Ambos são iguais. Não pode haver diferença. (2) Existe um equívoco de que o ser humano é dotado de sabedoria e os animais não. Não podemos concordar com isso. De que forma os seres humanos são superiores a nós, no que diz respeito à sabedoria? Devemos estabelecer o fato de que tanto os humanos quanto os animais são dotados de igual sabedoria. (3) Diz-se que somos animais mudos e que os seres humanos têm a faculdade de falar. Mesmo sendo mudos, de que maneira sofremos com essa debilidade? (4) Existe um sentimento de que somos animais selvagens e que os seres humanos são de natureza pura (*Sathwa*). Não devemos concordar com esse conceito. A natureza pura (*Sathwa*) que existe em nós não se encontra nos seres humanos. Devemos conquistar a reputação de que os animais são de natureza mais pura (*Sathwa*) do que os seres humanos.

Então, surgiu a questão de quem deveria presidir a conferência. A própria raposa sugeriu que um dos sábios (*Rishis*) que executavam penitências (*Thapas*) na mesma floresta pudesse ser requisitado para presidir a conferência. Consequentemente, ela foi a um sábio (*Rishi*) e solicitou a ele, “Swami! Estamos organizando uma conferência de todos os animais de quatro patas em nosso reino animal nesta floresta. Peço-lhe que gentilmente aceite presidir essa conferência”. O sábio (*Rishi*), que já havia realizado a igualdade de todos os seres vivos, concordou prontamente com o pedido.

A conferência começou em um momento auspicioso. Todos os animais da floresta, do maior ao menor, se reuniram em uma vasta área aberta para participar daquela conferência. Todos estavam muito felizes e a atmosfera estava carregada de grande entusiasmo. Todos esses animais tinham fé e respeito pelo sábio (*Rishi*) que viera presidir a conferência. Eles, portanto, o colocaram sentado no tablado na cadeira

presidencial. Outro assento foi fornecido ao lado dele para o leão, sendo o rei dos animais. Quando todos os participantes se assentaram em seus respectivos lugares, a raposa, que foi escolhida como secretária da conferência, iniciou seu discurso de boas vindas, dizendo, “Hoje é um dia memorável em nossas vidas. Esse é um dia inesquecível. Essa conferência vai conseguir uma grande vitória. Apesar de sua agenda lotada, todos vocês vieram participar dessa conferência. Agradeço a todos vocês”. Após as boas-vindas, a raposa leu a agenda da conferência.

Então, o leão, o rei dos animais, levantou-se para falar na conferência. Ele disse, “Todos vocês ouviram as questões colocadas diante de vocês por meu irmão, a raposa. Para falar a verdade, a coragem e o valor, a bravura e o poder que possuímos não se encontram nos seres humanos. Eu sou um exemplo vivo dessa verdade. Mostre-me uma pessoa que possa se comparar a mim em coragem e força. Embora eu seja o rei dos animais, eu não gosto de caminhos injustos e ruins. Não faço mal a outros animais, desnecessariamente. Apenas quando estou com fome é que eu mato animais, para satisfazer a minha fome. Eu não mato seres vivos apenas por diversão. Essa coragem, essa bravura e esses princípios, você encontra no ser humano? Não, não. Portanto, por que devemos ser considerados inferiores aos seres humanos? Isso deve ser deliberado nessa conferência”. Assim dizendo, o leão sentou-se.

Então o elefante começou a falar, “Um ser humano não tem nem o tamanho da minha perna. O meu corpo é um corpo gigantesco. Eu obtive uma reputação de inteligência. As pessoas se referem a ela como inteligência de elefante (*Gaja Thelivi*). Os reis e imperadores estão atrás de mim. A coroação dos reis não pode ser executada sem a minha presença. Como então os seres humanos podem ser considerados grandes? Um ser humano não é páreo para mim em força, inteligência e tamanho”.

Nesse ínterim, a raposa teve uma ideia brilhante. Ela sussurrou algo para o leão, que por sua vez sussurrou para o elefante. O consulta de ouvido a ouvido

rapidamente percorreu o palco e decidiu-se solicitar um pequeno animal para falar em seguida. Um cachorro na floresta foi solicitado para se dirigir ao público. Ele se levantou e começou a falar assim, “Eu sou uma criatura minúscula e insignificante perante essa augusta assembleia. No entanto, eu ganhei a oportunidade de falar diante de vocês, pelo que sou muito grato. Embora eu seja um animal pequeno e insignificante, há uma grande virtude em mim, que não existe no ser humano. Não há ninguém que se compare a mim em fidelidade. Eu serei muito fiel, até meu último suspiro, ao meu mestre, que me fornece comida e abrigo. Mesmo quando ele me provoca, eu não me importo. Até mesmo os seres humanos se referem a isso com frequência. Eles dizem, ‘Você não tem a fidelidade que até um cachorro tem’. Eu não sou, de forma alguma, inferior a um ser humano em questões de fidelidade. Um ser humano tenta fazer mal ao seu mestre. Ele tenta causar dano àqueles que o ajudam. Ele comete traição até mesmo ao seu próprio mestre. A qualidade da gratidão é desconhecida nos seres humanos. Eles não são fiéis. Um ser humano mostra obediência e humildade, até que seu propósito seja servido. Uma vez que seu propósito é cumprido, ele tenta prejudicar seu próprio mestre. Portanto, nós, os animais, não somos, de forma alguma, inferiores aos seres humanos”. Assim, os outros animais também falaram, de acordo com sua posição e habilidade. Agora, era a hora do discurso presidencial.

O sábio (*Rishi*), em seu discurso presidencial, no início concordou que todas as coisas ditas nos vários discursos dos vários membros eram, de fato, verdadeiras. Ele disse, “Oh! Animais! Os pontos que vocês destacaram em seus discursos são verdadeiros. É um fato que o ser humano saúda uma pessoa quando ela se depara com ele e a ridiculariza em sua ausência. Ele diz uma coisa na sua frente e outra por trás. Ele exalta você na sua presença e traça um plano para matá-lo por trás. É, sem dúvida, verdade que todas as falhas mencionadas por vocês existem em um ser humano. No que diz respeito às necessidades básicas como comida, descanso, proteção e sexo, não há diferença entre um ser humano e um animal. No entanto, existe uma qualidade especial nos seres humanos. Os animais não podem mudar sua natureza inerente de crueldade. Quando está com fome, o tigre procura apenas

carne de animais ou humanos. Qualquer quantidade de esforço não o ajudará a mudar sua natureza. Mas, um ser humano, por um esforço consciente e sincero, pode mudar sua natureza cruel e suas más qualidades. A capacidade de executar uma transformação por meio de um esforço consciente está presente no ser humano. Mas, essa capacidade não existe nos animais. Essa é a diferença fundamental entre um ser humano e um animal”.

Essa afirmação não agradou aos animais. Portanto, a raposa se levantou e protestou, “Swami! O que você disse é, claro, verdade. Mas, suponha que um ser humano seja incapaz de fazer uso dessa capacidade e não mude a si mesmo, o que devemos dizer?” O presidente esclareceu que tal ser humano é pior que um animal. A essa afirmação todos os animais responderam com aplausos estrondosos.

O presidente observou ainda que a segunda qualidade em um ser humano que o coloca em um pedestal mais alto é sua educação. Nesse ponto, a raposa se levantou novamente e protestou, dizendo, “Toda essa educação é para encher sua barriga. Nós também estamos fazendo a mesma coisa, mesmo sem nenhuma educação formal. Portanto, nós, os animais, somos melhores que os seres humanos”. Perturbado com a liberdade tomada pela raposa de interromper seu discurso frequentemente, o sábio (*Rishi*), em sua posição de presidente da conferência, ignorou isso e continuou o seu discurso. Ele disse, “Um ser humano pode atravessar a ilusão (*Maya*) e realizar o princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*). Ele pode alcançar a bem-aventurança da liberação (*Nirvana*). Por um esforço consciente, ele pode realizar o *Atma*. Pela disciplina espiritual (*Sadhana*), ele pode alcançar a liberação (*Nirvana*). Essas qualidades não existem nos animais”.

O sábio (*Rishi*) continuou seu discurso, “Meus queridos animais! Na língua Inglesa eles chamam o ser humano de ‘*Man*’. Em Télugo, ele é chamado ‘*Maanava*’. Através da disciplina espiritual (*Sadhana*), o homem pode remover a ignorância de *Maya*, realizar o princípio do *Atma* e finalmente fundir-se na bem-aventurança do *Nirvana*. Esse é o significado da palavra ‘*Man*’. ‘M’ significa ‘*Maya*’. Remova

essa *Maya*. 'A' significa '*Atma*'. Realize esse *Atma*. 'N' significa '*Nirvana*'. Alcance esse *Nirvana*. Mergulhe na bem-aventurança. Portanto, um ser humano (*Man*) é aquele que remove a ignorância, realiza o princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*) e se funde na bem-aventurança".

Quando o sábio (*Rishi*) concluiu seu discurso presidencial, portanto, todos os animais baixaram suas cabeças e concordaram que tal esforço está além do seu alcance. Eles chegaram à conclusão de que os seres humanos que não fazem esse esforço são iguais aos animais e são seus colegas. Portanto, não há muita diferença entre os seres humanos e os animais.

Então, o sábio (*Rishi*) revelou o propósito pelo qual ele viera para a floresta. Ele disse aos animais que, assim como ele, vários sábios (*Rishis*) estavam migrando para a floresta para fugir dos seres humanos cruéis que se esquecem de sua Divindade inata, e para passar uma vida feliz e pacífica entre os animais de natureza pura (*Sathwa*).

O que quer que um ser humano diga ou faça, existe um interesse próprio nisso. Mas, os animais não têm egoísmo. Esses animais não estão acumulando dinheiro em depósitos fixos nos bancos, a fim de enviar seus filhos e netos para países estrangeiros como América, Japão, França, Itália e Alemanha. Eles não estão enchendo seus estômagos trapaceando e fazendo mal aos outros. Eles não estão construindo suas próprias casas. A vasta natureza é sua casa. Finalmente, a conferência dos animais de quatro patas aprovou uma resolução de que um ser humano que não faz um esforço para honrar o título de "*Man*" também é um animal como eles.

Nesse contexto, Sri Krishna, enquanto enfatizava a necessidade de cultivar a qualidade do destemor, exortou Arjuna, "Oh! Arjuna! Você não é um animal para desenvolver medo. Você não é uma ovelha para temer nem um tigre para instilar medo nos outros. Você é um ser humano. Um vez que os seres humanos ainda

carregam algumas das qualidades animais, eles estão expostos ao medo. Portanto, não tenha medo”. Então, Arjuna se rendeu a Krishna e disse, “Swami! Eu devo obedecer ao Seu comando” (*Karishye Vachanam Thava*).

O homem tem um poder infinito dentro dele. No entanto, ele não consegue realizar isso. Qual é a razão? A razão é sua fraqueza de acreditar que ele é diferente de Deus. Ele deve realizar que sua natureza é Divina e que a mesma Divindade permeia todo o universo (*Sarvathah Paanipaadam Thath Sarvotokshi Siromukham*). Quando ele acreditar que a mesma Divindade permeia todo o universo, ele não terá medo. Mas, hoje em dia nós vemos o complexo do medo desenfreado em toda parte. Existe o medo das provas. Existe o medo das viagens aéreas. Quando você está em um táxi, se você vê um caminhão vindo na direção oposta, você fica com medo. Mesmo enquanto dorme, você teme que algum ladrão possa invadir sua casa. Assim, toda a nossa vida, dia após dia, é passada com medo. Isso não está correto. Devemos nos tornar destemidos. Isso acontece com o desenvolvimento de uma fé inabalável e devoção a Deus. Somente quando você perde essa fé, é que você tem medo. Hoje em dia, o homem esqueceu sua verdadeira natureza e acredita que ele é esse vulto de cinco pés de altura. Aquele que remove essa ignorância de *Maya*, realiza o princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*) e se funde na bem-aventurança do *Nirvana* é o verdadeiro homem. Aquele que tem confiança no Ser é um diamante (*Sakshara*). Aquele que não tem confiança no Ser é um demônio (*Rakshasa*). Devemos nos tornar verdadeiramente humanos, e não apenas no nome.

Sri Krishna se dirigiu a Arjuna como “*Kurunandana*” na guerra de *Kurukshetra*. O que isso significa? “*Kuru*” + “*Nandana*” = “*Kurunandana*”. Isso significa aquele que tem prazer na execução de um trabalho (*Karma*). Esse é Arjuna. Ele tem prazer somente no trabalho. Normalmente, quando há trabalho é que ficamos desanimados e deprimidos. Nos sentimos felizes em um domingo, pois não há nenhum trabalho nesse dia. Em contraste, Arjuna fica deprimido quando não há trabalho. Ele se sente mais feliz quando há mais trabalho. Como ele tem prazer no

trabalho (*Karma*), Krishna o chamou de "*Kurunandana*". Arjuna tem vários outros nomes como *Phalguna*, *Paartha*, *Kireeti*, *Swethavaahana*, *Bheebhathsa*, *Savyasaachi*, *Vijaya Krishna*, *Dhanunjaya*, etc. Cada um desses nomes tem um significado especial, conforme explicado por Krishna.

Hoje, aprendemos sobre a qualidade do destemor neste discurso. Existem várias outras qualidades a serem cultivadas. Não é possível ganhar um lugar no coração de Deus sem cultivar e praticar essas nobres qualidades. Na verdade, boas qualidades são como um passaporte para entrar na morada de Deus. Elas precisam ser cultivadas. Juntamente com a educação, deve-se obter refinamento (*Samskara*). A educação sem refinamento (*Samskara*) é um desperdício. Esse tipo de educação é útil apenas para obter o sustento no mundo físico. Hoje em dia, os cientistas inventaram grandes máquinas. Mas, eles poderiam estabelecer paz e felicidade neste mundo com essas máquinas? Não, não. Paz e felicidade somente são possíveis com a Divindade. A paz mundana é apenas transitória, momentânea, instável e impermanente. Eles não podem conduzi-lo à Divindade indestrutível (*Akshara Swarupa*). Se você deseja alcançar a indestrutibilidade (*Aksharathwa*), você deve abandonar a destrutibilidade (*Ksharathwa*).

Nós compreendemos o conhecimento (*Sankhya*) como sabedoria (*Jnana*). O caminho do conhecimento (*Sankhya Yoga*) é o que ensina você a alcançar a Divindade com sabedoria (*Jnana*). A essência do segundo capítulo da *Bhagavad Gita* (*Sankhya Yoga*) é estabelecer a onipresença de Deus. O segundo capítulo da *Bhagavad Gita* (*Sankhya Yoga*) contém grandes ensinamentos. No entanto, não podemos remover nossa tristeza (*Soka*) meramente cantando esses versos (*Slokas*). Devemos tentar traduzir o significado interno desses versos (*Slokas*) em ação em nossa vida diária. Somente então você poderá estabelecer comunhão com Deus, que ensinou esses caminhos (*Yogas*).

Prasanthi Nilayam, 10 de Setembro de 1984.

29

O Cultivo do Campo do Coração

Quem está sempre vigilante e alerta, quem sempre tem um senso de discernimento nas questões do mundo objetivo, não terá nenhum medo. Uma pessoa que desenvolve apego ao corpo (*Dehabhimana*) e interesse pelo prazer mundano (*Vishayasakthi*), terá medo nascido do sofrimento. É por isso que Sri Krishna disse a Arjuna, "Oh! Arjuna! Desenvolva uma visão pura (*Samyak Drishti*)". *Samyak Drishti* significa uma visão pura (*Sudarsana*).

O homem tem três tipos de visão. O primeiro é a visão corporal (*Deha Drishti*). Isso se limita a ver o tamanho e a beleza exteriores da forma humana. Isso nasce da influência do mundo objetivo. O segundo é a visão mental (*Manasika Drishti*). Isso é baseado nos pensamentos, ações e comportamento de uma pessoa. Quaisquer pensamentos que estejam profundamente enraizados na mente de uma pessoa, encontrarão expressão em suas ações. As ações externas são os reflexos dos pensamentos internos. Elas são um reflexo do ser interior. O comportamento do homem é regulado por esses pensamentos. O terceiro é a visão do *Atma* (*Atma Drishti*). Uma pessoa que cultivou a visão do *Atma* não está absolutamente envolvida com a forma, o tamanho ou o comportamento externo. A visão do *Atma* é aquela que estabelece a verdade de que o princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*) em cada ser vivo é o mesmo, independentemente de seu nome e forma. As formas e as ações externas estão sujeitas a mudança. Não é uma visão pura (*Samyak Drishti*) fixar a visão nesses nomes, formas e ações externas, que são impermanentes e falsos.

Existe uma lenda de que o Senhor Vishnu segura um disco chamado *Sudarsana*. *Sudarsana* significa visão pura. O significado interno da lenda é que aquele que tem uma visão pura (*Samyak Drishti*) sempre permanece nas mãos Divinas de Deus. Ele não somente está sob os cuidados de Deus, mas também pode se tornar

o próprio Deus. Tendo em vista o significado interno de que uma pessoa com visão pura (*Samyak Drishti*) pode desenvolver a natureza Divina e se transformar em uma personalidade Divina, é dito, “Aquele que realizou *Brahman*, torna-se *Brahman* verdadeiramente” (*Brahmavid Brahmaiva Bhavathi*). Sri Krishna enfatizou esse ponto e exortou Arjuna, “Oh! Arjuna! Se você deseja se tornar um sábio (*Sthithaprajna*), você deve desenvolver uma visão pura (*Sudarsana*). Uma visão pura (*Sudarsana*) significa reconhecer a unidade na diversidade. A Divindade nada mais é do que o princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*). Portanto, direcione sua atenção para o princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*)”.

Desde os tempos antigos, o festival de carruagens (*Rathothsava*) é celebrado em vários templos da Índia, em cada vilarejo e cidade. Para esse propósito, a carruagem do templo é belamente decorada e a deidade é colocada na carruagem e levada em procissão pelas principais vias do vilarejo ou cidade. Durante a procissão, alguns moradores estarão dançando em grupos em frente à carruagem. Para testemunhar essa dança, várias centenas de pessoas se reunirão. Várias pessoas oferecerão adoração (*Arathi*) à deidade e quebrarão cocos. Assim, a procissão seguirá com grande pompa e fervor religioso. Existem três tipos de pessoas que se reúnem durante esses festivais de carruagens. Algumas pessoas fixam o olhar na carruagem e em sua decoração. Algumas outras são atraídas pelas danças executadas em frente à carruagem. Algumas outras pessoas ficam maravilhadas com a força e a energia das pessoas que puxam a carruagem pesada durante a procissão. Mas, pouquíssimas pessoas estão interessadas no propósito para o qual esse festival de carruagens é celebrado. Ninguém realmente testemunha a deidade majestosamente sentada na carruagem e movendo-se em procissão. Deus é o mestre (*Rathika*) movendo-se na carruagem (*Ratha*). Pouquíssimas pessoas anseiam pela visão (*Darshan*) daquela bela deidade (*Utsava Moorthy*) decorada com bom gosto. Essa carruagem (*Ratha*) pode ser comparada ao corpo humano. Existem várias centenas de milhões de carruagens (*Rathas*) assim no mundo. Estamos acostumados a ver essas carruagens (*Rathas*) se movendo diariamente. Também estamos acostumados a observar sua altura e peso, sua beleza e seu

comportamento exterior. Mas, pouquíssimos de nós indagamos sobre o princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*) que habita nesses corpos.

Um pequeno exemplo. O Senhor Shiva se move como aquele que tem o touro como veículo (*Nandivahana*). Olhamos para o veículo (*Vahana*), ou seja, apenas para o touro, e não para o próprio Senhor Shiva. Da mesma forma, o rato é o veículo (*Vahana*) do Senhor Vinayaka. Esse rato é o veículo que transporta o Senhor Vinayaka nas costas. Assim, todo ser vivo é como um veículo ou carruagem (*Ratha*) levando Deus em procissão. Hoje em dia, todos estão se concentrando na carruagem e em sua decoração. Todos estão se concentrando no corpo (*Deha*) e em sua manutenção e conveniências. Todos estão preocupados com o prazer corporal. Mas ninguém está realmente interessado no residente interno do corpo (*Dehi*), e em Sua visão (*Darshan*).

É por isso que Sri Krishna disse a Arjuna, "Oh! Arjuna! Esses pais e avôs, filhos e netos, irmãos e cunhados, todas essas pessoas são parentes do seu corpo. Você está desenvolvendo apenas a visão corporal (*Deha Drishti*). Isso é impróprio para uma pessoa como você. Mantenha o residente interno (*Dehi*) em todos esses corpos como a sua meta. Somente então você poderá desenvolver uma visão pura (*Sudarsana*). Tal visão pura (*Sudarsana*) o conduzirá à vitória. Arjuna! A sombra de um homem tem o mesmo valor que o próprio homem? O reflexo obtém o mesmo valor que o próprio objeto? O objeto (*Bimba*) é o *Atma* e o corpo (*Deha*) é o seu reflexo (*Prathibimba*). Quem valoriza o reflexo (*Prathibimba*) mais do que o objeto (*Bimba*) é o maior tolo".

Arjuna era um grande sábio (*Jnani*). Sri Krishna conhecia suas capacidades. É por isso que Krishna, no segundo capítulo da *Bhagavad Gita*, jocosamente se referiu a sua situação como "a doença da ignorância" (*Karpanya Dosha*). Existem vários significados para a palavra "*Karpanya*". Um dos significados é uma pessoa pobre (*Daridra*). Mas Arjuna não era uma pessoa pobre. Na verdade, ele era o conquistador de riquezas (*Dhananjaya*). Portanto, esse significado não lhe

convém. Outro significado é uma pessoa gananciosa (*Lobhi*). Mas ele também não era ganancioso. Ele era verdadeiramente um completo renunciante (*Sarvasanga Parithyagi*). Ele renunciou até mesmo ao reino. Portanto, esse significado também não lhe convém. Um terceiro significado da palavra "*Karpanya*" é uma pessoa ignorante (*Ajnani*). Mas, essa ignorância (*Ajnana*) de Arjuna não era uma ignorância mundana (*Loukika*). Ela era sobrenatural (*Paramarthika*). Arjuna estava, naquele momento, incapaz de voltar sua visão para dentro.

Para desenvolver a visão interior, Sri Krishna exortou Arjuna, "Oh! Arjuna! Você deve desenvolver um intelecto resoluto (*Vyavasayatmaka Buddhi*) para remover sua ignorância. Lembre-se de como um fazendeiro cultiva a terra. Quanto esforço ele coloca, que tipo de operações ele executa e como ele faz para fazer a colheita. Todas essas coisas você deve aprender". Um aspirante espiritual (*Sadhaka*) deve adotar um intelecto resoluto (*Vyavasayatmaka Buddhi*) no campo espiritual, para colher a colheita da realização do *Atma* (*Atma Jnana*). Qual é o campo (*Kshetra*) a ser cultivado aqui? Um aspirante espiritual (*Sadhaka*) deve cultivar o campo do coração (*Hridaya*). Como um fazendeiro executa seu trabalho de cultivo da terra? Ele primeiro pergunta que tipo de semente deve ser semeada em um determinado tipo de solo. Então, que tipo de fertilizante ou adubo deve ser espalhado no campo. Como preparar o terreno para semear? Primeiro, ele tem que remover o crescimento selvagem e os arbustos espinhosos do campo. Em seguida, o campo deve ser arado e o solo amolecido pela rega. Então ele estará pronto para semear a semente. Todo esse processo é chamado de exercício preparatório (*Vidhwansaka Marga*). A segunda etapa é semear sementes fortes e saudáveis, protegendo a cultura de pragas e gafanhotos e, finalmente, a colheita. Esse processo é denominado exercício de precaução (*Vidhayaka Marga*). Se você quiser cultivar a terra e colher uma boa colheita, tanto o exercício preparatório (*Vidhwansaka Marga*) quanto o exercício de precaução (*Vidhayaka Marga*) são necessários. Da mesma forma, no campo espiritual, uma pessoa deve remover os maus pensamentos, as más intenções e os maus sentimentos de seu coração. Então, a água do Amor deve ser canalizada para o campo. Por esse processo, o campo do

coração (*Hridayakshetra*) será amolecido. Esse campo deve ser cultivado com disciplina espiritual (*Sadhana*) e preparado para o plantio da semente da sabedoria (*Jnana*). Tendo em vista esses fatos, Sri Krishna exortou Arjuna, "Oh! Arjuna! Desenvolva um intelecto resoluto (*Vyavasayatmaka Buddhi*). Cultive o campo do seu coração. Então, a planta do nome Divino crescerá naquele campo como uma árvore e dará a você o fruto da liberação (*Moksha*). Empreenda uma transformação em seu coração. Remova a visão externa ou exterior. Desenvolva uma visão interior. Estabeleça firmemente a Divindade em seu coração. Somente então você poderá se tornar um sábio (*Sthithaprajna*) e experimentar a Minha Divindade. Você poderá se tornar verdadeiramente destemido".

Há muita diferença entre o destemor (*Abhaya*) e a ausência de medo (*Nirbhaya*). "*Nirbhaya*", ausência de medo, é o oposto da palavra "*Bhaya*", medo. *Nirbhaya*, portanto, significa ausência de medo. Um pequeno exemplo. Há uma corda na estrada. Uma pessoa que viajava durante a noite naquela estrada viu a corda e confundiu-a com uma cobra e desenvolveu medo. Então ela acendeu a luz da tocha que carregava consigo. Agora, ela realizou que não era uma cobra, mas uma corda. O medo nela desapareceu imediatamente. Assim, o início do medo (*Bhaya*), bem como seu desaparecimento (*Nirbhaya*) aconteceram em apenas alguns poucos segundos. Confundir erroneamente um objeto por outro é *Bhaya*. Realizar a verdadeira natureza de um objeto é *Nirbhaya*.

Mas, o destemor (*Abhaya*) não tem relação alguma com esses dois. Para aquele que está sempre firmemente estabelecido em sua própria Divindade inata (*Swaswarupa Sandhana*), não existe medo (*Bhaya*) nem ausência de medo (*Nirbhaya*). Portanto, não devemos considerar o destemor (*Abhaya*) como o oposto do medo (*Bhaya*). Na verdade, não há dualidade ou segunda natureza no destemor (*Abhaya*). Onde se acredita que existe um segundo objeto, então haverá apenas medo (*Bhaya*). O destemor (*Abhaya*) é um e somente um, ou seja, "não dois, somente um" (*Ekameva Adwitheeyam Brahma*).

Apenas aquele que esquece sua verdadeira natureza terá medo. Apenas aquele que mantém o mundo objetivo em vista terá medo. Apenas aquele que procura prazeres sensoriais terá medo. Apenas aquele que está iludido pela matéria (*Padartha*) terá medo. Aquele que está absorto no espírito (*Parartha*) não tem medo. Esse indivíduo é um homem destemido (*Abhayaseela*).

Sri Krishna aconselhou Arjuna, "Oh! Arjuna! Não desvie sua atenção para este mundo objetivo. Realize Minha natureza Divina, que existe em cada ser vivo. Se você mantiver isso em sua visão, você não será perturbado por essas distorções. Enquanto houver visão distorcida (*Vikara Drishti*), você não poderá visualizar a forma Divina (*Aakara*). A menos que você visualize a forma Divina (*Aakara*), você não se livrará do medo. Você deve se tornar um sábio (*Sthithaprajna*). Portanto, você não deve se iludir com essas distorções". O que devemos ter em mente nesse conselho é que devemos controlar nossa visão corporal (*Deha Drishti*) e nossa visão externa (*Bahya Drishti*) e tentar desenvolver uma visão interna (*Atma Drishti*). Isso é chamado de visão pura (*Sudarsanam*).

Um pequeno exemplo. O *Bhagavatha Purana* contém a história da liberação de Gajendra (Gajendra *Moksha*). Nessa história, um elefante caiu sob as mandíbulas de um crocodilo. O elefante tinha muito ego e confiança em sua própria força de que poderia lutar e sair das mandíbulas do crocodilo sozinho. Existem dois pontos importantes a serem observados aqui. O crocodilo é capaz de exibir toda sua força apenas quando está na água. Da mesma forma, o elefante pode mostrar seu poder apenas na terra. No momento em que um elefante entra na água, ele perde sua força. Da mesma forma, um crocodilo perde seu poder quando sai da água. No presente caso, uma vez que o crocodilo agarrou a perna do elefante enquanto ele estava na água, ele tinha uma grande força. O elefante pensava que o crocodilo era um animal pequeno, nem mesmo do tamanho de sua perna, e que, portanto, poderia facilmente lutar contra ele e sair de suas mandíbulas. O elefante não conhecia o fato de que o crocodilo era mais poderoso na água. A luta durou muito tempo. O elefante estava cansado e não estava mais em condições de lutar contra o crocodilo.

Tanto sua força corporal (*Deha Bala*) quanto sua força mental (*Mano Bala*) diminuíram. Em seguida, ele confiou no poder do Divino *Atma* (*Atma Bala*), e orou, “Oh! Deus! Por favor, venha rapidamente e me salve. Não conheço ninguém que possa me proteger a não ser Você”. O tempo todo, ele confiara em sua força corporal (*Deha Bala*) e em sua força mental (*Mano Bala*). Mas, agora, ele realizou a futilidade de confiar em sua própria força e, portanto, buscou refúgio na força Divina (*Daiva Bala*). Assim, ele se rendeu totalmente a Deus. Enquanto contasse com a força de seu corpo (*Deha*), ele não poderia buscar refúgio em Deus (*Daiva*). Assim que perdeu sua força corporal, sua mente foi direcionada para Deus. Imediatamente, o Senhor Vishnu enviou o Seu disco (*Sudarsana Chakra*) para libertar o elefante das mandíbulas do crocodilo. Essa é a história. Na verdade, “*Sudarsana*” não é um disco. Quando a visão do devoto é voltada para Deus, a visão de Deus se volta para o devoto. Esse é o significado interno de “*Sudarsana*”, ou seja, visão pura. Quando o elefante se rendeu completamente e fixou sua visão em Deus, a visão de Deus também se voltou para ele.

“Se você olha para Mim, Eu olho para você”. Mesmo que Minha visão se volte para você, se você não olhar para Mim, você não poderá reconhecê-la. Você não poderá experimentá-la. Sua visão agora está confinada ao corpo. O Sol brilha em todos os lugares. Mas, sentados em nosso quarto, não conseguimos ver a luz do Sol. Qual é a razão? Temos um teto sobre nosso quarto e paredes nos quatro lados que bloqueiam a luz do Sol que incide sobre nós. Uma vez que o telhado e as paredes são quebrados, a luz do Sol incide diretamente sobre nós. Da mesma forma, nós nos cobrimos com o teto do ego. Construímos as paredes do apego (*Abhimana*). É por isso que os raios da graça de Deus (*Anugraha*) não estão caindo sobre nós. Um pequeno incidente ocorrido há algum tempo, pode ser citado como exemplo disso. Um infeliz incidente aconteceu em uma casa. Um ancião faleceu. A esposa e os filhos ficaram muito tristes. Eles gritaram, “Oh! Deus! Por que Você nos negligenciou? Por que Você trouxe uma calamidade tão grande sobre nós? Você não tem compaixão de nós? Qual é a razão de Você ser tão rude e duro conosco e nos esquecer? Assim, eles choravam inconsolavelmente, culpando a

Deus por Ele os ter esquecido. Sua visão Divina não se voltara para sua família e essa era a razão de sua tristeza. Nesse ínterim, uma voz Divina foi ouvida de algum lugar dizendo, “Oh! Mãe! Por que você não olha para Mim? Por que você Me esquece o tempo todo? Se você olha para Mim, Eu olho para você. Na verdade, foi apenas você que se esqueceu de Mim, Eu não Me esqueci de você”. Similarmente, quando nossa visão não está fixada em Deus, não podemos reconhecer a visão de Deus, embora ela esteja direcionada para nós. Nesse estado, sentimos que Deus não é gracioso o suficiente para voltar Sua visão Divina para nós.

Novamente, um pequeno exemplo para ilustrar esse ponto. Quando Eu e você estamos frente a frente, seu reflexo estará em Meus olhos e Meu reflexo estará em seus olhos. Por outro lado, supondo que você esteja atrás de Mim, como você poderá Me visualizar em seus olhos? Como poderá Minha visão cair sobre você? Portanto, venha e permaneça diante de Mim, mantendo seu olhar fixo em Mim. Então Minha visão cairá sobre você. Da mesma forma, quando o elefante fixou sua visão no Senhor Vishnu, Sua visão Divina caiu sobre ele e ele foi liberado das mandíbulas do crocodilo. Quem é esse elefante (*Gajaraja*)? Ele é um elefante no cio (*Mada Gaja*). Um homem com ego e um elefante no cio, ambos têm um desejo, que é a luxúria. No momento em que o desejo nasce, ele cria uma sede. Um elefante sedento entrou nas águas da existência mundana (*Samsara*) para matar sua sede. Assim que ele colocou os pés nas águas da existência mundana (*Samsara*), o poderoso crocodilo do apego (*Mamathwa*) o agarrou.

Na existência mundana (*Samsara*), quando uma pessoa é solteira, tudo o que acontece é problema seu. Ela pode ocasionalmente encontrar situações de sofrimento. Mas, quando ela se casa, ela tem que se preocupar não apenas consigo mesma, mas com sua esposa e filhos, sogro, sogra, cunhados, cunhadas, etc. Assim, seu sofrimento se multiplica. À medida que os apegos na existência mundana (*Samsara*) aumentam, a escravidão (*Bandhana*) se desenvolve. Quando a escravidão se desenvolve, a jornada na direção de Deus sofre um retrocesso.

Somente quando você está engajado na realização de Deus, você terá a graça de Deus. É por isso que Sri Krishna aconselhou Arjuna, “Oh! Arjuna! Você não deve cair sob essa escravidão da existência mundana (*Samsara*). Existe um único princípio Divino existente em todos os seres vivos, isto é, o princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*). Mantenha isso em sua visão. Cultive um intelecto resoluto (*Vyavasayatmaka Buddhi*). Não permita que esses arbustos espinhosos cresçam no campo do seu coração (*Hridaya Kshetra*). Em vez disso, cultive as árvores frutíferas da graça de Deus. Direcione sua visão para Deus. Essa é a disciplina espiritual (*Sadhana*) que você deve empreender. Essa é a sua meta. Esse é o seu destino. Essa é a virtude que você deve cultivar”.

Prasanthi Nilayam, 11 de Setembro de 1984.

30

As Três Qualidades

O Senhor Krishna deixou claro que o resultado da qualidade da atividade (*Rajas*) é apenas sofrimento (*Rajasasthu Phalam Dukham*). Portanto, é preciso reconhecer essa verdade e remover as qualidades da atividade (*Rajas*) e da inércia (*Thamas*) de sua mente e se tornar um homem de sabedoria (*Vijna*). O mundo inteiro está repleto das três qualidades (*Gunas*), ou seja, pureza (*Sathwa*), atividade (*Rajas*) e inércia (*Thamas*). Ele é a encarnação das três qualidades (*Thrigunatmaka Swarupa*). Entre essas três qualidades (*Gunas*), as qualidades da atividade (*Rajas*) e da inércia (*Thamas*) trazem várias dificuldades e sofrimentos. Na verdade, para todos os sofrimentos e dificuldades do mundo, essas duas são as responsáveis.

Entre as três qualidades (*Gunas*), a qualidade da inércia (*Thamas*) por sua vez tem seis aspectos, a saber, sono, sonolência, medo, raiva, preguiça e inércia. Assim como um fazendeiro que deseja cultivar sua terra e colher uma boa colheita remove os resíduos de plantas e ervas daninhas do campo, da mesma forma, um aspirante espiritual (*Sadhaka*) que deseja colher a colheita da bem-aventurança do *Atma* (*Atmananda*) deve remover as ervas daninhas de desejo (*Kama*), raiva (*Krodha*), cobiça (*Lobha*), ilusão (*Moha*), orgulho (*Mada*) e inveja (*Mathsarya*) do campo do seu coração (*Hridaya Kshetra*). Esses seis inimigos (*Arishadvargas*) são descendentes diretos das qualidades da atividade (*Rajas*) e da inércia (*Thamas*).

Na *Bhagavad Gita*, o motivo para o desânimo de Arjuna no primeiro capítulo (*Vishada Yoga*) era a qualidade da atividade (*Rajas*). Essa qualidade era responsável por todo seu sofrimento. Tendo identificado seu problema, Sri Krishna o aconselhou, "Oh! Arjuna! A fim de remover essa timidez de sua natureza, ofereça a Mim essas três qualidades de pureza (*Sathwa*), atividade (*Rajas*) e inércia (*Thamas*). Deixe-as sob Meus cuidados. Enquanto você mantiver essas qualidades com você, você não poderá alcançar a vitória".

Sempre que convidamos alguns anciãos ou convidados ilustres, fazemos certos preparativos em nossa casa e nos arredores. Nós limpamos a casa e seus arredores, organizamos todas as coisas na casa em perfeita ordem e mantemos a casa em um estado limpo e arrumado. Da mesma forma, sempre que convidamos um alto dignitário como um ministro ou um governador para visitar o nosso vilarejo, tomamos providências para limpar as ruas, erigir arcos de boas-vindas em locais proeminentes e decorar as casas e ruas com bandeiras coloridas, festões, etc. Quando nos preparamos tanto para receber alguns dignitários que permanecem em seus cargos por um período temporário, quanto mais devemos nos preparar para que Deus, o criador e protetor de todo o universo, entre em nosso coração? Quão limpos e perfeitos devemos manter nossos corações? Deus reside somente em um coração puro. É por isso que Sri Krishna aconselhou Arjuna, “Oh! Arjuna! Você Me aceitou como o cocheiro para sua carruagem neste campo de batalha. Isso não é suficiente. Você também deve Me aceitar como o cocheiro de sua vida. Se você quiser Me instalar em seu coração, quão limpo e puro seu coração deverá estar? Portanto, torne o seu coração, o lugar de Minha residência, perfeitamente puro e limpo. Enquanto as qualidades da atividade (*Rajas*) e da inércia (*Thamas*) permanecerem em seu coração, ele não será puro. Essas qualidades sempre trazem impureza. Deus, a encarnação do *Atma* (*Atma Swarupa*), não residirá em tal coração impuro. Portanto, antes de mais nada, mantenha essas qualidades da atividade (*Rajas*) e da inércia (*Thamas*) longe de você. Então, a qualidade da pureza (*Sathwa*) se desenvolverá em você”.

Um pequeno exemplo nesse contexto. Hoje em dia, os meninos e as meninas, sempre que vão ao colégio, ao escritório ou a um piquenique, carregam consigo um pequeno espelho, um pente e um lenço. Para qual propósito? O espelho mostra se o seu cabelo está bem arrumado e bem penteado ou não. Se não estiver, você pode arrumar com um pente. Se você está cansado e suando, você pode limpar o suor e a sujeira com o lenço. Esses três artigos ajudarão a manter a beleza e a limpeza do seu corpo. Similarmente, a fim de manter sua limpeza e beleza mental,

você precisa de três coisas, a saber, o espelho da devoção (*Bhakti*), o pente da sabedoria (*Jnana*), e o lenço do desapego (*Vairagya*). O espelho da devoção (*Bhakti*) ajudará você a controlar sua mente oscilante. Sempre que descobrir que sua mente está perturbada e vacilante, você precisará do pente da sabedoria (*Jnana*) para colocá-la novamente em seu lugar. Da mesma forma, quando algumas impurezas entram em sua mente, você precisa do lenço do desapego (*Vairagya*) para limpá-las. Assim como você carrega um espelho, um pente e um lenço aonde quer que você vá no sentido mundano, da mesma forma, você deve sempre carregar o espelho da devoção (*Bhakti*), o pente da sabedoria (*Jnana*), e o lenço do desapego (*Vairagya*) com você em sua jornada espiritual.

Aqui, temos que compreender as características da qualidade da atividade (*Rajas*). Uma pessoa com a qualidade da atividade (*Rajas*) é precipitada em todos os seus empreendimentos. Ela está cheia de raiva. Não apenas isso. Ela também tem muitos desejos. Ela está inquieta. Essas são algumas de suas principais características. Se você for a um zoológico e observar alguns dos animais ali, como uma chita ou uma raposa, você os encontrará sempre se movendo inquietos para lá e para cá. Eles nunca são estáveis. Essa é a natureza deles. Essa é a característica da qualidade da atividade (*Rajas*). Uma pessoa com a qualidade da atividade (*Rajas*) não é apenas instável e inquieta, mas também sofre de ilusão. Ela corre atrás do mundo objetivo, desenvolve desejos para alcançar esses objetivos e torna-se inquieta quando da não-realização de seus desejos.

Você deve ter observado a árvore *Peepul*. Mesmo que não haja vento soprando, suas folhas estarão sempre balançando. Elas nunca são estáveis, assim como um cavalo (*Aswa*) que sempre move um ou outro de seus membros. É por isso que a árvore *Peepul* é chamada árvore *Aswaththa* (*Aswaththa Vriksha*). Da mesma forma, o intelecto (*Buddhi*) do homem também é instável e vacilante. É por isso que o ritual de sacrifício chamado “*Aswamedha Yaga*” foi prescrito. O ritual de sacrifício de estabilizar o intelecto é chamado de “*Aswamedha Yaga*”. A maior parte da qualidade da atividade (*Rajas*) consiste em qualidades animais e outra

parte em qualidades demoníacas. Os três irmãos, Ravana, Vibhishana e Kumbhakarna representam as qualidades da atividade (*Rajas*), da pureza (*Sathwa*) e da inércia (*Thamas*), respectivamente.

Se você deseja alcançar a liberação (*Moksha*), até mesmo a qualidade da pureza (*Sathwa*) deve ser removida. Você deve se tornar um "*Gunatheetha*", ou seja, aquele que transcendeu as qualidades de pureza (*Sathwa*), atividade (*Rajas*) e inércia (*Thamas*) e, em seguida, um "*Gunarahitha*", ou seja, aquele que não possui qualidades. É por isso que a Filosofia *Vedanta* nos exortou a transcender as três qualidades (*Gunas*) e alcançar o estado que trancende as três qualidades (*Gunaatheetha*).

"*Eu ofereço essa folha trifoliada de bilva,*
Que simboliza as três qualidades (Gunas),
Para o Senhor Siva, que tem três olhos e um tridente de três pontas,
Que pode destruir os pecados de três nascimentos."

Assim é a oração. Quando um espinho atinge nosso pé, não adianta pegar um machado ou uma foice para removê-lo. Ele deve ser removido apenas com outro espinho. Ambos são espinhos. Uma vez que o espinho do pé é removido, ambos os espinhos são jogados fora. Da mesma forma, a qualidade da inércia (*Thamas*) deve ser removida com a qualidade da atividade (*Rajas*) e a qualidade da atividade (*Rajas*) deve ser removida com a qualidade da pureza (*Sathwa*). Finalmente, quando você entra na mansão da bem-aventurança suprema (*Brahmananda*), todas as três qualidades (*Gunas*) devem ser descartadas. Mesmo se uma dessas qualidades (*Gunas*) persistir, você não terá essa bem-aventurança. É por isso que Sri Krishna exortou Arjuna a transcender as três qualidades (*Nistrigunyo Bhava*). Para todas as três *Gunas*, a mente é a fonte. A menos que alguém se torne desprovido de mente (*Amanaska*), ele não poderá escapar da natureza humana. Para tanto, deve-se oferecer sua mente ao Senhor, em primeiro lugar. Depois disso, Ele mesmo cuidará de tudo.

Certa vez, o rei Janaka mandou uma mensagem a todos os eruditos, grandes pessoas, sábios e videntes para saber se alguém entre eles poderia ensinar-lhe o conhecimento do Ser (*Atma Jnana*) antes que ele montasse no cavalo e colocasse os pés nos estribos. Quem quer que fosse incapaz de fazer isso, seria enviado para fora do reino. Essa era a condição e o aviso. Os eruditos, sábios e videntes ficaram com muito medo desse grande teste de seus conhecimentos. Portanto, ninguém ousou aceitar tal desafio. No entanto, Ashtavakra, um grande estudioso, entrou em Mithila, a capital do reino de Janaka, e descobriu que todos os eruditos, sábios e profetas do reino estavam sentados em um lugar, totalmente abatidos. Ele perguntou a eles o motivo de seu desânimo. Eles contaram tudo o que havia acontecido. Então, Ashtavakra aconselhou-os a não se sentirem desanimados e garantiu que ele iria oferecer uma resposta adequada ao desafio do rei Janaka. Ele foi direto para a corte do rei Janaka e disse-lhe, "Oh! Rei! Estou pronto para lhe ensinar o conhecimento do Ser (*Atma Jnana*). Mas, não aqui nesse palácio. Esse palácio está repleto das qualidades da atividade (*Rajas*) e da inércia (*Thamas*). Eu devo colocar você na qualidade da pureza (*Sathwa*). Venha comigo". Assim dizendo, ele levou o rei Janaka, juntamente com sua comitiva e seu exército, até uma floresta. Ali, ele levou Janaka para um lugar solitário e perguntou, "Oh! Rei! Agora eu sou o professor para lhe ensinar o conhecimento do Ser (*Atma Jnana*) e você é o discípulo para aprendê-lo. Você concorda com isso? Em caso afirmativo, por favor, ofereça a sua oferta (*Guru Dakshina*) com antecedência. Se isso for aceitável para você, começarei a lhe ensinar o conhecimento do Ser (*Atma Jnana*)". O rei Janaka respondeu, "O que eu quero é a realização de *Brahman* (*Brahma Praapthi*). Para isso, estou preparado para oferecer qualquer coisa. Eu renuncio a todas as coisas". Então Ashtavakra disse a Janaka para oferecer sua mente e nada mais. Janaka respondeu, "Estou, a partir deste momento, entregando minha mente. Ela é sua". Então, Ashtavakra fez o rei Janaka se sentar em um lugar solitário no meio da floresta e foi embora. Nem o rei nem Ashtavakra voltaram ao palácio e estava ficando tarde. A comitiva do rei Janaka esperou e esperou e finalmente foi em busca deles. Depois de algum tempo, eles puderam encontrar o rei Janaka

sentado no meio do caminho no meio da floresta com os olhos fechados e seu cavalo parado por perto. Janaka estava sentado imóvel, enquanto Ashtavakra não podia ser encontrado por perto. Eles estavam preocupados que Ashtavakra pudesse ter lançado um feitiço em seu rei e, portanto, foram ao primeiro-ministro para relatar o assunto a ele. Ele também foi ao local e chamou o rei várias vezes, mas o rei não respondeu. Sua ansiedade sobre a condição do rei cresceu mais e mais, desde que ele não tomara alimento e água desde a manhã. Eles, portanto, tentaram fazer um último esforço para obter alguma resposta do rei, trazendo a rainha para falar com o rei. Mesmo assim, não houve resposta do rei. Enquanto isso, os soldados que acompanhavam o rei foram em busca de Ashtavakra na floresta. Ashtavakra estava sentado sob uma árvore, como se nada tivesse acontecido. Os soldados o agarraram e o levaram até o rei. Vendo sua ansiedade, Ashtavakra perguntou por que eles estavam tão preocupados. O primeiro-ministro explicou sobre a condição do rei Janaka. Então, Ashtavakra chamou o rei Janaka por seu nome. Imediatamente, Janaka abriu os olhos e respondeu, “Swami!” No início, os soldados, depois, o primeiro-ministro e, por último, a rainha tinham tentado falar com o rei Janaka, mas ele não havia respondido. Ashtavakra perguntou por que ele não falara com eles. O rei respondeu, “Meu corpo (*Kaaya*) e minha fala (*Vaak*) fundiram-se em minha mente (*Manas*). Essa mente eu tinha oferecido a você. Portanto, não seria necessária sua permissão para eu falar com eles? Não tenho autoridade alguma sobre essa mente. Ela foi entregue a você. Ela é sua. Sem sua permissão, não posso fazer nada”. Então Ashtavakra assegurou ao rei Janaka, “Oh! Rei! Agora você se tornou desprovido de mente (*Amanaska*). Somente quando a mente morre, você alcança essa grande realização de *Brahman* (*Brahma Praapthi*). Levante-se e sente-se no cavalo. Coloque o pé no estribo”. O rei Janaka colocou o seu primeiro pé no estribo. Assim que ele colocou o outro pé no segundo estribo, ele alcançou a bem-aventurança do *Atma* (*Atmananda*). Quando o corpo (*Kaaya*), a mente (*Manas*) e a fala (*Vaak*) são entregues, a pessoa não terá nenhuma autoridade sobre eles.

É por isso que Sri Krishna exortou Arjuna, “Ofereça-Me tudo o que é seu. Ofereça-Me todas as suas ações (*Dharmas*). Eu lhe darei a liberação (*Moksha*)” (*Sarvadharmaan Parithyajya Maamekam Saranam Vraja Aham Thwaa Sarvapaapebhyo Mokshayishyaami Maa Suchah*). Aqui, “todas as suas ações (*Dharmas*)” significa todos os deveres ou atividades nos campos físico, moral e espiritual.

Uma dúvida pode surgir aqui. Quando todos os deveres (*Dharmas*) são oferecidos a Deus, então o que resta para nós? Até mesmo aspirar por liberação (*Moksha*) é um dever (*Dharma*), não é? Se todos os deveres (*Dharmas*) são oferecidos a Deus, o desejo por liberação (*Moksha*) também não desaparece?

O conhecimento mundano é chamado de *Aparavidya*. Entre os quatro objetivos da vida humana (*Chaturvidha Purusharta*), todo conhecimento relacionado com a justiça (*Dharma*), a riqueza (*Artha*) e o desejo (*Kama*) é conhecimento mundano (*Aparavidya*). Quando alguém transcende esses três, o desejo por liberação (*Moksha*) se instala. O conhecimento que conduz a essa liberação (*Moksha*) é chamado de *Paravidya*. É por isso que nos casamentos, a noiva e o noivo são obrigados a fazer uma promessa de que não se desviarão um do outro em questões de justiça (*Dharma*), riqueza (*Artha*) e desejo (*Kama*). Mas, a liberação (*Moksha*) não está incluída nessa lista. Entre os quatro objetivos da vida humana (*Chaturvidha Purusharta*), a justiça (*Dharma*), a riqueza (*Artha*) e o desejo (*Kama*) estão relacionados ao conhecimento mundano (*Aparavidya*). Somente a liberação (*Moksha*) está relacionada ao conhecimento do aspecto transcendente (*Paravidya*). Todos os outros aspectos juntos não são comparáveis à liberação (*Moksha*).

Um pequeno exemplo de nosso conhecimento comum. Uma rúpia consiste em cem *Naye Paise*. Da mesma forma, cem rúpias consistem em dez mil *Naye Paise*. Se quisermos carregar esses dez mil *Naye Paise*, eles se tornarão um grande pacote. Será difícil carregá-lo ou armazená-lo em algum lugar. No entanto, se você

carregar uma nota de cem rúpias, o que equivale a dez mil *Naye Paise*, isso será leve e fácil de manusear. Similarmente, será difícil lidarmos com todos esses deveres (*Dharmas*) em nossa vida diária. Podemos lidar mal com esses deveres (*Dharmas*) e finalmente cair na injustiça (*Adharma*). Portanto, Sri Krishna aconselhou Arjuna a entregar todos os seus deveres (*Dharmas*) a Ele (*Sarva Dharmaan Parithyajya*), para que Ele pudesse dar-lhe a liberação (*Moksha*), a nota de cem rúpias. Ele aconselhou Arjuna a renunciar a todos os seus pensamentos, desejos e resoluções e receber Dele, em troca, a liberação (*Moksha*). Todos esses desejos mesquinhos e triviais não são comparáveis à Sua graça.

O rei Janaka entregou sua mente, que era a espinha dorsal de todas as suas posses, a Ashtavakra. É por isso que ele pôde alcançar a liberação (*Moksha*). Ao fim e ao cabo, o significado interno dessa história é que a pessoa deve se tornar desprovida de mente (*Amanaska*).

Somente quando estamos apegados à mente, é que experimentamos as qualidades do calor e do frio, do dia e da noite, das trevas e da luz, do prazer e da dor, etc. Se você deseja alcançar a equanimidade sobre essas qualidades, você deve renunciar à sua mente. É por isso que na Filosofia *Vedanta* é dito, "A mente é a única responsável pela escravidão ou pela liberação" (*Manaeva Manushyanam Karanam Bandha Mokshayoh*).

Enquanto você estiver ligado à mente, as qualidades da atividade (*Rajas*) e da inércia (*Thamas*) não deixarão você. Enquanto você tiver essas qualidades, seu corpo não ficará estável. A própria mente é perturbada pelos desejos. Um pequeno exemplo. Colocamos um pouco de água em uma vasilha. Quando a vasilha está instável, a água nela também estará instável. Se a vasilha estiver estável, a água nela também será estável. Então teremos um reflexo limpo naquela água. Quando você deseja ser constante em sua meditação (*Dhyana Nishta*), você deve manter seu corpo em uma posição estável como uma rocha. O corpo é como um vaso. A mente é como a água naquele vaso. Quando o vaso do seu corpo se move, a água

também é sacudida. Portanto, você deve controlar o seu corpo em primeiro lugar, se deseja manter sua mente estável e inabalável. Se você jogar uma pequena pedra em um poço, ela criará ondulações que alcançarão a circunferência do poço. Da mesma forma, se você jogar a pedra de um desejo no lago da mente (*Manas Sarovar*), ela criará ondas que se espalharão por todos os membros do seu corpo. Como é o desejo, assim também serão as ações dos membros. Portanto, é preciso manter bons pensamentos em sua mente. Se houver maus pensamentos e maus desejos na mente, tudo o que você vir, ouvir e falar será ruim. Aonde quer que você vá e o que quer que você faça, tudo isso será ruim.

Em primeiro lugar, os estudantes devem cultivar o hábito de sentar-se em linha reta e firmes. Se você cultivar esse hábito desde jovem, mais tarde, na velhice, você não terá problemas. Ao sentar-se, você deve manter o corpo reto, estável e relaxado. Você não deve mover a cabeça para um lado e para o outro. Essa postura será mais propícia à meditação. Ela facilitará a energia (*Kundalini*) viajar livremente do *Mooladhara Chakra* na parte inferior, direto para o *Sahasra Chakra* no topo do nosso corpo em uma linha vertical. Se você começar a se sentar em uma postura curvada mesmo a partir dessa idade, você não será capaz de sentar-se ereto na velhice. A medula espinhal ou os ombros não devem se dobrar em nenhum estágio. Isso é muito importante para os estudantes e também para os buscadores espirituais. Eu costumo fazer uma pergunta aos estudantes, “Qual é o propósito do seu estudo?” “O estudo é para se tornar estável”. Essa é a resposta. Você deve estudar para se tornar estável, e não para desenvolver uma mente-macaco. Quando você mantém seu corpo sob controle desde tenra idade, mais tarde você será capaz de alcançar todas as coisas em sua vida facilmente.

Sri Krishna desejava fazer de Arjuna um exemplo para toda a humanidade. É por isso que Ele exortou Arjuna, “Oh! Arjuna! Seja um instrumento em Minhas mãos” (*Nimiththamaathram Bhava Savyasaachin*). O esforço de Krishna era fazer de Arjuna uma pessoa ideal e um exemplo para toda a humanidade.

Resumindo, as qualidades da atividade (*Rajas*) e da inércia (*Thamas*) são responsáveis por toda a natureza instável e oscilante de um ser humano. Portanto, devemos fazer um esforço para remover essas qualidades.

Prasanthi Nilayam, 12 de Setembro de 1984.

III O Caminho da Ação (*Karma Yoga*)

31

O Fruto da Ação

Sri Krishna aconselhou Arjuna, “Oh! Arjuna! Você tem o direito de executar ações, mas não anseie pelo fruto resultante” (*Karmanyevadhikarasthe Ma Phaleshu Kadachana*). Krishna nunca disse que você não tem direito ao fruto de sua ação (*Karma*). Você tem o direito, mas não peça ou anseie por ele. Ele não disse que não haveria frutos (*Na Phaleshu*). Ele disse para você não pedir ou ansiar pelos frutos (*Maa Phaleshu*). Portanto, para quaisquer ações que executemos, nós devemos executá-las como um dever, sem aspirar ou ter em vista o seu fruto.

Cada ação (*Karma*) tem o seu resultado ou fruto. Da mesma forma, cada fruto é seguido por outra ação (*Karma*). Isso pode ser ilustrado por um exemplo comum. Há uma semente da qual nasce a muda e mais tarde a árvore. A árvore dá um fruto e, novamente, do fruto nasce a semente. Sem a semente não pode haver árvore e sem árvore não pode haver semente. Esse é um processo natural. Por que, portanto, alguém deve aspirar pelo fruto ou resultado de suas ações? É por isso que Krishna aconselhou Arjuna, “Oh! Arjuna! Seu dever é lutar a batalha. Não é para você se preocupar com seus amigos e parentes e com o que pode acontecer a eles na guerra”.

Os guerreiros que lutam a batalha têm que usar um escudo para protegê-los dos mísseis (*Asthras*) dirigidos contra eles pelas forças inimigas. As forças inimigas podem usar qualquer tipo de míssel (*Asthra*). Portanto, os guerreiros devem usar um escudo que os proteja de tais flechas e mísseis mortais. O homem, portanto, usa um escudo para se proteger dos projéteis do inimigo, mesmo nas guerras mundanas. Sendo assim, quanto mais proteção ele deveria ter na luta constante contra os inimigos internos e externos no campo espiritual? Quantas mais variedades de escudos ele deveria usar? Existem vários tipos de escudos, tais como o escudo da devoção (*Bhakti Kavacha*), o escudo da sabedoria (*Jnana Kavacha*) e

o escudo da espiritualidade (*Aadhyathmika Kavacha*). As guerras no mundo durarão alguns dias, meses ou anos. Elas têm um prazo. Mas, o homem tem lutado essa batalha interna desde muito tempo. É uma batalha entre o bem e o mal, a virtude e o vício. O homem está lutando uma batalha implacável contra o apego (*Raga*), a aversão (*Dwesha*), a inveja, e os sentimentos de "eu" e "meu" (*Ahamkara* e *Mamakara*). Esses inimigos são terríveis e muito poderosos. O homem, que está lutando contra inimigos tão poderosos, é ele mesmo fraco. Portanto, ele precisa se proteger com os escudos da devoção (*Bhakti*), da sabedoria (*Jnana*) e do desapego (*Vairagya*).

Uma pessoa que leva um guarda-chuva consigo não é afetada pelo Sol ou pela chuva. Uma pessoa usando sapatos não se incomoda com os espinhos. Um guerreiro com um escudo não é afetado pelas flechas lançadas por seus oponentes no campo de batalha. Portanto, Sri Krishna aconselhou Arjuna, "Oh! Arjuna! Você deve usar um desses escudos para enfrentar o inimigo neste campo de batalha. Nas circunstâncias em que você está colocado agora, você precisa do escudo da sabedoria (*Jnana Kavacha*)". É por isso que, em primeiro lugar, Ele transmitiu o escudo da sabedoria (*Jnana Kavacha*) no segundo capítulo da *Bhagavad Gita* (*Sankhya Yoga*). Ele disse ainda a Arjuna, "Os sentimentos de 'eu' e 'meu' não são novos para você. Eles têm perseguido você desde vários nascimentos. Você não sabe quando vai se livrar desses sentimentos. Você não precisa pensar em uma cura para essa doença. Descubra o método pelo qual você pode mantê-los afastados. Você está no momento em um campo de batalha, pronto para lutar contra seus inimigos. Você usa um escudo de batalha. Mas isso não é suficiente. Você também deve usar um escudo espiritual. Com o escudo metálico externo, você pode proteger seu corpo de seus inimigos. Mas, como você pode se proteger dos inimigos internos com esse escudo? Portanto, use o escudo da sabedoria (*Jnana Kavacha*)".

Você está preocupado com o inimigo externo. Mas, você não está fazendo nenhum esforço para conquistar os inimigos internos. Como pode alguém que se rendeu

aos inimigos internos, conquistar o inimigo externo? Portanto, conquiste os inimigos internos em primeiro lugar. Os sentimentos de “eu” e “meu” (*Ahamkara* e *Mamakara*) têm perseguido você desde muito tempo. Enquanto esses sentimentos persistirem, o apego (*Raga*) e a aversão (*Dwesha*) não poderão ser evitados. A ação (*Karma*) é a causa raiz para o apego (*Raga*) e a aversão (*Dwesha*), bem como para os sentimentos de “eu” e “meu” (*Ahamkara* e *Mamakara*). Portanto, primeiro compreenda a ação (*Karma*) na perspectiva correta e execute a ação com o espírito correto. O mesmo ponto foi explicado assim no *Bhagavatha Purana*, em um poema,

“*O homem nasce da ação (Karma).*
O homem cresce na ação (Karma).
O homem morre na ação (Karma).
A ação (Karma) é a força motriz dos seres humanos.
A ação (Karma) é a causa do prazer e da dor neste mundo.”

Portanto, não seja negligente em relação à ação (*Karma*). Toda a sua vida depende da ação (*Karma*). Ela pode começar como uma semente diminuta e crescer até se tornar uma árvore poderosa. Somente quando a semente que foi semeada na terra decai ela mesma, ela dá à luz um broto que finalmente se transformará em uma árvore poderosa que dará muitos frutos. Da mesma forma, somente quando você destrói a semente do seu ego, é que você pode receber o fruto da sabedoria da árvore da vida.

Então, onde está o espaço para o seu ego? O que impulsiona o seu ego? Todos devem indagar sobre o local de nascimento e morte do ego (*Ahamkara*). Um ônibus viaja a uma velocidade de 40 a 50 milhas por hora. Um avião viaja a uma velocidade de 400 a 500 milhas por hora. Mas, a luz viaja a uma velocidade de 670 milhões de milhas por hora. Em um ano, ela viaja aproximadamente 6 trilhões de milhas. Assim, a distância percorrida pela luz em um ano é chamada de ano-luz. Sentimos que o Sol está muito perto de nós, pois diariamente o vemos brilhando

intensamente no céu. Mas, na verdade, há uma distância de 90 milhões de milhas entre o Sol e a Terra. Mesmo a essa distância, o Sol parece muito forte e a luz do Sol deslumbra nossos olhos. Isso sobre o Sol. Existem também várias estrelas no firmamento, que estão a alguns anos-luz de distância da Terra. Isso significa que as estrelas estão a uma distância de 23 a 24 trilhões de milhas de nossa Terra. As estrelas que vemos no céu parecem estar lado a lado. Mas, na verdade, há uma distância de vários milhões de milhas entre uma estrela e outra. Quando olhamos para as estrelas da nossa Terra, elas aparecem como a Via Láctea. Mesmo as estrelas que são visíveis a olho nu são milhões e milhões em número. Existem, no entanto, muitas outras estrelas que não são visíveis a olho nu.

Em uma extensão tão vasta do universo, qual é o tamanho da nossa Terra? Nesta Terra, quanto espaço nosso país, a Índia (*Bharath*), ocupa? Neste país de *Bharath* (Índia), qual o tamanho do estado de Andhra Pradesh? Neste estado de Andhra Pradesh, quão grande é o distrito de Anantapur? Neste distrito de Anantapur, quão pequeno é nosso vilarejo de Puttaparthi? Neste vilarejo, quão insignificante é você? O que o leva a ser tão arrogante e egoísta? Quando você se compara com a vasta extensão do universo, há alguma possibilidade de você ser arrogante e egoísta? Apenas a pessoa que é incapaz de realizar a vastidão desta Terra ou do universo é que desenvolverá o ego. Mas, então, você sente ego por causa do seu corpo (*Deha*)? Se você analisar a natureza do corpo, isso não será absolutamente necessário, pois,

“*O corpo é composto pelos cinco elementos,*
E está fadado a morrer mais cedo ou mais tarde.
O residente interno não é afetado por doenças,
Ele não tem nascimento nem morte,
Ele não está preso à ilusão.
Verdadeiramente falando, Ele é o Deus dos deuses.
Ele é a encarnação do Atma (Atma Swarupa), verdadeiramente.”

Adicionalmente,

“*O corpo é um covil de impurezas,*
Ele está cheio de doenças,
Ele é uma raiz degenerada,
Ele é um barco frágil,
Que não é capaz de cruzar o oceano da existência mundana (Samsara),
Ele é uma aljava de flechas.
Oh! Mente! Não pense que esse corpo é permanente.
Busque refúgio nos pés do Senhor (Hari).”

Você toma o corpo, que é inerte (*Jada*), como seu suporte? De que o corpo é feito? Sete baldes de água com cal, quatro pregos de ferro de 5 cm de comprimento, fósforo equivalente à quantidade de 1100 palitos de fósforo, chumbo equivalente à quantidade de 4 lápis e 2 sabonetes lux juntos formam o corpo. A água com cal se transforma em sangue. Há ferro nele. Assim, o corpo, que é feito de matéria inerte (*Jada Padaartha*), é ele mesmo inerte. Como pode ser diferente? É por isso que o corpo é chamado de *Deha*. Uma vez que o residente interno (*Dehi*) está no corpo (*Deha*), o corpo se move.

Existe um relógio de parede. Ele tem três ponteiros, o ponteiro dos segundos, o ponteiro dos minutos e o ponteiro das horas. Quando você dá corda no relógio, todos os três ponteiros giram. Mas, por quanto tempo? Enquanto houver corda no relógio. Quando o relógio está totalmente desenrolado, eles param. Eles se tornam estáticos em suas respectivas posições. Nosso corpo é uma parede. Um relógio chamado coração é fixado nessa parede. Nossa respiração é a chave. Nossas ações (*Karmas*) são o ponteiro dos segundos. Nossos sentimentos são o ponteiro dos minutos. Nossa bem-aventurança (*Ananda*) é o ponteiro das horas. Quando o ponteiro dos segundos se move rapidamente sessenta vezes, o ponteiro dos minutos faz um movimento. Quando o ponteiro dos minutos faz sessenta movimentos, o ponteiro das horas faz um movimento. Podemos ver o movimento do ponteiro dos

segundos e do ponteiro dos minutos. Mas, não podemos ver o movimento do ponteiro das horas, porque esse é um movimento sutil. Todos os três ponteiros, isto é, dos segundos, minutos e horas, no entanto, se encontram a cada doze horas. Essa é a natureza da alma individual encontrando a alma universal (*Jiveswara*).

A natureza (*Prakriti*) é o campo da ação (*Karma Kshetra*). Nesse campo da ação, se executarmos 60 boas ações (*Karmas*), alcançamos um bom pensamento. E quando temos 60 bons pensamentos alcançamos o nível do *Atma*. Portanto, continue executando boas ações (*Sathkarmas*). Se você executar várias boas ações, pelo menos um ou dois bons pensamentos entrarão em sua mente. Ao desenvolver vários desses bons pensamentos, você se fundirá em sua própria natureza verdadeira (*Swaswarupa*). Portanto, você deve executar várias boas ações (*Karmas*).

É somente para executar ações (*Karmas*) que o corpo é dado a você. O corpo não pode permanecer nem por um segundo sem executar ações (*Karmas*). É por isso que muita importância foi dada à seção dos *Vedas* dedicada ao caminho da ação (*Karma Kanda*). O caminho da ação (*Karma Kanda*) não significa simplesmente a execução de atos de caridade (*Dana*), penitências (*Thapas*), oferendas (*Yagnas*), entoação de *Mantras* (*Japa*), etc. Ele também inclui a ação sem desejo pelos resultados (*Nishkama Karma*). Então, surge a pergunta, "O que é a ação sem desejo pelos resultados (*Nishkama Karma*)? E o que é o caminho da ação (*Karma Yoga*)?" Todas aquelas ações (*Karmas*) executadas sem desejo e ego estão incluídas no caminho da ação (*Karma Yoga*). O desejo e o ego transformam uma ação (*Karma*) em uma não-ação (*Akarma*). Isso não é o caminho da ação (*Karma Yoga*). Isso não é uma oferenda (*Yagna*). Quando você executa uma ação (*Karma*) mantendo o ego e o desejo distantes, ela assume a forma de uma oferenda (*Yagna*). Oferenda (*Yagna*) e *Yoga* são um e o mesmo. Cada ação executada pelo homem é equivalente a uma oferenda (*Yagna*). Quando você mantém esse sentimento de oferenda (*Yagna*) em seu coração e executa uma ação (*Karma*), isso se torna *Yoga*. Todas as atividades executadas com um sentimento de ego e pompa (*Aadambara*) são

mesquinhas e triviais. Até mesmo a nossa inspiração e expiração é uma ação (*Karma*). O homem não pode viver nem por um momento neste mundo sem executar ações (*Karmas*). Assim como são as ações (*Karmas*), também são os frutos. Como são os pensamentos, assim são as ações (*Karmas*). Como são os sentimentos, assim são os pensamentos. Como é a comida, assim são os sentimentos. É por isso que se diz que o alimento puro (*Sathwa*) é o mais essencial para o corpo.

Um pequeno exemplo. Acendemos uma chama. Como é a chama, assim é a fumaça. Como é a fumaça, assim é a nuvem. Como é a nuvem, assim é a chuva. Como é a chuva, assim é a colheita. Como é a colheita, assim é o alimento. Como é o alimento, assim é o corpo. Portanto, se desde o início você executar boas ações (*Karmas*), sua vida será santificada e frutífera. Sri Krishna aconselhou Arjuna no terceiro capítulo da *Bhagavad Gita* (*Karma Yoga*), a executar ações (*Karmas*) no espírito correto, tendo em vista somente a execução das ações (*Karmacharana*) e não o fruto das ações (*Karmaphala*). Ele aconselhou Arjuna a se concentrar em seu direito de executar ações (*Karmas*), mas nunca nos frutos resultantes.

Temos o bem e o mal, o prazer e a dor, etc. Como vamos remover nosso sofrimento? Qual é a causa raiz desse sofrimento? É apenas das ações (*Karmas*) que resultou o sofrimento. É somente das ações (*Karmas*) que o pecado resultou. Portanto, pecados e sofrimentos devem ser removidos somente por meio das ações (*Karmas*). Para lapidar um diamante, é necessário outro diamante. Da mesma forma, os resultados das ações (*Karmas*) devem ser removidos somente por meio das ações (*Karmas*). É por isso que as ações (*Karmas*) têm muita importância nos *Vedas*. Se você negligenciar as ações (*Karmas*), sua própria vida será equivalente à negligência. Se você tornar suas ações (*Karmas*) fúteis, sua própria vida se tornará fútil. É somente para estabelecer um ideal para o mundo por meio das ações (*Karmas*) que você nasce.

Em primeiro lugar, o que é *Karma*? *Karma* não são as atividades que executamos em nossa rotina normal. O próprio corpo é denominado *Karma*, porque nasce do *Karma*. O corpo é uma encarnação do *Karma*. Ele é chamado de *Karma Deha*. É somente por meio das ações (*Karmas*) que você deve santificar o seu tempo. Tempo (*Kaala*), ação (*Karma*), causa (*Karana*) e dever (*Karthavya*), tudo isso está interligado com o corpo (*Kaya*).

O corpo físico denso (*Sthoola Deha*) está relacionado apenas ao estado de vigília (*Jagrath Avastha*). No estado de sono (*Swapna Avastha*), todas as ações (*Karmas*) e todos os sentidos (*Indriyas*) param. Isso é chamado de corpo sutil (*Sukshma Deha*). Apenas a mente funciona. No estado de sono profundo (*Sushupthi Avastha*), até mesmo a mente (*Manas*) se funde. Portanto, isso é chamado de corpo causal (*Karana Sareera*). E, finalmente, aquilo que está além desse corpo causal (*Karana Sareera*), é chamado de princípio supercausal (*Maha Karana Thathwa*). Isso é a Divindade.

Um pequeno exemplo. No estado de vigília, você partiu do alojamento às 16:15 e chegou a Prasanthi Nilayam às 16:30. Isso é ação (*Karma*). Do alojamento a Prasanthi Nilayam, você demorou 15 minutos para chegar. Isso é tempo (*Kaala*). Seu corpo viajou essa distância. Isso é corpo (*Kaya*). Você queria ouvir o discurso de Swami. Isso é dever (*Karthavya*). Por que você queria ouvir o discurso de Swami? Para santificar sua vida. Isso é a causa (*Karana*). Assim, todos os quatro aspectos de tempo (*Kaala*), ação (*Karma*), causa (*Karana*) e dever (*Karthavya*) estão presentes nessa atividade. Após esse discurso e os cantos devocionais (*Bhajans*), você volta para o alojamento, come sua comida e deita na cama. Você adormece. No sono, você tem um sonho. Nesse sonho, você está vagando pela Mount Road na cidade de Madras. Na verdade, quando você foi para Madras? Você não sabe. Não existe tempo. Você foi de ônibus, carro ou avião? Nenhum desses. Com que propósito você foi para Madras? Você não sabe. Não há razão. O que você fez lá? Não havia dever a cumprir. Assim, nesse estado de sonho, você não tem nenhum desses quatro, a saber, tempo (*Kaala*), ação (*Karma*), causa

(*Karana*) e dever (*Karthavya*). Nesse ínterim, alguém o acordou e você de repente se levantou da cama. Você olhou para o relógio. Não se passaram nem cinco minutos desde que você foi dormir. Nesses cinco minutos, como você foi a Madras e vagou pela Mount Road? Isso é puramente uma divagação da mente (*Manasika Sanchara*). Você não empreendeu essa jornada com a ajuda de seu corpo ou dos sentidos. O corpo denso (*Sthoola Deha*) é aquele que possui tempo (*Kaala*), ação (*Karma*), causa (*Karana*) e dever (*Karthavya*). A mente (*Manasika Thathwa*) não tem nenhum desses atributos e, portanto, é sutil (*Sukshma*). Ela pode criar inúmeras imagens com seu poder de imaginação. Quantos arranha-céus! Quanto tráfego! Multidões de pessoas indo para lá e para cá, sempre tão ocupadas! Tudo isso é criação de sua mente em seu estado de sonho. Assim, a mente tem muito poder. Ela é formidável. Ela pode criar tudo e qualquer coisa. Da mesma forma, ela pode destruir tudo e qualquer coisa. Ela é muito poderosa.

Desde que a mente é a causa raiz e a força motriz de todas as nossas ações (*Karmas*), se você render essa mente a Deus, tudo se fundirá na Divindade. Quando você fixa sua mente em constante contemplação de Deus, quaisquer ações que você execute tornam-se ações sem desejo pelos resultados (*Nishkama Karma*).

As ações (*Karmas*) são de três tipos, a saber, *Karma*, *Vikarma* e *Akarma*. Quando o pavio e o óleo se juntarem, haverá luz. Para segurar esses dois, deve haver um recipiente de barro. Nosso corpo é o recipiente de barro, os desejos são o óleo e a sabedoria é o pavio. A luz que sai dessa lamparina é nossa bem-aventurança (*Ananda*). Assim, a chama da vida (*Jivan Jyothi*) brilha. Se essa chama da vida for estável, isso é *Karma*. Se ela piscar e oscilar, isso é *Vikarma*. A luz brilhante que sai de uma chama constante é *Akarma*. Esse *Akarma* não anseia por nenhum fruto. *Akarma* não significa abstinência de ações (*Karmas*). *Akarma* significa executar ações (*Karmas*), mas desistir do desejo pelo fruto resultante. Portanto, *Akarma* é a abstinência de ações (*Karmas*), mesmo durante a execução de ações (*Karmas*). Esse princípio é válido somente no campo espiritual, mas não no sentido mundano.

Não há espaço para argumentos ou lógica na teoria do *Karma*. Cada pessoa terá uma opinião diferente das outras. A teoria do *Karma* irá levá-lo apenas ao estágio de realização das regiões celestiais (*Swarga*). Mas, não deve ser interpretado que não há nada além das regiões celestiais (*Swarga*). Pois, o princípio, "No momento em que seu mérito se exaurir, você terá que retornar à Terra" (*Ksheene Punye Marthyalokam Visanthi*) é igualmente verdadeiro.

Um pequeno exemplo. Uma pessoa participa da eleição para o cargo de membro da assembleia legislativa. Ela vence a eleição. Agora, ela será um membro da assembleia legislativa por um período de 5 anos. À medida que cada ano passa, seu mandato como membro da assembleia legislativa será reduzido. Então, depois de completar o mandato de 5 anos, se ela quiser continuar como membro da assembleia legislativa, ela terá que disputar e vencer a eleição novamente. De modo similar, qualquer mérito (*Punya*) que você adquirir o tornará elegível para permanecer nas regiões celestiais (*Swarga*) e, no momento em que o mérito (*Punya*) estiver esgotado, você descerá à Terra.

É por isso que Sri Krishna aconselhou no terceiro capítulo da *Bhagavad Gita* (*Karma Yoga*) a aspirar pela própria Divindade, que é eterna, ao invés de aspirar pelas regiões celestiais (*Swarga*) impermanentes. Se toda a sua vida for gasta apenas indo e vindo, quando você alcançará essa Divindade eterna?

Concluirei este discurso com uma pequena história. Era uma vez um ladrão que se envolveu em vários roubos. Ele foi condenado à prisão por seis meses e foi colocado na prisão. O período de seis meses de punição acabou. Ele seria libertado da prisão no dia seguinte. O carcereiro o chamou e disse-lhe que empacotasse todos os seus pertences e estivesse pronto para partir no dia seguinte. O ladrão estava muito calmo e composto. Ele disse ao carcereiro que seus pertences poderiam ficar na própria prisão, pois de qualquer maneira ele voltaria ao local, cometendo um crime ou outro. Ele disse ao carcereiro, "Por que tenho que me dar ao trabalho de tirar meus pertences da prisão e trazê-los de volta no dia seguinte? Posso deixá-los

aqui mesmo". Da mesma forma, ir para as regiões celestiais e voltar, e novamente ir e voltar *ad infinitum* equivale ao mesmo processo do ladrão.

É por isso que Sri Krishna aconselhou Arjuna a aspirar pela própria Divindade em vez de aspirar pelas regiões celestiais (*Swarga*). Sri Krishna ensinou assim a imutável e eterna sabedoria (*Jnana Thathwa*).

Prasanthi Nilayam, 13 de Setembro de 1984.

32

O Segredo da Ação

Sri Krishna aconselhou Arjuna repetidamente de que ele tinha direito apenas de executar ações (*Karmas*) e não de aspirar pelos frutos resultantes. Mas, normalmente, todo indivíduo executa ações (*Karmas*) tendo em vista o fruto das ações (*Karmas*). Se não houver desejo pelo fruto, ninguém executará ações (*Karmas*). Toda ação (*Karma*) termina em um resultado. O que há de errado em aspirar por isso? Assim, quando cada ser humano está executando ações (*Karmas*) com um desejo pelo seu fruto, qual é o significado interno dos conselhos de Krishna para Arjuna de que ele tinha apenas o direito de executar ações (*Karmas*) e que ele não deveria aspirar pelo seu fruto? A ideia de Krishna era que as ações (*Karmas*) executadas por Arjuna deveriam ser transformadas em *Yoga*. Ele não queria que as ações (*Karmas*) permanecessem simplesmente como ações (*Karmas*), mas que fossem transformadas em *Yoga* da ação (*Karma Yoga*).

Quando uma ação (*Karma*) é executada com um sentimento de identificação com o corpo (*Dehatma Bhava*), ela permanece apenas como uma ação (*Karma*). Esse sentimento (*Bhava*) surge por causa dos sentimentos de "eu" e "meu" (*Ahamkara* e *Mamakara*). Toda ação (*Karma*) executada com os sentimentos de "eu" e "meu" (*Ahamkara* e *Mamakara*) resulta em sofrimento. Ela se torna a causa da escravidão. Mas, quando a ação (*Karma*) é transformada em *Yoga*, ela se torna livre de escravidão (*Bandha Rahitha*). Todas aquelas ações (*Karmas*) que são executadas com um sentimento de dedicação a Deus, tornam-se *Yoga*. Por outro lado, se você pensa, "Eu executei a ação (*Karma*). Somente eu devo desfrutar o fruto dessa ação (*Karma*). Eu tenho o direito de gozar o fruto dessa ação (*Karma*)", tais sentimentos fortalecerão o seu ego. À medida que o ego se desenvolve mais e mais, a bem-aventurança do *Atma* (*Atmananda*) é reduzida gradualmente.

Portanto, Krishna aconselhou Arjuna a transformar a ação (*Karma*) em *Yoga*, a fim de destruir o seu ego. Qual é o método pelo qual a ação (*Karma*) pode ser transformada em *Yoga*? Você deve desenvolver um sentimento de ausência de desejos (*Anasakthi Bhava*). Por meio desse sentimento de ausência de desejos (*Anasakthi Bhava*) você pode executar qualquer grande tarefa. Você executa a ação (*Karma*), mas não deseja os frutos dela. Há uma quantidade enorme de poder oculto em tais ações (*Karmas*), executadas com um sentimento de ausência de desejos (*Anasakthi Bhava*).

O rei Janaka foi um grande exemplo dessa verdade. O rei Janaka estava governando seu reino, assumindo todas as responsabilidades, mas permanecendo simplesmente como uma testemunha (*Sakshinhutha*). Ele havia renunciado todo o interesse em ações (*Karmas*), mas ele executava as ações (*Karmas*) diligentemente. É por isso que ele se tornou um *Raja Yogi*.

Toda ação (*Karma*) executada com um sentimento de ausência de desejo se tornará uma oferenda (*Yagna*), e finalmente se transformará em *Yoga*. Se a ação (*Karma*) é executada mantendo-se o desejo pelo fruto da ação (*Karmaphalasakthi*) em mente, então a própria humanidade será afligida pela doença. O apego (*Raga*) é a causa raiz para a doença (*Roga*). Onde houver apego (*Raga*), haverá aversão (*Dwesha*) também. Apego (*Raga*) e aversão (*Dwesha*) são os demônios que matarão a natureza humana, que farão você esquecer a natureza humana. Na verdade, os seres humanos não estão sob a influência dos nove planetas (*Nava Graha*). Eles estão sob a influência de dois planetas chamados apego (*Raga*) e aversão (*Dwesha*). Esses dois planetas fazem os seres humanos esquecerem a natureza humana e desenvolverem a natureza animal e demoníaca. É por isso que Sri Krishna aconselhou Arjuna a executar todas as ações (*Karmas*) com um sentimento de ausência de desejos (*Anasakthi Bhava*). Ele também disse a ele, “Se você fizer isso, você não será vinculado pelo fruto das ações (*Karmas*). Na verdade, Eu estou governando todos esses três mundos somente com esse sentimento de ausência de desejos (*Anasakthi Bhava*). Não pode você gerenciar

uma família com esse sentimento de ausência de desejos (*Anasakthi Bhava*)? Desenvolva a confiança de que qualquer grande tarefa pode certamente ser alcançada com um sentimento de ausência de desejos".

Sri Krishna também aconselhou Arjuna assim, "Quando você desenvolve interesse pelo fruto das ações (*Karmas*), você deve estar preparado também para algumas decepções. Se suas ações (*Karmas*) se tornarem frutíferas, você se sentirá feliz e exultante. Se resultarem em fracasso, você ficará desapontado e deprimido. Portanto, desista da natureza de ficar exultante por causa da alegria ou de ficar deprimido por causa da tristeza. Você é aquele que deve ser um sábio (*Sthithaprajna*). Portanto, você deve desenvolver um sentimento de equanimidade em meio às alegrias e tristezas".

Não há ninguém neste mundo que não execute ações (*Karmas*). Todo ser humano assumiu um corpo somente para executar ações (*Karmas*). Para santificar o corpo (*Kaaya*) no tempo (*Kaala*), deve-se executar ações (*Karmas*). Que direito você tem ao fruto de uma ação (*Karma*)? Na verdade, a alegria em executar uma ação (*Karma*) não está disponível no resultado ou fruto da ação (*Karma*). Um pequeno exemplo para ilustrar esse ponto. Estamos organizando um evento em nossa casa. Até o evento terminar, nós não nos sentiremos cansados. Estamos preparados para suportar qualquer quantidade de esforço físico e mental até a conclusão do evento. Não nos importaríamos mesmo se estivéssemos com uma febre de 39ºC. No entanto, assim que o evento terminar, todos na casa, incluindo nós mesmos, parecerão muito cansados. A alegria disponível durante a execução da ação (*Karma*) não está disponível no resultado ou fruto, após as ações (*Karmas*) terem sido executadas. Estamos iludidos ao pensar que existe uma grande alegria no fruto da ação (*Karma*). Pois, essa é apenas uma alegria momentânea, não permanente. Na verdade, a própria ação (*Karma*) é impermanente. Portanto, como o fruto dessa ação (*Karma*) pode ser eterno?

Acreditamos que executando ações (*Karmas*) como caridade (*Dana*) e rituais como oferendas (*Yajnas*), sacrifícios (*Yagas*), etc., podemos alcançar as regiões celestiais (*Swarga*). Mas, Sri Krishna estabeleceu o fato de que a nossa permanência nas regiões celestiais (*Swarga*) é apenas temporária. Ele exortou Arjuna, "Oh! Arjuna! Existe algo melhor. Não estou aconselhando você a abandonar os rituais de oferendas (*Yajnas*) e sacrifícios (*Yagas*). Certamente, eles devem ser executados. Mas, execute-os para a paz e a prosperidade para o mundo todo (*Loka Kalyana*). Não os execute com interesse próprio. Execute-os com um sentimento de ausência de desejos (*Anasakthi Bhava*) para a paz e a prosperidade do mundo inteiro. Então, você poderá talvez alcançar a presença Divina, que é mais elevada do que as regiões celestiais (*Swarga*). Alcançar as regiões celestiais (*Swarga Prapthi*) é apenas por um período temporário. Enquanto durar o seu mérito (*Punya*) acumulado, você viverá nas regiões celestiais (*Swarga*). Uma vez que o seu mérito (*Punya*) se esgote, você terá que voltar para a Terra (*Marthya Loka*). Portanto, desista do desejo por essas regiões celestiais (*Swarga*) momentâneas e impermanentes. Considere a presença Divina como a maior riqueza e sua meta principal. Isso é mais elevado do que as regiões celestiais (*Swarga*). Se você compreender essa meta e agir de acordo com o princípio, 'Aquele que conheceu *Brahman* se tornará *Brahman* verdadeiramente' (*Brahmavid Brahmaiva Bhavathi*), você certamente alcançará o princípio Divino (*Brahma Thathwa*)".

A *Bhagavad Gita* nunca aconselhou que você deveria renunciar a tudo, ir para a floresta e fazer penitência. Você pode pensar, "Por que ensinar a *Bhagavad Gita* para esses jovens?" Você tem medo de que, se essas pessoas lerem a *Bhagavad Gita*, elas desistam da vida familiar e se tornem ascetas (*Sanyasins*). Uma pequena pergunta. Existem vários idosos que lêem e ensinam a *Bhagavad Gita* regularmente. Eles se tornaram ascetas (*Sanyasins*)? Eles se tornaram completos renunciantes (*Sarva Sanga Partithyagis*)? Arjuna, que recebeu a mensagem da *Bhagavad Gita* diretamente de Krishna, se tornou um asceta (*Sanyasin*)? Não, não. Você deve chegar ao significado interno da *Bhagavad Gita*, a fim de compreender a natureza humana.

O principal objetivo da *Bhagavad Gita* é trazer a Filosofia *Vedanta* ao nível do homem comum em sua rotina diária. É a Filosofia prática que a *Bhagavad Gita* ensina e exorta todos a seguirem. Ela correlaciona a Filosofia *Vedanta* com a verdade prática (*Vyavahara*). O esforço humano não se limita a meramente obter o sustento. Ele também se relaciona à meta da vida (*Paramartha*). Essa meta da vida (*Paramartha*) é ensinada pela *Bhagavad Gita*. O homem está vivendo com duas asas, a saber, o meio de vida (*Jivanopadhi*) e a meta suprema da vida (*Jivitha Paramavadhi*). Sejam quais forem as ações (*Karmas*) que nós executemos, se nós as executarmos com um sentimento de desapego, nós não seremos vinculados por elas. Tendo empreendido tantas disciplinas espirituais (*Sadhanas*) e tendo compreendido a filosofia da *Bhagavad Gita*, nós devemos desenvolver o sentimento de ausência de desejos (*Anasakthi Bhava*) em nós. Nossas ações (*Karmas*) irão adquirir maior santidade por meio dessa ausência de desejos.

Não há absolutamente nenhuma objeção a alguém executar o seu dever (*Swadharma*). Mas, essas ações (*Karmas*) devem ser executadas com a maior santidade. Por exemplo. Existe um cozinheiro. Enquanto ele cozinhar com um desejo pelo fruto de suas ações (*Karmaphala Apeksha*), é possível que a comida estrague ou não seja saborosa. Se ele pensa que está cozinhando para ganhar um salário, ele não desenvolverá entusiasmo (*Sraddha*) em seu trabalho. Mas, quando ele assume a tarefa de cozinhar com um sentimento de ausência de desejos (*Anasakthi*), a comida será mais limpa, saborosa e pura. Da mesma forma, sempre que alguém tenta executar suas ações (*Karmas*) com um sentimento de desapego, elas adquirem melhor qualidade. Somente quando você desenvolve um sentimento de ausência de desejos (*Anasakthi*), é que as qualidades de estabilidade (*Nischalathwa*) e sabedoria (*Sthithaprajnathwa*) irão se desenvolver em você. Se você executa uma ação (*Karma*) com um sentimento de desejo pelo fruto (*Aasakthi*), existe a possibilidade de o bem ou o mal, o excesso ou a falta encontrar um lugar no resultado dessa ação. Também é possível que sua mente esteja vacilando ou você desenvolva mais desejos. Nesse contexto, Krishna citou o

exemplo do rei Janaka, que cumpriu suas responsabilidades como rei com um sentimento de ausência de desejos (*Anasakthi Bhava*) e se tornou um *Raja Yogi*.

Existem pessoas que têm visão exterior (*Baahya Drishti*). Existem também pessoas que desenvolvem visão interior (*Anthar Drishti*). A visão exterior pode ver apenas a forma densa (*Sthula Roopam*). A visão interior, por outro lado, pode mudar o curso do instrumento interno (*Anthakarana*). No processo de desenvolvimento da visão interior (*Anthar Drishti*), você deve desenvolver a ausência de desejos (*Anasakthi*).

Certa vez, o sábio Suka se mudou para a região de Mithila. Essa notícia chegou ao rei Janaka. Mas ninguém sabia exatamente onde ele estava. Portanto, alguns mensageiros foram enviados para localizá-lo. Eles trouxeram a notícia de que ele estava morando em um *Ashram* na floresta adjacente a Mithilapura. O rei Janaka pensou que ele deveria obter a visão (*Darshan*) desse grande sábio. Portanto, ele foi para aquele *Ashram* juntamente com seus ministros. Mas ele não foi para o *Ashram* do sábio Suka como um rei ou um imperador. Ele foi para o *Ashram* do sábio Suka apenas como um buscador espiritual e para servi-lo. No momento em que Janaka entrou no *Ashram*, o sábio Suka estava discutindo alguns conceitos da Filosofia *Vedanta* com seus discípulos. Janaka ouviu essas discussões com devoção unidirecionada e concentração absoluta. À noite, quando as discussões chegaram ao fim, ele se levantou para se despedir do sábio Suka. No entanto, antes de sair, ele perguntou ao sábio se ele também poderia participar das discussões. Suka disse a ele que a Filosofia *Vedanta* não era propriedade de ninguém e que qualquer um que estivesse interessado na Filosofia *Vedanta* e que desejasse alcançar sua meta com a ajuda das verdades da Filosofia *Vedanta*, certamente poderia participar dessas discussões. Janaka voltou ao seu palácio com essa garantia. A partir de então, ele compareceu regularmente às sessões de Filosofia *Vedanta* e gradualmente adquiriu maturidade mental.

O sábio Suka veio a Mithilapura com a intenção de provar a diferença entre o mundo, que tem uma visão externa, e o rei Janaka, que tem uma visão interna. Ele construiu uma pequena ermida em um lugar elevado de onde se podia avistar Mithilapura. Ali ele começou a ensinar a Filosofia *Vedanta* aos seus discípulos. Um dia, Janaka atrasou-se para assistir às palestras. Houve algum atraso no cumprimento de suas funções oficiais. Portanto, ele não pôde chegar a tempo. Nesse ínterim, o sábio Suka esperava ansiosamente pela chegada do rei Janaka. Embora todos os seus discípulos regulares estivessem prontos, ele não começou seu discurso de Filosofia *Vedanta*. Ele estava olhando para a estrada pela qual Janaka geralmente vinha, e perguntando a seus discípulos, "Janaka ainda não veio?" Observando a ansiedade do sábio Suka, os discípulos começaram a murmurar entre eles. Eles comentavam, "Olhe! As pessoas pensam que o sábio Suka é um completo renunciante (*Sarvasanga Parithyagi*) e que ele não está apegado a ninguém ou a nenhum objeto. Apesar de nós estarmos aqui reunidos para ouvir seus discursos de Filosofia *Vedanta* com grande fé e devoção, ele não começa seu discurso. Ele está esperando a chegada de Janaka, porque ele é um rei. Isso é adequado?" Alguns outros comentavam, "Uma pessoa como Suka deve diferenciar entre pessoas que ocupam cargos mais altos e um homem comum?" Suka estava observando tudo isso. Ele estava, de fato, atrasando seu discurso somente para ensinar uma lição para aquelas pessoas. Estava ficando tarde em meia hora, uma hora, duas horas e assim por diante. Mas ele não queria começar seu discurso até que o rei Janaka chegasse. Nesse ínterim, o número de pessoas atribuindo motivos a Suka e fazendo insinuações contra ele aumentou. Na verdade, esse era o plano de Suka para purificar as mentes dessas pessoas de todas as impurezas e enchê-las com pensamentos puros. Enquanto houver apego (*Raga*) e aversão (*Dwesha*) no coração, não será possível a pureza entrar nele. Nesse ínterim, o rei Janaka chegou apressadamente ao *Ashram*, com grande ansiedade. Assim que ele entrou, ele se sentou em postura de lótus (*Padmasana*) com grande fé e devoção, para ouvir o discurso do sábio Suka. Suka começou seu discurso. Os discípulos começaram a murmurar consigo mesmos, "Vejam! Suka esperou por mais de duas horas pela chegada do rei Janaka. Nós não somos seus discípulos?

Nós não temos tanta fé e devoção?” Assim, as expressões em seus rostos começaram a mudar rapidamente. Enquanto isso, Janaka pediu perdão a Suka pelo seu atraso.

Suka começou seu discurso e continuou por algum tempo. Ele queria dar uma lição a esses discípulos de mente estreita. Portanto, depois de algum tempo, ele declarou de repente, “Oh! Rei Janaka! Toda Mithilapura está em chamas!” Janaka, que estava ouvindo muito atentamente o discurso do sábio Suka de olhos fechados, não prestou nenhuma atenção a essa declaração. Ele estava ouvindo o discurso de Suka, com devoção unidirecionada e intensa concentração. Naquele momento ele era alguém desprovido de mente (*Amanaska*), pois sua mente estava firmemente fixada no discurso de Filosofia *Vedanta* do sábio Suka. Ela não estava disponível para nenhum outro assunto. Mas, os discípulos sentados ao redor de Janaka eram um grupo diferente. Todos os seus olhares estavam voltados para Mithila, que estava em chamas. Havia uma espessa fumaça subindo. Os discípulos rapidamente empacotaram seus pertences e começaram a correr em direção a Mithila, gritando, “Ai de mim! Ai de mim! Nosso pai e nossa mãe estão lá, nossos parentes estão lá! O que aconteceu com eles?” O apego (*Abhimana*) e o sentimento de “meu” (*Mamakara*) encontraram plena expressão em sua corrida ansiosa em direção a Mithila. Um pouco depois, Suka fez outra declaração, “Janaka! O fogo também entrou em seu palácio”. Janaka não ficou nem um pouco perturbado, mesmo depois de ouvir essa notícia. Ele estava com um humor de ausência de desejo (*Anasakthi*). Mesmo que houvesse desejo (*Asakthi*), esse desejo não era pelas coisas mundanas, mas pelo conhecimento do *Atma*. Ele não tinha outros pensamentos. Mesmo grandes eruditos como Panchasikha e Dwisikha passaram alguns momentos de ansiedade. Mesmo que fossem grandes eruditos em Filosofia *Vedanta*, eles não podiam desistir de seu desejo (*Asakthi*) de manter Janaka informado da situação. Os servos ficaram com medo de informar a posição a Janaka. Nesse ínterim, todo o palácio foi engolfado pelas chamas. Todos podiam vê-lo daquela distância. Eles tentaram chamar a atenção de Janaka, mas ele não se comoveu! Ele entrou em estado de *Samadhi* e estava desfrutando da bem-aventurança do *Atma*

(*Atmananda*). Lágrimas escorriam de seus olhos. Nem seu corpo nem sua mente foram abalados. Tendo visto o rei Janaka em tal estado de equanimidade (*Nischala*), o sábio Suka se sentiu muito feliz. Nesse ínterim, todos aqueles discípulos que correram para Mithilapura voltaram ao *Ashram* dizendo que o fogo havia diminuído. Então Suka explicou aos seus discípulos, "Meus queridos estudantes! Eu atrasei meu discurso por duas horas, não porque esse homem fosse um rei ou um imperador ou uma grande personalidade, ou porque esperasse algum favor dele. Eu nunca tive desejos tão vis e mesquinhos. Eu atrasei meu discurso para que uma pessoa merecedora viesse ouvi-lo e se beneficiasse com ele. O rei Janaka é a pessoa mais merecedora de receber essas grandes verdades filosóficas. Vocês apenas ouvem meus discursos. Na verdade, vocês não merecem esse grande conhecimento. Portanto, em vez de ensinar esse grande conhecimento a cem discípulos como vocês, é melhor ensiná-lo a um homem como Janaka. De nada adianta ensinar esse conhecimento a pessoas que sofrem de ego e apego. Isso é como jogar uma pedra na água. Mesmo depois de permanecer na água por anos seguidos, ela não consegue absorver nem uma gota. É suficiente se um discípulo como Janaka estiver disponível. Qual a utilidade de um monte de pedras coloridas? Um diamante é o suficiente. Qual é a utilidade de dez acres de terra árida? Um acre de terra fértil é o suficiente. Se um indivíduo como o rei Janaka é transformado em uma alma pura, ele pode tornar todo o reino puro". O sábio Suka então fez um esforço para moldar o rei Janaka em um grande imperador e um *Raja Yogi*.

Arjuna, que conquistou o controle dos sentidos (*Indriya Nigraha*) e um sentimento de ausência de desejos (*Anasakthi Bhava*), foi a pessoa mais merecedora de receber a filosofia ensinada por Krishna na *Bhagavad Gita*. Ele era um grande intelectual. Ele tinha muito poder ascético (*Thapas Sakthi*). Ele manteve o apego (*Raga*) e a aversão (*Dwesha*) sob controle, tanto quanto possível. Sri Krishna sentiu que Arjuna com grandes qualidades e qualificações ajudaria a construir um mundo melhor e, portanto, Ele ensinou a *Bhagavad Gita* extensivamente para ele. Arjuna foi capaz de conquistar a apreciação até mesmo dos seres celestiais (*Devathas*). Ele era a pessoa mais corajosa, que não permitia que seus sentidos vagassem em

hipótese alguma. É por isso que ele obteve títulos como *Arjuna*, *Phalguna*, *Partha*, *Kiriti*, *Swethavahana*, etc. *Arjuna* significa puro. *Bheebhathsa* significa aquele que pratica grandes e terríveis atos de bravura. Ele foi capaz de obter o arco do Senhor Shiva (*Sivadhanus*), que ninguém mais obteve. Na era de *Thretha* (*Thretha Yuga*), esse arco era conhecido como *Sivadhanus*. Esse mesmo *Sivadhanus* veio como o arco Gandiva na era de *Dwapara* (*Dwapara Yuga*). Arjuna foi capaz de conquistar a graça do Senhor Shiva e obter esse arco. É por isso que Sri Krishna sentiu que o conhecimento da *Bhagavad Gita* seria frutífero e se espalharia por todo o mundo se fosse ensinado a um guerreiro tão grande como Arjuna. Seu outro nome é *Partha*, que significa filho da Terra (*Prithvi Puthra*). Na verdade, todos são filhos da Terra (*Prithvi Puthras*). Arjuna é um representante dos filhos da Terra (*Prithvi Puthras*). Se Arjuna aprendesse esse grande conhecimento e se tornasse puro, ele, por sua vez, tornaria pura a humanidade inteira. Essa era a meta de Sri Krishna.

Krishna disse que a ação sem desejo pelos resultados (*Nishkama Karma*) era melhor do que a ação (*Karma*), e que a dedicação total de todas as ações ao Senhor (*Anasakthi Karma*) era ainda melhor. Na conclusão do ensinamento da *Bhagavad Gita*, Krishna exortou Arjuna, “Entregue a Mim todas as ações executadas por você e busque refúgio somente em Mim” (*Sarva Dharmaan Parithyajya Maamekam Saranam Vraja*). Os ensinamentos de Krishna estavam de acordo com o nível particular que a pessoa havia alcançado em sua jornada espiritual. No primeiro estágio, é necessário executar ações (*Karmas*). Ela não deve desenvolver preguiça por não praticar ações (*Karmas*). Deus nunca aceitará a preguiça. Nem tal pessoa será útil para o mundo. É preciso executar ações (*Karmas*). Essas ações (*Karmas*) devem ser ações sem desejo pelos resultados (*Nishkama Karma*). Então, gradualmente, essas ações devem ser transformadas em *Yoga*. Esse *Yoga* deve ser desenvolvido em uma oferenda (*Yajna*). Finalmente, nessa oferenda (*Yajna*) tudo deve ser oferecido a Deus. Esse é o significado interno mais importante da *Bhagavad Gita*.

A fim de destruir as más qualidades no homem, tais como egoísmo (*Swarthatha*), apego (*Raga*), aversão (*Dwesha*), o sentimento de "meu" (*Mamakara*) e o ego (*Ahamkara*), a *Bhagavad Gita* assumiu várias formas e ensinou vários tipos de *Yoga*. Ela tem proporcionado consolo e conforto a várias pessoas. Ela é como a árvore dos desejos (*Kalpa Vriksha*). Ela fornece qualquer significado que você quiser extrair de um de seus versos (*Slokas*). Ninguém tem o direito de interpretar um determinado verso (*Sloka*) e dizer que "este é o único significado ou interpretação para este verso (*Sloka*)". Quem pode decidir que a árvore dos desejos (*Kalpa Vriksha*) deve dar apenas este ou aquele fruto? Ela dá tudo o que você deseja.

"*A Bhagavad Gita é o mensageiro de Deus.*
A Bhagavad Gita é a mãe de todo o Universo.
A Bhagavad Gita é o suporte para um aspirante espiritual (Sadhaka).
A Bhagavad Gita é o salva-vidas para o chefe de família.
A Bhagavad Gita é o repositório dos Mantras.
A Bhagavad Gita é a fonte da Filosofia Vedanta.
A Bhagavad Gita é um lindo caminho de flores.
A Bhagavad Gita é a verdadeira estrada sagrada.
Essa é a declaração de Sri Sathya Sai."

Na *Bhagavad Gita*, cada um irá compreender o significado de acordo com a sua própria percepção mental. Pouco tempo atrás, Balaraju recitou um verso (*Sloka*) sobre o Senhor Vinayaka,

"*Suklaambaradharam Vishnum Sasivarnam Chathurbhujam*
Prasannavadanam Dhyaayeth Sarvavighnopa Saanthaye"

De acordo com a descrição nesse verso (*Sloka*), o Senhor Vinayaka usa uma roupa branca. A palavra "*Vishnum*" significa "aquele que tudo permeia". Ele é onipresente. Sua cor é a cor da Lua. Ele tem quatro braços. Ele sempre tem um

rosto agradável. Ele não está exultante nem deprimido. Ele está além das alegrias e tristezas. Assim os devotos oram a Ele. Essa descrição do Senhor Vinayaka é feita pelos teístas (*Astika*s). O mesmo verso (*Sloka*) é interpretado pelos ateístas (*Nasthika*s) de uma maneira diferente. “Aquele que carrega roupas brancas” (*Suklaambaradharam*), “Aquele que pode ser encontrado em todos os lugares” (*Vishnum*), “Aquele de cor marrom” (*Sasivarnam*), “Aquele de quatro patas” (*Chaturbhujam*), “Aquele está sempre alegre” (*Prasanna Vadanam*), isto é, o burro. Da mesma forma, a *Bhagavad Gita* também fornece vários significados a várias pessoas. A cada um, de acordo com sua percepção. A *Bhagavad Gita* não é uma árvore (*Vriksha*) comum. Ela é a árvore dos desejos (*Kalpa Vriksha*). Ela é a vaca que realiza os desejos (*Kamadhenu*). Cada um pode compreender seu próprio significado dos versos (*Slokas*).

O oceano consiste em uma quantidade infinita de água. Cada um pode tirar a quantidade de água que seu recipiente permitir. Pode haver diferença nas capacidades dos recipientes, mas a água é a mesma. Nossos pensamentos, sentimentos e percepções podem ser diferentes. Mas, a *Bhagavad Gita* é uma e a mesma. A *Bhagavad Gita* transforma a natureza humana em Divindade e estabelece o princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*). Portanto, não menospreze os ensinamentos da *Bhagavad Gita*. Estude-os com fé e devoção. Compreenda o significado correto dos vários conceitos e coloque em prática pelo menos um ou dois. Somente então essa leitura sistemática da *Bhagavad Gita* (*Bhagavad Gita Parayana*) e esse ensino da *Bhagavad Gita* (*Bhagavad Gita Bodha*), se tornarão frutíferos.

Prasanthi Nilayam, 14 de Setembro de 1984.

33

A Ação Desprovida de Desejos

"Algumas pessoas restringem os órgãos da ação, mas prosseguem pensando nos objetos dos sentidos em sua mente" (*Karmendriyaani Samyamya Ya Asthe Manasaa Smaran*).

Não importa se você executa ações (*Karmas*) ou não. O mais importante é que você deve remover as impurezas das tendências ou desejos (*Vasanas*) da sua mente (*Chiththa*). Você também deve remover o apego (*Raga*) e a aversão (*Dwesha*). Mesmo quando alguém não executa ações (*Karmas*), e foge para as cavernas das montanhas por medo do mundo, e leva uma vida reclusa, ele ainda está preso. A razão é que as impurezas em sua mente irão gerar vários tipos de sentimentos nele. Por causa das impurezas (*Vasanas*) em sua mente, várias resoluções (*Sankalpas*) e negações (*Vikalpa*s) irão surgir. O apego (*Raga*) e a aversão (*Dwesha*) eliminarão suas qualidades humanas.

Quem quer que tenha removido de sua mente (*Chiththa*) as impurezas (*Vasanas*), o apego (*Raga*) e a aversão (*Dwesha*), e execute ações (*Karmas*) com o coração repleto da paz suprema (*Prasanthi*), tais pessoas, mesmo que estejam se movendo no mundo, são verdadeiros *Yogis*, declarou a *Bhagavad Gita*. Aqueles que não podem reconhecer essa verdade, consideram que abster-se de executar ações (*Karma Sanyasa*) é seu dever (*Karthavya*). A *Bhagavad Gita* advertiu repetidamente que não há espaço para preguiça no campo espiritual. Ela estabeleceu o fato de que o *Yoga* da ausência de desejos (*Anasakthi Yoga*) é o verdadeiro *Yoga*. *Anasakthi Yoga* é o caminho Divino da ausência de desejos. O segundo capítulo da *Bhagavad Gita* (*Sankhya Yoga*) enfatizou particularmente a ação sem desejo pelos resultados (*Nishkama Karma*).

Um aspirante espiritual (*Sadhaka*), seja ele quem for, nunca poderá se elevar ao estágio de ação sem desejo pelos resultados (*Nishkama Karma*), diretamente do estágio de ações más ou perversas (*Dushkarma*). É necessário primeiro entrar no estágio de ações boas ou virtuosas (*Sadguna* ou *Sadachara Karma*) e, por meio delas, tentar chegar ao estágio de ação sem desejo pelos resultados (*Nishkama Karma*).

Qual é o significado interno em executar ações (*Karmas*)? "A pureza mental (*Chiththa Suddhi*) somente pode ser alcançada por meio das ações (*Karmas*)" (*Chiththasya Suddhaye Karmah*), declarou a *Bhagavad Gita*. Então, que tipo de ações (*Karmas*) produzirá a pureza mental (*Chiththa Suddhi*)? Somente através de ações (*Karmas*) que sejam executadas com um sentimento de oferenda aos pés de lótus do Senhor, é que a pureza mental (*Chiththa Suddhi*) será alcançada. Cada ação (*Karma*) assim executada trará pureza mental (*Chiththa Suddhi*). O alimento que é cozido torna-se uma refeição para nós. Mas, quando o oferecemos primeiro a Deus e depois partilhamos dele, ele se torna um alimento sagrado (*Prasadam*). Cada pequena ação (*Karma*) executada com um sentimento de dedicação a Deus (*Daivarpitha Buddhi*) torna-se uma oferenda sagrada (*Yagna*). Esse é o caminho da ação (*Karma Yoga*). É somente por meio desse caminho da ação (*Karma Yoga*) que a pureza mental (*Chiththa Suddhi*) é obtida.

Como devem ser as ações (*Karmas*) que devem ser oferecidas a Deus? Quão puras e sagradas elas devem ser? Mesmo quando você oferece algo para um ser humano comum, você tem o cuidado de se assegurar de que o que está sendo oferecido é puro, de boa qualidade e útil para a pessoa em questão. Sendo assim, quão mais puras e sagradas deveriam ser as ações (*Karmas*) a serem oferecidas a Deus? Você não deve tentar oferecer todos os objetos ou todas as ações (*Karmas*) que encontrar ou imaginar. Você deve se assegurar de que as ações (*Karmas*) que você oferece a Deus sejam boas, puras e ideais. Se você quer oferecer uma flor a Deus, você remove os insetos, se houver, que a estão infestando, limpa-a e coloca-a diante Dele. Da mesma forma, todas as ações (*Karmas*) que oferecemos a Deus devem

ser puras e sagradas. Assim como há fragrância em uma flor, deve haver sentimentos sagrados em nossas ações (*Karmas*). Somente essas ações (*Karmas*) devem ser oferecidas a Deus. Esse é o verdadeiro *Yoga* ensinado pela *Bhagavad Gita*.

Aqueles que desejam ter a experiência da Divindade (*Easwaranubhuthi*) devem possuir algumas qualidades importantes em primeiro lugar. Elas são, paciência e perseverança, pureza de corpo e mente, Amor, juntamente com uma aspiração intensa, uma mente estável e imutável (*Sama*), controle dos sentidos (*Dama*), um anseio intenso (*Uparathi*), equanimidade perante as vicissitudes (*Thithiksha*), fé inabalável (*Sraddha*) e completo contentamento em todas as coisas (*Samadhana*).

A paciência é a qualidade mais importante que um ser humano deve possuir. Foi somente por terem perdido a paciência que alguns reis perderam seus reinos. Foi somente porque não tiveram paciência que alguns sábios (*Rishis*) se corromperam. Novamente, foi somente por falta de paciência que alguns estudiosos se arruinaram. Portanto, a paciência é o escudo mais importante contra essas vicissitudes. Sem paciência, a natureza humana não terá nenhum valor. A paciência é a principal qualidade de um sábio (*Sthithaprajna*). Sem paciência, nada pode ser alcançado neste mundo. A paciência deve estar sempre associada à perseverança. Mas, essa perseverança nunca deve se tornar uma obstinação. A qualidade de permanecer sempre constante nas atividades sagradas e transcendentais (*Paramardhika*) é chamada de perseverança. Quaisquer que sejam os obstáculos ou inconvenientes que possamos encontrar, devemos cumprir a sagrada tarefa que assumimos com paciência e perseverança. Sem perseverança, a paciência não terá força. Da mesma forma, a mera perseverança sem paciência é fútil. Paciência e perseverança são como irmãs gêmeas. Uma não pode ficar sem a outra.

Assim como mantemos nosso corpo limpo e puro, também devemos manter nossos pensamentos e sentimentos puros. Devemos remover o apego (*Raga*) e a aversão

(*Dwesha*) de nossa mente. Somente então podemos obter controle sobre os nossos sentidos. Assim como a tartaruga recolhe ou estende seus membros à vontade, devemos fazer um esforço para colocar os sentidos sob nosso controle. Essas são as qualidades importantes de um sábio (*Sthithaprajna*), segundo a *Bhagavad Gita*. A verdadeira natureza de um ser humano será revelada quando ele estiver engajado no campo da atividade (*Karma Kshetra*). Nesse campo da atividade (*Karma Kshetra*), a ação sem desejo pelos resultados (*Nishkama Karma*) tem o lugar de honra. Assim como o espelho reflete o rosto de uma pessoa, assim como o termômetro indica a temperatura do corpo de uma pessoa, similarmente, as ações (*Karmas*) irão revelar o bem e o mal em uma pessoa. Alguém pode parecer muito puro (*Sathwa*) em seu comportamento, ele pode parecer um grande renunciante (*Maha Thyagi*) ou criar a impressão de que possui um coração puro (*Pavithra Hridaya*). Mas, suas ações podem provar que ele é um grande demônio (*Rakshasa*). Alguns outros podem parecer muito ríspidos, duros de coração e implacáveis. Mas, no campo da atividade, eles podem ser de disposição pura (*Sathwa*), amorosos e compassivos no fundo de seus corações. A qualidade de uma pessoa será revelada pelas ações (*Karmas*) que ela executar. O campo da atividade (*Karma Kshetra*) tem a capacidade de revelar a justiça (*Dharma Pravriththi*) de um ser humano. A *Bhagavad Gita* estabeleceu os deveres importantes que devem ser executados em sua vida diária e em suas atividades diárias. Ela enfatizou o fato de que o caminho da ação (*Karma Marga*) é o principal dever de um ser humano. Além disso, ela enfatizou que o segredo da vida humana é trilhar o caminho da justiça (*Dharma*).

O corpo (*Kaaya*) não pode permanecer nem por um momento sem atividade (*Karma*). O dever de alguém está somente na execução das ações (*Karmacharana*). Portanto, um aspirante espiritual (*Sadhaka*) deve primeiro entrar no caminho da ação (*Karma Marga*). Ele deve executar ações (*Karmas*) sagradas que podem ajudar os outros e oferecer um exemplo a ser imitado pelos outros. Somente então essas ações (*Karmas*) desenvolverão a natureza pura (*Sathwa*) de uma pessoa e se transformarão em ações sem desejo pelos resultados (*Nishkama*

Karma). É verdade que ninguém pode executar uma ação (*Karma*) sem desejos. No entanto, esses desejos podem ser transformados em desejos que agradam a Deus (*Bhagavath Preethyartham*). Isso foi chamado de *Yoga* da ausência de desejos (*Anasakthi Yoga*) pela *Bhagavad Gita*. É exatamente aqui que a ilusão (*Maya*) se instala. O véu que encobre ou oculta a realidade (*Avarana*) e o caráter oscilante da mente (*Vikshepa*) são a causa raiz para essa ilusão (*Maya*). Eles não têm, no entanto, nenhuma forma. “*Avarana*” significa “aquilo que encobre”. Encobre com o quê e como? Como remover essa cobertura? Visto que a ilusão (*Maya*) não tem forma em si mesma, qual é a propriedade em dizer que a realidade está encoberta e que a cobertura deve ser removida? Na verdade, a natureza da ilusão (*Maya*) é nos fazer acreditar naquilo que não existe.

Um pequeno exemplo. Há uma corda na estrada. Essa corda foi confundida com uma cobra durante a noite, quando estava escuro ao redor. O que é o véu de *Avarana* neste exemplo? A corda estava encoberta por uma cobra. Isso foi uma ilusão. Havia realmente uma cobra? Não, não. Uma cobra que não estava realmente ali foi sobreposta em uma corda e, por causa da ilusão (*Bhranthi*), acreditava-se que fosse uma cobra. Quando essa ilusão nos alcançou? Na escuridão. A corda estava encoberta (*Avarana*) pela cobra ou era sua mente que estava encoberta pela ilusão (*Bhranthi*)? Certamente, a corda não estava encoberta pela cobra. A segunda perspectiva que é verdadeira. Sua mente estava encoberta (*Avarana*) pela ilusão (*Bhranthi*). Essa cobertura (*Avarana*) é uma ilusão (*Bhranthi*). Quando você pega uma lanterna e focaliza na estrada, não há cobra alguma. Há apenas uma corda. A cobertura (*Avarana*) é removida. O objeto que estava ali originalmente é visível. Essa oscilação é chamada de *Vikshepa*. Na verdade, não há mudança no objeto. O que quer que estivesse ali originalmente ainda está ali. Apenas sua mente oscilou e sobrepôs algo mais no objeto original devido a uma ilusão. Essa oscilação é chamada de *Vikshepa*. Uma dúvida pode surgir nesse contexto, se *Avarana* e *Vikshepa* podem ocorrer separadamente. É possível que ocorram em momentos diferentes ou simultaneamente.

Sri Krishna, por meio de Seus ensinamentos de sabedoria (*Jnana*) no segundo capítulo da *Bhagavad Gita* (*Sankhya Yoga*), removeu o véu de ignorância (*Ajnana Avarana*) que encobria Arjuna e restaurou sua verdadeira natureza auto-refulgente (*Swaprakasa Swaswarupa*). Hoje em dia, nós estamos desenvolvendo uma visão externa. Essa visão externa é superficial. Mas, o que é importante é a visão interna, que é permanente. Estamos esquecendo nossa verdadeira natureza, que é verdadeira e eterna, e estamos desenvolvendo uma visão mundana momentânea, instável, perecível e em constante mudança. Obter a visão de sua própria natureza real (*Swaswarupa Darshana*) é obra do Divino. Por mais tempo que possamos viver neste mundo e por mais que executemos ações (*Karmas*), todas elas são apenas momentâneas. Os relacionamentos que construímos, o apego (*Abhimana*) e o sentimento de "meu" (*Mamakara*) que desenvolvemos, são todos passageiros apenas. Tudo isso será arrastado pela correnteza da vida. Um objeto que está sendo arrastado pode salvar outro objeto agarrando-se a ele? Qual é a utilidade de se agarrar a esse objeto? Estamos desenvolvendo apego a coisas impermanentes e esquecendo a verdade da vida. Somente quando você buscar refúgio na Divindade eterna, você obterá verdadeira bem-aventurança (*Ananda*). Portanto, Sri Krishna teve que exortar Arjuna, "Oh! Arjuna! Controle seus sentidos, mantenha-se longe do apego (*Raga*) e da aversão (*Dwesha*) e limpe as impurezas de sua mente".

Não existe caminho melhor do que o caminho da ação (*Karma Marga*) na vida humana. É somente por meio da ação (*Karma*) que se deve entrar no caminho da devoção (*Bhakti Marga*). E é somente desenvolvendo devoção (*Bhakti*) que se deve entrar no caminho da sabedoria (*Jnana Marga*). É a ação (*Karma*) que leva o homem a alturas vertiginosas ou o atira em profundidades abissais. Todo o bem e todo o mal do homem estão vinculados às ações (*Karmas*). Por meio da ação (*Karma*), podemos executar oferendas (*Yajnas*) e rituais de sacrifício (*Yagas*) ou atos de caridade. Qual é o resultado dessas ações (*Karmas*)? Essas ações (*Karmas*) podem conduzir alguém até as regiões celestiais (*Swarga*). Não mais do que isso. Mas, existe algo melhor e mais elevado do que essas regiões celestiais (*Swarga*). O período de permanência de alguém nas regiões celestiais (*Swarga*) não é eterno.

É necessário voltar mais cedo ou mais tarde. As regiões celestiais (*Swarga*) são apenas um acampamento temporário. Não é possível permanecer ali para sempre. Você pode pensar que pode desfrutar de prazeres físicos ou sensoriais nas regiões celestiais (*Swarga*). Não, não. Esses prazeres podem ser um pouco melhores do que os que você desfrutou na Terra. Nada mais. Mas, existe algo superior às regiões celestiais (*Swarga*). Esse algo superior é o Divino princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*). É a união com *Brahman* (*Brahma Samyoga*). É um estado de constante realização do *Atma* (*Atmanusandhana*).

Para alcançar esse estágio, Krishna aconselhou Arjuna a executar a ação sem desejo pelos resultados (*Nishkama Karma*). Quando você executa uma ação (*Karma*), certamente haverá um resultado. Mas, não há nenhuma regra de que você deva desfrutar do resultado. Nosso avô pode ter plantado uma mangueira no quintal. Quando a mangueira crescer e começar a produzir mangas, nosso avô poderá não estar mais vivendo. Mas, com certeza, seus filhos e netos apreciarão os frutos daquela árvore. Da mesma forma, embora a pessoa que executa as ações (*Karmas*) possa não estar desfrutando dos frutos, os frutos estarão ali. Eles podem ser apreciados por outras pessoas. O avô não plantou a árvore com a intenção de que ele mesmo gozasse de seus frutos durante sua vida. Ele pode ter plantado a árvore com a ideia de que um dia ela cresceria e se tornaria uma grande árvore e seus frutos seriam apreciados por seus familiares. Existe algum interesse próprio em sua ação (*Karma*). Mas, isso é um pouco melhor do que a ideia de que apenas ele deve desfrutar do fruto de sua ação (*Karma*). Por outro lado, se ele plantou a árvore com a ideia de que seus frutos poderiam ser desfrutados por qualquer pessoa, esse é um nível de pensamento superior. Um nível ainda mais alto é executar todas as ações (*Karmas*) como uma oferta a Deus. O nível mais alto, entretanto, é executar todas as ações sem desejo pelos resultados (*Nishkama Karma*).

É um fato estabelecido que o *Yoga* da ausência de desejos (*Anasakthi Yoga*) é mais sagrado do que o *Yoga* do intelecto (*Buddhi Yoga*). A ausência de desejos

(*Anasakthi*) é superior e melhor do que o intelecto (*Buddhi*) e seu poder de investigação. Tal estado de ausência de desejos (*Anasakthi*) não é possível no caso de seres humanos comuns. Mas, não se deve desistir dele por causa disso. Deve-se tentar alcançá-lo gradualmente. Estamos executando várias tarefas “impossíveis” através da disciplina espiritual (*Sadhana*). No entanto, uma coisa deve ser levada em consideração. Devemos nos lembrar constantemente de que existe apenas um princípio (*Thathwa*) que tudo permeia. “Os cinco elementos estão em toda parte” (*Sarvathra Pancha Bhuthani*). Esse fato deve ser reconhecido. Os cinco elementos (*Pancha Bhuthas*) são os aspectos ou reflexos da Divindade. Desenvolver esse sentimento agradará ao Senhor (*Bhagavath Preethi*). Mantendo esse sentimento e ideal nobre em nossa mente, devemos executar todas as nossas ações (*Karmas*). Devemos tornar nossa vida fecunda e santificada. Não devemos desenvolver uma visão mundana ou externa.

Uma vez, o rei Janaka organizou uma grande conferência de estudiosos. Vários grandes estudiosos e eruditos que podiam derrotar seus oponentes com argumentos e contra-argumentos eruditos e criar neles um sentimento de medo vieram participar dessa conferência. Nenhuma pessoa comum poderia sonhar em entrar naquela assembleia, muito menos participar dessa conferência. Ashtavakra, um erudito estudioso veio participar dessa conferência. Mas ele não teve permissão para entrar no palácio, porque ele parecia um homem comum. Além disso, ele tinha uma deformidade física. Sua aparência também era estranha e qualquer pessoa que o visse não conseguia controlar seu riso. Ele não tinha nenhuma recomendação e não tinha ninguém que o ajudasse. Ele era unicamente dependente da ajuda de Deus. Por isso, ele esperou por três dias na entrada do palácio do rei Janaka. Ele estava observando os estudiosos entrando no palácio para participar da conferência. Ele estava orando a Deus por uma oportunidade de participar da conferência. Nesse ínterim, algum grande homem viu sua condição e relatou o assunto ao rei Janaka. Janaka pensou que esse homem poderia estar parecendo uma pessoa muito comum, sem sinais de erudição, mas ninguém sabia que talentos estavam escondidos nele e não era justo chegar a uma conclusão precipitada sobre

sua erudição. Ele, portanto, ordenou que seus oficiais permitissem que ele entrasse no palácio para participar da conferência. A conferência estava repleta de estudiosos vindos de diferentes partes do país e começou em uma atmosfera solene. O rei Janaka ocupou seu trono real. Naquele exato momento, Ashtavakra entrou na sala de conferências. Ao ver sua compleição, todos os participantes da conferência começaram a rir. Mas, o rei Janaka estava silenciosamente observando toda a situação, sem piscar. Ele não riu. Nesse ínterim, Ashtavakra respondeu rindo muito mais alto do que os estudiosos. Os estudiosos ficaram surpresos. Eles pensaram que tinham um motivo genuíno para rir ao ver o corpo deformado de Ashtavakra, o que provavelmente faria qualquer um rir. Mas, qual poderia ser a razão para Ashtavakra rir? Isso se tornou um grande problema. Um estudioso levantou-se e perguntou a Ashtavakra, "Meu caro jovem! Quem é você? Temos um motivo para rir. No momento em que alguém vir a sua forma física, será induzido a rir. Mas, que motivo o levou a rir de nós?" Ashtavakra respondeu a essa pergunta, dizendo, "Senhor! Eu vim aqui com a esperança de poder participar dessa grande conferência de estudiosos. Mas, eu não teria vindo, se soubesse com antecedência o tipo de pessoas que estão aqui reunidas participando da conferência. Eu tinha expectativas muito altas quanto à erudição desses participantes. Mas encontrei apenas sapateiros (*Charmakaras*) aqui nessa conferência". Ao ouvir essa resposta, todos os eruditos ali reunidos se voltaram contra Ashtavakra. Mas, Ashtavakra friamente justificou suas declarações dizendo, "O epíteto que usei descreve corretamente o seu comportamento. É apenas o sapateiro que conhece o couro. Os outros não conhecem. Vocês todos estão rindo ao ver minha pele e minha deformidade física. Vocês não fizeram nenhum esforço para ver minha erudição. Se vocês fossem verdadeiramente eruditos, deveriam ter uma visão interna (*Anthar Darshana*)". O rei Janaka, tendo realizado a verdade, pediu à assembleia para dar a esse grande erudito, Ashtavakra, a oportunidade de demonstrar sua erudição nessa conferência.

Similarmente, as pessoas no mundo, por maiores que sejam, estão desenvolvendo apenas a visão externa (*Bahya Drishti*). Elas não estão tentando desenvolver a

visão interna (*Anthar Drishti*). Você pode ter força corporal, poder e capacidade, bem como beleza, mas Deus busca sua beleza interior, pureza mental e natureza tranquila. Devemos desenvolver uma visão interna (*Anthar Drishti*) e cuidar para que nossos sentimentos interiores permaneçam sempre imperturbáveis. Nunca devemos nos permitir ser expostos a emoções ou frenesi. Suponha que alguém tenha insultado você. Não se preocupe. Você não perde nada. Deixe que os sentimentos negativos dessa pessoa em relação a você apareçam por completo. Você não deve ficar minimamente emocional ou frenético. Mantenha a calma. Permaneça tranquilo. Deixe-o derramar todo o seu veneno. Se você tentar interromper no meio, será perigoso. Um pequeno exemplo. Certo indivíduo começou a vomitar, porque havia alguma impureza em seu estômago ou hiperacidez. Onde houver impureza, os germes causadores de doenças se acumularão. Você nunca deve permitir que impurezas entrem em seu sistema. É somente por causa dessas impurezas que ocorre o vômito. Esse paciente nunca deve receber um medicamento para interromper o vômito. Se o vômito for controlado com a administração de remédios, ele pode parar temporariamente, mas é provável que volte a ocorrer. Portanto, você não deve dar nenhum medicamento até que todas as impurezas saiam através do vômito. Depois disso, dê-lhe um remédio para recuperar as forças, pois ele deverá ter ficado muito fraco após vomitar. Quando ele estiver fraco, ele estará receptivo à razão. Esse é o método a ser adotado. Quando alguém está insultando você, deixe-o terminar, não o interrompa. Deixe todos os ressentimentos nele aparecerem. Até esse momento, seja paciente. Mantenha a calma. A tolerância é a melhor entre todas as boas qualidades. A paz interior (*Santham*) fornece conforto (*Soukhyam*) para nós e o conforto, por sua vez, nos concede felicidade. E essa felicidade é verdadeiramente o sentimento de estar nas regiões celestiais (*Swarga*). Portanto, não devemos perder esse sentimento celestial nos tornando emocionais. A paciência é a qualidade primordial do ser humano. De todas as boas qualidades, a tolerância (*Kshama*) é a melhor. Somente quando se tem tolerância (*Kshama*), haverá controle dos sentidos (*Damam*) e um anseio intenso (*Uparathi*). O cultivo dessas qualidades ajudará a manter a pureza interior. A pureza interior virá pela remoção

das más qualidades, e não pela aplicação de perfumes, talcos, ou sabonetes. Todos podem manter a pureza externa ou exterior usando esses produtos de higiene pessoal. Mas, a pureza interna é mais importante. A razão é que, "O Senhor Narayana está aqui, dentro, fora e em todos os lugares" (*Anthar Bahischa Thath Sarwam Vyaapya Narayana Sthithah*). Portanto, a morada de Deus deve ser sempre mantida limpa, pura e sagrada. Podemos não ser capazes de ver Deus no mundo exterior. É somente a Divindade interior, permanecendo constantemente conosco, que nos protege sempre, como a pálpebra protege os olhos.

Sri Krishna ensinou no segundo capítulo da *Bhagavad Gita* (*Sankhya Yoga*) as qualidades de um sábio (*Sthithaprajna*). Espera-se que ele possua paz interior (*Samam*), controle dos sentidos (*Damam*), anseio intenso (*Uparathi*), equanimidade diante das vicissitudes (*Tithiksha*), fé inabalável (*Sraddha*) e contentamento total em todos os aspectos (*Samadhanam*). Não apenas essas. Concentração unidirecionada (*Chiththa Ekagratha*) é o mais essencial. Somente então, a pessoa terá uma mente constante ou inabalável (*Achanchalathwa*). Quando houver uma mente constante ou inabalável (*Achanchalathwa*), haverá fé constante (*Sraddha*). Quando houver fé constante (*Sraddha*), a pessoa desenvolverá desapego (*Virakthi*) em relação aos desejos (*Vaancha*). Quando tal desapego em relação aos desejos é alcançado, o controle dos sentidos (*Indriya Nigraha*) é possível. Onde houver o controle dos sentidos (*Indriya Nigraha*), haverá paz na mente (*Manas Santhi*). Onde houver paz na mente, haverá pureza interior (*Anthar Suddhi*) e pureza exterior (*Bahir Suddhi*). Quando existe tal pureza, paz e tranquilidade são o resultado natural. Um aspirante espiritual (*Sadhaka*) deve necessariamente alcançar esses seis tipos de qualidades, exortou o Senhor Krishna.

Prasanthi Nilayam, 15 de Setembro de 1984.

34

A Ação Sagrada

“As ações (*Karmas*) são as raízes da existência mundana” (*Karmaanu Bandheeni Manushya Loke*). O próprio corpo (*Deha*) é um símbolo das ações (*Karmas*). Todo o universo (*Jagath*) que é permeado por *Brahman* está repleto de ações (*Karmas*). Na verdade, a própria criação (*Srishti*) é uma ação (*Karma*). Portanto, o corpo (*Deha*), que é uma criatura na criação, é uma ação (*Karma*). Ação (*Karma*) significa a força vital (*Jiva Shakthi*). Os instrumentos (*Upadhis*) através dos quais essa força vital (*Jiva Shakthi*) encontra expressão são os corpos (*Dehas*). Os corpos são formados de acordo com as ações (*Karmas*). Para experimentar os resultados das ações (*Karmas*) passadas, os corpos são assumidos pelos indivíduos (*Jivas*). A natureza humana está repleta de ações (*Karmas*). O homem assume um corpo para experimentar os resultados das ações (*Karmas*) passadas. Portanto, ação (*Karma*) significa corpo (*Deha*). O campo da atividade (*Karma Kshetra*) significa o corpo (*Deha*). Espaço (*Desa*) e tempo (*Kaala*) são uma transformação da natureza (*Prakrithi Vikara*). Em última análise, tudo é resultado da ação (*Karma*).

Você deve primeiramente oferecer saudações à ação (*Karma*), dizendo, “*Thasmai Namah Karmane*”. O que quer que seja bom ou mau, mérito ou pecado, tudo é a manifestação de Deus. Um *Yogi* é aquele que considera tudo como a manifestação (*Vibhuthi*) de Deus. Tal pessoa pensará que executar ações (*Karmas*) é o seu dever mais importante (*Karthavya*). Somente isso e nada mais. A execução das ações (*Karmacharana*) é para tornar a vida frutífera e significativa. Isso vem somente pela graça de Deus.

A *Bhagavad Gita* é assim chamada porque emerge da voz nectarina de Deus. Ela é a canção cantada pelo próprio Deus. Quem ouve essa canção alcançará a remoção da tristeza (*Dukha Nivriththi*) e a obtenção da bem-aventurança (*Ananda Praapthi*). Essa canção é válida tanto para um campo de cremação (*Rudra Bhumi*)

quanto para uma terra auspiciosa (*Bhadra Bhumi*). Ambos são manifestações de Deus. Quaisquer ações que executemos em nossa vida diária, se elas forem executadas com um sentimento de oferenda aos pés de lótus de Deus, elas serão transformadas em *Yoga*.

Thirukkondal, um grande devoto, executava cada ação (*Karma*) como uma oferenda ao Senhor, dizendo, "Oh! Senhor Easwara! Você é, na verdade, o meu *Atma*. O meu intelecto é a Sua melhor metade (*Ardhangi*), Parvathi. O meu corpo é a Sua morada. Todas as ações (*Karmas*) que executo em minha vida diária são formas de adoração a Você. Os meus cinco alentos vitais (*Pancha Pranas*) são as canções de Sua glória. Por onde quer que eu caminhe, isso é a circunvolução ao Seu redor (*Pradakshina*). Todas as palavras que falo são somente os Seus *Mantras*". Assim, ele dedicou a Deus a consciência que flui através de todos os seus sentidos (*Indriyas*). É por isso que ele se transformou em um grande *Yogi*. Quando o homem executa cada ação como uma oferenda a Deus, isso se torna uma ação com um sentimento de ausência de desejos (*Anasakthi Karma*). Os grandes *Yogis* realizaram que o sagrado princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*) podia ser encontrado na ausência de desejos (*Anasakthi*).

Arjuna participou da guerra do *Mahabharatha*, em obediência ao comando Divino. Krishna aconselhou-o, "Lute, lembrando-se constantemente de Mim" (*Maam Anusmara Yudhya Cha*). Sem esse sentimento de dedicação, um devoto nunca poderá alcançar sua meta. Agradar a Deus e obter Sua graça é a meta de um devoto. Satisfazer a Deus é o principal dever de um devoto. Portanto, Krishna aconselhou Arjuna a obedecer ao Seu comando e cumprir o seu dever. Por isso, quando Arjuna obedeceu ao comando do Senhor Krishna e lutou na batalha, essa batalha foi transformada em uma oferenda (*Yajna*). Por outro lado, Daksha executou uma oferenda (*Yajna*) e desafiou Easwara. Ele ignorou o conselho dos sábios (*Rishis*) e começou a oferenda (*Yajna*) com ego (*Ahamkara*) e sentimento de "meu" (*Mamakara*). Esse egoísmo transformou a oferenda (*Yajna*) em uma guerra (*Yuddha*). Embora Arjuna tenha travado uma guerra (*Yuddha*), por obedecer à

ordem Divina, a guerra se transformou em uma oferenda (*Yajna*). O que é guerra (*Yuddha*) e que é oferenda (*Yajna*) nesse exemplo? Todas as ações (*Karmas*) dedicadas a Deus se tornarão oferenda (*Yajna*). Por outro lado, se as ações (*Karmas*) forem executadas com ego, orgulho, apego (*Raga*) e aversão (*Dwesha*), desafiando o comando Divino e violando as injunções espirituais, então, mesmo que seja uma oferenda (*Yajna*), ela se transformará em uma guerra (*Yuddha*).

Quando o desânimo de Arjuna encontrou expressão diante de Krishna, desenvolveu-se um diálogo entre eles. Sri Krishna, explicando a natureza inata da Divindade em um ser humano, aconselhou Arjuna, “Oh! Arjuna! Remova esse sentimento de que você é apenas esse corpo e nada mais (*Dehatma Bhava*) em você. Você não é esse corpo, que é efêmero e composto de carne, sangue e impurezas como urina e matéria fecal. Você é verdadeiramente o *Atma*, que é a testemunha eterna (*Sakshi Bhutha*). Você não é esse corpo de seis pés de altura com um esqueleto nele. Você é a encarnação do *Atma* universal. Você não é esse corpo, suscetível ao nascimento e à morte. Você é verdadeiramente a encarnação do *Atma* eterno, que não tem nascimento nem morte. Você não é o indivíduo mesquinho e detestável que executa ações (*Karmas*) sob o controle do tempo (*Kaala*). Você é a encarnação da luz Divina, que está além do tempo. Realize a verdadeira natureza da sabedoria (*Jnana*) e da ignorância (*Ajnana*), do permanente (*Nithya*) e do impermanente (*Anithya*). Somente então você poderá se tornar um sábio (*Sthithaprajna*). Aceite o prazer e a dor com a mesma bravura. Louvor e desprezo são apenas para o corpo, não para o *Atma*. Perda ou ganho são o resultado das ações (*Karmas*), mas na verdade não pertencem às ações (*Karmas*). Portanto, desenvolva um sentimento de equanimidade. Somente então você poderá cumprir com sucesso o seu dever”. Assim, Sri Krishna exortou Arjuna e o fez conhecer os princípios de permanência (*Nithya*) e impermanência (*Anithya*).

“Deus não está confinado a nenhuma forma ou nome particular. A Divindade não se limita aos instrumentos (*Upadhis*). Ela é um princípio que tudo permeia. Esse corpo não é apenas um corpo nascido do casamento de Devaki e Vasudeva. Ele é

a encarnação do Divino *Atma*", explicou o Senhor Krishna repetidamente a Arjuna. Ele revelou ainda, "Oh! Arjuna! Eu ensinei essa *Bhagavad Gita* anteriormente para o Sol (Surya). Do Sol, Manu aprendeu esse conhecimento. De Manu, o rei Ikshvaku o recebeu. Assim, esse conhecimento entrou pelos portais de um reino e depois disso caiu gradualmente em esquecimento. Esse conhecimento tão sagrado Eu estou ensinando hoje". Quando Krishna revelou essa verdade, várias dúvidas surgiram na mente de Arjuna. "A que era o Sol pertence e a que era Krishna pertence? Certamente, Krishna é meu contemporâneo. Como Krishna poderia ter ensinado esse conhecimento ao velho Sol?" Assim, Arjuna continuou ruminando. Visto que Krishna conhecia a mente de Arjuna, Ele começou a explicar mais a Arjuna, "Oh! Arjuna! Eu estou ciente de suas dúvidas. Eu não sou apenas este corpo. Eu sou sem nascimento (*Aja*), onipresente (*Sarvantharyami*), onisciente (*Sarvajna*). Eu não estou limitado por espaço (*Desa*) e tempo (*Kaala*). Eu sou todas as eras, passado, presente e futuro. Considerando este corpo, você acredita que Eu pertenço à era de *Dwapara* (*Dwapara Yuga*). Todas as eras (*Yugas*) existem somente em Mim. Não tente vincular este corpo a nenhuma era. O corpo pode mudar. Eu encarno com diferentes corpos em diferentes eras e executo ações (*Karmas*)". Quando Sri Krishna explicou assim Sua Divindade inata, Arjuna pôde compreender Sua onisciência.

Você está, neste momento, pensando sobre o futuro, baseado nas ações externas e tendo em vista apenas as ações (*Karmas*) externas. Não, não. Essa é uma abordagem limitada. Você deve desenvolver uma mente aberta. Em um primeiro momento, você começa com o indivíduo. Assim, a partir dessa abordagem individualista, gradualmente eleve-se para uma perspectiva muito mais ampla considerando a sociedade. Não desperdice sua vida na busca de interesses individuais. A individualidade está confinada a um nome e forma particulares. Você deve se elevar ao nível de uma percepção muito mais ampla, além do nome e da forma, que é o sentimento do *Atma* universal (*Sarvatma Bhava*). Quando sua abordagem é dualista (*Dwaitha*), sua vida também estará em consciência dualista (*Dwandwa*). Portanto, do dualismo (*Dwaitha*), passe para o não-dualismo

qualificado (*Visishtha Adwaitha*) e daí prossiga em direção ao não-dualismo (*Adwaitha*). Essa é a sua meta.

Buddha também seguiu as injunções *Védicas* e as colocou em prática. Primeiro, ele disse, “Eu me refugio no intelecto (*Buddhi*)” (*Buddham Saranam Gachchami*). Esse é o nível individual. Gradualmente, ele subiu ao nível de “Eu me refugio na sociedade” (*Sangham Saranam Gachchami*). Os sentimentos individuais são estreitos. Esse não é o propósito da nossa vida. O indivíduo é uma gota em um oceano poderoso. Portanto, sua próxima oração foi, “Eu me refugio na sociedade” (*Sangham Saranam Gachchami*). Você é uma parte da sociedade. A sociedade não tem uma forma específica como tal. Ela é formada por um grupo de vários indivíduos. É dito que, “Vida x Infinito = Divindade”. Quando o princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*) individual se funde com o princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*) universal, ele se torna o princípio da Divindade (*Divya Thathwa*). Portanto, Buddha nos exortou a desenvolver uma mente aberta. Mesmo a sociedade (*Sangha*) tem certos limites, tais como as fronteiras geográficas. Essas sociedades com limitações não são boas. Portanto, ele finalmente nos exortou a entrar no reino do sentimento do *Atma* universal (*Sarvatma Bhava*). De acordo com esse conceito, sua prece final foi, “Eu me refugio na justiça (*Dharma*)” (*Dharman Saranam Gachchami*). “A justiça (*Dharma*) é aquilo que sustenta o universo (*Jagath*)” (*Dhaarayatheethi Dharmah*). O universo (*Jagath*) é sustentado pelo princípio supremo imanente (*Parabrahma Thathwa*). E, finalmente, a justiça (*Dharma*) é aquilo que é baseado no princípio supremo imanente (*Parabrahma Thathwa*).

Diz-se que Deus é “Aquele que Se vestiu de ilusão” (*Mayopadhi*). Não, isso não está correto. Deus é “Aquele que Se vestiu de justiça” (*Dharmopadhi*). Krishna declarou na *Bhagavad Gita*, “Eu Me encarno em cada era, para restaurar a justiça (*Dharma*)” (*Dharma Samshaapanaardhaaya Sambhavaami Yuge Yuge*). Deus é a encarnação da justiça (*Dharma Swarupa*). Justiça (*Dharma*) indica a onipresença da Divindade. Krishna exortou Arjuna, “Oh! Arjuna! Não mantenha meramente esse corpo como sua meta. Ele é apenas um instrumento visível ao olho externo.

Expanda sua visão. Quando a sua visão (*Drishti*) for preenchida pela justiça (*Dharma*), a criação (*Srishti*) será preenchida com *Brahman*. Se você quiser ver o mundo como preenchido com *Brahman* (*Brahmamaya*), você deve tornar a sua visão (*Drishti*) preenchida pela justiça (*Dharmamaya*)".

"Você é um guerreiro (*Kshatriya*). Seu dever é lutar a batalha. Você não precisou provocar a guerra dos Kauravas. Na verdade, os próprios Kauravas começaram essa guerra. Obedeça ao Meu comando e cumpra o seu dever". Assim, Krishna revelou o verdadeiro dever (*Dharma*) de Arjuna, o guerreiro (*Kshatriya*). Ele explicou ainda, "Oh! Arjuna! O poder de queimar é o dever (*Dharma*) natural do fogo. Se o fogo não tiver esse poder, ele simplesmente se transforma em carvão, e não fogo. A frieza é o dever (*Dharma*) do gelo. Se ele perder o seu dever (*Dharma*), ele não será mais gelo. Da mesma forma, a morte é o dever (*Dharma*) de cada corpo. Quando ele executa o seu dever natural (*Sahaja Dharma*), qual é o motivo para felicidade ou tristeza? A doçura é o dever (*Dharma*) natural do açúcar. Se não houver doçura, ele se tornará insípido. Assim como o poder de queimar está para o fogo e o frio está para o gelo, da mesma forma, a morte é natural para o corpo que nasce. Portanto, não mantenha esses corpos em vista. Entre na guerra. Mantenha em mente as qualidades de um sábio (*Sthithaprajna*). Destrua seu ego. Quando você deseja alcançar a paz, você terá que destruir o ego e a ilusão. Nunca se esqueça da Divindade. Nunca desobedeça a ordem Divina. Lembre-se sempre da sua natureza humana (*Manavatwa*)".

A remoção da ilusão (*Maya*) é a própria natureza de um ser humano (*Manavathwa*). O equivalente em Inglês da palavra homem (*Manava*) é "*Man*". Aqui, "M" significa remover a ilusão (*Maya*), "A" significa realizar o Divino *Atma* (*Atma Prapthi*) e "N" significa alcançar a liberação (*Nirvana*). O dever de um ser humano, portanto, é remover a ilusão (*Maya*), realizar o *Atma* e fundir-se na bem-aventurança do *Atma* (*Atmananda*) chamada *Nirvana*. Portanto, contemple constantemente sobre esse princípio. A paz (*Santhi*) não é uma mercadoria disponível no mercado. A paz pela qual você anseia está somente dentro de você.

Portanto, Sri Krishna aconselhou Arjuna a buscar dentro de si a paz. Ele disse, “Em primeiro lugar, desenvolva a visão interna (*Anthar Drishti*), e não a visão mundana (*Loka Drishti*). Aquele que tem a visão externa é um animal (*Pasyatheethi Pasuhu*). Um ser humano é aquele que possui a visão interna (*Anthar Drishti*). Portanto, desenvolva a visão interna e torne a sua natureza humana significativa”.

Narada inicialmente aprendeu os 64 ramos do conhecimento. Apesar de adquirir tanto conhecimento, ele estava constantemente imerso na tristeza. Ele estava se perguntando qual poderia ser a razão de sua tristeza e inquietação. Ele, portanto, foi consultar Sanathkumara. Sanathkumara explicou a posição com uma análise clara que entrou diretamente em sua mente. Ele primeiro perguntou, “Oh! Narada! Qual é a sua qualificação?” Narada respondeu, “Eu aprendi todos os ramos do conhecimento. Não há disciplina no mundo que não seja conhecida por mim”. Então, Sanathkumara perguntou, “OK! Isso é bom! Suas qualificações são excelentes, mas, por acaso você aprendeu o conhecimento do *Atma* (*Atma Vidya*)?” Narada respondeu a essa pergunta assim, “Senhor! Com exceção disso, eu aprendi todas as outras disciplinas”. Então, Sanathkumara explicou, “A paz suprema (*Prasanthi*) disponível no conhecimento do *Atma* (*Atma Vidya*) não está disponível em nenhum outro ramo do conhecimento. Somente quando você adquire esse conhecimento é que se considera que você dominou todo o conhecimento. Qual é a utilidade de você conhecer todas as coisas e não conhecer aquilo que deve ser conhecido?”

Um pequeno exemplo. Uma cerimônia de casamento está sendo celebrada em uma casa de um vilarejo. A dona da casa foi convidar a vizinha para o evento e pediu, “*Amma*! Nós estamos celebrando o casamento de nossa filha em grande escala. Nós arranjamos uma banda *Thanjavur* e um músico famoso para se apresentarem na ocasião. Também arranjamos excelentes cozinheiros do distrito de Canara do Sul para preparar pratos saborosos e suntuosos para a festa. Estamos arranjando uma grande tenda bem decorada para os convidados. Você deve vir e participar do

jantar”. A senhora vizinha respondeu com uma pergunta, “Tudo bem! A que lugar pertence o noivo? Quais são suas qualificações educacionais?” A essa pergunta, a primeira respondeu que eles ainda não tinham arranjado um noivo! Que pena! O noivo é o mais importante para o casamento. Sem arranjar um noivo, de que adianta fazer todos os outros arranjos como a banda de festa, os cozinheiros, a tenda, etc.? Para quê, todos esses arranjos? Da mesma forma, qual é a utilidade de aprender todo o conhecimento sem adquirir o conhecimento que lhe traz paz de espírito? É por isso que Sanathkumara explicou a Narada que a paz não estava disponível em qualquer lugar, exceto no princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*) no campo espiritual.

Uma vez que o homem está sujeito ao apego (*Raga*) e à aversão (*Dwesha*), ele é incapaz de realizar o que ele está fazendo e em que condição ele está. Ele acha que ele é o suprassumo e que não há poder superior a ele. Por causa de seu ego, ele está perdendo o poder do *Atma* (*Atma Sakthi*) com um conhecimento incompleto. Ele está perdendo o poder de discernimento quanto ao que é permanente (*Nithya*) e o que é impermanente (*Anithya*). Ele sente que é ele quem está fazendo tudo. Ele sente que ele é o mestre do mundo inteiro. Mas ele não é a pessoa que administra os negócios do mundo. Ele não tem o direito de decidir o que é bom e o que é mau no mundo. Quem quer que seja o criador, protetor, mestre e diretor deste mundo, somente Ele tem esse poder. De acordo com o ditado, “Existe somente um Senhor (*Natha*) para todo o universo” (*Lokascha Charaacharascha*). O homem precisa reconhecer essa verdade. Ele não deve se expor a emoções momentâneas e raiva e se tornar fraco. Os sofrimentos e dificuldades, fraquezas e perdas são todos campos de teste para o homem. Somente nessas horas é que as fraquezas do homem são expostas. Em tais circunstâncias, manter sua paciência, coragem e fé em Deus, ou perdê-las, é um teste. Não é suficiente se você simplesmente passar nas provas da faculdade ou da universidade.

Yogi Vemana certa vez exortou que você deve adquirir uma educação que o conduza à imortalidade. Que tipo de educação é essa? Isso é o conhecimento do

Atma (*Atma Vidya*). O *Atma* não tem nascimento nem morte. Todo objeto que nasce, também sofre mudança. O mundo inteiro tem uma forma específica. Aquilo que tem forma deve necessariamente sofrer mudança. Quando você mantiver o princípio do *Atma* (*Atma Thathwa*) sem forma como sua meta, você alcançará o estado imutável.

Uma vez, um inocente morador de um vilarejo veio até a ferrovia para embarcar em um trem para ir a algum lugar. Esse homem nunca tinha viajado de trem antes. O trem entrou na plataforma com vários vagões. Esse homem inocente estava se perguntando como esse trem inerte (*Jada*) poderia viajar com tantos compartimentos totalmente carregados nos trilhos de ferro, quando o próprio homem não conseguia andar direito sobre os trilhos? Por que esses passageiros não tinham trazido menos bagagem para reduzir a carga do trem? Por que eles estavam causando tanta dor e inconveniência ao trem? Assim foram seus pensamentos. Ele queria reduzir o fardo do trem, pelo menos de sua parte. Assim, ele embarcou em um compartimento com sua bagagem e sentou-se em um assento com a bagagem ainda na cabeça. Ele decidiu não transferir o seu fardo para o trem, pelo menos. Pobre homem! Ele pensava que estava carregando o peso de sua bagagem. Alguém viu a situação desse homem e perguntou-lhe, “Meu querido! Por que você está se dando tanto trabalho para carregar a bagagem na cabeça? Por que você não a coloca no chão?” O morador do vilarejo respondeu, “Ah! Esse trem está carregando muita carga. Por que devo adicionar meu fardo também? Portanto, estou carregando minha bagagem na cabeça”. O companheiro de viagem ficou surpreso com a resposta desse homem e o repreendeu, “Oh! Tolo! Esse trem carrega você e sua bagagem também. Simplesmente carregando sua bagagem na cabeça, isso reduzirá o peso do trem?” Assim, hoje em dia o homem tem compaixão e piedade, mas nenhum discernimento.

Sri Krishna finalmente exortou Arjuna assim, “Oh! Arjuna! Você tem todo poder e capacidade ao seu comando. É verdade que você tem controle dos sentidos e adquiriu grandes poderes. Mas, você é incapaz de compreender a Divindade.

Enquanto você não for capaz de compreender e experimentar a Divindade, você não poderá escapar do desânimo. Se você deseja escapar do desânimo e cumprir o seu dever, você deve, em primeiro lugar, tornar-se elegível para Minha graça e obedecer ao Meu comando. Você não é o corpo. Esses sentidos (*Indriyas*) não são seus. Eles pertencem ao corpo. E esse corpo (*Deha*) nasce das ações (*Karmas*). O corpo é o resultado das ações (*Karmas*). Se você não executar ações (*Karmas*), o seu corpo não se tornará frutífero e santificado. Você tem o direito apenas de executar ações (*Karmas*). Deixe todas as outras coisas para Mim. Dedique tudo a Mim. Vamos, levante-se! Obedeça ao Meu comando. Eu farei o resto. Esse Dhritharashtra que tem cem filhos, não ficará com nem mesmo um para executar seus últimos ritos. A razão é que Dhritharashtra considera como sendo propriedade dele, aquilo que na verdade não pertence a ele. Você também está indo na mesma direção. Esse corpo não é seu. No entanto, você está iludido pensando que ele é seu. Você, que não é esse corpo, pensa que é o corpo. Na verdade, essa é a visão de Dhritharashtra (*Dhritharashtra Drishti*). A menos que você remova essa ignorância (*Ajnana*) de você, a sabedoria (*Jnana*) não surgirá em você. Para que a sabedoria surja em você, você deve entrar no caminho da investigação.

O indivíduo (Jiva) no corpo (Deha),
E a Divindade (Deva) no coração (Hridaya),
Ambos jogam juntos e separados um do outro.
Há alguém que puxa os cordões,
E dirige o show de marionetes.
Existem fantoches bons e maus.
Um em dois e dois em um,
Juntos, eles se tornam um.
Ambos jogam juntos e separados um do outro.

Existe a alma individual (*Jiva*) no corpo (*Deha*). Da mesma forma, existe a Divindade (*Deva*) no coração (*Hridaya*). Ambos estão no mesmo lugar. Todas as experiências que são experimentadas no mundo exterior estão relacionadas apenas

com o corpo. Se você for capaz de transcender esse estado, você desenvolverá a consciência do *Atma* universal (*Sarvaatma Bhava*). Portanto, sintonize seus desejos com esse *Atma* universal e experimente a bem-aventurança eterna (*Nithyananda*). Entre na bem-aventurança transcendental (*Brahmananda*). Tente realizar a bem-aventurança de ser Um e somente Um (*Adwaithananda*)".

Assim, Krishna ensinou Arjuna e finalmente concedeu-lhe a visão de um sábio (*Sthithaprajna*). A principal qualidade de um sábio (*Sthithaprajna*) é reconhecer o Divino em todos os seres (*Ekatma Bhava*). Um verdadeiro sábio (*Sthithaprajna*) é aquele que absolutamente não se submete aos sentidos, e está constantemente absorto em um estado de equanimidade (*Samadhi*), e considera a alegria e a tristeza (*Sukha* e *Dukha*), o desprezo e o louvor (*Ninda* e *Sthuthi*), como manifestações de Deus (*Bhagavad Vibhuthi*). Explicando desse modo, o Senhor Krishna exortou Arjuna a obedecer ao Seu comando para se tornar um sábio (*Sthithaprajna*).

Prasanthi Nilayam, 16 de Setembro de 1984.